

Organizadores

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula (UFRR)

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (USP)

Psicologia fenomenológica e saúde mental durante a pandemia COVID-19: experiências e pesquisas



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR

Vahan Agopyan

VICE-REITOR

Antônio Carlos Hernandez

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Edmund Chada Baracat

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

Carlos Gilberto Carlotti Júnior

PRÓ-REITORA DE CULTURA E EXTENSÃO

UNIVERSITÁRIA

Maria Aparecida de Andrade Moreira

Machado

PRÓ-REITOR DE PESQUISA

Sylvio Roberto Accioly Canuto

DIRETORA INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Ana Maria Loffredo

VICE-DIRETOR INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Gustavo Massola

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

Miriam Debieux

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Maria Lívia Tourinho Moretto

PRODUÇÃO EDITORIAL

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

PROJETO GRÁFICO

Gérson Mercês

NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES DO IPUSP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

REITOR

José Geraldo Ticianeli

VICE-REITOR

Silvestre Lopes De Nóbrega

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

Marcos José Salgado Vital

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Gilson De Souza Costa

CURSO DE PSICOLOGIA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC da UFRR

DIRETORA

Nilza Pereira de Araújo

COORDENADORA DO CURSO

Maria do Socorro Lacerda Gomes

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DE SAÚDE – PROCISA da UFRR

COORDENADORA

Fabíola Carvalho

PRODUÇÃO EDITORIAL

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

CHEFE EDITORIAL DO CONSELHO EDITORIAL

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

COORDENADORES EDITORIAL DO CONSELHO EDITORIAL

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (USP)

MEMBROS AVALIADORES DO CONSELHO EDITORIAL DO LIVRO ELETRÔNICO

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel (UFPA)

Alessandro de Magalhães Gemino (UERR)

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)

Danilo Saretta Verissimo (UNESP/Bauru)

Ewerton Helder Bentes de Castro (UFAM/Manaus)

Shirley Macedo (UNIVASF)

José Olinda Braga (UFC)

Lúcia Marques Stenzel (UFCSPA/ Porto Alegre)

Marciana Gonçalves Farinha (UFU/ Uberlândia)

Nara Helena Lopes Pereira da Silva (USP)

PROJETO GRÁFICO

Thaysa Silva Magalhães

CAPA (FOTOGRAFIA)

Viviane Maria Espíndula

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Espíndula, Joelma Ana Gutiérrez, org.

Psicologia fenomenológica e saúde mental durante a pandemia COVID-19: experiências e pesquisas / Organizado por Joelma Ana Gutiérrez Espíndula e Andrés Eduardo Aguirre Antúnez. -- São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2021.

257 p.

Livro eletrônico.

ISBN: 978-65-87596-23-5

DOI: 10.46597/9786587596235

1. Psicologia fenomenológica. 2. Saúde mental. 3. COVID-19.
4. Pandemia. I. Antúnez, Andrés Eduardo Aguirre, org. II. Título.

BF204.5

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro aos 20 anos de peregrinação pelo Brasil das professoras mestras Angela Ales Bello e Aparecida Turolo Garcia, desse bonito trabalho que vem difundindo o conhecimento do pensamento filosófico fenomenológico de Edmund Husserl e Edith Stein no Brasil, desde 2001 tiveram sua inserção na Psicologia pela regularidade da presença anual delas no Brasil em diversas Universidades públicas do Estado, do Governo Federal e privadas de Norte a Sul.

Qual era o projeto dos fenomenólogos? Que investigação filosófica é essa – conduzida por eles para compreender a complexa estrutura do ser humano – pôde se tornar guia para pesquisadores no âmbito da psicologia e das ciências humanas? Como é que o psicólogo se interrogaria sobre a psique sem preliminarmente indagar sobre a psique e sua interação com o corpo e também com o espírito humano? Para compreender tudo isso é necessário um duplo trabalho: por um lado, realizar uma escavação no ser humano para conhecer a multiplicidade e a qualidade das vivências (*Erlebnisse*) corpóreas, psíquicas e espirituais; e por outro lado, em seguida, examinar como, baseado nelas, pode-se compreender o funcionamento da psique humana (interesse do psicólogo) e a organização dos seres humanos na comunidade e na sociedade (objeto de investigação, por exemplo, do sociólogo) (ALES BELLO, 2019, p. 11).

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	8
<i>Joelma Ana Gutiérrez Espíndula</i>	
PREFÁCIO	12
<i>Carmen Lúcia Cardoso</i>	
PARTE I - FENOMENOLOGIA: FUNDAMENTOS PARA A PSICOLOGIA	
<i>coordenadora Joelma Ana Gutiérrez Espíndula</i>	
1. Envolvimento psíquico e reações espirituais em época de pandemia.....	19
<i>Angela Ales Bello</i>	
<i>Tradução Márcio Luis Fernandes</i>	
2. Fenomenologia e experiência religiosa em tempos de pandemia.....	29
<i>Clélia Peretti</i>	
PARTE II - EXPERIÊNCIAS COM A PSICOLOGIA E A CLÍNICA NO AMBIENTE ON-LINE	
<i>Coordenadores: Joelma Ana Gutiérrez Espíndula e Andrés Eduardo Aguirre Antúnez</i>	
3. Aconselhamento psicológico online na UFRR: uma modalidade terapêutica de cuidado durante a pandemia COVID-19	46
<i>Joelma Ana Gutiérrez Espíndula</i>	
4. Experiências de atenção psicossocial diante de crise e sofrimento psíquico entre universitários: o caso UNIVASF	73
<i>Shirley Macêdo e Monica Aparecida Tomé Pereira</i>	
5. Rodas de conversas com adolescentes em tempos de pandemia: experiência da psicologia escolar na perspectiva fenomenológica.....	90
<i>Maria Andrelina do Nascimento Oliveira Gonçalves e Joelma Ana Gutiérrez Espíndula</i>	
6. Rodas de conversa “sobre-vivências” - escola e famílias na pandemia	102
<i>Marcelo Naputano</i>	
7. Cuidado na universidade durante a pandemia da COVID-19: experiências em diferentes Instituições Federais de ensino.....	118
<i>Shirley Macêdo, Marciana Gonçalves Farinha e Joelma Ana Gutiérrez Espíndula</i>	

PARTE III - PESQUISAS EM PSICOLOGIA CLÍNICA COM BASE EM FENOMENOLOGIA

Coordenadores: *Joelma Ana Gutiérrez Espíndula e Andrés Eduardo Aguirre Antúnez*

8. Ateliê de desenho de livre-expressão on-line e o uso de TIC'S: potencialidades e limitações**140**

Erika Rodrigues Colombo e Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

9. Exercícios fenomenológicos para compreensão das vivências on-line da Internet...**158**

Nara Helena Lopes Pereira da Silva, Marcelo Deguti Hashimoto

10. Grupo comunitário de saúde mental: uma estratégia de cuidado em saúde mental durante a pandemia**177**

Ana Paula Craveiro Prado; Carmen Lúcia Cardoso e Sergio Ishara

11. Pesquisa sobre Aconselhamento Psicológico Online.....**195**

Ana Burian Wanderley Rodrigues; Ana Luiza Ferreira Bohrer; Gabriela Resende Lopes; Lucas Dias Queiroz Batista de Prado; Ornella Raymundo Villalva; Paula Bertú Valverde; Claudia Lins Cardoso e Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.

12. Aportes fenomenológicos para intervenções na clínica do reconhecimento inter-humano**216**

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel

13. Vivências psíquicas e espirituais do cuidador familiar de pacientes em cuidados paliativos oncológicos sob olhar da fenomenologia.....**231**

Michele da Conceição Aleixo Coura; Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

SOBRE OS AUTORES.....250

APRESENTAÇÃO

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

Nestes dois últimos anos (2020-2021) fomos chamados a viver o desafio da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) que surgiu em dezembro de 2019 na China e rapidamente alcançou toda humanidade pela disseminação desse agente patológico, trazendo impactos psicossociais e fatores estressores que influenciaram o modo de vida no cotidiano das pessoas e da sociedade. Tivemos também que lidar com o luto (morte repentina e precoce) de familiares e amigos próximos para a COVID-19, se tornou essencial o atendimento psicológico e a ampliação da rede de atenção psicossocial (RAPS) para o acompanhamento de pessoas com sinais de depressão ou transtornos psicológicos em consequência do luto.

Em março de 2020 as atividades presenciais da Universidade Federal de Roraima (UFRR) foram suspensas diante da pandemia, instituído pelo Ministério da Educação, através da Portaria 544/2020, publicada no dia 16 de junho de 2020. Mas, foi adotada o Ensino Remoto Emergencial (ERE) permitindo que a instituição não parasse suas ações no ensino, na pesquisa e na extensão (atendimentos psicológicos adaptado na modalidade on-line) e seguindo as normas de biossegurança preconizadas pelo Ministério da Saúde, o distanciamento social, a quarentena, o uso de máscaras e o reforço das medidas de higiene.

Diante disso, o Grupo de pesquisas qualitativas fenomenológicas do Laboratório de Estudos e Pesquisa de fenomenologia e psicologia (*Fenom-Psi*) realizou o *III Seminário de Psicologia e Psicologia Fenomenológica e I Seminário Internacional de fenomenologia, psicologia e saúde do Norte*, no tema sofrimento humano, fenomenologia e saúde mental em tempos de pandemia, nos dias 03 e 04 de dezembro de 2020 na modalidade on-line. Esse evento foi um sucesso, tivemos 450 inscritos e chegamos a 63 apresentações (conferências, mesas-redondas e sessões livres), se encontra organizado nos *Anais do evento*, que está disponível no link (<http://ufrr.br/seminario-fenomenologia/index.php/producao-de-anais>), realizado com apoio da equipe do “Projeto acolhimento Psicológico à distância durante e após a pandemia COVID-19 para a Comunidade acadêmica da UFRR”, do curso de Psicologia/CEDUC e do Programa de

Pós-graduação em ciências da saúde da UFRR em parceria com o Escritório de Saúde Mental da Pró-reitoria de Ensino da USP e Instituto de Psicologia/USP.

Diante desse momento histórico, almejo referir que esse segundo volume do livro e-book é uma ação colaborativa e comunitária de professores e pesquisadores de universidades nacionais e internacionais, além de produções dos alunos da graduação e pós-graduação da região Norte, mas também a participação das regiões Sudeste, Sul, Norte e Centrooeste do país, tendo grande relevância social e científica nesse momento atual de pandemia. Este livro como mencionado acima é embasado no tema “*sofrimento humano, fenomenologia e saúde mental em tempos de pandemia*” do segundo Seminário e primeiro Congresso *Fenomenologia e saúde mental* para se pensar e refletir sobre questões importantes referentes as experiências no atendimento psicológico na modalidade on-line e presencial, a inserção das novas tecnologias de comunicação na vida social, mas igualmente para discussões em torno das pesquisas na perspectiva fenomenológica. No primeiro volume do livro e-book *Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa* publicadas pela Editora UFRR (ESPÍNDULA, 2019) se encontram na primeira parte textos sobre fundamentação teórica, e a segunda parte apresenta recortes de pesquisas empíricas e relatos de experiência em diferentes instituições.

A obra atual encontra doze capítulos organizados em diversas temáticas divididos em três partes, na primeira parte se encontra a fundamentação teórica para uma nova psicologia fenomenológica que tem sido significativa para olhar a experiência vivida e as pesquisas sobre a psique, na segunda parte, as experiências entre a Psicologia e a clínica no ambiente on-line e na última parte as pesquisas empíricas na perspectiva fenomenológica.

Na parte I trata-se da ***teoria Fenomenológica: fundamentos para a psicologia*** que vem nos auxiliando a compreender em profundidade a complexidade do ser humano em tempos de crise pela pandemia Covid-19. O capítulo 1 “*Envolvimento psíquico e reações espirituais em época de pandemia*” é da professora italiana Angela Ales Bello que apresenta a dimensão de crise estruturante da humanidade que nos coloca de imediato diante do sentido da vida, enquanto se mostra como uma ameaça de morte e o ser humano não quer pensar e nem ouvir falar sobre a morte. A autora articula esse tema de grande relevância social e faz uma análise apoiando em alguns elementos teóricos fundamentais da fenomenologia de Edith Stein: a *força vital psíquica*, a *força vital espiritual*, a estratificação (corpo, psique e espírito), o foco na dimensão existencial o “estilo de

experiência comum” e a empatia (entropatia) A autora trouxe em sua conferência algumas questões fundamentais para refletirmos em tempos de pandemia: *quais são as reações diante da morte e da doença? Quais os valores mais importantes para sermos salvos nessa situação da pandemia?* Para isso é necessária uma preparação, temos que estar livres dos preconceitos e pré-julgamentos para compreender a si mesmo e a outra pessoa. Temos que estarmos atentos ao apelo as questões existenciais colocadas, além de aspectos éticos e morais, principalmente os valores destacados - prudência e responsabilidade - que permite conviver responsabilmente consigo e com os outros que vivem uma *experiência comum*. O medo poderia ser superado com a responsabilidade social e os verdadeiros valores apontados. Aquelas pessoas que não conseguem fazer uma *experiência comum* poderiam apresentar algum distúrbio *psíquico*, que pode mostrar déficit de entropatia (não sendo capaz de compreender o que o outro vive e pensa, o foco é somente em si mesmo).

Na sequência o capítulo intitulado “*Espiritualidade e Contribuições da Fenomenologia e experiência religiosa em tempos da pandemia COVID-19: da religião*” da professora Clélia Peretti propõe uma caracterização fenomenológica da experiência religiosa a partir de alguns autores Rudolf Otto, Gerardus van der Leeuw, Edmund Husserl, Edith Stein, Angela Ales Bello e em seguida propõe um relato de experiência do enfrentamento à infecção ocasionada pela COVID-19 e reflexões na perspectiva fenomenológica que oferece uma compreensão humanizada da experiência de dor e sofrimento, através de um olhar empático e de alteridade para si mesmo e para o outro.

A segunda parte dos capítulos traz as ***experiências com a Psicologia e a clínica no ambiente on-line*** de professores e pesquisadores de diferentes instituições públicas que vem oferecendo atendimentos psicológicos nas modalidades individuais e em grupo, sob o olhar baseado na perspectiva fenomenológica. Assim, os capítulos que compõem essa segunda parte, estão assim organizados: o capítulo 3 “*Aconselhamento psicológico online na Universidade pública: uma modalidade terapêutica de cuidado durante a pandemia Covid- 19*”, escrito por Joelma Ana Gutiérrez Espíndula; o capítulo 4 “*Experiências de atenção psicossocial diante de crise e sofrimento psíquico entre universitários: o caso UNIVASF*”, escrito por Shirley Macêdo e Monica Aparecida Tomé Pereira; o capítulo 5 “*Rodas de conversas com adolescentes em tempos de pandemia: experiência da psicologia escolar na perspectiva fenomenológica*”, por Maria Andreлина do Nascimento Oliveira Gonçalves; Joelma Ana Gutiérrez Espíndula; o capítulo 6 “*Rodas de conversa “sobre-vivências” - escola e famílias na pandemia*, por Marcelo

Naputano”; o capítulo 7 “*Cuidado na universidade durante a pandemia da COVID-19: experiências em diferentes Instituições Federais de ensino*”, por Shirley Macêdo, Marciana Gonçalves Farinha e Joelma Ana Gutiérrez Espíndula.

A terceira parte dos capítulos menciona as **Pesquisas em psicologia clínica com base em Fenomenologia** que apresentam temas contemporâneos nos tempos atuais para auxiliar os psicólogos que lidam com os fenômenos das relações humanas no cotidiano, o capítulo 8 “*Ateliê de desenho de livre-expressão on-line e o uso de TIC’S: potencialidades e limitações*”, escrito por *Erika Rodrigues Colombo e Andrés Eduardo Aguirre Antúnez*; o capítulo 9 “*Exercícios fenomenológicos para compreensão das vivências on-line da Internet*”, por *Nara Helena Lopes Pereira da Silva, Marcelo Deguti Hashimoto*; o capítulo 10 “*Grupo comunitário de saúde mental: uma estratégia de cuidado em saúde mental durante a pandemia*”, por *Ana Paula Craveiro Prado, Carmen Lúcia Cardoso e Sergio Ishara*; o capítulo 11 “*Pesquisa sobre Aconselhamento Psicológico Online*”, por *Ana Burian Wanderley Rodrigues; Ana Luiza Ferreira Bohrer; Gabriela Resende Lopes; Lucas Dias Queiroz Batista de Prado; Ornella Raymundo Villalva; Paula Bertú Valverde; Claudia Lins Cardoso e Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista*; o capítulo 12 “*Aportes fenomenológicos para intervenções na clínica do reconhecimento inter-humano*”, por *Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel*; o capítulo 13 “*Vivências psíquicas e espirituais do cuidador familiar de pacientes em cuidados paliativos oncológicos sob olhar da fenomenologia*”, por *Michele da Conceição Aleixo Coura; Joelma Ana Gutiérrez Espíndula*.

Diante do desafio atual que vivemos em tempos pandêmicos, foi possível reunir nessa coletânea textos inéditos de pesquisadores e professores de diversas instituições públicas e privadas brasileira e italiana de forma criativa, dinâmica e reflexiva. Desejo boa leitura!

PREFÁCIO

Carmen Lúcia Cardoso

Este livro é uma coletânea de vários trabalhos apresentados no III Seminário de Fenomenologia e Psicologia fenomenológica e I Seminário Internacional de Psicologia, Fenomenologia e Saúde com o tema: sofrimento humano, Fenomenologia e saúde mental em tempos da pandemia, realizado nos dias 03 e 04 de dezembro de 2020 pelas Universidade Federal de Roraima e Universidade de São Paulo. Nasce do engajamento de muitas pessoas, docentes, graduandos, profissionais de saúde entre outros, que explicitam a vitalidade e a urgência do debate acerca do sofrimento humano e de caminhos para o seu enfrentamento, tendo em vista o cenário tão novo e desafiador provocado pelo novo coronavírus.

O livro traz a construção de saberes e fazeres voltados ao cuidado no campo da saúde mental, num compromisso com a condição propriamente humana, o que contribui para lidar com o sofrimento da atualidade. As formulações teóricas estão atreladas ao desenvolvimento de ações práticas nos diferentes contextos, num processo quase artesanal de construção de um instrumental, a partir de recursos da internet, que traz a potência de inspirar novas propostas de cuidado à saúde mental.

Encontra-se dividido em três partes que se diferenciam e ao mesmo tempo se complementam, formando um conjunto singular e muito interessante. A primeira parte está composta por dois capítulos, sendo o primeiro teórico, fundamentado na Fenomenologia, que visa compreender a experiência vivida na pandemia e o segundo propõe uma reflexão fenomenológica acerca da experiência religiosa. A segunda parte está constituída por cinco capítulos e apresenta diversas iniciativas criativas de cuidado no campo da saúde mental no contexto da pandemia de COVID-19. Retrata o desenvolvimento de ações práticas em diferentes contextos, realizadas em formato remoto visando minimizar e acolher o sofrimento humano. A terceira parte é formada por cinco capítulos que derivam de pesquisas empíricas desenvolvidas no campo da Psicologia com embasamento teórico da Fenomenologia.

O primeiro capítulo é de autoria de Angela Ales Bello, filósofa italiana, uma das maiores especialistas e estudiosas da Fenomenologia Clássica no mundo e que desde 2001 tem vindo, anualmente, ao Brasil ministrando cursos, palestras, seminários sobre a filosofia de Edmund Husserl e Edith Stein, o que favoreceu a difusão e o desenvolvimento

desta abordagem em nosso país. O capítulo "Envolvimento psíquico e reações espirituais em época de pandemia", foi traduzido por Márcio Luis Fernandes apresenta uma densa análise filosófica fenomenológica a partir de Husserl e Stein, que visa a compreensão da experiência vivida na pandemia. Adentra a temática da morte, e seu principal desdobramento, o medo. Traça uma análise fenomenológica do ser humano que possibilita abordar as diferenças nas reações manifestas pelas pessoas que "compartilham o estilo de experiência comum" e as com transtornos mentais. Aborda temas como as relações entre psique e espírito, o papel força vital, o movimento de massa e a necessidade de constituição de comunidades, com destaque para o tema da entropatia. Aponta a necessidade de reconhecimento da pessoa humana, numa relação eu-tu, pautada na responsabilidade recíproca, chegando, assim, às dimensões ética e humana. Ilustra com exemplos que favorecem a compreensão das atitudes e o enfrentamento do sofrimento neste momento histórico.

A seguir Clélia Peretti no capítulo, intitulado: "Fenomenologia e Experiência religiosa em tempos de pandemia" propõe uma reflexão fenomenológica acerca da experiência religiosa e aponta a relevância do estudo dessa temática na sociedade contemporânea, marcada pelos desafios impostos pelo novo Coronavírus, causador da doença Covid-19. Inicialmente caracteriza tal experiência a partir de um diálogo com autores como Rudolf Otto, Gerardus van der Leeuw, Edmund Husserl, Edith Stein, Angela Ales Bello, na sequência através da fenomenologia descritiva relata a própria vivência de enfrentamento do adoecimento causado pelo novo coronavírus, numa escavação da sua interioridade, descrevendo a vivência da experiência religiosa.

Abre a segunda parte, referente as ações de cuidado em saúde mental, mediadas pela internet, o capítulo "Aconselhamento psicológico online na UFRR: uma modalidade terapêutica de cuidado durante a pandemia COVID-19", de autoria de Joelma Ana Gutiérrez Espíndula, que descreve a implementação de um serviço de atendimento psicológico em formato online visando responder ao sofrimento mental decorrente da pandemia de COVID-19, realizado por estagiários e profissionais sob supervisão. Teve início em junho de 2020 e tem como população alvo a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Roraima (UFRR), o trabalho está fundamentado na fenomenologia clássica. Foram atendidas mais de 100 pessoas, sendo a maioria mulheres e estudantes, com queixas de ansiedade, depressão, desmotivação e problemas acadêmicos. A autora destaca a baixa taxa de desistência (12,41%), o que referenda a

qualidade do cuidado oferecido. São relatados os caminhos adotados para a maior efetividade da proposta, bem como as dificuldades encontradas.

Na continuidade da apresentação de iniciativas de cuidado em relação ao sofrimento mental e a momentos de crise se insere o capítulo de Shirley Macêdo e Monica Aparecida Tomé Pereira, intitulado “Experiências de atenção psicossocial diante de crise e sofrimento psíquico entre universitários: o caso UNIVASF”. As autoras descrevem de forma cuidadosa as inúmeras ações de apoio e intervenções psicossociais, voltadas aos estudantes, que foram implementadas pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Relatam de forma detalhada as ações do Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NuCEU) que tiveram início em abril de 2019, visando ampliar as ações inter e multidisciplinares de cuidado integral a estudantes universitários do semiárido nordestino, a seus familiares e a professores, através de uma variedade de propostas que abarcam diversas modalidades de atendimento psicológico, oficinas, palestras, atividades científicas, visitas técnicas, capacitações, *lives* temáticas, entre outras. Integrando de forma ímpar o ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade. Destacam a parceria entre o NuCEU e a Pró-Reitoria de Ensino, o que possibilitou o acompanhamento de estudantes em sofrimento psíquico grave e viabilizou a prática do plantão psicológico itinerante entre os seis campi da Universidade.

Maria Andreлина do Nascimento Oliveira Gonçalves e Joelma Ana Gutiérrez Espíndula autoras do capítulo “Rodas de conversas com adolescentes em tempos de pandemia: experiência da Psicologia Escolar na perspectiva fenomenológica”, descrevem um relato de experiência, no campo da Psicologia Escolar, realizado com adolescentes do Ensino Médio no contexto da Educação Básica em um Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima. A proposta de intervenção nasce como um fruto do estudo de mestrado da primeira autora. A intervenção foi idealizada, inicialmente, para ser realizada em formato presencial, mas com a emergência da pandemia foi adaptada para a versão remota e ocorreu de maio a outubro de 2020, visando acolher as necessidades dos estudantes, que tiveram as aulas presenciais suspensas e posteriormente retomadas em formato remoto. Foram propostos grupos mensais, fundamentados na Fenomenologia clássica, em ambiente virtual, abertos aos estudantes interessados, que versavam sobre as experiências dos adolescentes.

O capítulo seguinte ‘Rodas de conversa “sobre-vivências” - escola e famílias na pandemia’ escrito por Marcelo Naputano, também aborda a questão da elaboração de uma intervenção em âmbito escolar, em duas instituições federais de ensino, no contexto da

pandemia de COVID-19, voltada a estudantes e familiares e que foi realizada no período de setembro a dezembro de 2020. Segundo o autor foram desenvolvidas atividades psicoeducativas, visando a construção de um espaço de convivência virtual, voltado à promoção da saúde mental dos participantes, a partir do referencial teórico do Construcionismo Social e da Teoria Sistêmica Relacional. Destaca a perspectiva preventiva e criativa da intervenção, que de acordo com o autor amplia o escopo de atuação da Psicologia, para além da clínica individual.

Na sequência Shirley Macêdo, Marciana Gonçalves Farinha e Joelma Ana Gutiérrez Espíndula, descrevem estratégias variadas de cuidado à saúde mental no capítulo “Cuidado na universidade durante a pandemia da COVID-19: experiências em diferentes Instituições Federais de ensino”. São apresentadas ações desenvolvidas em âmbito universitário, em formato remoto, que envolvem a promoção da saúde, a qualidade de vida e o cuidado em relação ao sofrimento psíquico no contexto da emergência sanitária em razão do novo coronavírus. As autoras apontam os impactos na saúde mental da comunidade universitária e relatam as modificações e os desafios impostos pelo Ensino Remoto Emergencial, que se inserem em um cenário de dificuldades estruturais vivenciadas pelas Universidades Federais, o que agrava o sofrimento vivenciado. Assim, são retratados serviços que atuam a partir de diferentes modalidades cuidado à saúde mental, visando responder ao sofrimento identificado na comunidade acadêmica, em três Universidades Federais, a saber: Universidade Federal do Vale do São Francisco, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade Federal de Roraima. Os trabalhos desenvolvidos integram extensão de serviços à comunidade, ensino e pesquisa e evidenciam a necessidade de iniciativas e investimentos para a garantia dos direitos à promoção de saúde mental.

Inicia a terceira parte do livro, relacionada às pesquisas empíricas no campo da Psicologia, o capítulo “Ateliê de desenho de livre-expressão on-line e o uso de TIC’S: potencialidades e limitações” de autoria de Erika Rodrigues Colombo e Andrés Eduardo Aguirre Antúnez que descreve uma modalidade grupal de cuidado no campo da saúde mental, o Ateliê de desenho, inspirado no trabalho desenvolvido por Michel Ternoy, na França, a partir da análise fenomenológica estrutural de Minkowski. O Ateliê atende, desde 2019, estudantes de uma Universidade pública que apresentam ideação suicida e/ou tentativa de suicídio e foi adaptado para versão online no contexto da pandemia de COVID-19. O trabalho reflexivo está fundamentado na Fenomenologia da vida de Michel Henry. Os autores relatam um estudo de caso, com os desenhos produzidos por uma

estudante, que participou das sessões presenciais, antes da pandemia e, também no reinício das atividades em formato online, o que possibilitou uma análise comparativa dos dois momentos. Apontam as adaptações que foram necessárias e os potenciais benefícios do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. Dão visibilidade para o processo terapêutico do Ateliê que opera em nível da transformação afetiva e não do pensamento dedutível.

Na sequência o capítulo, intitulado “Exercícios fenomenológicos para compreensão das vivências on-line da Internet” assinado por Nara Helena Lopes Pereira da Silva e Marcelo Deguti Hashimoto abarca duas pesquisas desenvolvidas a partir do referencial teórico da fenomenologia clássica, uma em nível de pós doutorado e outra de iniciação científica que têm o mesmo objeto, a saber: o fenômeno das vivências no ambiente online. Os autores buscam descrever e compreender como se evidencia tal fenômeno a partir de exercícios fenomenológicos de redução e reflexões husserianas. Descrevem os questionamentos iniciais que motivaram as pesquisas inseridos no cotidiano da vida e o percurso fenomenológico para a apreensão da experiência online, dando visibilidade para a complexidade e os desafios que se colocam no estudo deste campo. Apontam as transformações que se operam em diferentes dimensões da subjetividade, a partir das vivências híbridas (concreto da vida e internet), constituindo novas formas de se estar no mundo e de se relacionar com os outros.

O capítulo “Grupo Comunitário de Saúde Mental: uma estratégia de cuidado em saúde mental durante a pandemia” de autoria de Ana Paula Craveiro Prado, Carmen Lúcia Cardoso e Sergio Ishara, aborda um Programa original de cuidado no campo da saúde mental já consolidado, que teve início em 1997 e que em março de 2020, frente as necessidades de isolamento social e aumento do sofrimento emocional, decorrentes da pandemia de COVID-19, se reestrutura visando manter as atividades grupais em formato remoto, com frequência semanal, abertas à comunidade e gratuitas. Os autores descrevem o Programa, as adaptações que foram necessárias para que as sessões grupais ocorressem em ambiente virtual, bem como os principais elementos presentes nesta modalidade que favorecem o cuidado à saúde mental na pandemia e para além dela, a partir da perspectiva teórica da fenomenológica clássica. Apresentam recortes empíricos visando exemplificar e ilustrar as ações terapêuticas que estão voltadas as condições ôntica, ontológica e estrutural do ser humano, em especial a abertura em direção a si mesmo, ao outro e à realidade.

A seguir Ana Burian Wanderley Rodrigues, Ana Luiza Ferreira Bohrer, Gabriela Resende Lopes, Lucas Dias Queiroz Batista de Prado, Ornella Raymundo Villalva, Paula Bertú Valverde, Claudia Lins Cardoso e Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista no texto “Pesquisa sobre Aconselhamento Psicológico Online”, apresentam o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa que nasceu a partir de uma experiência empírica de um serviço de aconselhamento psicológico online. A prática clínica foi organizada visando responder às necessidades da comunidade acadêmica, local e no exterior, da Universidade Federal de Minas Gerais, no contexto da pandemia de COVID-19. Já a pesquisa, conduzida a partir dos referenciais teóricos da Gestalt-Terapia e da Psicologia Fenomenológica, objetivou conhecer e dar visibilidade ao aconselhamento psicológico realizado em formato remoto a partir da perspectiva dos profissionais e dos usuários do serviço. No presente capítulo é retratado, um recorte da pesquisa maior, ou seja, o estudo referente a demanda psicológica que motivou a procura pelo serviço, bem como os processos através dos quais o aconselhamento psicológico online ofereceu suporte psicológico para a comunidade alvo do trabalho. A análise desvela que a pandemia mobilizou um intenso sofrimento psíquico que está atrelado a questões existenciais, com alterações nas vivências em relação a si mesmo, ao mundo, a temporalidade e a espacialidade.

O penúltimo capítulo, intitulado “Aportes fenomenológicos para intervenções na clínica do reconhecimento inter-humano” de Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel situa o embasamento teórico que fundamenta a pesquisa e a prática clínica da autora, a partir de conceitos da fenomenologia, da hermenêutica das linguagens verbal e não verbal e da Gestalt-Terapia. Oferece as bases conceituais para a clínica do reconhecimento, uma proposta original de cuidado no campo da saúde, organizada em um serviço psicológico estruturado para responder aos desafios que a pandemia COVID-19 impôs e que tem contribuído para minimizar o sofrimento emocional no contexto atual, valorizando os modos de relacionamentos inter-humanos.

O livro reúne, assim, um conjunto de pessoas, que diante de um cenário tão novo e que afeta a todos, protagoniza a construção de saberes e fazeres comprometidos com a pessoa humana e o enfrentamento do seu sofrimento. Busca, ainda, suprir as necessidades e desafios do momento pandêmico, investindo em pesquisas científicas, na formação qualificada de profissionais e no desenvolvimento de ferramentas que promovam o cuidado no campo da saúde mental. Os capítulos contribuem para dar visibilidade ao papel da Universidade, que não teve tempo hábil para se organizar diante da emergência

sanitária provocada pelo coronavírus, mas que assume um posicionamento crítico e criativo, se constituindo como agente de mudanças e de transformação social. Fica o convite à leitura desta obra à pesquisadores e profissionais da área das Ciências Humanas, especialmente da Psicologia, que estiverem implicados em enfrentar esses novos desafios.

ENVOLVIMENTO PSÍQUICO E REAÇÕES ESPIRITUAIS EM ÉPOCA DE PANDEMIA

Angela Ales Bello

Tradução: Márcio Luiz Fernandes

É mesmo verdade o ditado de que muitas vezes a realidade supera a fantasia! Por outro lado, a fantasia, por meio da formação de imagens, certamente exprime a criatividade humana, mas tem sempre necessidade de pedir à realidade o empréstimo dos materiais sobre os quais exercita a sua capacidade de composição original. A realidade, portanto, é o lugar no qual nós vivemos. Dela podemos até distanciarmo-nos, buscar alterar, mas ela permanece sempre como um ponto de referência necessário. Quem poderia imaginar que teríamos de viver a experiência da pandemia, que seríamos levados a aplicar os resultados das análises fenomenológicas para a compreensão deste fenômeno. E nos encontramos com este fenômeno pela estrada da vida, da nossa vida concreta, real e ele requer ser compreendido e nos desafia a compreendê-lo.

Por que este tema é tão importante e chama tanta a nossa atenção? Porque de modo imediato e direto nos coloca diante do sentido da vida, enquanto se apresenta como uma ameaça de morte e o ser humano não quer ouvir falar da morte, pois a vida o caracteriza e a morte, no geral, é algo que soa estranho. È verdade que durante a pandemia nem todos morrem, aliás alguns sabem que para eles não está prevista a morte – penso sobretudo nos jovens -, mas alguns estão expostos pelo menos a alguma doença e a doença é a antesala da morte, é sempre uma ameaça à vida. Além disso, durante a pandemia, muitos morrem também porque, em alguns casos, não puderam receber a assistência e aqui não se trata de poucas pessoas de um determinado país, mas o fenômeno é ainda mais chocante porque esta morte atinge o mundo todo. A morte é um fato que toca todos os seres humanos, mas normalmente existe uma multiplicidade de causas que a determinam. Já neste caso da pandemia temos uma única causa que envolve muitas pessoas distantes umas das outras, mas unidas pela mesma morte.

O tema da morte

A dificuldade de aceitar a morte foi descrita de modo admirável por Shakespeare e não por acaso no célebre monólogo por ele mesmo interpretado pelo príncipe dinamarquês Hamlet. Refletindo sobre este tema, logo me recordei das suas palavras:

Morrer – dormir;
Dormir, talvez sonhar – eis o problema:
Pois os sonhos que vierem nesse sono
De morte, uma vez livres deste invólucro
Mortal, fazem cismar. Esse é o motivo
Que prolonga a desdita desta vida.
Quem suportará os golpes do destino,
Os erros do opressor, o escárnio alheio,
A ingratidão no amor, a lei tardia,
O orgulho dos que mandam, o desprezo
Que a paciência atura dos indignos,
Quando podia procurar repouso
Na ponta de um punhal? Quem carregara
Suando o fardo da pesada vida
Se o medo do que vem depois da morte –
O país ignorado de onde nunca
Ninguém voltou – não nos turbasse a mente
E nos fizesse arcar com o mal que temos
Em vez de voar para esse, que ignoramos?
Assim nossa consciência se acovarda,
E o instinto que inspira as decisões
Desmaia no indeciso pensamento,
E as empresas supremas e oportunas
Desviam-se do fio da corrente
E não são mais ação. Silêncio agora!
(Shakespeare, Hamet, ato III, cena 1)

Mesmo se a morte fosse somente um sono, não teríamos coragem de aceitá-la, porque prevê o despertar e o problema é: onde deveríamos acordar, qual é o lugar novo no qual poderíamos nos encontrar e, já que não temos consciência deste lugar, isto é, não o conhecemos, temos medo de morrer, somos covardes, como diz o poeta. A comparação entre a morte e o sono encontra-se também em alguns importantes textos de Husserl presentes no volume *Problemas de confins*¹, que foi objeto de um meu comentário complementando a tradução do manuscrito sobre *A Criança*, publicado no texto *Sobre o problema da intersubjetividade*². Husserl lança a hipótese que, se isto é verdadeiro, então, despertaremos em uma dimensão da qual não temos consciência agora, mas isto significa que, na realidade, a nossa vida continua em um formato diferente e o ser humano parece não ter medo, como, ao contrário, Hamlet mostra ter. É claro que para não ter medo temos necessidade de uma visão religiosa da vida e sobre isso voltaremos a discutir.

Em todo caso, normalmente e espontaneamente, nós temos medo da morte e a percebemos como uma ameaça. Mas o que vem a ser o medo ou a covardia tal como utilizado por Shakespeare com linguagem refinada? Do meu ponto de vista para compreendê-la devemos utilizar a análise fenomenológica do ser humano. De fato, o medo é uma vivência que brota em nós diante da percepção de um perigo, seja no caso

no qual o enfrentamos fisicamente, seja naquele em que o sentimos interiormente. E este “sentir interior” é exatamente a dimensão psíquica, isto é, aquele conjunto de pulsões e reações que nos acompanham a todo o momento.

As reações psíquicas diante da morte e da doença

A reação de medo diante da ameaça à vida, como, por exemplo, a ameaça representada pelo corpo adoecido, diz respeito a todos. Mas, no caso da pandemia, nós assistimos e já havíamos acenado, a respeito da diferença de reação entre jovens e anciãos, porque se sabe que as pessoas mais velhas podem ser atingidas mais facilmente e sucumbem também com maior facilidade, por isso, estas notícias suscitam o medo. Os jovens sabem que são menos vulneráveis nesta circunstância e, portanto, configura-se um comportamento com menor disposição para posicionar-se de modo prudente. O fato de que na Europa o vírus tenha se espalhado é devido, sobretudo, ao comportamento dos jovens nos meses do verão europeu, os quais contraíram a doença sem sintomas e difundiram seu contágio também nas famílias. Na primeira fase da difusão, em particular na Itália, tivemos um longo período no qual não se podia sair de casa, definido com a linguagem anglo-saxão *lock down*, traduzido para o português como confinamento ou “fechamento total” e agora os procedimentos preveem ulteriores restrições e ulteriores ações de confinamento, mesmo que com menor rigor. Se a adoção do *lock down* atenua o medo da morte, por sua vez, provoca também outras reações psíquicas, em grande parte de tipo depressivo e ansiógeno, mas a este propósito, é interessante notar que será preciso distinguir entre a psique forte e a psique frágil.

Para compreender esta diferença será útil retomar a noção de força vital proposta por Edith Stein. De fato, a vida psico-física é regulada por uma certa quantidade de força vital que sofre oscilações: nos estados de bem-estar a força vital aumenta, enquanto diminui nos estados de mal-estar. Portanto, o bem-estar é causa do aumento da força vital e acontece o contrário no caso do mal-estar. Todavia, isto não é nem previsível e nem determinável porque depende das características individuais e das reações individuais diante das condições do mundo ao redor. A psique forte é aquela na qual a força vital se manifesta com continuidade e constância, não obstante a alternância dos estados, naquela frágil há possibilidade de queda, que provocam situações de forte desconforto.

Esta primeira distinção, muito aproximativa, pode ser melhor especificada: proponho seguir a indicação do psicopatólogo de abordagem fenomenológica, Ludwig Binswanger, o qual na sua obra *Melancolia e Mania*³ inspirou-se em uma observação feita por Husserl. O filósofo havia notado que o mundo real existe e nós pressupomos que a experiência da existência do mundo tenha continuidade constante no mesmo estilo constitutivo; isto consente aos seres humanos de ter um modo de vida em comum, isto é, de se interessar pelo conhecimento de si mesmo e das coisas de modo similar e, portanto, de compreender-se reciprocamente para poder trabalhar juntos. É claro que ninguém é igual a um outro, mas existe a possibilidade da compreensão recíproca, uma vez que a estrutura das vivências dos seres humanos é universal e divisível, e este é o significado do termo transcendental que indica os momentos estruturantes e constitutivos do nosso universo e que Binswanger aceita⁴. Ainda que de vez em quando se ativem particulares vivências que podem ser vividas de modo singular, mas que são reconhecidas no seu significado: a minha alegria, na sua intensidade e particularidade não é a alegria do outro, mas é sempre alegria e todos sabemos imediatamente o que vem a ser a alegria e a distinguimos da tristeza.

Pode acontecer, porém, que tal estilo de experiência, por meio do qual se constitui o mundo comum, não seja divisível por alguns, aliás, podemos notar distanciamentos significativos e isso provoca neles aquilo que chamamos de transtorno, de tal modo que chega a gerar certo sofrimento: estamos diante aquilo que é definido como “transtornos mentais”, usando aqui a palavra “mental” de modo genérico, mas que é justo especificar tal fenômeno de modo lógico indicando se tratar da psique e do espírito, que Husserl e Stein descrevem de modo minucioso.

A psique e o espírito

Nota-se, neste período de pandemia, que aqueles com uma psique frágil sofreram maiores danos, no entanto, é também interessante observar que, em alguns casos, sobretudo nos paranóicos, o transtorno em si parece ter sido atenuado principalmente com aqueles que carregando este sofrimento puderam suportá-lo convivendo com outras pessoas. A razão é que estes estados são caracterizados como mania ou delírio de perseguição e, se também os outros estão sujeitos a uma perseguição, como aquela

causada pela ameaça de um vírus, estes sujeitos, por sua vez, se sentem em companhia e não isolados. Gostaria de observar, porém, que para os paranóicos que vivem sozinhos esta situação, ao contrário, é ainda pior porque os motivos de perseguição estão concentrados naquela pessoa em particular.

Como se pode observar, estão em jogo as relações intersubjetivas ou interpessoais e isto demonstra a importância daquilo que os fenomenólogos chamam de entropatia, a vivência que nos consente de conhecer o outro e, portanto, de nos colocar em correlação com os outros. É verdade que cada ser humano tem as suas características pessoais, mas a relação com a alteridade é importante desde a infância, quando inicia o processo de educação e de desenvolvimento da personalidade, como também Husserl coloca em evidência no seu texto sobre *A criança*. As potencialidades pessoais emergem e isto significa que existe uma bagagem singular de possibilidades em cada ser humano e tal bagagem, para usar a linguagem da psicologia, pode ser chamado “temperamento”, mas para o desenvolvimento do caráter o contato com os outros é indispensável. Por que o colocar-se em relação de modo válido está ligado também com a capacidade de captar aquilo que o outro está vivendo. Aqui também se nota uma diferença entre “quem compartilha o estilo da experiência comum” e quem dele não compartilha. Por exemplo, as manias de perseguição indicam uma alteração da capacidade de colocar-se em relação com os outros, porque quem disto sofre não capta realmente aquilo que estes estão vivendo, mas projetam as próprias vivências psíquicas atribuindo aos outros aquilo que, na realidade, não estão vivendo na própria psique. Continuemos, então, seguindo o duplo binário do estilo de experiência, aquele do modelo de compartilhamento e aquele que impede ou limita tal conditória. E notamos como é central o tema da entropatia como instrumento de conhecimento/compreensão do outro. Para quem compartilha o estilo de experiência – mesmo que tal conditória tenha certamente os seus limites – é possível compreender as dificuldades do outro e eventualmente ajudá-lo a superá-las. No fundo, esta consciência de cuidado com o outro deveria ter cada ser humano singularmente e isto caracteriza a atividade do psicólogo psicoterapeuta. Eis, então, a razão pela qual deveríamos sempre buscar a realização sobre nós mesmos do processo de *epoché* dos nossos preconceitos para abrimo-nos a uma autêntica compreensão do outro.

A questão moral como questão espiritual

Então o que significa dizer “devemos”? Significa prestar atenção, colocar-se em escuta, buscar eliminar os preconceitos e tudo isso não são operações da psique, mas do espírito, isto é, daquela capacidade humana de avaliar e de agir conscientemente que está na base da vida moral. Tudo isto refere-se à esfera do comportamento e, portanto, relaciona-se com tudo aquilo que realizamos cada dia e em cada momento de nossa vida. Todos os gestos e palavras assumem uma conotação moral. A esta altura podemos nos perguntar qual seria a relação entre a psique e o espírito. Analisemos o caso concreto do medo pela pandemia com relação a uma pessoa que compartilha o estilo da experiência comum. Ela pode sentir medo pois tem a capacidade de avaliar a situação mas, em seguida, a transforma em “preocupação”, isto é, passa a assumir um comportamento prudente e a viver com responsabilidade as relações com os outros e consigo mesma. Já quem não compartilha tal experiência ou a partilha só aparentemente é colocado diante de uma situação que não sabe como gerenciar a nível espiritual. Aliás, com muita frequência, estas pessoas tendem a subordinar a dimensão espiritual àquela psíquica. Desse modo, diante do medo a pessoa procura removê-lo, afirmando que a situação não é tão grave, que não existe o perigo e que tudo não passa de uma armação, ou ainda, tenta argumentar que se trata de um complô enfatizando que a culpa é de um hipotético inimigo humano e não do próprio vírus. Já quanto ao vírus – é preciso admitir – que as alterações no seu comportamento são produzidas por uma outra alteração, aquela dos processos naturais produzidas pelo comportamento inadequado dos seres humanos com relação à natureza.

Com relação a este ponto pode existir ainda uma dupla causa. De um lado, quem é negacionista ou acredita na teoria da conspiração, pode ser assim porque a sua psique é fraca e não suporta enfrentar a dificuldade para superar o medo e simplesmente nega a evidência, ou ainda, trata-se de uma pessoa que sabe muito bem avaliar as coisas, mas para obter o poder sobre os outros utiliza a “massa” procurando convencê-la que o perigo não existe. A Stein nos ajuda muito com a sua reflexão para poder analisar a relação entre a massa e o seu líder. Examinemos a massa do ponto de vista psíquico: também aqueles que compartilham a experiência comum podem permanecer prisioneiros do seu medo e, neste caso, a psique domina e exerce um comando sobre a atividade espiritual que, por sua vez, fica submetida às reações psíquicas. Trata-se aqui, portanto, de uma falta e de

uma culpa porque é cômodo não avaliar e não se engajar moralmente. Neste caso, acontece uma espécie de contágio psíquico que nos nossos dias se pode observar pela difusão de notícias falsas, *fake news*, por meio dos instrumentos mediáticos que chamamos “social”. Assim se forma a massa e as falsas notícias podem ser difundidas por alguém que sabe avaliar, mas que escolhe por interesse pessoal utilizar a massa e, neste caso, nos encontramos diante de um comportamento imoral. A massa, por sua vez, poderia e deveria utilizar a dimensão espiritual para avaliar a situação, mas renúncia e, por outro lado, o líder utiliza desta dimensão espiritual da inteligência e da vontade para justamente fazer o mal. A decisão de fazer o bem e o mal depende do exercício da atividade espiritual. Trata-se de um deficit de responsabilidade.

Eis o por que de Stein insistir no seu apelo sobre a necessidade de se constituir uma comunidade. A comunidade é fruto de uma assunção de responsabilidade recíproca, por isso implica o exercício da atividade espiritual que deseja realizar o bem, depois de ter avaliado uma situação e ter elaborado os critérios para realizá-lo. E quais são os critérios? O primeiro deles refere-se ao fato de que devemos, na vida, assumir responsabilidade; em segundo lugar porque o outro é um ser humano como eu e a sua vida deve ser respeitada como desejo que seja respeitada a minha, e isto significa que eu desejo o seu bem e não só o meu bem. Ou seja: o princípio é o seguinte: amo o outro como ser humano semelhante a mim e o amor é um sentimento espiritual sobre o qual a comunidade se funda. O líder que utiliza a massa ama só a si mesmo e despreza os outros.

A Stein e Husserl nos dizem que tais critérios são de caráter ético-religioso; de fato, se é verdade que com a nossa razão, isto é, ao realizar uma avaliação honesta, compreendemos que é melhor fazer o bem que o mal, os valores que reconhecemos como tais encontram uma sua ulterior justificação na dimensão religiosa, que está presente no ser humano, mesmo se não sempre cultivada. A referência ao divino acomuna todos e, portanto, deveria ajudar a superar o ódio e os contrastes. Nesse sentido, a religião cristã, que convida todos os seres humanos a sentir-se como irmãos enquanto somos todos filhos de Deus, por meio do diálogo interreligioso, se funda sobre o amor recíproco e ajuda a encontrar uma justificação superior no universo daqueles valores pelos quais vale a pena viver.

Psique e espírito nos transtornos mentais

Podemos nos perguntar se nos casos dos transtornos mentais o exercício da atividade espiritual seja sempre possível. Nota-se que a possibilidade diminui conforme o transtorno se torna mais grave. De fato, a psique, que tínhamos definido frágil, na verdade, demonstra paradoxalmente uma sua força, tornando-se em razão de sua própria fraqueza, o elemento que conduz a vida, que a caracteriza, impedindo ao espírito de agir autonomamente. Aliás, sabemos que existem alguns casos nos quais a submissão do espírito à psique é tal que demonstra como as capacidades avaliativas não se enfraqueceram, mas ficaram apenas subordinadas ao transtorno. Há aquele que sofre do transtorno de perseguição, o qual para afirmar os seus direitos que considera violados, realiza atos imprevisíveis que o conduzem ao delírio. O critério de justiça existe, mas está subordinado a mania persecutória, portanto, falta a liberdade de avaliação do espírito. Em todos os seres humanos, de fato, está presente a atividade psíquica e aquela espiritual, trata-se de constatar em cada situação qual o papel que estas atividades jogam na interioridade de cada pessoa. Quando o espírito é capaz de agir de forma autônoma dirigindo a ação da pessoa, estamos diante do caso no qual o indivíduo compartilha o estilo da experiência comum. Nós vimos que o espírito pode agir também fazendo o mal e, neste caso, existe uma plena responsabilidade do sujeito. Por outro lado, ao contrário, quando a psique é caracterizada por atitudes que impedem o exercício da atividade espiritual, então, será difícil identificar a responsabilidade.

O tema da entropatia

Já frisamos que este é um tema central para poder abordar os transtornos psíquicos. Podemos oferecer aqui alguns exemplos. É claro que as relações entre os seres humanos são muito complicadas também para aqueles que compartilham o estilo da experiência comum. Se examinarmos a descrição presente na tipologia dos comportamentos vamos perceber já algumas dificuldades. Em geral se identificam quatro tipos: entusiasmado, preguiçoso/passivo, mal-humorado, o ciclotímico que passa do entusiasmo à frustração. Certamente nas relações interpessoais não é fácil conviver com estes tipos, mas nas condições comuns a formação do caráter devido à intervenção do controle exercido pelo espírito pode orientar de modo diferente um ser humano e torná-lo capaz de conviver com os outros. A ação pedagógica, no fundo, deveria ter por objetivo

ser capaz de ajudar o ser humano a exercer o controle pessoal em vista de uma vida socialmente ordenada. Isto é possível graças à entropatia, no sentido que esta vivência nos dá a possibilidade de compreender aquilo que o outro está vivendo e, portanto, permite nos adaptar reciprocamente a um encontro sem conflitos.

Gostaria de mostrar como os distúrbios psíquicos mostram a falência do exercício da entropatia. Examinemos, em particular, os distúrbios de personalidade. Fizemos algumas classificações apenas para nos orientarmos aqui. O primeiro grupo compreende o transtorno paranóico, aquele esquizóide e esquizotípico caracterizados pela suspeita com relação ao outro; no segundo grupo podemos colocar o narcisista, o transtorno histriônico, aquele borderline e antissocial, caracterizados por um fechamento em si mesmo; o terceiro grupo refere-se aquele obsessivo-compulsivo, o evitante e o dependente e é caracterizado pela ansia e o temor. Todos são transtornos que denunciam uma falta de uma equilibrada relação intersubjetiva, portanto, um deficit de entropatia, no sentido que não se consegue captar o que o outro ou os outros estão vivendo. E isto gera, na maioria dos casos, um grande sofrimento.

O trabalho do terapeuta

Afirmo que é uma grande sorte que exista algumas pessoas que decidem por ajudar os outros nestes casos. Esta é uma coisa que sempre suscitou em mim uma grande admiração. O empenho terapêutico é fundamental para tentar trazer quem tem dificuldade de estabelecer relações humanas ao mundo compartilhado pelos outros. Como deve proceder? Deve ter ou não deve possuir pressupostos teóricos e, em particular, filosóficos? Já mencionamos aqui as questões da psique e do espírito que podem ser identificados por meio de uma análise fenomenológica, então, neste caso estes seriam pressupostos?

Pressuposto pode significar “preconceito” ou “suposição”, mas sabemos que do ponto de vista fenomenológico devemos ativar a epoché, isto é, colocar de lado todo preconceito e toda suposição. Então como é que podemos dizer que temos necessidade de pressupostos? O conhecimento prévio que seria necessário ter é aquele que responde a pergunta: o que é o ser humano? Como ele é constituído? A análise filosófico-fenomenológica torna-se, neste caso, o contexto para poder captar tanto o significado do mundo compartilhado e daquele que tem características particulares com as quais é difícil

entrar em comunicação. É claro que cada um de nós tem um mundo privado, porque cada um è uma singularidade, mas isto não impede que possamos comunicar já que temos uma estrutura humana em comum. Tal estrutura pode sofrer alterações mais ou menos graves que impedem tal comunicação, mas para compreendê-las é necessário analisar as nossas vivências e saber como funcionam para poder captar o “estilo diferente da experiência”, como dizia Binswanger retomando uma observação de Husserl. Segundo o fenomenólogo, de fato, a nossa experiência tem um estilo caracterizado pelo compartilhamento. Nos casos em que isto não acontece vemos constituir-se um “outro” mundo. É justamente aqui que aparece a tarefa do terapeuta que se faz intérprete para poder dialogar com quem vive neste outro mundo de um modo bastante doloroso. A atenção ao outro e ao seu mundo, a participação acolhedora é indispensável, como nos recorda o psicopatólogo Bruno Calliere que, por sua vez, nos adverte que é preciso examinar o mundo do outro procurando compreendê-lo nas suas características próprias e para realizar isto é preciso um trabalho de pesquisa que requer uma investigação teórica prévia muito rigorosa para servir de guia ao engajamento prático.

FENOMENOLOGIA E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Clélia Peretti

INTRODUÇÃO

A atual conjuntura histórica nos revela um significativo aumento de estudos sobre a experiência religiosa, a espiritualidade e a mística. Articulados por disciplinas autônomas, constituídas por um estatuto epistemológico próprio e por critérios metodológicos (filosofia da religião, antropologia filosófica, teologia, fenomenologia da religião, psicologia da religião, história das religiões, antropologia cultural, sociologia da religião etc.), tais estudos constituem um sinal evidente da centralidade do fenômeno religioso em sua complexidade.

Assim, o surgimento de diferentes experiências religiosas na sociedade contemporânea reforça cada vez mais a necessidade de aprofundar suas variedades, seus sentidos e o lugar que ocupam na complexa estrutura humana e social. Muitos pensadores já têm se dedicado ao estudo das diferentes tradições culturais e religiosas, suas abordagens e seus métodos se orientam na busca de características e elementos comuns. A experiência religiosa se manifesta de diversas maneiras no contexto das tradições religiosas e têm grande poder de influências na vida de seus seguidores tanto individual como coletiva. As tradições religiosas influenciam o modo das sociedades se organizarem, o processo de busca da Transcendência que se expressa na dimensão subjetiva e simbólica.

De tal modo, a reflexão sobre a experiência religiosa nos convida voltar à origem do que alimenta o debate filosófico-teológico e, acolher do *eîdos*², do universo religioso e do humano *ex-per-iri* (experiência) seu sentido integral e universal. Cabe, portanto, a fenomenologia a tarefa de pensar a experiência religiosa como um “fenômeno” universal, essencial e constitutivamente humano. A experiência religiosa, portanto, é considerada como um fenômeno que se manifesta em uma multiplicidade de formas, em uma pluralidade de manifestações decorrentes de uma raiz constitutiva do humano: o *espírito*.

Assim, os desafios da pandemia da COVID-19 se inscrevem dentro de um horizonte de sentido que continuam exercitar a mente, promover um *novo humanismo*³,

baseado na categoria do ser-para-o-outro. Mas quem é o outro-eu? O que é a experiência religiosa? E quem é o Outro com letra maiúscula, que denominamos Deus? O que de fato, apreendemos com a experiência da pandemia? Como viver e conviver com esse novo momento histórico pandêmico?

Com base nestes questionamentos propomos uma caracterização fenomenológica da experiência religiosa a partir de alguns autores Rudolf Otto, Gerardus van der Leeuw, Edmund Husserl, Edith Stein, Angela Ales Bello, já têm se dedicado ao estudo das diferentes tradições culturais e religiosas, suas abordagens e seus métodos orientam-se na busca de características e elementos comuns. Em seguida propomos relato de experiência de enfrentamento à infecção causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), tendo como fio condutor para essa reflexão a fenomenologia descritiva como possibilidade de compreensão da experiência de dor e sofrimento, da experiência de alteridade e empatia, da experiência de presença de Deus e da experiência de ser cuidada por Deus, e de experiência de renascimento no espírito pelo Espírito.

Fenomenologia da religião e fenomenologia da experiência religiosa

A fenomenologia é uma corrente de pensamento que se desenvolveu no final do século XIX e início do século XX, que ganha corpo não somente como instrumento de análise da realidade, mas, principalmente, como método filosófico e científico. A fenomenologia é a própria filosofia quando vista como ciência rigorosa e, considerada como teoria do conhecimento, como método e, principalmente, como forma privilegiada de análise e compreensão da religião.

O termo “fenômeno vem do grego *phainomenon*, do alemão *Phänomenologie* que significa literalmente “aquilo que aparece”, “que se mostra”. Logo, fenomenologia é, a descrição “do que aparece” ou a ciência que possui a tarefa da descrição da realidade. A fenomenologia teve e tem como tarefa analisar os “fenômenos”, todos os fenômenos incluindo também “os fenômenos histórico-culturais e suas manifestações”(ALES BELLO, MOBEEN, 2012, p.12)

Para Ales Bello (2020, p. 21), “o termo fenomenologia significa a reflexão sobre o fenômeno, sobre aquilo que se manifesta a nós, sobre o que vem ao nosso encontro”.

Aludindo a Husserl, a autora diz que: “na realidade nós vamos ao encontro de nós mesmos na nossa complexidade de seres humanos que vivem muitas experiências, pois somos um “paradoxo” [...], somos sujeitos, mas podemos analisar nós mesmos como objetos”. Dentre as nossas vivências está a experiência religiosa, que se apresenta com uma sua forma excepcional. Para a autora:

É oportuno proceder à sua análise e, em seguida, desenvolver, uma investigação fenomenológica que tem como objeto a religião e que pode ser denominada, precisamente, fenomenologia da religião, a qual se configura, [...], como uma nova disciplina no limite entre a história das religiões e a filosofia fenomenológica (ALES BELLO, 2020, p. 22).

Nesse sentido, Gerardus van der Leeuw é considerado o fundador desse tipo de investigação através da sua obra *Fenomenologia da Religião* (1922/2017), que ao lado Rudolf Otto faz alusão ao método descritivo-comparativo e, ao método de análise epistemológica das vivências da consciência de Edmund Husserl pai da escola fenomenológica e mestre de Edith Stein e Gerda Walter. Desse modo, Gerardus van der Leeuw encontra na fenomenologia de Husserl, as linhas fundamentais do método, aplica-o ao fenômeno da religiosidade e, afirma o caráter paradoxal desse fenômeno: “de ser um fenômeno, obscuro e claro, desejoso de ser compreendido e, ao mesmo tempo, relativamente transparente de maneira tal que pode ser reconhecido” (ALES BELLO, 2014; ALES BELLO, 2020, p. 22).

Assim, o terreno sobre o qual a análise fenomenológica da experiência religiosa procede é aquele do sujeito humano que vive essa experiência. Logo, a escavação, à qual se deve proceder, tem como terreno fundamental a interioridade humana. Trata-se, portanto, de uma fenomenologia *da experiência religiosa*, não separada de uma reflexão antropológica.

Edith Stein no seu primeiro estudo sobre *O problema da empatia (Einfühlung)* (1992) e em seus escritos sucessivos alude às principais linhas da investigação fenomenológica de Husserl. Desde suas primeiras análises fenomenológicas da experiência religiosa mostra que essa não é separada da análise da alteridade. O “sentir dentro do outro”, a empatia (*Einfühlung*) que Edith Stein coloca na base da alteridade pessoal, é de fato suscetível de se tornar “um sentir dentro o Outro”, a ulterioridade que habita a alma e a transcende. Essa é uma ênfase filosófica e teologicamente significativa não esquecida pois um dos possíveis caminhos para o Deus trinitário passa através do dar-se recíproco de muitos “tus” finitos. A interioridade aqui está indissolivelmente

ligada à Alteridade, no dúplice sentido vertical e horizontal, ou melhor, na correlação entre o divino, o humano e o interpessoal.

A interação da transcendência e da presença, que Rudolf Otto (2010. p. 201-324) denomina de “totalmente outro”, oferece a oportunidade de mostrar a relação entre duas disciplinas afins e complementares, porém metodologicamente diferentes: a fenomenologia da religião e a *fenomenologia da experiência religiosa*. Todavia, esta última é compreendida mais no sentido técnico de uma epistemologia analítica da experiência de consciência, que segue a abordagem metodológica de Husserl. A filosofia fenomenológica é, de fato, uma “ciência rigorosa” (*strenge Wissenschaft*), e não “exata”. O termo “experiência” (*Erfahrung*) refere-se à qualidade de vida (*Erleben*), às vivências (*Erlebnisse*) que fornecem uma teoria da consciência religiosa no colhimento do *eîdos* do universo religioso.

Com a fenomenologia da religião, em vez disso, nos deparamos com um método descritivo-comparativo, que teve o grande mérito de conjugar alguns termos que muito nos ensinaram: “numinoso”, “sagrado”, *Mysterium tremendum, fascinans, sanctum*, “força estranha”, “totalmente outro”. Isso não significa que os fenomenólogos da religião, como Rudolf Otto e Gerardus van der Leeuw, para citar apenas dois exemplos paradigmáticos, não tenham encontrado e interseccionado questões filosóficas, mas sua descrição está relacionada ao elemento histórico-empírico.

Na obra *O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional* (1917), Otto qualifica o “numinoso” como o “totalmente outro”: inefável, inexprimível, presente e, ao mesmo tempo, transcendente. É preciso compreender a conexão entre o irracional e o racional alimentada pela experiência do sagrado, pois se trata de dois aspectos diferentes, mas não separados: um é acessível ao sentimento (religião) e o outro, ao conceito (ética).

No pensamento de Otto, o Sagrado é, portanto, uma categoria complexa. Em 1938, G. Mensching, um estudante de Otto, enfatiza a novidade e a originalidade dessa intuição sobre o divino: uma leitura não redutiva nem reduzível a outras abordagens, porque o caráter de ulterioridade do “Sagrado” é pensado como excedente imensurável, cuja relação com o racional é objeto de discussão.

Que semelhanças e diferenças se podem encontrar com a abordagem filosófica-fenomenológica do “religioso”? Em março de 1919, Husserl escreve uma carta em que

preanuncia para Otto que *O sagrado* teria “na história da pura filosofia da religião e respectivamente na fenomenologia da religião, um lugar estável” (HUSSERL, 5 de março de 1919, p. p. 794, 797).

Husserl atribuiu um papel importante ao trabalho de Otto, situando-o dentro dos limites da filosofia da religião e da fenomenologia da religião. A descoberta do “Sagrado” como *numinoso* refere-se à tentativa filosófica de pensar sobre a harmonia do irracional e racional: Otto conseguiu realizar tal empreendimento? Ele reflete sobre o que acredita ser o eixo da experiência religiosa: conhecimento obscuro do divino em geral e da destinação eterna do ser, que se torna viva no *sentimento*. A filosofia fenomenológica que pertence a Husserl, por sua vez, desenvolveu uma gramática-fenomenológico-essencial do *sentir*, esclarecendo o significado relativo às esferas que constituem o ser humano: o corpo vivo, psique e espírito.

Retornando à carta de Husserl, podemos constatar que, por um lado, o pai da escola fenomenológica admite o efeito impressionante produzido pela leitura do *O Sagrado*, mas por outro, sublinha a não essencialidade da teorização filosófica para a especificidade da pesquisa de Otto, o qual se limita a uma descrição empírica de fenômenos, sem captar a tipologia de suas camadas constitutivas. Husserl sugere que esta tipologia só pode ser alcançada através da aplicação do critério metodológico-epistemológico “rigoroso”, ou seja, a análise das experiências de consciência.

Embora Otto tenha teorizado sobre a consciência religiosa, ainda antes de progredir na descrição fenomenológica (que deveria ser preliminar), Husserl lhe concede o mérito de ter atribuído à palavra a origem da experiência religiosa, na qual essa se enraíza. Trata-se do reconhecimento da ideia fenomenológica de *transcendência como presença*, como real, aqui e agora, ao invés de um retorno a uma ordem sobrenatural ou a extramundana. De acordo com Husserl, de fato, uma fenomenologia da religião no sentido de Otto, ou seja, em seu viés descritivo-comparativo, constitui

um início e, de acordo com seu sentido, um retorno ao início, às origens: consiste na mais bela compreensão da palavra ‘original’. E o nosso tempo não aspira outra coisa senão de maneira mais evidente, se não que finalmente emerja em palavras as verdadeiras origens e, em seguida, em um sentido mais elevado, que chegue à Palavra, ao *Logos* (TERRI, 1978, p. 78).

Do ponto de vista de Husserl, Otto não refletiu suficientemente sobre a diferença entre experiência religiosa e sagrado, consciência e psique, racional e irracional. Com a

redescoberta da intencionalidade da consciência e da dimensão do espírito (*Geist*), a escola fenomenológica promoveu a transição do subjetivismo humanismo moderno ao humanismo da pessoa: “imediatamente nós não visamos à teologia, mas à filosofia, embora essa possa ter indiretamente uma grande importância para aquela”. Aqui se encontra, a meu ver, a possibilidade epistemológica de uma disciplina chamada *fenomenologia da experiência religiosa*.

Experiência de enfrentamento à covid-19: a tarefa da fenomenologia da experiência religiosa

Edith Stein atribuiu um papel fundamental na leitura fenomenológica da experiência religiosa do sofrimento e da dor. Na parte introdutiva da obra *Introdução a Filosofia* (BOELLA, 2012, p. 146-147), ela define a atitude fenomenológica como “estar de olhos abertos”, ou seja, desprovidos de preconceitos, orientados para acolher o sentido das coisas (*Sache*), ou seja, dos fenômenos, na sua essência. A fenomenologia é compreendida e praticada por Edith Stein desde o seu início como ciência da subjetividade, analisada nas suas relações constitutivas (EPIS, 2003).

Com base nessas premissas, apresentamos a experiência de enfrentamento e de cura – da própria autora – à COVID-19. No ano 2020, fui infectada por duas vezes pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). A primeira vez em março, quando não havia ainda testes RT-PCR e tratamentos, com sintomas moderados, a segunda vez no mês de outubro com internação em UTI.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma pandemia (SCHMIDT et al., 2020). Em maio a COVID-19 foi registrada em mais de 180 países ao redor do mundo. Diante da sua transmissibilidade, infectabilidade, letalidade e mortalidade, do Isolamento Social para conter o vírus, surge um estado de pânico social em nível global e a sensação de Isolamento Social desencadeia sentimentos de angústia, insegurança e medo.

Neste cenário de Pandemia, de infecção, qual o sentido da experiência religiosa, da fé e da crença? O que as religiões podem oferecer de espiritualidade num quadro onde

os desafios da sanidade são tremendos? O que, de sentido profundo, podem oferecer as religiões?

A religião ocupa um lugar particular na vivência cotidiana. É necessário incluirmos a relação entre religião e saúde. Se o ser humano não precisasse de salvação, a religião não existiria. Na história das culturas religiosas, a religião tem sempre exercido uma função de sanar os problemas físicos, psíquicos e espirituais do ser humano. Desde os primórdios, as religiões e, em especial a cristã, têm se colocado como missão a salvação, a cura (Lc 2, 32; 19,5; 15,2; Lc 22, 51; Jo, 5, 15; Mt, 12,15; At 4, 30; Lc 13,14, Mc 2, 17, etc) e uma tarefa terapêutica (Jo, 11, 35; Lc, 19,35; Jo, 16, 31;Mt 22;41; 2Cor 4,14; Jo 10,23; Heb. 13,8, etc).

Ao analisar a evolução histórica das religiões, essa perspectiva terapêutica fica evidente. Durante muitos séculos, a doença foi vista quase sempre com um castigo. O que acontecia de mal a uma sociedade, fosse uma pandemia ou uma guerra, era fruto do abandono ou do castigo de Deus. Logo, curá-la é afastar monstros e espíritos, permitindo a salvação dos seres humanos.

Na fase de Isolamento Social, o desafio é imenso. Se por um lado, a religiosidade e a espiritualidade têm de ser, hoje, solitárias, sozinhas, quase em abandono. Transformados em eremitas citadinos, não temos ferramentas espirituais que possamos usar nestes dias de interditos imensos. Por outro lado, no processo de adoecimento, considera-se a religiosidade como um fator de proteção e de esperança.

Mas, embora acreditando quando recebi o diagnóstico positivo da COVID-19, logo me perguntei: Que mal fiz? Que pecado tenho para expiar? Por quem fui infectada? Logo eu? São perguntas ligadas ao universo religioso, com a percepção de uma experiência propriamente religiosa que envolve a dimensão existencial. Constata-se que os impactos psicossociais atingem a todos: profissionais da saúde, portadores de doenças crônicas; sobreviventes da infecção; famílias enlutadas; idosos; crianças; pessoas que vivem sozinhas; pessoas em situação de rua, enfim, todos, pois, todos somos vítimas deste vírus. A seguir, serão apresentados alguns extratos da minha experiência de enfrentamento à COVID-19, tecida por meio de narrativas.

Experiência de dor e sofrimento

É muito desafiador colocar-se com “realismo” diante do resultado positivo da doença COVID-19, pois a doença não possui um risco clínico totalmente definido, sobretudo quando as informações não são passadas corretamente para o paciente. Seus sintomas afetam não só o corpo, mas, também a psique e o espírito. Afetam a família, a comunidade, geram ansiedade e uma nova percepção da vida. Quando seus sintomas são leves em muitos casos imperceptíveis, assintomáticos a preocupação é menor, mas quando os sintomas evoluem aumenta o nível de estresse e ansiedade, além da culpa, do medo, aumenta a raiva diante do estado de vulnerabilidade social, da não efetividade das ações governamentais no contexto social ao longo da Pandemia de COVID-19.

Quando os resultados positivos do teste, os exames tomográficos e outros sinalizaram o avanço da doença e a necessidade de terapia intensiva - UTI, as incertezas e o medo da morte avançaram. Todavia, na interioridade brilhava uma luz que inspirava que o tratamento ia dar certo. A experiência de espera entre o diagnóstico e a transferência para a UTI, foi angustiante, de dor, solidão e abandono. Posso compará-la ao tempo do Getsêmani de Jesus, um momento de luta frente ao que repugna a natureza humana. Ao mesmo tempo, foi o momento privilegiado de abandono à vontade do Pai. Na preparação espera de um lugar para a UTI, na agonia da falta de ar, no despojamento de todos os pertences “num saco plástico preto”, lembrei-me da expressão de Mc 14, 36: “Abba, Pai! Tudo é possível para ti, afasta de mim este cálice; todavia, não seja o que Eu desejo, mas sim o Tu queres”.

Um momento ímpar na minha existência: dei-me conta de que a vida é “presa” a um respiro. Vivi um total despojamento, não só das vestes, dos bens e das coisas materiais, mas, da razão. A fé permaneceu como a única certeza! Sabia da minha condição, do meu estado de saúde, assim, numa prece uni-me a todos que amo e me amam. O tempo do traslado para a UTI foi uma eternidade. Aos poucos fui me tranquilizando, pois sabia que nesse Getsêmani iria encontrar outros e que deveria me fazer próxima a quem se encontrava ali. É no tempo do Getsêmani, que nos conectamos a nós mesmos, com os outros e com o que nos é de mais significativo e sagrado, e num instante incluímos um propósito e um sentido de vida. Há uma “suspensão existencial”, “uma suspensão de esperança”.

Experiência de alteridade e empatia

Diante do diagnóstico da COVID-19, “nos damos conta” que a doença não é só uma questão individual, mas, de alteridade, ou seja, de reconhecimento e aceitação do outro, do diferente. Nos damos conta que estamos conectados uns dos outros.

A pandemia não é apenas um tema específico da saúde. É um evento que afeta de maneira profunda a vida pessoal, social, nossas relações educativas e afetivas. Podemos nos perguntar: como ocorrem nossas relações com o outro? A alteridade, significa ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro. Podendo desencadear mudanças que marcam nossa história de vida.

Deste modo, significa empatizar com o outro, ou seja, “dar-se conta da experiência vivida pelo outro”, ou seja, dar-se conta que nos são dados sujeitos alheios as nossas vivências (Edith Stein (1916/2005a, p.79). Portanto, na empatia temos a possibilidade de colher a existência individual de um sujeito com seu mundo subjetivo, que pode conhecer as coisas e comunicar o que conhece, a partir de um “núcleo”⁴ (STEIN, 1916/2005a, p.193; 1922/2005b, p.436s; 1931/2005c, p.805s; 1932/2007a, p.96s;) próprio que lhe dá autonomia. Assim, a empatia é a porta de acesso à pessoa do outro e, como um ato de vivência autônomo, os sujeitos empatizados mantêm suas individualidades, ligadas profundamente às próprias corporeidades. Nesse sentido constitui-se o conceito de alteridade na ontologia steiniana.

Com o alastramento das contaminações do novo coronavírus, no mundo e em nosso país, a sociedade entra em pânico, não só pelo medo da morte em massa, mas pela angústia do agravamento das questões sociais e econômicas. Muitos entraram em pânico, em depressão por causa do Isolamento Social, outros não suportaram a angústia e, optaram pela prática do suicídio e outras formas de renúncia voluntária à vida.

Com quais lentes ler o fenômeno do COVID-19? Podemos ver o sofrimento, a dor em chave pedagógica, resgatar o potencial pedagógico transformador da pandemia. Refiro-me ao fato de que a pandemia não vai nos ensinar nada posteriormente (ou muito pouco), ela já nos revela agora, em *luz neon* (diferentes cores), aspectos de nossa forma de vida que não víamos muito bem quando a vida funcionava em “modo normal”. Paradoxalmente, é só agora, em uma situação de exceção, que podemos perceber a forma,

o calibre e a densidade da vida que levávamos há até pouco tempo. Foi só com a suspensão das rotinas que pudemos, enfim, enxergá-las – e com tudo o que elas significam para nós.

Em meio ao sofrimento, a dor, as incertezas, a indignação, as críticas com relação aos sistemas político, econômico e social, encontramos-nos, contudo, diante de uma experiência de verdade, marcada por um duplo movimento: o caminho da alma para Deus e a ação de Deus na alma. Essa é a experiência religiosa mais profunda que podemos fazer no tempo de pandemia.

A alma encontra o Outro na sabedoria da cruz, sabedoria que é um entrelaçamento dinâmico entre amor e verdade, como tensão entre a atividade do eu e o passivo, confiante abandono a Deus; e o Outro encontra o eu que morre para si mesmo, que se esvazia e se anula para hospedá-lo no lugar de seu extremo despojamento. São Paulo proclamou a cruz como “sabedoria de Deus” (1 Cor 1,24): trata-se de um princípio hermenêutico de sua teologia, que se move em primeiro lugar num terreno soteriológico. Quem está crucificado morre para o pecado (Rm 6,11); portanto, vence a morte com Cristo no trono da cruz.

A filósofa fenomenóloga Edith Stein (1982) refletiu significativamente sobre a afinidade dos símbolos da “cruz” e da “noite”: esta última na verdade é a imagem à qual São João da Cruz recorre com mais frequência para descrever a anulação de si mesmo em Deus. O Santo testemunha que a mística da cruz é aquela em que, pelo dom do amor infuso, se vive a mesma experiência interior do Crucificado/Abandonado, “o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fl 2,5), provando, ao mesmo tempo, a amargura e toda a abismal profundidade. Na “noite escura” dos sentidos e do espírito (expressão figurativa para aquilo que é conceitualmente inexprimível) se encontra a mensagem mais claramente audível da cruz: dessa noite mística a alma se reveste em seu caminho para Deus. Mas, a alma não é a única protagonista do caminho; a iniciativa não está totalmente em suas mãos: no caminho, o Outro vem ao seu encontro, sustenta-a e liberta-a. Neste *ex-per-iri*, é possível, portanto, distinguir uma fase ativa e uma fase passiva.

Experiência da presença de DEUS

A experiência do COVID-19, nos lembra nossa fragilidade, nossa finitude humana. Nos coloca diante da morte. O rastro de morte, de medo e de paralisação social que esse pequeno ser acelular – COVID 19, nos impõe é um duro golpe contra a ditadura do narcisismo humano. Diante de uma ameaça invisível e traiçoeira, que pode nos levar a morte, vivenciamos o sabor da “impotência”, experienciamos nossas limitações. Percebemos como verdadeiramente somos finitos e pequenos, incapazes de “reduzir”, “suspender”, a nos repensar dentro dessa experiência.

A experiência do Covid, nos propicia ainda um retorno a nós mesmos, um retorno à existência, a nos perceber quem somos (não sabemos quem somos, de fato). O COVID-19 nos leva a busca do sentido das coisas, a uma vivência profunda de espiritualidade que nos conduz para fora de nós, para a transcendência e ao encontro com Deus e em Deus com os outros. O COVID-19 nos possibilita olhar a nossa relação com o outro e desse encontro fazer brotar a esperança que nos conduz para além de nós mesmos e nos dirige rumo ao infinito que não está fora, mas dentro de nós mesmos. Ao abraçar o divino, a realidade e a doença compreendemos o sentido profundo do sofrimento, de uma vida que se faz solidariedade com os que sofrem do mesmo mal.

Na perspectiva da fenomenologia da experiência religiosa estabelece-se uma ligação entre a morte e a ressurreição sendo a razão-guia da “noite escura” do espírito: *per passionem et crucem ad resurrectionis gloriam*. Na união dolorosa da purificação operada pelo fogo amoroso de Deus, é a vontade do Outro que penetra mais profundamente o eu, até o ponto de deixar-se perceber como uma presença e de se oferecer para o encontro. Aqui ocorre uma divinização da alma, uma coopenetração recíproca, uma fusão essencial de pessoas que, no entanto, não retira sua individualidade peculiar, mas ao contrário, pressupõe e a mantém. No cristianismo, este vazio é considerado um espaço universal de salvação. Um espaço libertador, aberto a todos e a cada um. É um vazio preenchido, um nada-tudo.

Verbum caro. Somente o Filho pode redimir o finito, o negativo, o mal. Somente o Filho pode levar o mundo a Deus, ao Pai. A dureza dessa *kenósis* emerge das palavras de Cristo no Getsêmani: “Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26,39). Palavras-oração, palavras-

invocação, pensamento orante: Cristo está ciente do desejo do Outro para o outro, mas tal consciência não diminui a dramaticidade do evento nem dissimula sua entrega confiante ao Pai. Abandono e confiança: o Deus da *kenósis* é o Deus da glória.

Nesse sentido, a cruz é o trono de Cristo, e isso constitui o maior desafio para a *ratio* filosófica. O pensamento trágico é exercido aqui, o pensamento do paradoxo que não media os opostos em uma síntese mais elevada, nem para, cristalizando-se, na negatividade das contraposições. O sentido cristão do paradoxo da cruz perpassa o poder do negativo confrontando-o, relacionando-o com o poder do positivo, assumindo a verdade trágica na sua inseparabilidade. Esta tragédia, no entanto, é salutar, desde que não se entenda o exercício filosófico como um simples enunciado, mas como um meio de relação, de correlação e de referência recíproca.

A verdade paradoxal, a teo-lógica do Crucifixo/Abandonado fala ao ser humano, para cada ser humano, no mistério dessa realeza que desafia todos os parâmetros ordinários e produz uma inversão, uma modificação, uma mudança de perspectiva. Do negativo à salvação; da morte à vida: aqui reside a força desse pensamento trágico e paradoxal, que preserva junto e renova o positivo e o negativo, a vida e a morte, a luz e a escuridão. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14): a mística cristã passa por essa determinação e, apesar do vazio interior, a noite, o deserto, o abismo da experiência *kenótica*, testemunham que o Logos é a verdade sobre Deus e a verdade sobre o ser humano.

Experiência de ser cuidada por DEUS

O desafio do COVID-19 é uma chance de crescimento *espiritual, de descoberta de uma força interior vital, de confiança, de fé no Deus que acreditamos*. A pandemia nos revela como as pequenas e grandes trocas relacionais do dia a dia são psicologicamente vitais. Confinados nos limites de nossas casas ou dos nossos próprios pensamentos, é agora que vemos como esta forma de vida individual, realmente carente de outro, nos é insuportável. O sofrimento não necessariamente nos ensina algo, a tendência é que ele não nos ensine muitas coisas. Mas, não podemos negar, que o sofrimento revela, fala e fala sobre. O sofrimento fala sobre os conflitos entre o que realmente desejamos e o que

dizem que precisaríamos desejar. O sofrimento e a dor nos permitem uma transformação profunda, uma ressurreição. É aqui que a experiência religiosa ganha força, sabor e sabedoria. A vida é olhada não a partir do que conhecemos sobre ela, mas a partir do que ela é.

Na situação do COVID-19, os sofrimentos que experienciei revelam a impossibilidade de individualismo: “Nós nunca ficamos sozinhos mesmo, e só agora estamos nos dando conta disso”. Diante da dor, do sofrimento podemos escolher o nosso destino, encontrar no “isolamento”, por mais difícil que seja, respostas existenciais. Podemos participar, ser solidários com a dor do outro.

A experiência do COVID-19 colocou-me numa relação profunda com a Cruz de Cristo, com o crucificado: “toda a humanidade sofre do mesmo mal”. Essa experiência nos ensina, que se queremos à posse de Cristo, jamais devemos buscá-lo sem a Cruz (STEIN, 2013, p. 229).

Aqui me refiro a experiência de Cruz de Edith Stein, refletida mediante os escritos de São João da Cruz e vivenciada na perseguição de Hitler ao povo judeu. “Seguir a Cruz pela renúncia a tudo, inclusive à nós mesmos, é nossa vocação... [...] não devemos ceder a nossa moleza e comodismo” (STEIN, 2013, p. 229).

Podemos dizer, então, que a espiritualidade cristã nos faz discípulos da Cruz e pela Cruz conduzir outros ao caminho por ele próprio encontrado”. Quando aceitamos a cruz, o sofrimento na nossa vida, participamos com Cristo na redenção do mundo, no bem das almas”. A espiritualidade cristã, conforme Dionísio Areopagita, consiste em subir e crescer na imitação de Deus, conforme o talento dado a cada um. E o que é mais admirável e divino é ser cooperador de Deus na conversão e reconquista das almas. Porque nisso resplandece com glória imensa e inevitável as próprias obras de Deus. E por isso Cristo as chama obras de seu Pai”. Emerge, aqui, a compaixão para com o próximo, tanto mais a alma cresce no conhecimento de si mesma quanto mais ama, tanto mais deseja que esse Deus seja amado e honrado por todos” (STEIN, 2013, p. 229)

A espiritualidade cristã, a experiência mística de Edith Stein tem corroborado muito para a compreensão de vivências de “cruz”, “dor”, “sofrimento”. A mística como vida radicada na união com Deus em Edith Stein traduziu-se em quatro pontos: a) mística da dignidade do ser humano e da presença de Deus: Stein é testemunha que a dignidade do homem tem seu fundamento somente em Deus; b) mística da visão da fé nos

acontecimentos históricos: a filósofa consegue ler nos acontecimentos da sua vida sinais da ação de Deus na história; c) mística do diálogo e da unidade: a vida de Stein foi uma vida de diálogo, diálogo entre fenomenologia e filosofia tomista, diálogo entre filosofia e mística; d) mística de um amor total, de entrega até o martírio, também conhecida como a *mística da cruz* (FERMIN, 2002, p. 66-67).

Em tempos de isolamento social, a empatia, nos ajuda a compreender que cada indivíduo é uma pessoa. A empatia nos possibilita perceber fisicamente o fim do outro, como um entre muitos. Todos somos pessoas. Como pessoas pertencemos ao um microcosmo integrado em um cosmo espiritual, que se caracteriza pela tomada de consciência das nossas dimensões constitutivas. A empatia, no remete a uma experiência de solidariedade com o outro, de unidade com Cristo-com a Trindade. A empatia nos leva a uma experiência de *Kénoses*, em que livremente, através da doação e da entrega.

A experiência mística em Stein pressupõe não apenas o desejo do conhecimento, mas também a fé, que aqui é entendida como uma percepção de Deus, para a qual a graça é extremamente necessária. Não podemos crer sem a graça. “E a graça é a participação na vida divina. Se nos abrimos à graça aceitando a fé, temos ‘o começo da vida eterna em nós’” (STEIN, 2019, p. 54).

A experiência mística em Edith Stein consiste em “‘ser tocado por Deus e viver uma íntima experiência de Deus’, o que tem força de desprende a alma de todas as coisas criadas, elevá-la e mergulhá-la em um amor que desconhece o objeto amado” (STEIN, 2013, p. 103). Dessa forma, o amor torna-se consequência de uma relação intersubjetiva. Tendo em si a efusão do amor, a alma descobre que pela sabedoria mística de Deus pode alcançar uma pequena luz, para compreender as sendas e pegadas de Deus na alma. É neste sentido que se pode falar em *toque de Deus na alma*. A experiência de Deus define-se, portanto, como algo específico da fé.

Considerações finais

A experiência do COVID-19, é uma experiência de alteridade, de intersubjetividade, de encontro profundo com a própria humanidade. É uma experiência de maturidade espiritual, de certeza e de segurança apoiada no sentimento de que Deus

está presente também no COVID-19 e, nessa experiência podemos sentir-nos tocados por Deus no núcleo mais profundo de nossa alma. O COVID-19 nos leva a apreciar as coisas mais simples, como o ar que respiramos, o oxigênio que purifica nosso sangue, no livra da infecção e nos devolve à família e à comunidade.

Enquanto experiência antropológica, a pandemia não pode nos deixar indiferentes diante do sofrimento do outro. Que este tempo – possa nos ajudar – a tirar o véu, da indiferença e acolher a todos. “Todos somos temos valor igual, nascemos igual em dignidade e nascemos livres, e, por essa razão somos merecedores de respeito, sejam quais forem as nossas circunstâncias exteriores” (TUTU, 2012, p. 68)

Disto resulta, citando, Edith Stein, colocar na cruz com Cristo, sofrer com a humanidade que sofre. Nisso, consiste, a experiência religiosa cristã, ao mesmo tempo a dinâmica da relação de Jesus com o Pai (Abba) e vice-versa e aquela de nos sentirmos revestidos do poder do Espírito de Deus (Ruah) que dá vida e renova todas as coisas.

De fato, é Espírito Santo de Deus, que faz novas todas as coisas (Ap 21, 5b), assim como é a brisa, o sopro mais leve do ar que pode nos ajudar a respirar na ausência de oxigênio na nossa vida. Dessa forma, experimentamos em cada situação a verdadeira liberdade dos Filhos de Deus, porque: “Todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são Filhos de Deus” (Rm 8,14).

Sem sombra de dúvida, a pandemia do COVID-19, que vem adoecendo e matando a todos indistintamente, classes, gênero, etnias, povos etc. trouxe para todos muitos mistérios, os quais ainda não foram decifrados, apesar de os cientistas e pesquisadores já terem avançado em busca de algumas respostas.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A.; PERETTI, C.; SBARDELLA, E. L.; KERCHNER, R. **Fenomenologia da Experiência Religiosa**. Curitiba: Juruá Editora, 2020.

ALES BELLO, Angela. *Il senso del Sacro. Dall'arcaicita ala desacralizzazione*. Castelvechi: Roma, 2014.

ALES BELLO, Angela. MOBEEN, Shahid (a cura di Shahid Mobeen). *Lineamenti di antropologia filosofica. Fenomenologia dela religione ed esperienza mística*. Editrice APES: Roma, 2012.

- BOELLA, Laura. **Edith Stein**. In: CIMINO, Antonio; COSTA, Vincenzo. Storia della fenomenologia. Caroca Editore: Roma, 2012.
- EPIS, M. **Fenomenologia della soggettività**. Saggio su Edith Stein. Led: Milano, 2003.
- HUSSERL, E. **Idee per una fenomenologia una e una filosofia fenomenologica**. Annotazione al § 51, v. 1. Torino: Einaudi, 2002.
- HUSSERL, E. **Lettera a R. Otto**, 5 março 1919, relatada por *Rudolf-Otto-Nachlass*. Marburgo: Univesitätbibliothek.
- OTTO, R. Il sacro. L'irrazionale nell'idea del divino e il suo rapporto al razionale. In: **Opere**, a cura di S. Bancalari. Pisa-Roma: F. Serra Editore, 2010.
- SANCHO FERMIN, Francisco Javier. Escritos Filosóficos. In: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz** (Edith Stein) – (Etapa fenomenológica: 1915-1920). Editorial de Espiritualidad. Editorial Monte Carmelo. Ediciones El Carmen, Madrid: Monte Carmelo, Burgos, 2002.
- SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. As cordas serenas de Ulisses. In: **Ensaio de filosofia - Homenagem a Emmanuel Carenerio Leão**. SCHUBACK, Márcia S.C. (org.). Petrópolis: Vozes, 1999.
- SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L., & DEMENECH, L. M. **Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)**. 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/58>. Acesso em: 04 de junho de 2021.
- STEIN, E. **A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz**. 7. ed. Trad. D. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 2013.
- STEIN, E. **Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu** (1922). Obras Completas, II. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2005b.
- STEIN, E. **Introducción a la filosofía** (1931). Obras Completas, II. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2005c.
- STEIN, E. **La estructura de la persona humana** (1932). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007a.
- STEIN, E. **Scientia Crucis. Studio su san Giovanni della Croce**. Roma: Postulazione Generale dei Carmelitani Scalzi, 1982.
- STEIN, E. **Sobre el problema de la empatía (1916)**. Obras Completas, II. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2005a.
- STEIN, Edith. **L'empatia**. A cura di Michele Nicoletti. Presentazione di Achille Ardigò. 2. ed. Il Prisma. Franco Angeli: Milano, 1992.
- STEIN, Edith. **Ser finito e Ser eterno (1936)**. Trad Zaíra C. Crepaldi. RJ: Forense Universitária, 2019.
- TERRIN, A. N. **Scienza della religione e teologia nel pensiero di R. Otto**. Brescia: Morcelliana, 1978.

TUTU, D. **Deus não é cristão**. Desmond M. Tutu; tradução: Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

VATICAN NEWS. Papa Francisco clama por um novo humanismo. 19 agosto 2019, 15:22. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-08/papa-francisco-prefacio-livro-movimento-populares-humanismo.html>, Acesso em: 03.06.2021.

ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO ONLINE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UMA MODALIDADE TERAPÊUTICA DE CUIDADO DURANTE A PANDEMIA COVID- 19

*Joelma Ana Gutiérrez Espíndula
José Luís Gutiérrez Angulo*

Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou emergência em saúde pública provocada pelo novo coronavírus (COVID-19) em 11 de março de 2020, considerada uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. Atualmente, a sociedade moderna vive uma das suas maiores crises da história que afeta a saúde, a economia, as relações interpessoais e o modo de vida de milhões de pessoas e famílias.

Trata-se de um desafio, pois, nesse contexto que estamos vivendo, foi preciso nos adaptarmos ao imprevisto que irrompeu em nossa vida cotidiana, como um “*Tsunami*”, gerando nas pessoas, especificamente na comunidade acadêmica das Universidades (estudantes universitários, docentes e técnicos) vários fatores estressores que influenciam o modo de ser da vida: incertezas quanto ao tempo “voltar ao normal”, medo (do adoecimento, da morte própria e de seus familiares e amigos próximos), luto, necessidade de afastamento de familiares e amigos e os seus desdobramentos, suscitando mudanças na estrutura organizacional do ensino superior.

Considerando o distanciamento social como uma das medidas de segurança adotada pela Portaria Nº 454 do Ministério de saúde, publicada no dia 20 de março de 2020, que reconheceu a transmissão comunitária do coronavírus (COVID-19) em todo o território nacional. Diante disso, foi seguida a modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE) para complementar o ensino de forma síncrona (aula/estágio *on-line* em tempo real em conjunto professor/supervisor e discente) e assíncrona (atividades, vídeos e aulas gravadas pelo professor). Apesar das dificuldades enfrentadas no ensino da graduação e da pós-graduação com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e com a falta de domínio destas, tanto os alunos quanto os professores vêm buscando se capacitar e/ou exercitar no uso de ferramentas digitais no campo da educação.

A população jovem universitária é um dos grupos mais vulneráveis que merece atenção especial. Em situações de epidemia, o número de pessoas psicologicamente

afetadas costuma ser maior que o de pessoas acometidas pela infecção, sendo estimado que entre um terço e metade da população possa desenvolver alguma manifestação psicopatológica caso não recebam cuidados apropriados (GREFF et al., 2020).

No guia “recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na Covid-19” (NOAL; PASSOS, FREITAS, 2020) realizado pelo Ministério da saúde em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) aconselham manter o contato digital com rede social e afetiva com os familiares e os amigos para minimizar o sofrimento psíquico. Em situação de crise, é comum algumas pessoas necessitarem de maior suporte psicossocial, considerando que as reações psicológicas dependem de fatores como: experiências anteriores de circunstâncias de crise, rede de apoio/suporte e assistência que a pessoa recebeu durante a vida, estado de saúde físico, histórico pessoal e familiar de problemas de saúde mental, além de levar em conta a cultura, a condição socioeconômica, as crenças religiosas e os valores pessoais (ESPÍNDULA, 2020).

Nas pesquisas com jovens universitários durante a pandemia verificaram-se um agravamento dos fatores de risco psicossocial, um aumento significativo de alta incidência de ansiedade, depressão e estresse na sociedade contemporânea que se agravaram nesse período pandêmico, comparados aos períodos anteriores (MAIA, DIAS, 2020; SCHMIDT, CREPALDI, BOLZE, NEIVA-SILVA & DEMENECH, 2020). Esses fatores têm suscitado preocupações nos pesquisadores e profissionais da psicologia e outras áreas das ciências humanas (filosofia, antropologia e sociologia). Uma delas corresponde a identificarmos e divulgarmos aos adolescentes e jovens universitários as ações de proteção e intervenções de cuidado em saúde mental no contexto de pandemia (ESPÍNDULA; ARAÚJO, NO PRELO). É necessário estarmos atentos às suas mudanças de comportamento, que possam apresentar sinais de alerta mais frequentes. Além dos já mencionados, são: sentimentos de solidão, desamparo, desesperança, autodesvalorização, crise existencial, medo da perda do emprego e exposições frequentes a situação de risco.

Nesse período pandêmico, foram encontradas diferentes modalidades de atendimentos psicológicos individuais e grupos para diferentes fases do desenvolvimento humano, seja adolescentes, jovens, adulto, como rodas de conversa por meio da Informação da Comunicação, incluindo *whatsapp*, *internet*, correio eletrônico como maneiras de proteção, enfocando o cuidado na prevenção do adoecimento psicossocial ocasionado pela circunstância (ESPÍNDULA, 2020; GREFF et al., 2020; LINS, 2020; MACÊDO, NUNES, SOUZA, 2020; SOUZA; SILVA e MONTEIRO, 2020).

De acordo com a pesquisa de Pietá e Gomes (2014); Pietá (2014) investigaram a relação terapêutica presencial (face a face) e virtual (on-line), essa última vem mostrando eficácia pelos clientes e viabilidade da psicoterapia pela Internet. Os dados mostraram que não ocorreram diferenças significativas. Os clientes e terapeutas relataram bem-estar com a relação interpessoal ser estabelecido através do ambiente virtual, embora foram apresentadas algumas limitações, como a possibilidade de problemas técnicos, dificuldades para compreender a linguagem corporal e menor contato visual. Tais achados convergem com os resultados desenvolvidos no Brasil e no exterior sobre o vínculo terapêutico e a efetividade da psicoterapia de forma remota. Apesar de ainda a psicoterapia on-line mediada pelas tecnologias digitais (TICs) seja um campo em investigação e carente de diretrizes mais específicas que possam orientar e regulamentar a prática e suas diversas demandas nas universidades públicas e privadas.

Complementando, Souza, Silva e Monteiro (2020) relatam no manual para a prática clínica reflexões sobre as possibilidades de interações terapêuticas por meio da psicoterapia on-line, o que auxiliará a perceber as transformações advindas por meio dos atendimentos síncronos e assíncronos. As autoras buscam nesse livro unir técnica e cuidado, ambos de maneira rigorosa, perspicaz e humana, que relevam as vantagens e desvantagens em diferentes modalidades: atendimentos com crianças, adaptações necessárias, orientações de pais ou responsáveis legais, bem como dicas práticas da terapia individual, terapia de casal e terapia em grupo.

Diante desse contexto pandêmico, algumas pessoas comparam o fenômeno atual a uma interrupção da vida, como se o cotidiano estivesse suspenso e marcado por uma tendência a sobrevivência, outros aproveitam a oportunidade de não invalidar a situação, mas de experienciar, aprender, reinventar, dar-se conta do que está acontecendo e o que essa circunstância está revelando sobre si mesmo, sua relação com o outro e com o mundo da vida (CARRÓN, 2020).

O objetivo desse capítulo é apresentar a experiência de supervisão do Acolhimento psicológico no ambiente virtual, além de demonstrar discussões de dois casos clínicos, na modalidade do aconselhamento psicológico, como estratégia de cuidado em tempos da pandemia COVID-19, favorecendo a prevenção e a promoção da saúde mental. Trata-se da aplicação do método fenomenológico. Procura-se fazer uma aproximação das vivências imediatas apreendidas através da *redução fenomenológica* (epochè) na relação intersubjetiva com os estagiários em Supervisão (de forma remota) e

em seguida um distanciamento, por meio da *redução transcendental* na busca de intervenções e construções de reflexões e estratégias terapêuticas.

Nas próximas sessões desse capítulo serão apresentadas: a descrição do serviço oferecido na UFRR, os aspectos teóricos e metodológicos na abordagem fenomenológica, fragmentos de casos clínicos e intervenções vividas em supervisão com os estagiários. A partir das reflexões e discussões, ressaltaremos como a fenomenologia oferece um caminho possível de conhecimento e compreensão teórico-prático sobre a modalidade do aconselhamento psicológico no ambiente virtual.

Projeto Acolhimento Psicológico on-line durante a pandemia e pós-pandemia

O projeto de extensão “*Acolhimento psicológico à distância em situações durante e após pandemia covid-19*”, coordenado/supervisionado pela Prof.^a Dr.^a Joelma Ana Gutiérrez Espíndula foi inicialmente cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PRAE) e implantado no início de junho/2020, juntamente com vários outros projetos da UFRR, através do Programa de enfrentamento à Pandemia, organizado pela mesma Pró-Reitoria. Os objetivos do projeto são: oferecer uma escuta fenomenológica; acolhimento do sofrimento da pessoa sem julgamentos e pré-conceitos; aconselhamento psicológico na tentativa de minimizar os impactos do distanciamento social na saúde emocional pela pandemia e crise existencial (angústia e ansiedade) para quem busca o serviço. Além de contribuir na formação profissional de estudantes do curso de Psicologia/Centro de Educação (CEDUC) da UFRR e de psicólogos egressos disponíveis em colaborar na assistência psicológica no desenvolvimento de habilidades necessárias para o mercado de trabalho.

O projeto nasceu da adaptação do plantão psicológico (sem agendamento) coordenado pela professora Dra. Joelma Ana Gutiérrez Espíndula para a criação do novo projeto Acolhimento psicológico on-line na UFRR, na modalidade do aconselhamento psicológico (com agendamento) diante do desafio vivido em tempos da Pandemia. O serviço foi oferecido gratuitamente inicialmente somente à comunidade acadêmica (estudantes universitários, docentes, técnicos efetivos e terceirizados) dos três *Campi* da UFRR (Paricarana, Murupu e Cauamé) que esteja necessitando de escuta e de cuidado em situação de crise e emergência, na modalidade on-line. Em fevereiro de 2021 o Acolhimento foi ampliado para os estudantes adolescentes dos cursos fundamental e médio da UFRR, visto que a adolescência é um dos mais sérios problemas de saúde pública na sociedade e merece cuidado, atenção psicossocial e

psicoeducativa. De acordo com a OPAS/OMS (2020), 16% da carga global de doenças e lesões em pessoas de 10 a 19 anos têm sua origem relacionada às condições de saúde mental. Quanto mais vulnerável, maior o impacto na saúde mental de adolescentes, entre os fatores que colaboram para o estresse, estão a busca pela autonomia, identidade (ideológica, profissional e sexual) e maior acesso ao uso de tecnologias de informação.

Outro dado importante a ser considerado da população de Roraima, de acordo com os dados do IBGE (2020), o censo de 2018 aponta 35% da população do Estado de Roraima vivem em extrema pobreza. Acrescenta-se ainda o fato de nos últimos quatro anos terem chegado aproximadamente 40 mil cidadãos refugiados venezuelanos, vivendo principalmente na cidade de Boa Vista em condições de extrema vulnerabilidade social e econômica. Portanto, questiona-se: *como cumprir as recomendações das autoridades de “ficar em casa” diante dos graves problemas sociais que atravessam o Estado?*

Com esse cenário, foi percebida a necessidade de realizar um trabalho social voltado a região de Boa Vista-Roraima, a partir de Julho/2021 o projeto foi implementado para comunidade externa a UFRR gratuitamente. Para solicitar a participação no acolhimento psicológico, o cliente precisa preencher uma ficha de cadastro digital disponível na página do Curso de Psicologia da UFRR (https://ufr.br/psicologia/index.php?option=com_chronoforms&view=form&Itemid=227), informando dados pessoais, motivo da consulta terapêutica, e-mail, telefone para contato, plataforma virtual disponível (*Zoom, Meet* ou *Skype*) e identificar a emergência que foi elaborada pela classificação de cores (amarelo, verde ou azul). Após triagem, a pessoa recebe o primeiro contato o mais rápido possível (no máximo em uma semana) por comunicação assíncrona (pelo aplicativo *WhatsApp*, *SMS* ou por e-mail) para agendamento do atendimento psicológico *on line* pela plataforma digital escolhida.

Atualmente o projeto conta com a colaboração da equipe composta por: psicólogas egressas, estagiários bolsistas extensionistas (três bolsistas selecionadas pelo Edital 007/2021 “Seleção dos programas e projetos de extensão” com o fomento de bolsas para discentes de graduação da UFRR, no âmbito do Programa de Apoio a Ações de Extensão (PAE/UFRR), estagiários voluntários, estagiários das duas ênfases do curso de Psicologia/CEDUC (Estágio em Psicologia nos contextos clínicos e da saúde e Estágio em Psicologia nos Contextos Educativos e Sociais), além de pesquisadores da graduação e pós-graduação.

Desse modo, cada estagiário pode atender até três (3) clientes por semana, podendo remarcar mais dois ou três encontros caso houver necessidade. Assim, por meio de plataformas

digitais as sessões ocorrem com duração de 50 minutos. Após cada encontro ser finalizado, tudo o que acontece e o que é dito durante a sessão são anotados nos documentos de registro (prontuários) pela equipe.

As supervisões e orientações ocorreram/ocorrem semanalmente, no ambiente virtual e em grupo pelo coordenador/supervisor, com duração de três horas nas sextas-feiras, no período vespertino o Estágio com ênfase em Psicologia Clínica e saúde, teve como objetivo a articulação entre teoria e prática em Psicologia clínica, à luz da fenomenologia. Já o estágio com ênfase em Psicologia escolar e social, a supervisão acontece nas quintas-feiras, no período vespertino, em média duas horas por ser um grupo menor. Teve como objetivo proporcionar a articulação entre teoria e prática em Psicologia escolar, baseada na fenomenologia, nos processos de ensino e aprendizagem, enfim, ambos os estágios foram considerados o contexto atual da pandemia coronavírus.

Em relação aos *aspectos éticos* para participar do projeto de extensão Acolhimento psicológico on-line, a equipe vem realizando os atendimentos psicológicos por meio de uma plataforma digital, por meio de *tablet, smarthphone e computador*, seguindo a Resolução nº 04/2020 que regulamenta a prestação de serviços psicológicos e a necessidade de cumprimento do Código de ética Profissional ao realizar o atendimento psicológico on-line durante a pandemia Covid-19, no formato remoto emergencial por meio da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TICS). Foi realizado o cadastro no *e-Psi* pela coordenadora/supervisora do projeto e pelas psicólogas voluntárias (sistema de controle do Conselho de profissionais habilitados). Outro aspecto importante a mencionar é o registro dos prontuários arquivados no google drive no computador da coordenadora da ação (CFP, 2020a, CFP, 2020b).

Um outro desafio foi realizado a capacitação da equipe com livros sobre psicoterapia on-line, artigos e cartilhas disponíveis pela internet, além de *lives* e vídeos disponíveis pelo YouTube e outros. É recomendado também pela equipe o conhecimento do guia de orientações e recomendações à comunidade acadêmica perante o cenário imposto pela atual crise sanitária publicado pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) e pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) que cuidam da formação e atuação profissional “*Práticas e estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da Covid-19: recomendações*” (CFP, 2020a) ressaltam os princípios que norteiam a prática do psicólogo brasileiro: o compromisso ético, o respeito a diversidade, a competência técnica, a inclusão, que só são possíveis a partir de uma formação responsável.

Além do atendimento clínico, a coordenadora/supervisora junto com as estagiárias extensionistas e voluntárias do acolhimento psicológico on-line, foi realizada a produção

de duas cartilhas (uma para idosos e a outra para jovens) psicoeducativas, publicadas pela editora da UFRR, disponibilizadas gratuitamente no site da instituição. Os objetivos desses materiais informativos são identificar os principais impactos psicossociais da pandemia COVID-19 e oferecer orientações para o enfrentamento da mesma (ESPÍNDULA; COSTA, 2020; ESPÍNDULA; SALES, 2020; ESPÍNDULA, ARAÚJO, NO PRELO). As estagiárias extensionistas e psicólogas voluntárias vêm colaborando com a divulgação do projeto e de informações nas redes sociais (*Facebook e Instagram*) para a população em geral de Boa Vista-Roraima, além da produção de artigos.

A outra ação realizada pela coordenadora/supervisora junto com o apoio/parceria da equipe do projeto Acolhimento foi a organização do Evento Internacional intitulado “III Seminário de Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica e I Seminário Internacional de Psicologia, Fenomenologia e Saúde”, com o tema: “Sofrimento Humano, Fenomenologia e Saúde mental em tempos de Pandemia” que gerou a produção desse livro e-book, na segunda edição. A realização foi em Boa Vista – Roraima, nos dias 03 e 04 de dezembro de 2020, na modalidade on-line, em que foi publicado pela USP os Anais eletrônicos (ESPÍNDULA; ANTÚNEZ; ARAÚJO, 2020). Foi organizado com o apoio e parceria do Laboratório de Estudos e Pesquisa de fenomenologia e psicologia (*Fenom-Psi*), da linha de pesquisa “saúde-doença: prevenção, promoção de saúde e intervenção”, do Grupo de Pesquisa: Saúde, subjetividade e Inclusão, do Curso de Psicologia/ CEDUC e do Programa de pós-graduação em Ciências da Saúde/PROCISA da UFRR, junto ao Escritório de Saúde Mental da Pró-Reitoria de Graduação da USP, além do apoio do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche Roma (CIRF), filiado ao *The World Phenomenology Institute*, U.S.A. e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), do GT: Fenomenologia, saúde e processos psicológicos. O evento teve como finalidade estimular a interdisciplinaridade por meio do encontro virtual entre estudantes, pesquisadores, profissionais brasileiros e italianos em relação as pesquisas e as experiências clínicas, nas áreas de saúde, saúde mental, psicologia e psicopatologia fenomenológica, bem como abordar a diversidade teórica e metodológica inerente à Psicologia e sua múltipla interface com as ciências humanas e ciências sociais.

O olhar da supervisora com a equipe colaboradora é fundamentado na psicologia fenomenológica, seja na área da prática clínica ou prática escolar, parte não de conceitos abstratos, mas da própria experiência vivenciada na relação intersubjetiva que se vai tecendo (construindo) na Supervisão em grupo. “As ideias podem abrir caminhos, mas dar passos por esses caminhos é uma questão de experiência. As ideias podem também

instituir descaminhos” (AMATUZZI, 2007, p. 1). Para compreender os processos psicológicos da pessoa, seja individual ou grupal, o ponto de partida é a experiência. Segundo Rogers, são os símbolos da consciência que expressam a experiência.

Eles podem fazer isso adequadamente ou de modo distorcido. Mas também pode não haver simbolização alguma: nesse caso falamos então de inconsciente, na acepção comum desse termo (algo que é da ordem da consciência, mas não foi simbolizado; algo que aconteceu ou está acontecendo no campo psíquico, mas do qual não me dou conta por qualquer motivo) (AMATUZZI, 2007, p. 2).

Complementando, a *consciência intencional* é uma consciência constituída por uma multiplicidade de atos intencionais e cada modo de consciência tem seu objeto (*fenômeno*) e vice-versa. Com essa noção de *intencionalidade*, não é possível referir-se ao fenômeno como algo somente mental como faz a Psicologia, apesar de que o objetivo consista em investigar a consciência humana ligada ao mundo da vida (ESPÍNDULA; GOTO, 2019).

Dentro dessa perspectiva humanista, a modalidade do aconselhamento psicológico é compreendida como um processo interativo, entre conselheiro e cliente, que leva as mudanças no comportamento, nos construtos pessoais, no conhecimento e na habilidade para a tomada de decisão ou capacidade para ser bem-sucedido nas situações da vida. É trabalhado as questões existenciais, os valores liberdade/responsabilidade pelas consequências da direção de sua vida, sentido da vida e os aspectos psicossociais do cliente para que possam ter *insights* no encontro terapêutico seja de forma presencial ou digital, através da tomada de consciência de si mesmo, do outro e do mundo (ESPÍNDULA, 2019). Patterson e Eisenberg (2003) descrevem três fases interativas do processo do aconselhamento, que são: *descoberta inicial*, *exploração em profundidade* e *engajamento para ação*.

A *descoberta inicial*, o conselheiro e o cliente devem estabelecer contato, definir juntos em que ponto o cliente está em relação a sua vida e identificar a natureza de suas preocupações e o conselheiro deve proporcionar condições para desenvolver uma relação de confiança, por meio da compreensão empática, autenticidade e alteridade. A segunda fase, *exploração em profundidade*, segue-se uma conversa que leva a uma compreensão mais profunda das necessidades e dos desejos do cliente no contexto de seu mundo interpessoal, com objetivos de mudança emergindo lentamente. A última fase, *preparação para a ação*, trata-se do planejamento de ações apropriadas, para realizar alguns objetivos identificados. Nesse ponto, o paciente deve avaliar alternativas e

construir planos para conseguir objetivos desejados, e o conselheiro deve ajudar a traçar um conjunto de alternativas e estruturar o processo da tomada de decisão.

Os autores ainda referem que o objetivo do aconselhamento é capacitar o cliente a dominar situações da vida, a engajar-se em atividade que produza crescimento e tomada de decisões eficazes. Isso deseja ser de forma que ocorra um comportamento livre e responsável por parte do cliente, acompanhado da capacidade para compreender e controlar sua ansiedade. Leva-se em consideração que o público que procura esse atendimento apresenta demanda ao conselheiro, de modo que deve trabalhar de forma a proporcionar bem-estar.

Para concluir, foi realizada uma análise descritiva dos dados (prontuários dos clientes e anotações do supervisor) do acolhimento psicológico on-line. Conforme descrito no quadro I, o público atendido, a faixa etária, a urgência de atendimentos foi identificada por cores e o andamento das consultas.

Quadro I - Dados sobre o público atendido no período junho/2020 a maio/2021, faixa etária, urgência de atendimentos e andamento das consultas

Perfil dos clientes	Frequência	Porcentagem
Grupos atendidos		
Estudantes universitários	117	80,69
Estudantes de Pós-graduação	5	3,45
Professores	6	4,14
Técnicos	17	12,00
TOTAL	145	100
Urgência (classificação por cor)		
Amarelo	35	24,14
Verde	24	16,55
Azul	86	59,31
TOTAL	145	100
Andamento das consultas		
Encerradas	127	87,59
Desistências	18	12,41
TOTAL	145	100
Faixa etária		
15 a 21	52	35,86
22 a 28	64	44,14
29 a 35	18	12,41
36 a 63	11	7,59
TOTAL	145	100

Fonte dos autores

O perfil da população atendida no período de junho/2020 a maio/2021 foi: mulheres (71,4%) estudantes universitários (74%), predominou pessoas com idade de 22

a 28 anos (44,14%), seguido da idade de 15 a 21 anos de idade (35,86%), 29 a 35 anos (12,41%) e por último 36 a 63 anos (7,59). Foram realizados 145 casos clínicos dos quais foram encerrados (87,59%), e baixa taxa de desistência (12,41%), o que mostra a qualidade do cuidado oferecido para população atendida. Foram realizados 127 casos clínicos dos quais foram encerrados e apenas 18% de desistência. Totalizou mais de 350 atendimentos psicológicos.

Foram realizados o agrupamento de palavras (por meio da *nuvem de palavras*) observadas nos formulários de cadastro dos clientes arquivados pelo *Google forms* que permitiu classificar os principais motivos da busca por atendimento psicológico (em ordem decrescente) que foram: ansiedade, depressão, desmotivação, problemas acadêmicos (procrastinação, dificuldades para fazer os trabalhos, dificuldades as aulas no ambiente virtual (sistema ERE), seguidos de insônia, insegurança e violência doméstica, pânico, tristeza, ideação e tentativa de suicídio.

Aportes teóricos Metodológicos da fenomenologia para Psicologia Clínica

Ao considerar os desafios do atendimento virtual e a necessidade de reflexões, tanto para os estagiários como para os professores/supervisores sobre o conhecimento e o domínio das tecnologias digitais para a prática clínica em Psicologia na abordagem fenomenológica. Nessa circunstância da pandemia COVID-19, vem se mostrando como um modelo de clínica, mas temos que levar em consideração as peculiaridades e as especificidades para o contexto cultural de cada estagiário e professor/supervisor.

Assim, por meio de os aportes teóricos-metodológicos da Fenomenologia buscase fazer uma análise da experiência que possibilita reflexões sobre as vivências imediatas na relação intersubjetiva (supervisor-estagiário) (eu-tu). O supervisor busca compreender o sentido das coisas ao *voltar “às coisas mesmas”*. Para Husserl (ALES BELLO, 2019a), o precursor da fenomenologia esta é uma capacidade exclusivamente humana e uma atitude fundamental diante da vida, priorizando a essência das coisas, o sentido, em detrimento da própria existência, mesmo que nem todas as coisas sejam imediatamente compreensíveis.

A Fenomenologia busca o sentido daquilo que se mostra para uma consciência. Desse modo, o fenômeno é o manifestar-se do mundo da vida do outro. A apreensão do fenômeno somente acontece na interação da consciência com o mundo. Fenômeno e

consciência são termos correlatos. Os objetos só existem para a intencionalidade da consciência, e esta só existe para os objetos (ALES BELLO, 2006).

Ao compreender a complexidade da estrutura do ser humano, Binswanger, psiquiatra fenomenólogo, não segue somente a estratificação/parte (corpo, psique e espírito), mas foca a dimensão existencial, colocado por Martin Heidegger, e se dá conta da importância de três aportes teóricos essenciais da subjetividade compreendidos por Husserl para avaliar os comportamentos definidos psicopatológicos: empatia (empatia), intersubjetividade e temporalidade (interioridade e exterioridade/passado, presente e futuro) (ALES BELLO, 2019a, ALES BELLO, 2019b).

Trata-se de regressar às experiências vividas, às suas combinações e organizações, tendo como ponto de partida o reconhecimento pelo psicólogo: *quem sou eu? Quem é o ser humano que está diante de mim?* Essas questões nos provocam a olhar para nosso interior, principalmente na época pós-modernidade e na “era do vazio”, podem nos levar ao individualismo, ao consumismo, voltado para a exterioridade, costumes/comportamentos que não nos permitem acolher a finitude e nem apreender e compreender o sentido do sofrimento genuinamente humano. Então, a perspectiva fenomenológica traz que o conhecimento do outro parte de uma atitude essencialmente *intencional*, bem como o tema da subjetividade e da intersubjetividade passam pela estrutura transcendental dos atos vividos, dos quais se têm consciência (ESPÍNDULA, 2019).

Para compreender o sentido do fenômeno “*experiência de supervisão clínica online*”, parte-se da observação, apreensão e análise dessa situação real. Para isso, é necessário percorrer um caminho proposto pelo método fenomenológico instituído por Husserl. Essa redução é composta por dois momentos fundamentais: a *redução fenomenológica* e a *redução transcendental*.

A *redução fenomenológica* marca o começo de experienciar um novo olhar para o ser humano em sua condição humana, no esforço de pensar e refletir o mundo da vida fenomenologicamente, colocando o mundo ‘entre parênteses, ou seja, seria adotar uma *atitude fenomenológica* (parte da experiência entre psicólogo e cliente), não natural, mas que consiste na suspensão (*epoché*) de preconceitos ou quaisquer pressupostos teóricos e conhecimentos diante ao que pretendemos investigar.

É o método fundamental para colocar em evidência o campo fenomenológico-psicológico, e somente por meio disso pode se tornar possível uma ‘psicologia pura’. O sulco entre fenomenologia e psicologia pura parece diminuir ainda mais, o paralelismo entre as duas investigações parece desaparecer em favor de uma coincidência e o que as une é o fato de que são disciplinas eidéticas

tanto a psicologia, que a esse ponto é definida fenomenológica, quanto a fenomenologia transcendental, que se baseia sobre uma análise essencial das *Erlebnisse* (ALES BELLO, 2019b, p. 39-40).

Na *redução psicológica-fenomenológica*, Husserl procura ir do empírico ao fenomenológico, *voltar às coisas mesmas*. Busca descrever os objetos do mundo que são reduzidos as suas essências, mas não basta teorizar a ‘intuição da essência’ (primeiro passo do método fenomenológico) indispensável para aplicação do segundo passo que leva à consciência, por isso à dimensão transcendental (ESPÍNDULA; GOTO, 2019). Em síntese, Husserl percebe que:

se o psicólogo cumpre tal operação em si mesmo (*epochè*), coloca entre parênteses a sua existência mundana e descobre o sujeito puro com as suas intencionalidades, mostrando, em tal modo, a estrutura do ser humano e vivendo em um nível de apoditicidade e de universalidade que não o fecha em si, mas o abre aos outros; de fato, por meio da vivência da entropatia é possível captar a estrutura pura dos outros sujeitos (ALES BELLO, 2019b, p. 40).

Sobre isso, Binswanger vai dizer que todo ser humano tem a constituição de relação intersubjetiva, fundada sobre *Einfühlung* (entropatia ou empatia), isto é, a capacidade de apreender o sentido vivido pelo outro, permitindo delinear “as características do mundo do outro sem projetar o próprio mundo” (p. 114). Ele capta com intensidade, não somente o primeiro passo do método fenomenológico, mas também o segundo passo, como possibilidade de aplicação no âmbito psicoterápico, isto é, a *dimensão transcendental* da consciência, tal como é apresentada em *Ideias para uma fenomenologia pura e filosofia fenomenológica* (ALES BELLO, 2019b). Husserl ressalta que o princípio básico da fenomenologia:

consiste na identificação daquilo que se pode encontrar no domínio da consciência, isto é, aquilo que é imanente. A percepção externa é, na realidade, um ato interior. A regressão à interioridade, todavia, está presente tanto na dimensão psíquica, como naquela transcendental. É esta a novidade e a importância de Husserl para compreensão da mesma psique. É nisso que consiste o ganho da fenomenologia, em relação às outras abordagens, que como aquela de Freud, escavam a psique, mas não percebem a distinção entre os dois âmbitos, necessária para captar, de modo essencial, aquelas que Binswanger chama as “formas imanentes da consciência” (ALES BELLO, 2019b, p.79).

Enfim, é na *dimensão transcendental* que as essências desveladas são evidenciadas pela consciência transcendental, ou seja, é o momento em que há reflexão para que o mundo da vida seja compreendido.

A história de vida ocorre no plano da transcendentalidade das vivências, pelo qual é possível falar do mundo-da-vida como mundo histórico e refazer a gênese do sentido das formações culturais históricas, mas sempre mantendo presente a esfera da subjetividade e da intersubjetividade, que constituem um último ponto de referência (ALES BELLO, 2019b, p. 119).

É no livro *Ser e tempo* que Heidegger propõe o tema da temporalidade ligado a historicidade, mas o tema do tempo é por excelência husserliano. A dimensão das vivências mostra a constituição da temporalidade que, assim, caracteriza a vida da consciência, apenas afirmou que o “Ser aqui é temporal”. Heidegger não adentrou na dimensão da consciência e não propôs a redução transcendental de Husserl, que permitiu escavar na pessoa humana (“eu”) (ALES BELLO, 2019b, p.118).

Desse modo, a descrição fenomenológica se apresenta como método de deixar vir às “coisas mesmas”, ou seja, se debruçar sobre a experiência humana de ser supervisora/coordenadora do projeto Acolhimento psicológico on-line, na relação intersubjetiva (com estagiários e psicólogos) em uma atitude de abertura, acolhimento de deixar vir o sentido do que está ocorrendo e como está ocorrendo e apreendê-la no interior.

A partir dessa base teórica metodológica de compreensão, na próxima seção é descrita a prática clínica tratados em dois eixos temáticos: Eixo I – *Encontro interpessoal na modalidade do aconselhamento psicológico: desafios e limites do atendimento em um ambiente terapêutico on-line*; Eixo II – *O acompanhamento dos Casos clínicos em Supervisão on-line na modalidade do aconselhamento psicológico: reflexões da fenomenologia*.

Prática clínica no Aconselhamento Psicológico na perspectiva fenomenológica

A seguir, é descrita a vivência de Supervisão de grupo com os estagiários (extensionista, voluntários e estágio da psicologia clínica) e psicólogas egressas, realizado na modalidade do aconselhamento psicológico. Foi procurado mostrar acontecimentos tal como vividos os encontros de forma remota, os fragmentos de dois casos clínicos acompanhados em supervisão, escritos nos prontuários pela equipe, os tipos de intervenções e a relação intersubjetiva.

Adotou-se o seguinte procedimento metodológico: relatos de caso clínico por temática, a correlação com alguns elementos teóricos-metodológicos da fenomenologia e as considerações finais que abordam a compreensão teórica da clínica, mostrando como é possível ocorrer uma interação adequada e um vínculo de confiança no processo terapêutico mesmo de forma remota.

Eixo I - Encontro Intersubjetivo na modalidade do aconselhamento psicológico: desafios e limites do atendimento em um ambiente terapêutico on-line

Na interação em que acontece o atendimento on-line, o ambiente é dobrado ou até quadruplicado. O terapeuta está em seu ambiente (escritório da sua casa, no quarto, na sala) vendo o cliente pela câmera do computador, *tablet* ou celular e o cliente em seu espaço (no seu quarto, sala da sua casa ou escritório do trabalho). Foram discutidas em Supervisão algumas questões que surgiram sobre o atendimento psicológico on-line: *qual é o ambiente adequado para realizar o atendimento? Quais cuidados devem-se ter com o espaço para estruturação de uma interrelação com o outro?*

Temos dois ambientes desiguais. Cada um pode ter em sua tela, uma outra tela menor, que fica no canto superior direito, em que aparece a própria imagem, como um espelho, em que cada um pode ser visto. Por meio da experiência, essa tela cria outro ambiente, desta vez, em relação como o estagiário/psicólogo(a) se vê. Com isso, temos mais outros dois espaços como horizontes de possibilidades de surgimento de experiências, ao longo do atendimento e/ou supervisão. O desafio vivido também é de ambos (cliente/terapeuta ou supervisor/estagiário) terem uma conexão segura com a internet. Terá de ter uma alternativa caso a conexão seja interrompida e tenha que reiniciar novamente ou remarcar a sessão em caso de problemas técnicos.

Vou apresentar este tema trazendo dois exemplos de casos clínicos acompanhado em Supervisão remota. Foram realizados pela estagiária dois encontros virtuais na modalidade de Aconselhamento psicológico no mês de maio de 2021. Trata-se do atendimento de uma cliente, J., tem 18 anos de idade. Ela traz um histórico de fortes laços afetivos e dependência emocional com a mãe. A mãe é superprotetora, os pais se separaram quando ela tinha apenas 5 anos de idade. Seu pai se casou novamente e tem um filho dessa relação. Ela tem um irmão mais novo que vive na mesma casa e uma irmã mais velha que mora nos Estados Unidos. Ela fez terapia anteriormente após a separação dos pais, no entanto, não se lembra dessa época.

Na primeira Sessão, ela entrou na sala virtual antes do horário. Esse tempo foi dado orientações e esclarecimento de dúvidas sobre como funciona o serviço e responder o contrato terapêutico on-line. Começou contando o motivo de ter procurado o atendimento, que vem se sentindo muito desanimada e desmotivada, isso vem atrapalhando o seu rendimento na Universidade, falta de concentração nas aulas remotas e as vezes têm procrastinado às tarefas escolares. Relatou que vem se sentindo

sobrecarregada, desde que sua mãe contraiu coronavírus, em novembro de 2020. Ela ficou com a responsabilidade em cuidar da mãe e levá-la ao médico. Teve muito medo de perdê-la e não saberia o que fazer da vida caso acontecesse algo, disse que se sentiria “um 0 à esquerda”. Essa é a relação mais próxima que ela tem, pois o relacionamento com o pai e os irmãos é mais distante.

Contou sobre o impacto sócio-afetivo vividos durante o distanciamento social pela pandemia COVID-19 ao fazer contato e interação com amigos de forma virtual para conversar sobre seus sentimentos e emoções e o quanto se sentia insegura diante da impotência em lidar com essa situação. Foi discutido na sessão sobre isso, foi formulada intervenções que auxiliasse a cliente a refletir e a identificar estratégias para lidar com essas situações difíceis para ela. Referiu se sentir desvalorizada pelos amigos, apesar de eles terem comportamentos que demonstram o contrário. Relatou que geralmente deixa as coisas acumularem até virar “uma bola de neve”. No final, verbalizou os benefícios do atendimento on-line, pois estava apreensiva como seria o atendimento em um ambiente virtual. Mencionou que estava sentindo valorizada e reconhecida ser escutada, conversar e ser acolhida por outro ser humano mesmo de forma remota foi uma experiência boa estar observando coisas que antes ela não se dava conta.

No segundo encontro, mais uma vez, J. disse que depois do primeiro encontro tinha refletido sobre muitas coisas que foram conversadas na sessão anterior. Voltou ao assunto da mãe e o medo de perdê-la. Foram trazidos outros assuntos sobre seus modos de ser no mundo da vida, como por exemplo, o fato de ela se sentir muito insegura em diversas questões de sua vida. Isso vem lhe ocasionando sofrimento e, logo, sentimento de impotência.

Nesse mesmo encontro, ao retornar como foi sua semana, surgiu o assunto sobre seus amigos. De forma contrária ao que sente, eles demonstraram preocupação, quando ela desaparece das redes sociais. Seus sentimentos de incapacidade também são confrontados com a realidade, quando percebe que consegue realizar certa atividade que estava adiando. Falou sobre a faculdade e que suas dificuldades têm sido na adaptação, já que saiu direto do ensino médio. Na adaptação ao ensino remoto, disse que tem se saído bem. Deu-se conta, então, que o problema não é seu desempenho. Foi tratado sobre isso e feito intervenções para perceber seu comportamento e modos de ser no mundo consigo e com o outro. Ao longo da sessão, declarou que o fato de, muitas vezes, agir de maneira ‘disfuncional’ lhe traz alguns prejuízos, ocasionado por se sentir incapaz e insuficiente

para conseguir lidar com as situações. Ela, até, então, relatou que não havia percebido o quanto é insegura.

Levando em consideração tudo o que foi conversado nos encontros anteriores, ela pareceu se dar conta de seus padrões disfuncionais e da importância em refletir sobre isso para que ela possa descobrir as razões de suas inseguranças. Além disso, para ela é importante que algo pareça real, ou seja, não esteja apenas no campo das ideias. J. percebeu que necessita colocar em ação e em prática muitas coisas: conversar com uma pessoa que tem algum conflito, começar mais cedo as atividades da faculdade, não deixar os problemas acumularem por ter medo das consequências.

O relato de J. em participar do aconselhamento psicológico foi muito importante para ela. Em apenas três encontros, conseguiu descobrir muitas coisas nela que antes estavam escondidas. Além disso, considera importante começar uma Psicoterapia, mesmo em um ambiente virtual.

Uma outra apresentação de caso clínico procura mencionar como no ambiente virtual é importante uma atitude descritiva, incluindo elementos que estão presentes neste campo experiencial. Uma cliente “A”, que tem 18 anos de idade, estudante do Centro de Educação (CEDUC) da UFRR relatou no primeiro encontro, que procurou o serviço pela dificuldade em lidar com a pandemia. Está desanimada em conversar com os amigos e fazer as atividades da Universidade. Sua principal demanda identificada foi conflito com a mãe: “senti humilhação, a mãe colocar ela (a filha) sempre para baixo” (nesse momento saiu lágrimas dos olhos da cliente). Tem se sentido muito sozinha, pois a pandemia afetou seu círculo de amizades. Em casa, apesar de morar com a família, tem pouco contato com todos. A sua relação com a mãe é permeada de conflitos. Sente-se julgada e com medo de falar sobre seus sentimentos. Tem temores em relação ao que aconteceria caso sua mãe soubesse que ela precisa de ajuda e o quanto suas atitudes têm a magoado. Contou que sua mãe desaprova o curso que escolheu e, por isso, muitas vezes, a humilha. Contou que não revida nas discussões e que sua reação é ir para o quarto e chorar. A sua relação com o pai é muito pouca. Ele mora em M., devido ao seu trabalho. Contou sobre o quanto tem se sentido desanimada em fazer as coisas que gosta: que são escrever histórias e jogar de forma remota com os amigos. Além disso, relatou pensamentos estranhos, que segundo uma psicóloga na qual ela teve contato anterior, seriam pensamentos suicidas, pois sente vontade de sumir, às vezes. Na adolescência, sofreu *bullying* na escola, o que ocasionou em crises de ansiedade e autolesão. No entanto, atualmente não apresenta tais comportamentos.

No segundo encontro, muitos assuntos que foram conversados anteriormente voltaram à discussão. Inicialmente, contou que poucos dias depois do primeiro atendimento teve uma discussão com a mãe. Foi questionada a falar sobre o desejo da cliente em relação a mudança de curso e seus sentimentos. Relatou que sua mãe faz pressão para que ela preste o vestibular novamente e tente aprovação em Medicina. Disse que não gostaria de desistir do curso na Educação, mas não quer decepcioná-la. Ela demonstrou dependência da opinião de sua mãe. Contou que se percebe com uma visão pessimista da vida, que sempre as coisas vão dar errado. Foi trabalhado o que ela gosta de fazer e lhe faz sentir bem. Relatou que voltou a escrever e que isso lhe faz muito bem. Realizar essas atividades serve para que ela consiga expressar seus sentimentos e o quanto podem ter um papel positivo. Foi discutido também como seriam as consequências de optar por seguir as vontades da mãe e o quanto isso poderia afetá-la. Nesse mesmo encontro a estagiária percebeu uma certa melhora da cliente em lidar com suas questões.

Parte II – Supervisão em Grupo na modalidade do aconselhamento psicológico: discussões e reflexões da fenomenologia

Em *supervisão*, foi realizado o treino do método fenomenológico através da descrição fenomenológica, procura-se em cada encontro em grupo, seja na modalidade presencial ou on-line busca-se fazer a compreensão dos casos clínicos relatados pelos(as) estagiários(as), uma escuta atenta, sem julgamentos e preconceitos do outro em sofrimento. Em seguida procura-se apreender e analisar fenomenologicamente o fenômeno “*experiência da supervisora on-line e a relação intersubjetiva*” (redução e reflexão fenomenológica/ dimensão transcendental da consciência).

O objetivo principal do encontro da Supervisão é ajudar o outro a perceber como se sentiu na relação com o outro, a tomada de consciência do que aconteceu e está acontecendo (temporalidade) na vida do outro e ajudá-lo na caminhada de forma a possibilitar uma ação mais ativa e potencializadora por sua parte. A *temporalidade* se apresenta em *dar-se conta* com o que se passa na sua interioridade (ressonância do outro em nós), seus recursos próprios, emocionais e valores.

Vale ressaltar outro importante auxílio na supervisão. Além da fenomenologia, é importante conhecer e discutir as três fases do processo de aconselhamento psicológico aplicado em supervisão e no atendimento psicológico: *descoberta inicial*, *exploração em profundidade* e *engajamento para ações* descritas anteriormente na seção descrições do

projeto acolhimento psicológico. O foco é nos sentimentos, nos comportamentos, nas emoções e nos constructos pessoais do(a) cliente (por exemplo: ambos os relatos dos clientes apresentaram em comum não se sentirem valorizados para seus amigos; sentimento de insegurança dificuldades nas interações sociais, afetivas e familiares). Ao oferecer o *feedback* positivo das várias coisas que eles(as) vêm fazendo e dando conta, mesmo com a sobrecarga de atividades, o reconhecimento das suas possibilidades e limites, além da liberdade de aceitar participar do encontro terapêutico de forma remota.

Em geral, os encontros de Supervisão ocorreram de maneira bem-sucedida, embora em alguns momentos aconteceram algumas interferências no sinal da internet, mas voltávamos para a plataforma virtual. O aconselhamento psicológico possibilitou discussão/reflexão e demonstrou ser um espaço propício para que os sentimentos sejam descobertos, em que as situações vividas puderam ser vistas sobre uma perspectiva humanista.

Em ambos os casos foi conversado em supervisão como começar a atender on-line? Em que momento aplicar o formulário do contrato terapêutico formal da prestação de serviços (pelo *google docs*)? Normalmente o envio desse formulário era antes do atendimento on-line do cliente, contendo informações sobre privacidade, espaço, tempo, sigilo e a aceitação dos termos desse contrato pelo cliente. Também o cliente poderia enviar por e-mail para o(a) estagiário(a) (ou psicólogo) que está de acordo com os termos e que desejava realizar o atendimento no formato on-line.

A partir daí, foi realizada pela supervisora a escuta atenta como ocorreu o processo do aconselhamento em cada sessão. É orientado tomar contato com a experiência vivida no encontro, organizando os relatos dos temas principais abordados e trabalhados em cada encontro: a descoberta inicial, a exploração em profundidade (clarificar a demanda para a cliente). Foi levantado alguns tipos de intervenções: “*Como está a rotina durante a pandemia? Como está lidando/adaptando com o que está acontecendo?*” Por último, a partir dos encontros terapêuticos é sugerido um Plano de ação, possibilidades observadas e identificação de estratégias/recursos de enfrentamento/ adaptação.

A relação interpessoal virtual (estagiária e cliente) foi construída na supervisão ao longo dos encontros, proporcionando um espaço seguro, sem julgamentos, fazendo com que os estagiários se sintam à vontade para expressarem o que aconteceu, como ocorreu a sua relação terapêutica, como se sentiram, proporcionando o vínculo de confiança. Foram expressados seus questionamentos e possíveis sugestões de tipos de intervenções

que auxiliaram os estagiários a pensarem e afrontarem as circunstâncias junto com suas clientes.

A partir da escuta atenta e do acolhimento de cada membro da equipe em Supervisão, é identificado os diferentes tipos de intervenções utilizados: de apoio, interrogação, reflexão de sentimentos, confrontação, dramatização, histórias, técnicas lúdicas, técnicas de desenhos, além de orientações específicas necessárias para auxiliar os estagiários e psicólogos na tomada de consciência do cliente, para dar-se conta de seus sentimentos, conflitos e relações interpessoais. Em relação a isso, “o sentido da experiência vivida, dos atos vividos, os *Erlebnisse*, fundamentais para proceder à descrição essencial da constituição do mundo subjetivo e intersubjetivo” (ALES BELLO, 2019b, p.114) ocorrido no atendimento e re-experimentado em supervisão.

Ao observar esses dois casos de estudantes universitárias descritos anteriormente ficou claro quantos conflitos perpetuaram na vida deles. Elas demonstraram dificuldades para se adaptar ao novo estilo de vida e a nova modalidade de ensino remoto emergencial (ERE) da Universidade, o que levou a diminuição da motivação e do rendimento como antes da pandemia quando tinha uma rotina de estudos, além de ter que ajudar nas tarefas domésticas, devido a uma sobreposição de tarefas a ser administradas, geraram aumento de ansiedade e, possivelmente, sintomas depressivos. Elas relataram que perderam um importante espaço de convivência e de relações interpessoais. J. relata que “vem agindo de maneira disfuncional e lhe traz alguns prejuízos, ocasionado por se sentir incapaz e insuficiente para conseguir lidar com as situações”. Está claro que isso traz a diminuição na capacidade de se concentração e produtividade, seguido de declínio. *O que há na sociedade que beneficia o surgimento de formas/modos de ansiedade e depressão?*

Esse processo pode ocasionar dois sintomas: na depressão “há uma languidez do corpo, como se faltasse energia para continuar; na ansiedade, acelera os movimentos e há um estado de se preparar constantemente para reagir a possíveis ameaças, tirando a concentração do indivíduo no *aqui-agora*” (LIMA, 2020, p. 105).

Em relação a interação social, as clientes relatadas anteriormente mostraram diminuição dos laços sociais com amigos e com o passar do tempo mostram enfraquecimento. Nesses casos, a convivência familiar aumentou e se verificou duas coisas: os laços se estreitaram e os conflitos se tornaram mais frequentes. Ambos os casos descritos mostraram preocupação com o futuro e com as escolhas que precisam tomar. Assim, levando essas problemáticas trazidas, verificou-se que a modalidade do aconselhamento psicológico pode facilitar o contato com nossa liberdade e

responsabilidade de sermos livres. É tal abertura ao encontro com a própria existência, em meio aos obstáculos, que deve ser buscada no aconselhamento psicológico.

J. demonstrou também conflitos relacionados à dependência materna, desejo de morar fora do país, mas ao mesmo tempo não teve coragem de deixar a mãe sozinha. Relatou que tem dificuldades em tomar decisões, sejam eles externos ou internos. Isso vem lhe trazendo prejuízos, além de ansiedade, angústia e culpa.

Esse movimento de paralisação se percebe quando A. relata que tem deixado de fazer muitas coisas, sente-se muito desanimada. A sua ansiedade aparece em relação aos conflitos que tem com a mãe, o medo e a preocupação em relação a ter que escolher entre o que sua mãe quer ou escolher o que realmente deseja para o seu futuro profissional. Em relação a isso, é preciso discernir entre sentimentos de ansiedade e medo, sendo a primeira conceituada como antecipação de ameaça futura, enquanto a segunda é considerada uma resposta emocional a ameaça percebida ou iminente (DSM-V, 2014).

Em relação a angústia e a culpa, Boss (1981) afirma que são fenômenos humanos significativos e dominantes na vida de cada ser humano. Portanto, alerta que o domínio deles na vivência cotidiana pode levar ao adoecimento, ou seja, quando significa uma ameaça na possibilidade de não poder estar aí no mundo humano, podendo gerar um tédio, uma neurose do vazio. Pode-se concluir que (Boss, 1981):

toda angústia e toda culpa, cada um deles propõe duas questões fundamentais próprias, de cuja resposta conveniente depende toda a compreensão de seu sentido. Cada angústia humana tem um de que, do qual ela tem “medo” (4) e um pelo que, pelo qual ela teme. Cada culpa tem um o que que ela “deve”, e um credor (5) ao qual ela está devendo (p. 26).

Em relação a isso, foi refletida em supervisão a importância na atualidade da necessidade de darmos atenção ao outro e a possibilidade de partilhar na relação interpessoal com serenidade e equilíbrio “um estilo de experiência comum” - entropatia (ou empatia) para indicar o reconhecimento intuitivo da alteridade (*alter ego*) semelhante a mim na estrutura essencial que todos somos constituídos, ou seja, uma via que possibilita uma comunhão, aproximação e compreensão mais profunda do outro. Temos diferentes modalidades de viver que “envolvem a simpatia, a atenção, a benevolência, o amor: todos esses são momentos que podem ser *vividos* em concomitância, mas requerem, em primeiro lugar, o originário reconhecimento da alteridade e a nossa capacidade de ter vivências” (ALES BELLO, 2019b, p.25).

Em síntese o conceito *Entropatia*, como proposta por Edith Stein pela fenomenologia:

vivência através da qual reconhecemos o *alter ego*, semelhante a mim nas estruturas essenciais, mas único nas suas especificações pessoais – que permite que façamos o salto para a universalidade, enquanto se trata da intuitiva e imediata colocação em evidência do que é comum, ainda que na particularidade da experiência vivida dentro de uma irrepetível singularidade (ALES BELLO, 2019b, p. 25).

Foram levantadas as seguintes questões pela supervisora: *como podemos auxiliar o cliente na reorganização e criatividade diante das mudanças impostas pela realidade (pandemia COVID-19)? Que tipo de recursos internos (otimismo, determinação, fé e esperança) e externos (rede de apoio da família, amigos e vizinhos) o cliente possui?* Outro recurso terapêutico foi sugerido como técnicas de desenho e escrever sobre sentimentos (no intuito de fortalecer autoestima, autossuporte) (OAKLANDER, 1980).

Em uma das supervisões foi solicitado pelos estagiários relatarem a experiência vivida com seu cliente. *Como tem sido para você a experiência da consulta terapêutica na modalidade on-line?* Algumas respostas das estagiárias foram:

A experiência tem sido bastante proveitosa, por ser uma forma de atendimento atual e alinhada com o momento em que estamos vivendo, acredito que seja mais acessível e se adapte melhor às necessidades dos clientes. E ao mesmo tempo desafiadora... (Maria)

Cria-se por parte do cliente uma certa expectativa em está em um atendimento online, uma vez que expor suas situações de vida para um estranho na internet é muito difícil; isso ouvi de todos os clientes que atendi. A experiência que obtive foi de acolhimento, ter empatia e fazer orientações psicoeducativas... Sem dúvida a maior experiência foi da escuta ativa e não perder nenhum detalhe do relato do cliente (Letícia).

No geral, os principais sentimentos suscitados ao longo da supervisão on-line do projeto acolhimento psicológico pelos estagiários (as) e psicólogas foram: medo de errar, falar ou fazer algo inapropriado (mesmo sabendo que todo estagiário ainda está aprendendo e errar também faz parte), ansiedade para começar os atendimentos, receio de atender algum caso mais grave. Entretanto, após cada atendimento era intercalado com a supervisão para a discussão da teoria e prática, na modalidade do aconselhamento psicológico. Nessa relação terapêutica eles auxiliavam o outro a dar-se conta de si mesmo, sendo percebido diversas vezes pela cliente durante a fala. A maioria expressou com alegria e entusiasmo o desejo e o interesse em aprender mais no próximo semestre.

Em relação a isso, a situação da pandemia COVID-19 mostrou como a supervisão a distância pode ser considerada um espaço de acolhida, empatia, troca de experiência e aprendizado, tanto para os estudantes estagiários, estagiários extensionistas, estagiários voluntários e psicólogas quanto para supervisora. Assim, como a prática psicológica por

meio do uso das tecnologias de comunicação e informação (computador, telefone, e-mail, whatsapp) mesmo com algumas falhas de conexão, apresentaram bom funcionamento e ocasionaram saúde mental e bem-estar aos clientes. Os estagiários têm necessidade dessa relação intersubjetiva, para olharem para si mesmos, mesmo diante de uma presença (rosto virtual) sendo vista através da tela de um computador ou *tablet* reconheceram que tem outro ser humano semelhante a eles (aproximação/entropatia) que necessita de suporte/apoio psicossocial.

A partir desse *feedback* da supervisora, o estagiário sente-se seguro para seguir o próximo atendimento com certa segurança e liberdade para escutar e acolher o seu cliente. Eles(as) relataram que o estágio foi a primeira atividade realmente prática e enriquecedora, possibilitando experienciar ainda na Universidade atendimentos na modalidade on-line. Ainda, o estágio permitiu haver um aprofundamento de tudo o que foi estudado ao longo da graduação: a ética profissional, o sigilo terapêutico, o contrato terapêutico adaptado pelo *Google forms* e estudos de casos clínicos.

Ao pensarmos a estrutura universal de todo ser humano, reconhecemos que estamos diante de outro ser humano como nós (entropatia ou empatia), que porta um corpo físico determinado e, ao mesmo tempo, é único e irrepetível. O impacto experiencial consigo mesmo e com o outro acontece, em primeiro lugar, por meio da corporeidade. Complementando, devemos nos dar conta que possuímos a capacidade de ir da singularidade à universalidade e às avessas. Essa possibilidade apresenta vantagens e desvantagens: de fato, se pararmos na evidenciação da universalidade escapa-nos a singularidade e o plano experiencial (ALES BELLO, 2019a).

Enfim, na Supervisão em grupo foi buscado o equilíbrio na capacidade de considerar os dois momentos (singularidade e universalidade) que se complementam e que pode dar resultados superabundantes ao “pensar a experiência. Em seguida refletir e criar possíveis estratégias de intervenções, que vão sendo tecidos os comentários/reflexões da supervisora, junto com os estagiários ao longo da supervisão. Levamos em consideração a experiência advinda de um conhecimento adquirido com a prática clínica fenomenológica em Supervisão com os casos atendidos pelos estagiários do projeto Acolhimento psicológico on-line. Os estagiários aceitaram o desafio de realizarem os atendimentos em uma modalidade on-line. Eles se mostraram muito bons. Foram notáveis o crescimento e o desenvolvimento deles ao longo do processo de treinamento. Todos mostraram competências com êxito para tornarem futuros profissionais. Eles também compartilharam várias vezes a vulnerabilidade social de outros

universitários e mesmo alguns fazendo parte desse universo mostraram uma escuta qualificada e interessada no outro, no esforço de realizar uma postura fenomenológica na clínica. Eles procuraram caminhar na direção de encontrar palavras e sentidos, da ressonância do outro em seu interior, na qual possibilitasse a mudança no ser desse outro, mediada pela escuta facilitadora. Também todos membros da equipe colaboradora relataram desejo, sede de aprender e continuar a experiência enriquecedora no estágio prático supervisionado no próximo semestre.

Considerações finais

O contexto atual de pandemia do Covid - 19, pelas situações de quarentena e isolamento social, repercute significativamente na saúde mental da população universitária. Desencadeou uma experiência coletiva em toda humanidade de medo pela contaminação, tristeza, solidão, angústia perante tantas incertezas e ameaças que nos remetem a ansiedade elevada, por exemplo lidar com a morte de um ente querido, luto, perder o emprego ou medo de perder o emprego. Diante das restrições do isolamento social e do sistema público de saúde quase em colapso por conta da grande demanda tornou-se mais difícil ainda conseguir atendimento psicológico gratuito.

É importante salientar nesse capítulo o que nos lembra Edith Stein e os ensinamentos da Ales Bello sobre todos nós termos uma condição humana que porta consigo a nossa singularidade. É um ponto de referência indispensável. Sempre temos necessidade de outro ser humano, ou uma comunidade em que possa ser acolhido. Reconhecer que somos seres sociais e é através da relação com os outros que nos fazem desenvolver, crescer, nos auxiliam e depois cada um de nós segue seu caminho. Esse que foi ajudado, por sua vez, deve fazer o mesmo com quem se encontra no mundo da vida.

Desse modo, o serviço “Acolhimento psicológico à distância em Situações durante e após pandemia do Coronavírus para comunidade da UFRR” torna-se de suma importância, pois possibilita que pessoas que não tenham condições de pagar um atendimento particular possam se beneficiar. Além disso, nessa circunstância pandêmica verificou-se, a partir dos relatos dos estudantes universitários, casos crescentes de ansiedade, insônia, crise, tristeza, insegurança, angústia, desmotivação, depressão, (pensamentos e tentativas) de suicídio, medo e cansaço. Na experiência das pessoas que buscaram o Acolhimento, pode-se perceber ainda que a maioria dos estudantes

universitários não aprenderam a olhar para si mesmo (na interioridade), a conhecer a si mesmo.

É preciso de um espaço de escuta, acolhimento, sem julgamentos, que buscou colaborar com o outro para entrar em contato com a experiência que se encontra na circunstância atual da pandemia COVID-19 para que possa dar sentido para o sofrimento e para que possa trilhar o seu caminho. Escutar os relatos das experiências dos clientes em Supervisão pela equipe promoveu o entendimento de que é necessário cuidar não apenas do corpo, mas que também a saúde mental merece cuidado.

A clínica psicológica dentro dessa abordagem humanista propõe um novo olhar e respeitar todas as experiências do cliente e sua autonomia para ressignificar a sua história de vida, sendo que, para isso, o terapeuta deve ir para além de apenas ouvir as palavras ditas, utilizando-se de uma escuta ativa e empática para chegar ao significado do contexto que está sendo dito pelo cliente. Para tornar mais preciso, o terapeuta se coloca em uma postura de facilitador das expressões de seu cliente. Para isso, não se utiliza de interpretação, mas de uma compreensão fenomenológica imediata do cliente. Podem-se perceber os *benefícios* do atendimento psicológico on-line para a formação profissional das estagiárias e psicólogas a oportunidade de troca de experiências diante dessa situação dramática e permeada de desafios diante da pandemia COVID-19 vivenciada por toda humanidade.

As reflexões *do serviço aconselhamento* na Universidade Federal de Roraima possibilitou um espaço para entrar em contato com a experiência vivida e transformação através de um encontro interpessoal, bem como auxiliar os estagiários em supervisão em lidar com seus sentimentos em relação ao encontro terapêutico e essa circunstância que fossem desvelados e refletidos. Essa situação nos expõe a olharmos para nossa fragilidade e adquirirmos novas formas de viver e conviver com a realidade. Como seres humanos, todos temos potencial e capacidade de flexibilidade, criatividade e adaptação. Em tempos difíceis, podemos também buscar suporte para restabelecer a saúde e bem-estar.

Diante disso, conclui-se que haja a necessidade de políticas públicas nas Instituições de criar um espaço de escuta, acolhimento para os estudantes universitários que possibilite um encontro com o outro para oferecer um diálogo e reflexão, alicerçado numa teoria que propõe olhar para o outro em sua condição humana, a partir das suas experiências de vida e na sua singularidade.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. **Fenomenologia do corpo e da sexualidade: aspectos antropológicos e psicológicos**. Espíndula, J. A. G. (Org.) Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. Editora UFRR, 2019a. <http://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=414>

_____. **O sentido do humano: entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia**. Tradução de Adair Sberga, Joelma Ana Guitiérrez Espíndula. São Paulo. Pulus, 2019b.

2019b.

AMATUZZI, M. Experiência: um termo chave para a Psicologia. **Memorandum** 13, novembro de 2007. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/amatuzzi05.pdf>

ANDIFES. V Pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural do (as) Graduandos (as) das IFES, 2019. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARROS, M. B. et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v.29, n.4, p.1-12, Brasília, jul 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ress/2020.v29n4/e2020427/>

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial**. Tradução Spanoudis, B. 3edição, São Paulo: Duas cidades, 1981.

CARDOSO, C. L. **O plantão psicológico em tempos de pandemia**. Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (Org.). Olhares da Gestalt-terapia para a situação de pandemia. Organização: ABG, Curitiba: CRV, Vozes em letras, v. 1, 2020.

CARRÓN, J. O despertar do humano. Edição Italiana, Milão, abril de 2020 (e-book).

<https://portugues.clonline.org/not%C3%ADcias/atualidade/2020/04/20/carron-o-despertar-do-humano>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da COVID-19: recomendações** [recurso eletrônico] / Conselho Federal de Psicologia e Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. Brasília: CFP, 2020a. Disponível em https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientac%C3%A7%C3%B5es-formac%C3%A7%C3%A3o-e-esta%C3%B3gios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução Nº 4, de 26 de março de 2020.** Brasília, 2020b. Disponível em <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao>.

ESPÍNDULA, J. A. G. (Org.) **Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa.** Editora UFRR, 2019. <http://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=414>)

ESPÍNDULA, J. A. G.; GOTO, T. A. Algumas reflexões sobre a fenomenologia e o método. In: Espíndula, J. A. G (Org.). **Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa.** Editora UFRR, 2019. <http://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=414>)

_____. Experiência do acolhimento psicológico mediado pelas tecnologias digitais durante pandemia Covid-19. **Cadernos de extensão UFRR.** Boa Vista, 2020. p. 22-28.

ESPÍNDULA, A. G., COSTA, R. C. M. Cartilha: **O idoso e a Covid-19: Cuidados e ações de enfrentamento** [recurso eletrônico]. Editora UFRR, 2020. Disponível em: <<https://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=464>>

ESPÍNDULA, A. G., SALES, P. F. S. DE. Cartilha: **Jovens adultos e Atenção psicossocial no enfrentamento da Covid-19** [recurso eletrônico]. Editora UFRR, 2020. Disponível em: <https://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=463>]

ESPÍNDULA, J. A. G.; ANTÚNEZ, A. A.; ARAÚJO, N. P. (Org.). e. Sofrimento humano, fenomenologia e saúde mental em tempos de p**Anais do III Seminário de Fenomenologia e Psicologia e do I Seminário Internacional de Psicologia, Fenomenologia e Saúd**andemia. São Paulo, SP: IPUSP, 2020. <https://ufrr.br/seminario-fenomenologia/index.php/producao-de-anais>

ESPÍNDULA, J. A. G; ARAÚJO, S. da R. Cartilha: **Orientações em cuidado da Saúde Mental de adolescentes e adultos no contexto da pandemia COVID-19. (NO PRELO).**

GREFF, A. P. et al., **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: suicídio na pandemia COVID-19.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. 24 p. Cartilha.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2020. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/pesquisa/45/88270>

LIMA, M. M. de. **Depressão e ansiedade como expressões da angústia existencial: uma perspectiva fenomenológica do sofrimento psíquico na pós-modernidade,** dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2020. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40630/1/2020_MarianaMon%c3%a7%c3%a3odeLima.pdf

MACÊDO, S.; NUNES, A. L. P.; SOUZA, M. P. G. de. Hermenêutica colaborativa na pesquisa fenomenológica interventiva com universitários em sofrimento psíquico. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, v. 1, n. 2, p. 349-372, 2020. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/33>.

MAIA, B. R., DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estud. psicol** (Campinas). 2020; 37: e200067.

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/k9KTBz398jqfvDLby3QjTHJ/?lang=pt&format=pdf>

MELO, B. D. et al. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: recomendações aos Psicólogos para o Atendimento Online, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%B5es-gerais.pdf>

OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo, Summus, 1980.

OPAS/OMS. Saúde mental de adolescentes, 2020. <https://www3.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>

PATTERSON, L. E. **O processo de Aconselhamento**. Martins Fontes Editora Ltda, 3ed. São Paulo, 2003.

PAULA, E. M. A. T. de.; MENDONÇA, F. W. **Psicologia do desenvolvimento**. 3 ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

PIETÁ, M. A. M.; GOMES, W. B. Psicoterapia pela Internet: viável ou inviável? **Psicologia: Ciência e Profissão**, 34(1), 18-31. Mar 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/K9ZtTknbWy3tTtGK5ZT9Skf/>. Acesso em: 30 Jan de 2021.

PIETÁ, M. A. M. **Psicoterapia pela internet: a relação terapêutica**. Porto Alegre. 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/144025/000942117.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 de jun. 2021.

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L., DEMENECH, L. M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estud psicol** (Campinas). 2020; 37, e200063. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/?format=pdf&lang=pt>

SOUZA, V. B.; SILVA, N. H. L. P.; MONTEIRO, M. F. **Psicoterapia on-line: Manual para a prática clínica**. Curitiba: Ed. das Autoras, 2020.

EXPERIÊNCIAS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DIANTE DE CRISE E SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE UNIVERSITÁRIOS: O CASO UNIVASF

Shirley Macêdo
Monica Aparecida Tomé Pereira

Introdução

O sofrimento psíquico em estudantes universitários tem sido considerado, nas últimas décadas, uma questão de saúde pública. Estudos sobre a temática identificam fatores de risco e fatores de proteção, cobrando das Instituições de Ensino Superior (IES) programas e ações psicossociais nos âmbitos preventivos, interventivos e reabilitadores, no que diz respeito à saúde mental desses sujeitos (FONAPRACE, 2014; PADOVANI *et al.*, 2014; AUERBACH, 2016; GRANER, RAMOS-CERQUEIRA, 2017).

Mesmo antes de adentrarem o Ensino Superior, estudantes já apresentam transtornos psicológicos que se potencializam, devido ao processo de adaptação à vida universitária ou diante de pressões e da carga psíquica inerentes a esse novo modo de estudar e viver, que muitas vezes levam a desânimo/falta de vontade de fazer as coisas e baixo rendimento (FONAPRACE, 2014; AUERBACH, 2016).

Pesquisadores já identificaram vulnerabilidade psíquica do estudante universitário, como sintomatologia de estresse e *burnout* (PADOVANI *et al.*, 2014), indicadores de riscos psicossociais (GRANER; RAMOS-CERQUEIRA, 2017; MACÊDO, 2018; MACÊDO; NUNES; SOUZA, 2020), principalmente diante dos aspectos estressores da rotina da vida acadêmica, tais como: provas, acúmulo/excesso de disciplinas, desorganização da grade curricular, metodologia ultrapassada empregada pelos docentes, muita informação, ambiente hostil, relações conflituosas entre professor-aluno, características da própria IES, excesso de trabalhos, escassez de tempo e autocobrança (MORETTI; HÜBNER, 2017).

Há de se considerar que a universidade prepara muito mais os estudantes para o futuro ingresso no mercado de trabalho que para as mudanças que ocorrem após o Ensino Médio, justamente porque não oferece programas de adaptação psicossocial focados em

saúde e qualidade de vida, o que pode levar o universitário a vivências acadêmicas negativas, evasão e transtornos mentais e comportamentais (RIBEIRO; BOLSONI-SILVA, 2011). Além disso, uma alta proporção desses jovens tem enfrentado, com a expansão de ofertas de vagas universitárias em diversos locais do mundo que os fazem estudar fora do ambiente familiar, o fenômeno denominado *homesickness* (saudade de casa): um estado de angústia vivenciado por quem deixa sua casa e se encontra em um ambiente novo e desconhecido (TERRY; LEARY; MEHTA, 2012; THURBER; WALTON, 2012), que pode desencadear sofrimento intenso, depressão, ansiedade, transtornos de humor, insatisfação para comparecer às aulas, baixa concentração, desmotivação para continuar o curso e baixo desempenho acadêmico.

É certo, portanto, que a vida universitária é repleta de desafios para o estudante e que a IES tem o papel de reavaliar suas políticas de saúde mental e curriculares, aumentando seus investimentos em programas de apoio e intervenções psicossociais que possam oferecer segurança, desenvolvimento eficiente da personalidade, possibilidade de reparação de danos e promoção de bem-estar a esses sujeitos, estimulando em experiência universitária saudável, gratificante e produtiva (CASTRO, 2017).

No Brasil, mais especificamente na região Nordeste, somente a partir da década de 1950, em razão das políticas impulsionadas por interesses governamentais, há um cenário importante para o Ensino Superior com a criação e expansão de instituições, especialmente públicas e privadas. Contudo, o surgimento dessas instituições de ensino, de forma geral, foi balizado pela junção ou reorganização de instituições pré-existentes, no litoral e nas regiões metropolitanas. Com isso, as regiões mais distantes dos centros políticos e capitais, que ainda não possuíam instituições de educação superior ou em que estas possuíam um perfil que não era compatível com o modelo de organização universitária, naquele período, não foram incluídas neste ciclo de criação e expansão das universidades. O alcance da criação e expansão das IES, bem como as políticas de desenvolvimento delineadas eram restritivas a um segmento específico da população, até a década de 1970.

Nesse período, um único município do interior da região Nordeste que se destaca é Campina Grande, que, em 1953, a partir da Escola Politécnica, tem a oferta de Ensino Superior, fora da região tradicionalmente escolhida para abrigar as Instituições de Ensino Superior (IES). E, segundo Araújo (2019), esse marco ressalta uma prática recorrente nos tempos atuais, que se trata do apoio e apelo de forças políticas que, a partir de uma

mobilização com debates nas câmaras municipais e do estado, conquistaram a implantação da Escola no interior do estado da Paraíba.

Tal histórico delinea que a Universidade Federal do Vale do São Francisco é um novo paradigma da expansão, pois traz marcas no ineditismo da história das Universidades Federais no Brasil (ARAÚJO, 2019), como:

- A primeira universidade federal criada, em 2002, após 51 anos da última Instituição de Ensino Federal, a Universidade Federal do Maranhão, em 1959 – nos tempos atuais (século XXI) –, o período de criação de uma universidade federal jamais foi tão longo;
- A primeira cujo nome não traz a referência de um município ou de um estado da Federação, e sim de uma Bacia Hidrográfica – Vale do São Francisco –, para promoção da integração e desenvolvimento regional na área de abrangência de seu território;
- A primeira constituída a partir da multicampia, em três estados da Federação: Pernambuco, Bahia e Piauí, desde a sua criação;
- A primeira que não foi constituída pelo desmembramento ou extensão de *campi* de outras IES, no interior do sertão nordestino.

Todos esses aspectos demonstram que a Univasf é um marco histórico para a Educação Superior na região Nordeste e no Brasil. E atrelado a esse fenômeno de quebra da política realizada no Ensino Superior, essa instituição traz, como princípio, a atuação estratégica para uma demanda de toda uma região (PEREIRA; CARMO, 2014).

A demanda pelas vagas na Univasf nos seus primeiros anos de atividades revela a deficiência e carência existentes na região de abrangência. A partir das estatísticas da Secretaria de Registro e Controle Acadêmico, em 2006, o número de inscritos no processo seletivo³ foi de 6.316 pleiteantes, sendo 2.025 candidatos somente para o curso de Medicina, seguidos por 873 candidatos para o curso de Enfermagem e 734 candidatos para o curso de Psicologia – os três cursos mais concorridos naquela edição.

A partir de 2010, a Univasf passa a adotar, exclusivamente, o Sistema de Seleção Unificado (Sisu) como forma de ingresso em seus cursos de graduação. Esse sistema, de forma geral, permite a realização dos exames de seleção em diversos municípios do país, sem a necessidade de grandes deslocamentos, diferentemente do vestibular com provas

aplicadas nas localidades em que a universidade tem campus. Esse modelo de acesso, atrelado a outras políticas públicas nacionais e locais, alterou o perfil do público dos estudantes da universidade.

A diversidade social e econômica presente no corpo discente é um dos aspectos que demanda estratégias para a garantia da permanência dos estudantes ao longo da trajetória acadêmica durante o curso de graduação. Neste contexto,

[...] os programas e ações de caráter afirmativo tornam-se um importante mecanismo pelo qual a Universidade pode melhor se relacionar com estes indivíduos. Podem dirimir efeitos dos desníveis socioeconômicos, contribuindo para a superação de desigualdades historicamente construídas e atendendo a necessidades dos estudantes, sobretudo dos menos favorecidos, promovendo uma maior equidade e encorajando a permanência de muitos no ensino superior (SANTOS; DUCCINI, 2016, p. 4).

As políticas de Ações Afirmativas na Univasf iniciam em 2005 por meio de programas e reservas de vagas a partir de critérios, como: escola pública, econômico e cor/raça, e mais recentemente, pessoas com deficiência; criação da Câmara de Assistência Estudantil, implantação do Programa de Assistência Estudantil, constituição da Comissão para Implantação do Programa de Ações Afirmativas e o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão e criação da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (SANTOS; DUCCINI, 2016). Todas essas estratégias tentam minimizar os fatores que contribuem para dificultar o sucesso na trajetória acadêmica dos estudantes, pois a diversidade intrínseca no público discente atrelado ao cenário universitário traz intervenientes importantes.

A Univasf como foco da experiência de atenção psicossocial a universitários

A Univasf iniciou suas atividades acadêmicas em 2004, sendo a primeira universidade regional no semiárido brasileiro. Abrange três estados nordestinos: Pernambuco, Bahia e Piauí. Em 16 anos de atuação, trabalharam na instituição cerca de 950 servidores, sendo 581 docentes, distribuídos em sete *campi*: dois em Petrolina-PE e um em Juazeiro-BA; e um nas cidades de São Raimundo Nonato-PI, Senhor do Bonfim-BA, Paulo Afonso-BA e Salgueiro-PE. São 30 cursos de graduações presenciais com mais de 6.200 estudantes.

Importante ressaltar que as ações expostas aqui só foram possíveis devido a articulações e apoio buscados com diversas instâncias da Univasf: Reitoria, Pró-Reitoria

de Assistência Estudantil (PROAE); Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (PROPLADI); Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI); Coordenação de Ações Afirmativas; Colegiado de Psicologia, além das diversas coordenações de cursos, diretores de *campi*, lideranças estudantis, estagiários do CEPPSI e demais universitários.

Na Univasf, o aumento da comunidade acadêmica, especialmente do corpo discente, advindo de diversas cidades com contextos socioculturais diferentes e a chegada dos universitários em um cenário inédito para muitos potencializaram fatores de riscos psicossociais durante a formação acadêmica, como já foi enfatizado por diversos autores referendados acima.

Em alguns casos, especialmente para estudantes mais vulneráveis, têm ocorrido sérios comprometimentos da saúde mental, o que leva, inclusive, a trancamento ou abandono do curso. Essa realidade exige que a universidade esteja munida de órgãos em que os seus componentes se permitam, minimamente, refletir e atuar, dentro das possibilidades e limitações, para fornecer suporte às ações que contribuem para o enfrentamento dos momentos de crise.

Atenta a esses fatores, a partir de 2012, a gestão da Univasf ampliou os canais de comunicação por meio de fóruns, comissões, comitês e atendimentos individualizados (por vários meios de comunicação). Também normatizou procedimentos acadêmicos, regulamentou atos administrativos e instrumentalizou os ocupantes dos cargos de chefia para estarem abertos ao diálogo através de formação continuada e planejamento. Todas essas decisões possibilitaram o acesso mais direto dos estudantes aos mais diversos setores da universidade, e especialmente às Pró-Reitorias, permitindo que suas demandas fossem ouvidas.

A política de atendimento aos discentes da Univasf é pautada em quatro aspectos:

- Formas de acesso e programas de apoio pedagógico e financeiro;
- Estímulos à permanência;
- Organização Estudantil e espaço para participação e convivência;
- Acompanhamento dos egressos.

O Conselho Universitário, órgão máximo da universidade, decidiu pela adoção de política afirmativa, com base na Lei nº 17.711, de 29 de agosto de 2012, para a ocupação

de vagas, garantindo o ingresso de estudantes advindos de escolas públicas, baixa renda, negros e indígenas. Além disso, por meio de processo seletivo com critérios estabelecidos por normas editalícias para a ocupação de remanescentes ou ociosas, que por motivos diversos possam vir a existir, e em detrimento das demandas advindas de toda a sociedade, possibilita o ingresso de estudantes que já possuam vínculo em curso superior, ou já graduados, através de outras modalidades de reopção de curso (transferência interna), transferência externa, reintegração e portador de diploma de curso de graduação reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) (UNIVASF, 2019).

Para atender o estudante, há, também, a Pró-Reitoria de Ensino, por meio de seu Gabinete ou pela Coordenação Pedagógica que atuam como instrumento de assessoria ao corpo docente e discente da instituição, no tocante às dificuldades e problemas vivenciados pela comunidade acadêmica, principalmente com relação aos aspectos pedagógicos (relação professor- aluno), dificuldades de aprendizagem, prática educativa), visando contribuir para a melhoria da qualidade do ensino, pesquisa e extensão oferecidos pela instituição, além do apoio pedagógico prestado pelos docentes durante o desenvolvimento das atividades de ensino, na busca para reduzir a evasão e otimização do aproveitamento acadêmico, por meio do acompanhamento da trajetória universitária dos alunos.

Algumas das atividades realizadas para alcançar esses objetivos, destacam-se (UNIVASF, 2018):

- Recepção aos calouros;
- Elaboração de material gráfico com as "primeiras informações" ou informações mais relevantes para os alunos ingressantes;
- Avaliação dos Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação;
- Trabalho junto à Procuradoria Institucional nos processos de reconhecimento e avaliação dos cursos de graduação;
- Acompanhamento e orientação pedagógica aos alunos dos sete *campi* da Univasf;
- Orientação didático-pedagógica aos docentes da Instituição;
- Formação continuada com temas propostos pelos Colegiados Acadêmicos;

- Acompanhamento e apoio didático pedagógico aos programas de monitoria e tutoria de nivelamento, bem como verificação dos seus resultados no processo de aprendizagem dos alunos;
- Levantamento e diagnóstico dos números de evasão e retenção dos cursos de graduação;
- Elaboração de projetos e/ou propostas que visem o progressivo desenvolvimento do aluno dentro da cultura acadêmica e consequente diminuição dos percentuais de evasão e retenção;
- Aproximação da universidade junto à Educação Básica da região, por meio de projeto de extensão desenvolvido com os estudantes do Ensino Médio da rede pública dos municípios com campus da Univasf, cujo objetivo é oferecer orientação profissional e acadêmica aos alunos;
- Participação em comitê institucional e fórum estadual de educação que discutem a formação de professores da Educação básica da região; e
- Formação integral, garantindo a participação em atividades científicas, culturais, artísticas, esportivas e de lazer;
- Acesso à saúde, moradia, alimentação e transporte.

Ao longo dos últimos oito anos, além das atividades realizadas pela Pró-Reitoria de Ensino por meio da Coordenação Pedagógica, muitas demandas coletivas ou individuais, envolvendo sofrimento de docentes e discentes foram recebidas. As solicitações eram formalizadas – por mensagem eletrônica (*e-mail* ou *WhatsApp*), pessoalmente ou por telefone – pelos professores, coordenadores e, em grande medida, pelos próprios estudantes. O protocolo inicial para o acolhimento da queixa se dava a partir de encontros presenciais entre a pró-reitora e o demandante. Em média, o Gabinete da PROEN registrava dez atendimentos mensais de casos de sofrimento psíquico entre os discentes. A partir da análise do grau de complexidade do caso ou do nível de comprometimento da vida acadêmica do estudante, outros setores eram envolvidos, como o CEPPSI, o Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NuCEU) e/ou a PROAE. Nossa narrativa, como se enfatizou, se deterá, especificamente, nas ações que foram realizadas em parceria com o NuCEU/CEPPSI.

O NuCEU

O NuCEU é um projeto coordenado pela Prof^a Dr^a Shirley Macêdo, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da Univasf desde 2018, mas sua institucionalização só se deu a partir de abril/2019. Iniciou ofertando apenas ações de cuidado psicológico e a partir de 2019 investiu em ações de cuidado interdisciplinar integral dos universitários de IES da região, sejam públicas ou privadas. Fazem parte do projeto, professores dos cursos de Psicologia, Administração, Farmácia, Artes Visuais e Educação Física, além de psicólogos, supervisores, estagiários e auxiliares administrativos da área técnica e administrativa do CEPPSI, além de psicólogos colaboradores externos, um bolsista de extensão, seis estudantes voluntários e cerca de 20 estagiários colaboradores (por semestre).

Atualmente, a missão do Núcleo consiste em ampliar ações inter e multidisciplinares de cuidado integral a estudantes universitários do semiárido nordestino, assim como a seus familiares e a professores/colaboradores de suas IES, promovendo-lhes saúde e qualidade de vida, viabilizando, concomitantemente, desenvolvimento de competências em estudantes de Psicologia para atuação futura em contexto acadêmico/educacional da região. O órgão tem hoje uma logomarca reconhecida no contexto da instituição e até fora dela, um *e-mail* específico e uma página no *Instagram*, viabilizando o acesso da população interessada a atividades realizadas, assim como seus membros têm se empenhado em produções científicas continuadas e apresentação de trabalhos e palestras em eventos científicos da área.

As atividades do NuCEU são: ligações telefônicas, supervisão semanal, triagem, plantão psicológico itinerante nas IES, atendimentos emergenciais, aconselhamento de carreira, psicoterapia individual, orientação profissional, grupos interventivos, oficinas e palestras diversas, organização e participação em eventos científicos, publicação de resumos expandidos e artigos científicos, participação em semanas de integração de calouros e em disciplinas a convite de professores, visitas técnicas, capacitações e reuniões estratégicas e rodas de conversa com gestores, professores, coordenadores e alunos. Ultimamente, devido ao estado de pandemia do COVID-19, as atividades têm se restringido a reuniões virtuais da equipe, *lives* temáticas para a população em geral e oficinas.

Entre março de 2018 e fevereiro de 2019, as atividades se restringiam a ações no âmbito da Psicologia, inclusive com promoção de evento de setembro amarelo, contemplando 859 pessoas. A partir de março de 2019, após extensão das atividades de cuidado, a Tabela 1 e o Quadro 1, abaixo mostram mais detalhadamente o que se tem realizado e o público alcançado.

Tabela 1 – Número de universitários contemplados com as ações do NuCEU de março/2019 a fevereiro/2020*

Atividade	Abr	M ai	Ju n	Ju l	Ag o	Set	Ou t	No v	De z	Tota l
Atendimentos Emergenciais	02	01	00	06	03	03	00	05	05	25
Atendimentos Individuais	00	02	07	00	00	00	02	02	01	14
Envios de e-mails	00	50	00	00	00	00	00	00	00	50
Grupos Interventivos	00	20	06	00	00	00	35	00	00	61
Integração de Calouros	57	00	00	00	00	40	00	00	00	97
Ligações Telefônicas	50	00	00	00	00	00	00	00	00	50
Oficinas Diversas	00	06	17	00	45	20	115	00	00	203
Palestras	135	00	00	00	00	00	00	160	00	295
Plantão Psicológico	00	00	08	00	74	00	00	20	22	124
Reuniões	00	20	00	00	00	00	00	00	00	20
Roda de Conversa	00	00	00	00	40	00	00	00	00	40
Total	244	99	38	06	162	63	152	187	28	979

*Importante destacar que estudantes em atendimentos psicológicos passam no mínimo dois meses em acompanhamento, sendo os números acima correspondentes ao mês em que se iniciou o processo.

Quadro 1 – Atividades remotas realizadas de abril a agosto de 2020

FORMA TO	PALESTRA NTE/ FACILITAD OR	TEMA	DATA	INSCRI TOS	PÚBLI CO
LIVE	Marcelo Ribeiro (CPSI/Univasf)	PROCRASTINAÇÃO E PRODUTIVISMO ACADÊMICO: O DESAFIO DO EQUILÍBRIO FRENTE O ISOLAMENTO SOCIAL	10/04 /20	Evento sem necessidade de inscrição	160
LIVE	Adriano Holanda (UFPR)	O TÉDIO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL	17/04 /20	Evento sem necessidade de inscrição	343
LIVE	Ewerton Helder (Ufam)	SOLIDÃO E RELAÇÕES AFETIVAS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL	24/04 /20	Evento sem necessidade de inscrição	167
LIVE	Crisóstomo Lima (UFF)	O SENTIDO QUE FAZ SENTIDO DIANTE DO ISOLAMENTO SOCIAL	30/04 /20	Evento sem necessidade de inscrição	160
LIVE	Darlindo Ferreira (UFPE)	O CUIDADO EM TEMPOS DE CRISE	08/05 /20	Evento sem necessidade de inscrição	160
LIVE	Shirley Macêdo (Univasf)	A VIDA COMO ELA É: MULHER, TRABALHO E ISOLAMENTO SOCIAL	15/05 /20	Evento sem necessidade de inscrição	407
LIVE	Tonivaldo Barbosa de Souza (Uneb)	PATERNIDADE, TRABALHO E SUPORTE A EDUCAÇÃO DOS FILHOS NO ENSINO REMOTO	27/05 /20	Evento sem necessidade de inscrição	160
LIVE	Shirley Macêdo e Laura Pedrosa	UM OLHAR PARA A SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR DURANTE E APÓS A PANDEMIA	28/05 /20	Evento sem necessidade de inscrição	100
LIVE	Virgínia Passos (/Univasf)	ATIVIDADES REMOTAS: ARTICULAÇÕES ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO	05/06/ 20	Evento sem necessidade de inscrição	194
LIVE	Luciana Oliveira (UFJ)	O MEDO EM TEMPOS DE PANDEMIA	12/06 /20	Evento sem necessid	213

				ade de inscrição	
OFICINA	Ericka Marta Alves CRP 02/12616	EU ACABEI DE INICIAR A FACULDADE, E AGORA?	30/06/20	03	01
OFICINA A	Lucimary Bezerra CRP 02/10258	MINHA FORMATURA FOI ADIADA, E AGORA?	08/07/20	05	02
OFICINA	Camila Calaçã CRP19/3335	SOU UNIVERSITÁRIE LGBTQIA+, SINTO-ME ACOLHIDE?	17/07/20	03	02

Após esse período acima, a equipe do NuCEU se concentrou na organização do *II Encontro Cuidando da Vida no Ambiente Acadêmico*, evento de Setembro Amarelo em sua segunda versão, que contou com a participação de diversos palestrantes e oficinairos, alcançando um público de 113 pessoas de todo o Brasil. O mês de outubro foi dedicado a supervisões de oficinas com universitários aprovados para ingressar no semestre 2020.2 da Univasf que, infelizmente, não foram contemplados com o semestre suplementar 2020.3, por ainda não serem alunos efetivos da instituição. Foram contemplados 136 estudantes de diversos cursos de cinco dos sete *campi* da instituição. Novembro vem sendo o mês de oferta de oficinas de escuta para estudantes de Psicologia, baseando-se nas propostas de Dourado *et al.* (2016) e Macêdo, Souza e Lima (2018), das quais participaram 149 estudantes de todo Brasil. Também os membros do Núcleo vêm se dedicando a apresentar seus resultados em diversos eventos nacionais e internacionais, assim como investindo em novas publicações em periódicos científicos.

A parceria PROEN-NuCEU

A parceria PROEN-NuCEU acompanhou diversos casos de estudantes em crise ou sofrimento psíquico grave. Destacam-se demandas que impactaram, sobremaneira, toda a comunidade acadêmica, como as de comportamento suicida, além de surtos recorrentes e conflitos docentes-discentes. Nesses momentos, em casos de *campi* fora da região sede, realizavam-se: videoconferências com coordenadores e equipe técnica; rodas de conversas com docentes e estudantes e Plantão Psicológico (PP) itinerante.

Uma videoconferência foi realizada com o campus de Paulo Afonso (BA), diante de dificuldades de uma turma inteira de Medicina em determinada disciplina, que levaram estudantes mais vulneráveis a comportamento suicida. Na ocasião, professores do

referido campus se reuniram com psicólogas e coordenadora do NuCEU para pensar estratégias que viabilizassem o alívio da tensão que esse fenômeno gerou entre professores, coordenador do curso e estudantes de outros períodos.

Em momentos diferentes, no campus de Bonfim (BA), diante de crise psíquica e suicídio de estudante, foi necessário que uma equipe composta de professores de Psicologia se deslocasse do Campus Petrolina Centro para ouvir estudantes e professores, construindo com eles estratégias de enfrentamento. Dentre essas estratégias, estabeleceram-se parcerias com a rede de atenção psicossocial da cidade, já que o campus na época não possuía psicólogo, assim como foi realizada reuniões com professores e alunos para pensar soluções para o momento de crise. Dias depois, um PP itinerante foi realizado no local, contemplando alunos de diversos cursos da instituição.

No próprio campus sede, Petrolina, houve intervenção em turmas de cursos de saúde, após comportamento suicida ou crise psíquica grave de alunos, como também se recebia constantemente nos PP do CEPPSI estudantes que estavam enfrentando sofrimento psíquico intenso por não obterem bom desempenho, estarem em conflito com professores e colegas, estarem em conflito com escolha profissional, orientação sexual, problemas familiares, vulnerabilidade econômica ou em uso de álcool e outras drogas.

O PP itinerante constitui um espaço de cuidado para o usuário e de aprimoramento da escuta clínica do estudante de Psicologia plantonista (DUTRA, 2004; LIMA; RIBEIRO, 2018). A itinerância consiste na abertura/deslocamento de plantonistas e supervisores para a localidade em que se ofertará o serviço, indo à instituição onde as pessoas convivem e os fenômenos acontecem. Deslocando-se do seu local de atuação, plantonistas e supervisores podem ofertar o serviço em salas de aula, pátios, auditórios, corredores, cantinas, estacionamentos etc. Por lugares inusitados, a ação psicológica em itinerância requer atitude de inclinar-se ao outro e de acompanhá-lo em seu caminhar (SANTOS; BARRETO; MORATO, 2014; BARRETO; MORATO; CALDAS, 2013).

Diante do crescente aumento de universitários em sofrimento psíquico intenso, o PP itinerante facilita o acesso deles ao cuidado de sua saúde mental, incentivando-os e encorajando-os a procurar ajuda sistemática. Essa itinerância de cuidado é extremamente significativa, inclusive, tendo em vista que muitos estudantes da região não têm acesso à atenção psicológica e grande parte de instituições que prestam atenção psicossocial encontra-se superlotada.

Para ofertar o PP itinerante, o NuCEU mobiliza uma equipe de cerca de 12 a 20 estudantes de Psicologia, que se disponibilizam em turnos de quatro a oito horas, em atendimentos que duram em torno de uma hora e meia. Para ofertar essa estrutura nos *campi* da Univasf, o planejamento exige grande mobilização institucional: articulação de dias e horários dos plantões; reserva de salas nos *campi*; reserva de transportes (ônibus ou micro-ônibus) para os plantonistas (estudantes de Psicologia) e docentes supervisores ou psicólogos; recurso financeiro para o custeio da alimentação e estadia dos plantonistas (quando não havia a possibilidade do uso da residência estudantil). Até o momento, essas ações ocorreram em todos os *campi*, com exceção de Salgueiro-PE, que, devido à situação da pandemia, teve calendário alterado, conforme consta no Quadro 2:

Quadro 2 – Plantões itinerantes realizados pelo NuCEU

Instituição	Número de Universitários Contemplados
Univasf – Campus Juazeiro (BA)	12
Univasf – Campus Ciências Agrárias-Petrolina (PE)	12
Univasf – Campus Paulo Afonso (BA)	08
Univasf – Campus Petrolina (PE)	12
Univasf – Campus Senhor do Bonfim (BA)	25
Univasf – Campus São Raimundo Nonato (PI)	13
TOTAL	82
6 campi da UNIVASF	

Ao longo dessas atividades, percebe-se que as queixas dos universitários atendidos não se restringem ao ambiente acadêmico, pois muitos se referem a problemas familiares e de relacionamento. Os fatores de risco compreendidos têm sido rigidez institucional, necessidade de cumprir prazos estabelecidos, autocobrança, falta de preparo na transição do Ensino Médio para o Superior, distância de casa, saudade da família, dificuldades em estabelecer vínculos, assim como características de personalidade e história de vida, tal como já descreveu Macêdo (2018). Esses fatores terminam influenciando o desempenho acadêmico do universitário e contribuem para o sofrimento psíquico intenso, crises psíquicas e/ou adoecimento psíquico.

Participando dessas experiências de itinerância de cuidado, os estudantes de Psicologia sentem-se mobilizados e afetados pelas realidades narradas pelos universitários que, muitas vezes, são semelhantes às suas. Nesse sentido, é essencial que nos momentos de PP itinerante o(s) supervisor(es) estejam *in loco* para viabilizar a sustentação de tensões e conflitos vividos pelos estudantes de Psicologia.

Nesse sentido, considera-se o PP itinerante uma tentativa de democratizar o acesso à Psicologia para a comunidade acadêmica, que ainda desconhece a relevância ou tem fantasias sobre qual é o real papel e trabalho de um psicólogo ou quem efetivamente pode buscar ajuda. Muitos universitários têm, ali, a primeira oportunidade de uma escuta psicológica sistemática, enquanto os estudantes de Psicologia têm na prestação desse serviço a oportunidade de potencializar a escuta, lidar com entraves de infraestrutura para além de um consultório privado e, inclusive, tal como defendem Paparelli *et al.* (2007), fortalecer as bases de sua identidade profissional.

Alguns episódios marcaram mais intensamente os PP itinerantes, como por exemplo, quando em um dos eventos da instituição, uma estudante teve uma crise emocional e a presença dos plantonistas favoreceu suporte psicológico que a ajudou a superar a crise. A estudante, inclusive, ganhou o primeiro lugar das apresentações. Em outras ocasiões, realizava-se PP itinerante em grupo, às vezes com turmas inteiras, que eram contempladas com a construção conjunta de estratégias para enfrentar luto pelo suicídio de colegas, tensão diante de surtos de outros, dificuldades acadêmicas e de relacionamento. Por sa vez, os professores, ao serem escutados, chegavam a oferecer uma rede de apoio aos discentes e a eles mesmos.

O NuCEU também realizou, em parceria com a PROEN, diversos grupos interventivos, constatando fatores de riscos para universitários, como história de vida pregressa à vida acadêmica, assim como relações intra e interpessoais mantidas a partir do ingresso no contexto universitário. Assim, essa parceria, se contínua, permitirá o fortalecimento de fatores de proteção, principalmente em casos de conflitos familiares, *homesickness*, processos de adaptação à nova realidade psicossocial enfrentada durante a trajetória acadêmica, dificuldades em sala de aula e nos processos desses universitários se tornarem profissionais para futuro ingresso no mercado de trabalho.

Considerações finais

A parceria PROEN-NuCEU vem se ampliando a partir da compreensão de que, se o universitário tem disponível um contexto de escuta e fala com outros universitários, aprendem sobre a necessidade de assumir suas escolhas e ter coragem para mudar, aceitando as próprias dificuldades e reconhecendo a autonomia dos próprios potenciais de mudança. No entanto, ressalta-se a necessidade da manutenção e ampliação das ações e estratégias, seja diretamente ou por meio de parcerias, para acolhimento e cuidado à saúde mental desses aprendizes, adotando ações preventivas durante a vida universitária do estudante. A contratação de servidores psicólogos para os *campi* localizados fora da região sede (Petrolina-PE e Juazeiro-BA) articulados com a rede de atenção dos municípios são estratégias que devem ser ampliadas.

Acreditamos que, ao fazer isso, a instituição responde a exigências científicas dos últimos anos diante do sofrimento universitário como uma questão de saúde pública; cumpre o preposto pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil; pelo Plano Nacional de Educação; investe em redes de apoio ao universitário; amplia possibilidades de atenção psicossocial a essa parcela da comunidade acadêmica; e respeita políticas públicas de modos de cuidado a situações de crise de feição antimanicomial.

Diante do até aqui exposto, espera-se ter contribuído com reflexões sobre possibilidades as mais diversas de cuidado a estudantes universitários, a fim de que cada dia mais estudiosos e IES se debrucem sobre o fenômeno do sofrimento psíquico em universitários e sejam protagonistas de produção de conhecimento, incentivando elaboração de políticas públicas para promoção de saúde e qualidade de vida a essa população.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrick Campos; CUSATI, Icarema Campos. A universidade federal do Vale do São Francisco. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 9, n. 20, p. 120-157, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/919>. Acesso em: 22 jan. 2019.

AURBACH, R.P. *et al.* Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. **Psychological Medicine**, v. 46, p. 2955–2970, 2016. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/abn-abn0000362.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

- BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Orgs). **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba: Juruá, 2013.
- CASTRO, V. R. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco**, v. 9, p. 380-401, 2017. Disponível em: http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/gestao_foco/artigos/ano2017/043_saude_mental.pdf. Acesso em: 02 jan. 2019.
- DOURADO, A. M. *et al.* Experiências de estudantes de psicologia em oficinas de desenvolvimento da escuta. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 209-218, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 nov. 2020
- DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 381-387, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a21v9n2.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019,
- FONAPRACE. IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior brasileiras. 2014. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES_2014.pdf. Acesso em: 28 nov. 2018.
- GRANER, K. M.; RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência e Saúde Coletiva** [Versão on-line], v. 16, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/revisao-integrativa-sofrimento-psiquico-em-estudantes-universitarios-e-fatores-associados/16374?id=16374>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- LIMA, D. F.; RIBEIRO, M. S. S. Plantão psicológico e acontecência do cuidado: problematizando um “não-lugar”. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 8, n. 2, p. 291-301, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2845>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- MACÊDO, S. Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS: Estudos Contemporâneos em Subjetividade**, v. 8, n. 2, p. 265-277, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>.
- MACÊDO, S.; NUNES, A. L. P.; SOUZA, M. P. G. de. Hermenêutica colaborativa na pesquisa fenomenológica interventiva com universitários em sofrimento psíquico. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, v. 1, n. 2, p. 349-372, 2020. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/33>.
- MACÊDO, S.; SOUZA, G. W.; LIMA, M.B.A. Oficina de desenvolvimento da escuta: prática clínica na formação em psicologia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 24, n. 2, p. 123-133, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.1>.
- MORETTI, F.A.; HÜBNER, M. M. C. O estresse e a máquina de moer alunos do ensino superior: vamos repensar nossa política educacional? **Revista Psicopedagogia**, v. 34, n. 105, p. 258-67, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n105/03.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018.

PADOVANI, R. C. *et al.* Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 10, n. 1, p. 2-10, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002. Acesso em: 30 nov. 2017.

PAPARELLI, R. B.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 1, p. 64-79, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n1/v27n1a06.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

PEREIRA, M. A. T.; CARMO, R. L. Fruticultura, emprego e migração: o caso da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. *In*: RANDOLPH, R.; SIQUEIRA, H.; OLIVEIRA, A. (org.) **Planejamento, políticas e experiências de desenvolvimento regional: problemáticas e desafios**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

RIBEIRO, D.C.; BOLSONI-SILVA, A. T. Potencialidades e dificuldades interpessoais de universitários: estudo de caracterização. **Acta Comportamentalia**, v. 19, n. 2, p. 205-224. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/actac/v19n2/a05.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018.

SANTOS, Danilo Moreira dos; DUCCINI, Luciana. Ações afirmativas e ensino superior: a implantação de programas e ações de caráter afirmativo na Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf. **Revista de Educação do Vale do São Francisco-Revasf**, v. 6, n. 10, p. 39-64, 2016.

SANTOS, S. E. B; BARRETO, C. L.T; MORATO, H. T. P. Produção nos PPGs sobre ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial: análise compreensiva in Ekstasis. **Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/13763/0>. DOI: <https://doi.org/10.12957/ek.2014.13763>

TERRY, M. L.; LEARY, M. R.; MEHTA, S. Self-compassion as a buffer against homesickness, depression, and dissatisfaction in the transition to college. **Self and Identity**, v. 12, n. 3, p. 278-290, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/15298868.2012.667913>.

THURBER, C.A.; WALTON, E. A. Homesickness and adjustment in university students. **Journal of American College Health**, v. 60, n. 5, p. 415-419, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/07448481.2012.673520>.

UNIVASF. **Comissão Própria de Avaliação**. 2018. Disponível em: http://www.cpa.univasf.edu.br/relatorios/relatorio_2019_final.pdf. Acesso em: 30 nov. 2018.

UNIVASF. **Comissão Própria de Avaliação**. 2019. Disponível em: <http://www.cpa.univasf.edu.br/wp-content/uploads/2020/03/Relat%C3%B3rio-2019-.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

RODAS DE CONVERSAS COM ADOLESCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA ESCOLAR NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

*Maria Andreлина do Nascimento Oliveira Gonçalves
Joelma Ana Gutiérrez Espíndula*

Introdução

Com a propagação da doença Covid-19 em escala mundial, houveram diversas medidas governamentais visando ao controle dessa doença, tais como o isolamento social. Nesse contexto de crise epidemiológica mundial houve várias implicações na vida das pessoas, implicações para a saúde física e mental. Sendo que a preocupação no que tange a saúde mental refere-se a impactos a curto e a longo prazo em toda a população mundial (BARROS-DELBEN et al., 2020; SCHMIDT et al., 2020; VIANA, 2020).

Corroborando com as medidas tomadas em todo o mundo, o Brasil também adotou medidas de restrição de circulação de pessoas, bem como suspensão de atividades laborais e educacionais que não fossem essenciais. Assim, tivemos em meados de 2020 a suspensão das aulas presenciais em todas as instituições escolares, que num primeiro momento não houve a imediata substituição para o modelo remoto. No entanto, com o avanço do vírus SARS-COVID-19 e a impossibilidade de um retorno imediato das aulas presenciais, as instituições educacionais precisaram buscar outras alternativas de ensino remoto que possibilitasse a continuidade das atividades educativas e o vínculo entre toda a comunidade escolar. Para tanto, o Ministério da Educação (MEC) publicou a Portaria nº 343/2020, dispondo sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia (BRASIL, 2020).

Neste cenário, a atuação da Psicologia em contexto escolar também precisou ser adaptada para que pudesse auxiliar na construção de estratégias e ações que possibilitassem melhor qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Com isso o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de uma psicóloga escolar que atua em um Colégio de Aplicação vinculado à Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR) no contexto de isolamento social em virtude da pandemia do Covid-19 acerca de ações que foram desenvolvidas junto aos alunos do Ensino Médio de forma remota durante o ano de 2020.

Por si só a atuação da Psicologia em contexto educacional tem sido um grande desafio, mas no período de pandemia assolado em 2020 fez com que requeresse mais ainda a atuação deste profissional nas unidades escolares. O impacto do distanciamento social na educação afetou não somente as estruturas administrativas, mas também a formação das pessoas no que se refere à saúde mental (CFP, 2020).

As ações advindas do produto técnico (Rodas de conversa com adolescentes e familiares) foram inicialmente implantadas em março de 2019 na modalidade presencial no Colégio de Aplicação (Cap) na UFRR, em que a primeira autora é psicóloga efetiva do serviço, mas a partir de abril de 2020, em virtude da pandemia foram adaptadas para o meio remoto para que pudesse continuar a propiciar maior conhecimento acerca da saúde mental de adolescentes no âmbito escolar. Tais intervenções são reflexos direto da apresentação do produto técnico junto com a pesquisa de mestrado defendida em agosto de 2019, intitulada “Saúde mental de adolescentes que se autolesionam: Contribuições da fenomenologia” desenvolvida pela autora e orientado pela professora doutora Joelma Ana Gutiérrez Espíndula, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde (PROCISA) da UFRR. Está pesquisa de mestrado teve o objetivo de compreender as vivências psicológicas de adolescentes, em idade escolar, que se autolesionam e como estão articuladas suas redes de apoio, caso existam (família, escola, amigos, comunidade).

A metodologia utilizada foi a oferta de rodas de conversas a esses estudantes adolescentes por meio da plataforma *Google Meet*, por meio de encontros mensais e com o aporte teórico sob o viés das contribuições da fenomenologia de Edith Stein. Dito isto, será apresentado neste relato de experiência a ação da Psicologia junto aos docentes do Colégio de Aplicação da UFRR na modalidade remota.

Sabe-se que a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a fase adulta. É caracterizada por diversas alterações em distintos níveis, tanto físico, mental e social, com consequente aquisição de características e competências que o capacitem para assumir os deveres do adulto e se integrar na sociedade. É nesta fase que o jovem começa a desenvolver um pensamento mais elaborado, questionando-se sobre si próprio e sobre o que o rodeia além de ser uma fase na qual o indivíduo busca constantemente se encontrar, passando assim por diversas crises de identidade (BERGER, 2003; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Deste modo observa-se que é também nesse período que se percebe a vivência de um sofrimento mental por parte desses jovens e, por consequência, maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de sofrimento mental na fase adulta (FEIJÓO; OLIVEIRA, 2001; OMS, 2016). No entanto, os contextos em que esse adolescente se encontra inserido pode potencializar ou não a vivência dos conflitos. A família e a escola são importantes nessas transformações, pois podem se tornar fatores de risco ou de proteção para o surgimento de comportamentos de riscos. (ARMOND et. al., 2013; GUERREIRO; SAMPAIO, 2013; GUERREIRO; SAMPAIO; FIGUEIRA, 2014).

Sendo assim, é importante que mesmo com o distanciamento social sejam mantidos elos de ligação que possam facilitar a transição e as vivências conflituosas dessa fase do desenvolvimento humano e que a escola nesse cenário pode ofertar grandes contribuições como fator de proteção, caso lhe ofertem espaços que lhes permitem a vivências de experiências autênticas e de acolhimento (ESPÍNDULA; FERREIRA, 2017) e as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) tem possibilitado tal aproximação por meio da realização de encontros virtuais nos quais os adolescentes possam se expressar de forma aberta sobre como têm se sentido em relação a eles mesmo e ao mundo ao seu redor.

Metodologia

O presente estudo é de natureza qualitativa, construído a partir de um relato descritivo da experiência de uma psicóloga que atua no contexto da Educação Básica em um Colégio de Aplicação federal. O relato de experiência valoriza a explicitação descritiva, interpretativa e compreensiva de fenômenos num contexto histórico (DALTRO; FARIA, 2019).

Neste estudo, as experiências estão atravessadas, além de outros fatores, pela suspensão das atividades educacionais presenciais em favor do distanciamento social para o enfrentamento da pandemia do Covid-19 e ancoradas na prática profissional da Psicologia no contexto educacional. O desenvolvimento das rodas de conversas com os alunos fez parte de um conjunto de ações estruturadas entre o setor de Psicologia Escolar e das Coordenações Pedagógicas e Orientação Educacional.

As rodas estavam previstas para serem realizadas durante o primeiro semestre de 2020 de forma presencial, como fruto do produto técnico da psicóloga mencionado anteriormente aplicado sobre espaços de falas dentro do ambiente escolar para estudantes sobre temas diversos, incluindo saúde mental e autolesão. No entanto, com a suspensão das aulas deram-se início no mês de julho de 2020, quando foi decretada a nova modalidade de ensino, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) no âmbito institucional até final de novembro de 2020.

Adolescente no contexto escolar

O adolescente na busca da sua identidade é influenciado tanto por fatores internos quanto externos, sociais e econômicos, tais como a cultura na qual encontra-se inserido, valores morais de sua família, contexto escolar e amigos que podem facilitar ou dificultar essa busca. Para Berger (2003) a sociedade possui grande influência nesse processo, primeiro quanto as estruturas sociais e costumes que facilitem a transição da infância à vida adulta, já que em sociedades cujos valores são voláteis e frágeis, podendo dificultar o processo de indentário e o outro refere-se à contribuição para a construção da identidade do adolescente.

Espíndula e Ferreira (2017) realizaram um estudo qualitativo sob a perspectiva fenomenológica com 12 adolescentes de uma escola rural cujo objetivo foi compreender como os adolescentes vivenciam a saúde mental no contexto escolar e como a escola oferece suporte para as demandas psicossociais. A partir da análise das narrativas sob as contribuições de Edith Stein, construíram-se três eixos principais, o corpo e a corporeidade dos adolescentes, a identidade pessoal, valores e projetos de vida (temporalidade) e as vivências comunitárias (escola, família e comunidade).

As pesquisadoras concluíram que a escola possui lugar determinante para a saúde mental dos adolescentes, uma vez que por meio das redes sociais estabelecidas no contexto propiciam a percepção de se lidar com as transformações internas e externas desse período do desenvolvimento humano por meio da intersubjetividade, ou seja, na relação de respeito e reciprocidade com professores, alunos e comunidade.

Papalia e Feldman (2013) afirmam que a escola pode ser um organizador poderoso na resolução da crise de confusão de papéis vivenciado pelo adolescente, pois propicia a

ele experimentar e testar suas habilidades, identificar-se com pares e explorar suas opções vocacionais, ampliando horizontes intelectuais e sociais. No entanto, essa pode não ser uma realidade para todos os adolescentes, pois este é um ambiente complexo, cujas relações podem ser vividas como um obstáculo ao caminho da vida adulta.

As autoras destacam ainda a importância da proximidade da família no acompanhamento escolar de seus filhos e suas práticas educativas parentais para o desenvolvimento saudável do adolescente. Para eles o envolvimento participativo dos pais pode propiciar senso de autoeficácia e segurança emocional aos filhos adolescente, principalmente, quanto à entrada do Ensino Médio.

Assim como as relações familiares são importantes para a formação da pessoa desse adolescente, as relações com seus pares também são determinantes nesse processo de busca de si. Já que as amizades significativas se constroem ainda durante a infância, principalmente no final dela e são aprofundadas com a entrada na adolescência. Os amigos fornecem proteção social contra o ambiente social do adolescente, como escola, grupos diferentes. Eles são capazes de auxiliar a busca pela autocompreensão e identidade, pois funciona como um espelho que reflete tanto distorções, como interesses e capacidades. É por meio das inter-relações entre os pares que eles refazem os valores que foram internalizados no âmbito da família e constroem os seus próprios (BERGER, 2003).

As escolas possuem um papel significativo para o desenvolvimento das crianças e adolescentes e suas famílias seja na promoção de fatores protetivos quanto na detecção de riscos ou na redução de danos de agravos psicossociais. Nesse ambiente se concentram a maior parte da população infanto-juvenil brasileira e muitas crianças e adolescentes convivem mais nos contextos escolares do que com suas próprias famílias. Assim, agregam-se nesses locais diversidades e singularidades, potencialidades e recursos significativos para a produção de saúde, a garantia da proteção integral e o desenvolvimento de pessoas sob os princípios de autonomia e emancipação (BRASIL, 2014).

Berger (2003) afirma que a escola é um espaço de formação humana, para além da transmissão de conteúdo, onde é possível que o adolescente reflita e amplie seus projetos de vida, e amplie suas experiências. Neste sentido, o autor questiona em quais lugares o adolescente tem encontrado campo para refletir sobre suas questões e angústias

peçoais, de modo a se situar em relação ao mundo em que vive. Tais reflexões desafiam educadores a desenvolverem novas formas de se olhar e trabalhar com o aluno.

A escola deveria proporcionar um ensino diferente aos adolescentes do que oferece às crianças, já que na adolescência proporcionar ambientes de integração entre professores e estudantes, entre os próprios estudantes, com ambiente que seja capaz de proporcionar o desenvolvimento da autoconfiança dessas pessoas. Com isso, saúde mental não é algo produzido isoladamente por um indivíduo, mas está relacionada à possibilidade de acessarmos direitos e projetos coletivos como acesso à alimentação, saúde, segurança e educação de qualidade. A discussão de ações de saúde mental no território por meio desses grupos pode construir estratégias mais amplas de ação integrada entre os serviços de educação e saúde e outros serviços qualificando a compreensão dos casos e a atuação no território de responsabilidade compartilhada (TANAKA; RIBEIRO, 2009; LUCCHESI et. al., 2009).

Ferrioli et. al. (2007) mencionam que as ações de saúde mental na escola são pouco efetivas por não possuírem articulações com os princípios de saúde mental e as diretrizes educacionais, ou mesmo, por professores e profissionais de saúde não estarem preparados tecnicamente para lidarem com ações de promoção no contexto escolar.

A experiência da realização de rodas de conversas com adolescentes da Educação Básica do CAP/UFRR e as contribuições da fenomenologia

A fenomenologia surgiu como uma escola filosófica a qual teve como precursor Edmund Husserl (1859-1938), cuja obra provocou impacto significativo não apenas na filosofia, mas na forma de se pensar o homem e o seu mundo e no modo de compreendê-lo. Esta ciência ultrapassou seu tempo e os limites da filosofia, influenciando diversos pensadores contemporâneos, como Edith Stein, filósofa e seguidora dos pensamentos de Husserl, também influenciou Ludwig Binswanger, psiquiatra, que contribuiu para o olhar mais humano na relação intersubjetiva dentro da medicina da pessoa (ALES BELLO, 2006; HOLANDA, 2014; GIORGI; SOUSA, 2010).

Edith Stein oferece subsídios para a compreensão da estrutura humana, sinalizando-nos elementos essenciais da constituição da pessoa, em sua subjetividade e alteridade, bem como das relações interpessoais como comunidade, sociedade e Estado.

Contribuindo para a análise das vivências e da compreensão da experiência a partir da estrutura da pessoa (ALES BELLO, 2006).

Para Stein a experiência é a relação que o ser humano tem com as coisas do mundo externo, mas também consigo mesmo, sendo, portanto, um movimento. E para se ter acesso ao sentido da experiência é primordial compreender a dimensão da consciência (ALES BELLO, 2015).

A autora ainda afirma que a consciência é a dimensão com a qual nós registramos os atos, sejam eles atos psíquicos, corpóreos ou espirituais. Husserl considera que somos corpo-mente-espírito como dimensão. Da dimensão corpo, fazem parte os instintos em geral, como fome, por exemplo; da dimensão mente, fazem parte as reações (impulsos) e emoções; e da dimensão espírito fazem parte as reflexões, as avaliações, as decisões, o controle, o pensar. (ALES BELLO, 2006).

A vivência é compreendida a partir da dimensão da consciência, sendo considerada uma experiência viva. Experiência e vivência são termos próximos, na qual a experiência passa pelas vivências das quais temos consciência. De modo que a experiência é considerada o nível mais superficial do conhecimento da pessoa, enquanto que a vivência está em um nível mais elaborado e possui diferentes tipos, vivência perceptiva, imaginativa, de recordação, de qualidades diversas e outras (ALES BELLO, 2015).

A mesma autora afirma ainda que a vivência corresponde ao que se está interno no sujeito, a mente e o espírito, e ao que está fora, na realidade externa. Sendo o corpo ligado com a mente, de tal modo que este corpo é percebido a partir das sensações corpóreas. No entanto a dimensão corpo por si só não é capaz de mover a pessoa, necessitando da dimensão espírito, da motivação, para que haja a movimentação e tomada de decisão diante de um objeto percebido. Com isso, Stein diferencia a pessoa humana do mundo animal, pois corpo e mente pertencem a ambos, no entanto o espírito é uma dimensão que faz parte unicamente do humano.

O corpo vivo é uma dimensão psicofísica do indivíduo, sendo um órgão perceptivo do sujeito que experiência. Essa visão de corpo foi iniciada por Husserl em seus estudos e aprofundada por Stein. Sendo por meio deste que o corpo que é vivo se emerge as afinidades e diferenças quanto aos objetos percebidos por ele, pois ele não é apenas uma percepção do externo, mas possui uma movimentação própria, intuitiva que

transcende a matéria. É só por meio desse conceito que o sujeito é capaz de distinguir o que é dele e o que não é, já que possui uma dimensão de percepção que é externa, a parte do corpo que toca o mundo exterior, e a percepção interna, sensações internas

É a partir desse aporte teórico que se embasou a prática da realização de rodas de conversas junto aos adolescentes do ensino médio. Tendo em vista que por meio desses espaços de fala nos quais eles podem ressignificar suas experiências e vivências na dimensão da totalidade do ser, mesmo que sejam espaços virtuais de interação.

Inicialmente as rodas haviam sido planejadas para serem realizadas com todos os alunos do Ensino Médio do CAp, presencialmente, como parte das ações de saúde mental no contexto escolar, principalmente acerca da autolesão em adolescentes. No entanto, com o cenário mundial em pandemia foram realizados na modalidade online em pequenos grupos, mas ainda abrangendo todos os alunos que tivessem interesse e fossem do ensino médio do colégio em questão.

Os encontros foram divulgados aos alunos e oferecidos de forma mensal aos alunos que se sentissem à vontade em participar. O objetivo dos encontros era que fossem interdependentes, ou seja, um encontro não era pré-requisito para a participação do outro. Tal estratégia facilitou a participação dos adolescentes, já que eles podiam participar conforme sentissem à vontade, ou poderiam apenas estar presentes na sala sem que necessariamente tivessem a obrigatoriedade de interagir.

Privilegiaremos aqui a descrição e contribuições dos encontros em grupo virtuais com os adolescentes em distanciamento escolar em função da pandemia. Ao todo foram realizados oito encontros que contaram com uma média de participação de pelo menos 15 adolescentes.

Nos encontros iniciais os adolescentes estavam bastante receosos sobre as rodas serem realizadas nessa modalidade virtual, no entanto, também demonstraram a necessidade de se expressarem sobre o que estavam sentindo por estarem cerca de três meses, na época, distantes da escola e de toda rotina escolar.

Logo, os primeiros encontros trouxeram vivências diversas, mas a maioria caminhava para a necessidade de poderem falar de como se sentiam em relação a tudo que estava acontecendo em suas casas, comunidades e no mundo e sentirem ouvidos, acolhidos.

Na medida em que eles foram sentindo mais seguros em relação a participação nos encontros, passaram a expor os seus medos, seus sentimentos, e suas angústias pessoais. Foi possível perceber que essas trocas de experiências passaram ocorrer por volta do quarto encontro. E como afirma Ales Bello (2015), com base nos entendimentos de Stein, que um elo importante capaz de recarregar essa força vital é a intersubjetividade. É no contato com o outro que se pode ressignificar e modificar essa força, com um novo frescor e entusiasmo.

Em grupo os estudantes evidenciaram, também, a capacidade empática ao tentarem acolher seus colegas enquanto traziam em suas falas vivências de angustia e medo sobre o que estavam passando, com palavras que procuravam reconfortar suas dores. A vivência dessa intersubjetividade que também é subjetividade só se dá devido a esse sentimento de empatia, ao qual há uma relação de reciprocidade entre os dois pólos, já que uma das pessoas sente não vivencia apenas dela, mesmo que para ela seja singular (ALES BELLO, 2006; 2015; HOLANDA, 2014).

Os participantes também falaram das dificuldades vivenciadas para conciliar a nova rotina em casa e o retorno as atividades escolares, mesmo que remotas. Como exemplificou um dos adolescentes: “Eu acho que a minha vida virou de cabeça para baixo e sinto que as pessoas aqui em casa não entendem que não estou em casa sem fazer nada, que tenho que estudar em casa agora, é muito chato”. Mas também houveram participantes que relataram que encontram uma nova conexão com suas famílias, que achavam que não existia, como mostra está fala: “Eu e minha mãe mal conversávamos, agora sinto que ela se importa mais comigo, e eu achei que isso seria impossível”.

Essas vivências só foram possíveis porque os adolescentes enquanto encontravam-se nos encontros sentiam-se em comunidade, como preconiza Edith Stein. Para a teórica a comunidade possui como característica a responsabilização recíproca entre os seus membros, sendo a liberdade de cada um é considerada nesse processo. No entanto, para que se tenha uma comunidade não basta apenas que haja a união de pessoas, mas a consideração mútua entre os membros da individualidade de cada um. A comunidade se forma quando cada membro aceita a comunidade como lugar de seu movimento individual e, assim, se forma uma nova personalidade que é a comunidade (ALES BELLO, 2015).

Os estudantes que estavam, na época, cursando o último ano do Ensino Médio relataram, também, as pressões da escola, da sociedade e dos familiares para o ingresso na faculdade e a incerteza de quando retornariam a rotina presencial.

Para o encerramento das rodas, durante o mês de novembro, cada participante significou a experiência de terem feito parte dos encontros, muitos trouxeram falas com o “precisamos de mais espaços como esse”, “gratidão”, “agradecimento”, “enquanto estava aqui, os problemas sumiam” entre outras.

Durante todas as rodas, procurou-se estimular o protagonismo de todos e focar no compartilhamento de experiências e no acolhimento aos adolescentes no momento em que iam se apresentando os sentimentos e vivências. Outro ponto relevante a se destacar foi a atuação conjunta e articulada na Psicologia escolar junto aos demais setores da escola, sem os quais não seria possível existir espaços, mesmo que virtuais, de diálogos e trocas de experiências pelos estudantes.

Entende-se com este relato de prática que a contribuições da fenomenologia em relação ao modo como se ver o ser humano, na dimensão da totalidade e do saudável, não somente do adoecer, ofereceu o aprofundamento das vivências pelos adolescentes acerca do momento de seus conflitos e também do distanciamento social. Além de refletir a necessidade de ofertar serviços de promoção de saúde mental dentro dos espaços escolares.

Considerações finais

Por meio deste relato de prática, articulada à pesquisa, sugerimos a existência de espaços mais dialógicos e cooperativos nos quais os alunos da Educação Básica, principalmente, os adolescentes, possam vivenciar suas contradições. Algo que implica e convida para a melhora de condições institucionais e para que haja trabalhos direcionados aos docentes e discentes que visem refletir sobre as ações de promoção de saúde, bem como protagonismo do aluno no seu processo de desenvolvimento e de ensino-aprendizagem.

Além de que o fator pandemia contribuiu para que o espaço escolar tivesse que repensar suas ações muito além da prática pedagógica, que a mesma deve buscar

construção de sentidos em relação ao que é ministrado e sobre o que vivenciado pelos alunos nesse contexto tão complexo.

Reitera-se a relevância de que sejam publicadas práticas voltadas para o Ensino Básico para respaldar a atuação do psicólogo, possibilitando assim, uma compreensão das especificidades desse contexto e contribuindo para a elaboração de projetos de intervenção comprometidos social e eticamente.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. Fenomenologia Do Corpo e Da Sexualidade: Aspectos Antropológicos e Psicológicos. In: Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez (Org). Boa Vista; Editora da UFRR, 2019. pp.16.

_____. Gênese da comunidade. In Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia e Educação. MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal. (Orgs.). São Paulo; Paulus, 2017. Pp.55.

_____. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. Psicologia e pesquisa fenomenológica: Reflexões e perspectiva. São Paulo: Ômega, 2001, p 15-22.

_____. Pessoa e comunidade: Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

_____. Introdução à Fenomenologia. Bauru: EDUSC, 2006.

ARMOND, J. E.; GORIOS, C.; ZOLLNER, A. C. R.; CONSTANTINO, C. F.; RODRIGUES, C. L. Autoagressões e tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes na cidade de São Paulo no ano de 2013. Revista Brasileira de Medicina Moreira Junior, v. 15, n. 10, p. 355-360, Out./2015.

BERGER, K. S. O desenvolvimento da pessoa: Da infância à adolescência. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. In Estudos e Pesquisas em Psicologia Rio de Janeiro v. 19 n. 1 p. 223-237 Janeiro a Abril de 2019 DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43015>

ESPÍNDULA, J. A.; FERREIRA, M. R. Saúde mental: aspectos psicossociais de adolescentes em uma Escola Rural na perspectiva fenomenológica. In: Psicologia: relatos e experiências. Neves, L. R.; Ramos, C. E. (Orgs.) Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.

FERRIOLLI, S. H. T.; MARTURANO, E. M.; PUNTEL, L. P. Contexto familiar e problemas de saúde mental infantil no Programa Saúde da Família. Revista Saúde Pública, vol. 41, n. 2, p. 251-9, 2007.

FEIJÓ, R. B; OLIVEIRA, E. A.; Comportamento de risco na adolescência. Jornal de Pediatria, v. 77, Supl.2, p. 125-133, 2001.

GUERREIRO, D. F.; SAMPAIO, D. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão de literatura com foco na investigação em língua portuguesa. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, vol. 31, n. 2, p. 213-222, jul./dez. 2013.

GUERREIRO, D. F.; SAMPAIO, D.; FIGUEIRA, M. L. Relatório da investigação “Comportamentos autolesivos em adolescentes: características epidemiológicas e análise de fatores psicopatológico, temperamento afetivo e estratégias de coping. Lisboa; Set. 2014.

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, vol. 24, n. 3, p. 363-372, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório sobre saúde no mundo 2001. Saúde mental: nova concepção, nova esperança, 2001. Disponível em: <http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2017.

TANAKA, O. Y.; RIBEIRO, E. L. Ações de saúde mental na atenção básica: caminho para ampliação da integralidade da atenção. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 14, n. 2, p. 477-486, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. World Health Statistics 2016: Monitoring health for the SDGs. Retirado de http://www.who.int/gho/publications/world_health_statistics/2016/en/. Acessado em 19 de fevereiro de 2020.

RODAS DE CONVERSA “SOBRE-VIVÊNCIAS” – ESCOLA E FAMÍLIAS NA PANDEMIA

Marcelo Naputano

Introdução

“No mundo dos seres viventes não existem coisas, mas somente relações” Gregory Bateson

O presente texto é resultado das reflexões realizadas por ocasião de nossa participação no “III Seminário de Fenomenologia e Psicologia” e no “I Seminário Internacional de Psicologia, Fenomenologia e Saúde: Sofrimento Humano, Fenomenologia e Saúde Mental em Tempos de Pandemia”, realizados na Universidade Federal de Roraima (UFRR), na cidade de Boa Vista. As considerações aqui contidas, em parte apresentadas nos referidos congressos, citadas na forma de resumo escrito e apresentação oral, foram os resultados parciais de um projeto de extensão cadastrado na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE), da UFRR, com o título “Rodas de Conversa Sobre-Vivências – Escola e Famílias na Pandemia”.

Este projeto foi realizado no período de 1º. de setembro a 15 de dezembro de 2020 e teve, como campo prático de sua aplicação, duas instituições escolares: o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR) e o Instituto Federal de Roraima (IFRR). No total, foram 40 horas de atividades psicoeducativas promovidas por psicólogos e professores com o objetivo de construir um espaço de convivência virtual, no âmbito da Psicologia Social, na perspectiva epistemológica Construcionista Social e na Teoria Sistêmica Relacional, na compreensão de uma prática profissional não limitada ao atendimento pós-manifestação de desajustes psicoafetivos e sim, igualmente, na atuação psicológica sobre a prevenção desse mal-estar. Dito de outra maneira, um projeto da psicologia Construcionista Social e Sistêmica Relacional com pais e filhos – nas instituições escolares citadas – para tratarmos questões relacionadas à coconstrução de nossa própria saúde psíquica em tempos pandêmicos.

Contexto pandêmico

O ano de 2020 iniciou-se com uma situação de grande relevância política, econômica e social global: a infecção pelo coronavírus SARS-CoV-2, que é denominada mais vulgarmente como COVID-19. Em 30 de janeiro de 2020, o atual diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, denominou-a como uma emergência de saúde pública de importância internacional. Ou seja, o mais alto nível de alerta dessa organização. Posteriormente, em 11 de março de 2020, a situação foi redefinida ainda como uma verdadeira pandemia. As orientações da OMS têm sido baseadas na higiene pessoal e dos locais de trânsito de pessoas, na manutenção de uma distância física mínima de dois metros entre as mesmas e na permanência em casa o maior tempo possível. O *slogan* em inglês “*Stay home*” se transformou na ordem de base.

As instituições educativas e as escolas se encontram na difícil tarefa de equacionar a continuidade da educação em seus diversos aspectos de desenvolvimentos cognitivos relacionais e, ao mesmo tempo, proteger a comunidade educacional – docentes, funcionários, discentes e familiares – de se tornar um agente de possível contaminação pelo coronavírus. A modalidade encontrada para enfrentar tal situação de emergência foi a de dar continuidade às atividades educacionais por meio da elaboração de um ensino remoto, segundo a Portaria do MEC nº 544, de 17 de junho de 2020, publicada no Diário Oficial da União.

Tal normativa se apresentou como um desafio a toda comunidade educativa, por se tratar de uma novidade que, em seus desafios, traz certamente possibilidades de utilização de novas tecnologias na educação, mas igualmente dificuldades. Dentre as dificuldades, está aquela das famílias que se viram, de um momento ao outro, corresponsáveis por parte da gestão de seus filhos em casa, em colaboração com as instituições educativas e escolares em relação à execução das atividades de modo remoto.

Esse contexto tem provocado o grande número de pessoas que manifestam sofrimento psíquico e que necessitam de atenção psicossocial em modalidades que respeitem a atual complexa condição de isolamento social. A psicologia é chamada em causa para promover projetos de atenção psicossocial que sejam uma possível resposta,

ainda que parcial, à atual condição “pandêmica” que, infelizmente, não se apresenta como condição de breve passagem. Já se fala de um “novo normal” que, comparando com o que considerávamos a norma das relações sociais presenciais, de “normal” parece ter pouco e sentimos isso na própria pele, por exemplo, no expressivo aumento da violência doméstica em nosso país, com a justificativa do excesso de tempo em clausura com as mesmas pessoas.

Sabemos o quanto a psicologia, em sua vertente da atenção clínica individual, tem sido importante no atendimento às pessoas que se sentem vulneráveis e necessitadas de uma escuta capaz de contribuir na promoção da própria saúde. Contudo, a psicologia não se restringe à ação clínica individual e muito menos à ação dentro do contexto de um certo mal-estar já instituído em função dos desarticulamentos atuais de nossa sociabilidade. A psicologia pode mover-se também em ações de acolhimento aos novos desafios, podendo ser, inclusive, ações criativas e preventivas às condições que provocam o atual sofrimento psíquico, manifestado por muitas pessoas em nossa comunidade e, em particular, nas comunidades educacionais que foram nosso foco de ação.

É nesse contexto que criamos um projeto de roda de conversa no Colégio de Aplicação da UFRR e no Instituto Federal de Roraima, destinado a seus discentes e às famílias, na possibilidade de encontros virtuais que pudessem ser um espaço de escuta e compartilhamento de ideias e sentimentos, enfim de vivências nesse difícil contexto.

Rodas sobre as vivências e sobrevivências

Uma primordial explicação sobre o título deste trabalho se faz necessária. O termo “sobre-vivências” tem um duplo significado dentro de nossa construção teórica e prática. O primeiro aspecto diz respeito à ideia de falarmos a respeito das vivências de nossos protagonistas – docentes e famílias – em situação pandêmica; ou melhor, da construção de um espaço relacional onde as pessoas envolvidas pudessem manifestar como tem sido suas vivências e suas convivências nesse período pandêmico. O segundo aspecto diz respeito à necessidade de sobrevivermos; ou seja, de resistirmos aos efeitos da atual condição pandêmica de modo resiliente na criação de novos sentidos. A relevância dessa dupla temática é também, por sua vez, dupla: acadêmica e social. Na realidade, a ideia do projeto nasceu de um telefonema recebido por nós, enquanto docentes universitários na área da psicologia, originado de uma organização não governamental (ONG), com a

solicitação de projetos de atendimento às inúmeras pessoas já adoecidas pela pandemia e com grande demanda de atendimento psicológico. Solicitação essa que, por si mesma, já nos colocava dentro do axioma da psicologia enquanto atendimento a pessoas já adoecidas e na clássica representação da profissão no contexto da atenção clínica individual. Esse fato foi o que nos conduziu à criação dessa dupla necessidade de “sobrevivências” que se transformou em um projeto de extensão cadastrado na universidade.

Academicamente, a temática foi fundamental, por contribuir com uma consideração da psicologia para além de seu maior estigma e que a coloca, quase sempre, no âmbito da atenção da clínica individual. Nada mais errôneo sobre uma profissão que é multifatorial e, também, multifuncional. Certamente, a clínica individual tem seu sentido epistemológico e prático de ser, mas que não pode ser compreendido como sinônimo único e imediato da psicologia enquanto sua única possibilidade. A psicologia é também uma ciência e uma profissão de utilidade coletiva e que trabalha no âmbito da formação humana, na construção de uma subjetividade capaz de se constituir numa verdadeira ação de prevenção ao sofrimento psíquico que, em nosso caso, teve como meta o ambiente educacional e seus protagonistas.

A relevância social se demonstrou no oferecimento, à comunidade educacional – docentes, funcionários, discentes e seus familiares – do Colégio de Aplicação da UFRR e do Instituto federal de Roraima, da possibilidade de as pessoas participarem de um grupo de roda de conversa, mediado por profissionais da psicologia e da educação, de compartilhamento de suas vivências em momento pandêmico, na construção de uma saúde mental entendida também como um processo no qual as nossas ações têm um sentido de construção coletiva, mesmo que de modo virtual.

Método de ação

Assim, após entrarmos em contato com as instituições educacionais já citadas, estabelecemos um calendário dos encontros virtuais que foram realizados mediante prévia inscrição dos interessados por meio da plataforma Conferência Web <https://conferenciaweb.rnp.br/>. O projeto teve o total de 40 horas, distribuídas em reuniões de supervisão entre seus promotores e 10 encontros, de 2 horas de duração cada um, com intervalo de 3 a 4 semanas entre um encontro e outro.

A equipe no Instituto Federal de Roraima teve a participação do Prof. Dr. Marcelo Naputano (coordenador geral do projeto), da Prof.^a Dra. Alexandra de Oliveira Rodrigues Marçulo e do Prof. Me. Emílio Luiz Faria Rodrigues – todos na qualidade de mediadores do encontro – e, por fim, a participação da discente Vanessa de Paiva Campos, na qualidade de colaboradora e formanda em psicologia da UFRR, além da presença de pais e filhos da comunidade vinculada à instituição.

A equipe no Colégio de Aplicação da UFRR teve a participação do Prof. Dr. Marcelo Naputano (coordenador geral do projeto), da Prof.^a Me. Maria Andreolina do Nascimento Oliveira Gonçalves e da Prof.^a Robélia Cristina Saraiva Hahn, todos na qualidade de mediadores do encontro, além da presença de pais e filhos da comunidade vinculada à instituição.

Nosso objetivo geral foi aquele de criarmos um espaço de intervenção psicológica preventiva e criativa, com base teórica socioconstrucionista e sistêmica relacional, por meio da execução do projeto de extensão que pudesse fazer frente ao atual sofrimento psíquico manifestado por muitos indivíduos e também presente nas comunidades educacionais. Nossos objetivos específicos foram os de facilitarmos as relações interpessoais, por meio do compartilhamento de vivências, e produzirmos maiores condições da compreensão de que saúde psíquica, além de uma percepção intrapsíquica, é também uma construção social da qual todos fazemos parte.

Percurso – teorias das relações

Assim, dentro do contexto pandêmico e da errônea interpretação que se faz da psicologia enquanto atividade de intervenção quase que exclusivamente de expressão de uma clínica individual, foi que decidimos realizar o projeto de extensão RODAS DE CONVERSA “SOBRE-VIVÊNCIAS” – ESCOLA E FAMÍLIAS NA PANDEMIA.

Para traçar um percurso de sua realização, faço algumas breves reflexões sobre a Teoria do Construcionismo Social e a Teoria Sistêmica Relacional. Teorias compreendidas como construtoras das relações humanas *a posteriori*, que manifestam uma forte conexão entre si, na consolidação de uma análise, e permitem intervenções sociais baseadas em seus processos de criação de significados ontológicos, a partir do *locus* concreto de inscrição dos sujeitos por meio das ações coletivas.

A Teoria do Construcionismo Social pode ser entendida como um amplo movimento cultural que nasceu nos Estados Unidos nos anos 1980, no âmbito das ciências humanas e sociais. Alguns de seus principais propagadores são Gergen, Harré, Pearce e Shotter. Trata-se de uma teoria de questionamentos epistemológicos e de crítica social que tem por base a ideia de que as explicações/descrições sociais são uma ação social com efeitos pragmáticos em vez de uma “leitura” hermenêutica do “real”. Define-se como uma perspectiva de observação, análise e ação sobre a realidade, negando qualquer essência aos fenômenos sociais e rejeitando, assim, conceitos universais, por considerá-los respostas simplistas para problemas complexos dos seres humanos em sociedade (NAPUTANO, 2017, p. 34).

Apesar de se tratar de uma perspectiva heterogênea, existem características comuns desse movimento. Uma de suas características principais é uma postura antiessencialista e antirrealista que permite a consideração de que sujeito e objeto se implicam reciprocamente sem neutralidade. A realidade, por assim dizer, compreende nós mesmos e, por esse motivo, devemos nos considerar sujeitos/objetos ao mesmo tempo – sem nenhuma dicotomia hierárquica (SPARTI, 2010, p. 67).

Essa teoria constitui-se em uma visão sociológica do empreendimento científico que muito deve à obra de Wittgenstein. O próprio Gergen, considerado por alguns autores o “pai” dessa teoria, afirma que a obra de Wittgenstein foi seminal para o desenvolvimento do movimento construcionista, pois deu os pressupostos para o questionamento do uso de conceitos como predicados mentais condicionados por convenções, convidando-nos “a desafiar as bases objetivas do conhecimento” (GERGEN, 2009, p. 302), contestando assim as teorias da ‘essência’. O ser humano, nessa teoria, não é constituído por essência e sim por existência. Significa que essas constituições são versões construídas socialmente e que podem ser revistas e reavaliadas em sociedade por meio de nossas práticas cotidianas.

Outro autor importante para o desenvolvimento dessa teoria foi Bakhtin, pois, para ele, não há realidade linguística fora de sua expressão no diálogo. O signo só encontra existência nas relações concretas e pode ser alterado por estas em uma linguagem criadora de novos significantes: “o signo e a situação social em que se insere estão indissoluvelmente ligados. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica” (BAKHTIN, 2006, p. 62). Assim, só conseguimos dar

significado às coisas através das trocas nos contextos sociais onde o saber é constituído na relação ativa e cooperativa. Alguns temas são muito inerentes ao construcionismo social – como a linguagem, a comunicação, a cultura, a ideologia, o poder, a democracia, a educação etc. –, com o interesse em compreender como os sujeitos em interação constroem a realidade.

Em síntese, o construcionismo social focaliza sua atenção na criação de significados, na existência, no seu aprofundamento e sua localização no universo compartilhado. Gergen sintetizou que é o intercâmbio entre os homens que constitui a capacidade de dar significado à linguagem – e isso deve ser considerado o cerne da questão (GERGEN, 1994, p. 264). A realização do conhecimento e da construção de um saber é o resultado de uma composição compartilhada por diferentes indivíduos. Essas afirmações mudam profundamente a perspectiva da ação da psicologia e, em particular, vai nos fornecer os instrumentos para a criação do espaço de rodas de conversa que realizamos como espaço dialógico – “SOBRE-VIVÊNCIAS” – nas escolas com as famílias na pandemia.

No que concerne à Teoria Sistêmica Relacional, essa é derivada da Teoria dos Sistemas, que recusa a interpretação do mundo como resultado do reducionismo mecanicista e da divisão da realidade em fragmentos desconexos e isolados entre si. Bertalanfly, considerado o precursor dessa teoria, coloca a ênfase na complexidade estrutural do “tudo”, dos organismos em suas interações, independentemente da natureza de seus componentes, se naturais ou sociais, e das forças que os movem. Noções estas que podemos observar em sua definição de sistema: “*un sistema è un complesso di elementi che stanno in interazione*” (“um sistema é um complexo de elementos que estão em interação” – tradução nossa) (BERTALANFLY, 2004, p. 54).

Sucessivamente, outros autores fizeram as suas contribuições à Teoria dos Sistemas. Ilya Prigogine formulou uma teoria aprofundando a perspectiva não linear, na qual ordem e desordem não são contrapostas, mas fazem parte de um mesmo evento simultâneo. Fritjof Capra, dentre outras contribuições, elucidou o conceito acima, explicando que as correntes de água e ar são extremamente organizadas mesmo parecendo caóticas. Do mesmo modo, nos sistemas vivos, nossa ordem não surge do equilíbrio e sim da desordem.

Podemos ainda afirmar que essa teoria nasceu do esforço para superar os limites de um comportamento analítico e linear, típico da mecânica clássica, incapaz de explicar e fazer funcionar fenômenos de natureza mais complexa, se constituindo em um paradigma que se caracteriza por uma nova visão holística, ecológica e processual dos seres, onde as partes de um sistema interagem como algo integrado. Desse modo, procura-se substituir a polaridade entre dependência e independência, ou seja, entre os elementos e o todo, pela concepção de interdependência.

Já a expressão “sistêmica relacional” denota uma perspectiva teórica que, baseada na Teoria dos Sistemas, se constitui em uma compreensão dos fenômenos psicológicos que tem por fundamento as relações entre os indivíduos, em seus processos interativos, na construção de suas subjetividades. O indivíduo, nessa teoria, não é o resultado de suas propriedades internas ou de suas qualidades intrapsíquicas e sim é um sujeito contextual. Teoria essa heterogênea como o Construcionismo Social, mas que encontra em Gregory Bateson – e no grupo de pesquisa por ele dirigido – um de seus pontos máximos de referência e início na elaboração de diversas ideias relacionadas ao contexto e à análise da comunicação (EDELSTEIN, 2011, pp. 73).

Entre os mais variados autores dessa teoria, é importante citarmos Paul Watzlawick, um dos participantes da Escola de Palo Alto, que publicou, em 1967, conjuntamente com Beavin e Jackson, o clássico texto *Pragmatica della Comunicazione Umana. Studio dei modelli interattivi, delle patologie e dei paradossi* (Pragmática da Comunicação Humana. Estudo dos modelos interativos, das patologias e dos paradoxos – tradução nossa). Nesse trabalho, os autores discorrem suas afirmações, tais como: funções e relações, metacomunicação, informação e retroalimentação, causa e efeito, presente e passado, circularidade nos modelos comunicativos etc. Contudo, a mais notória inovação dessa leitura se deu pelos seus cinco axiomas, fundamentos de uma teoria geral da comunicação, a saber: a ideia de que é impossível não comunicar; a descrição de dois níveis comunicativos, aquele do conteúdo e aquele da relação; a natureza de uma relação não depende de sua “pontuação” na sequência comunicativa; a diferença de duas modalidades comunicativas, ou seja, uma verbal, definida também por numérica ou digital, e, a outra, não verbal, definida como analógica; e, por fim, a cismogênese, ou seja, a existência de dois tipos de interação, uma simétrica, baseada na igualdade dos

comportamentos, e, a outra, baseada na complementariedade, na diferença de comportamento (WATZLAWICK & BEAVIN & JACKSON, 1978, p. 41-47).

São conceituações pós-modernas e pós-colonialistas que colocam em discussão vários elementos em comum, como, por exemplo, as questões da impossibilidade imediata da lógica causa-efeito linear; a resignificação da ideia de contexto como algo que se coconstrói; a interação como forma de construção e desconstrução de um conhecimento dinâmico e generativo; uma visão proativa das pessoas; a circularidade nas relações; e, entre outras, a comunicação e suas linguagens como centrais na criação de nós mesmos em relação aos outros.

Enfim, o Construcionismo Social e a Teoria Sistêmica Relacional são duas teorias diferentes e que certamente permanecem com suas particularidades. Contudo, foram utilizadas na proposta e na realização de nosso projeto de extensão devido ao fato que, fundamentalmente, se acomodam em suas matrizes como teorias sem conotação de um discurso da verdade unilateral apriorístico ou, o que seria ainda mais pretensioso, da ordem de um discurso do estabelecimento de uma “resposta/solução” psicológica ao atual mal-estar pandêmico. Nossa preocupação foi a de não criarmos mais um serviço profissional que, mesmo sendo útil para alguns, acabasse por reforçar o mal-estar psíquico como uma problemática individual a ser resolvido como se esse mal-estar não fosse, em grande parte, também resultado de problemas sociais e coletivos que estão subjetivando-nos na atual situação pandêmica. Dito de outro modo, um mal-estar sentido coletivamente por muitos não pode ser interpretado como questão prioritariamente individual e intrapsíquica.

Reflexões sobre as relações nas rodas de vivências e sobrevivências

Passemos agora às reflexões derivadas de tudo o que expusemos anteriormente, baseados nas duas teorias de nossa referência. Uma primeira reflexão possível diz respeito à afirmação sistêmica relacional que sustenta que “falar em relação” não é “ter uma relação”. Ter uma relação não é sinônimo de ter conhecimentos ou saber analisar aspectos psicológicos de pessoas e grupos baseados em inúmeras teorias. O profissional psicólogo que pensa em “aplicar” suas competências-chave, em qualquer contexto ou momento histórico, considerando-as anteriores às relações que podem, de fato, construir competências, muito se engana. O constituir e o constituente são conjuntamente parte da

formação existencial que psicólogos necessitam para o próprio ato de suas intervenções profissionais na construção de suas competências relacionais.

A relação do profissional psicólogo, individual e de grupo, é uma experiência humana que ocorre entre pessoas e pressupõem a interpessoalidade de seus protagonistas. Em nosso projeto de roda de conversa, os protagonistas foram os psicólogos, os educadores, os pais e os filhos que se relacionaram a partir dos encontros virtuais. Essa relação envolve nossas histórias, nossos conhecimentos e nossas emoções em um percurso sem resultados prévios, numa narrativa de encontros e desencontros frequentes.

Necessário lembrarmos que a relação, antes de terapêutica ou não, é uma relação! Aliás, relação que é a matéria da qual somos feitos. É por isso que podemos afirmar que nossa prática profissional se define melhor como uma atividade prático-existencial do que uma atividade técnico-racional. Lembrando que a técnica não é nenhum saber teórico, senão a organização de correções em um âmbito explicativo e da racionalidade que procura alcançar o máximo dos resultados com menores esforços possíveis, ou seja, o contrário da relação. A técnica pode até ser útil em alguma ocasião, mas não deve se confundir com a relação (PARTON & O'BYRNE, , 2005, pp 11-12).

Uma segunda reflexão é a constatação de que as relações psicológicas, como relações humanas, devem ser reais e não ideais. Certamente, idealizar faz parte de nossa constituição humana e todos idealizamos várias relações; contudo, permanecermos na idealização dessas relações pode ser um problema. Isso nos parece de fundamental importância prática para nós, psicólogos, professores, pais e alunos que, muito frequentemente, trabalhamos com a idealização da relação psicológica e educativa, ou seja, com a ideia de que, porque se tratar de uma “relação terapêutica”, ela não pode ou não deveria ter conflitos. É de se esperar que uma relação afetiva, que envolva todos os aspectos da vida psíquica dos sentimentos, se caracterize por conflitos, por encontros e desencontros, concordâncias e discordâncias e, igualmente, desajustes e acomodações para novos desajustes e novas acomodações.

Os conflitos não devem ser considerados como algo “lamentavelmente inevitável”, pois são inerentes às relações humanas. Os conflitos deveriam ser entendidos como algo esperado e desejável, pois constituem a matéria do trabalho psicológico através da qual criamos a capacidade relacional da convivência, da tolerância, do respeito às

diferenças – sem nos sentirmos ameaçados por essas –, da capacidade de vivenciar a tensão como valor a ser desenvolvido e, por fim, da não violência como resposta aos conflitos. Aliás, escapar ao conflito, isso sim, pode significar um ato de violência. Em nossas rodas de conversa – entre nossas vivências e nossa sobrevivência – tivemos inúmeros conflitos que foram utilizados como motivo da coconstrução de novas relações. Nos colocamos, nesses momentos, como profissionais capazes de estar dentro dos conflitos sem transformá-los em violência (GALVÃO, p. 122-140, 2016).

Reafirmando: o conflito não é sinônimo de violência. Violência é a falência de conseguirmos trabalhar no/com o conflito. Aliás, somos, no Brasil, uma sociedade de extrema violência pela incapacidade psicoafetiva de estarmos/permanecermos no conflito sem desejarmos eliminar o outro. Logo, desejamos a eliminação do outro, simbólica ou real. Nós procuramos, em nossas rodas de conversa, executar a construção conjunta de um espaço de potenciação da capacidade da convivência entre nós mesmos: professores, pais e alunos.

Uma terceira reflexão sobre as relações é a constatação do direito à ambivalência que elas permitem; ou seja, o reconhecimento de que a ambivalência afetiva é a demonstração mais elevada da complexidade da natureza humana. Todos somos seres capazes de amar e odiar ao mesmo tempo, de provarmos afeto e desilusão, entusiasmo e tristeza em um segundo de distância um do outro. Somos capazes de entrar em uma roda de conversas desmotivados e, porque alguém nos disse “bom dia” e nos disse “que bom te encontrar aqui”, sairmos profundamente tocados com a possibilidade de outros encontros, mesmo que virtuais.

A constatação da ambivalência é necessária na relação para evitar aquelas exigências de que todos, dentro da relação, sejam entusiastas, felizes e alegres o tempo todo. Aliás, indevida exigência, pois é evidente que a homogeneidade afetiva do grupo durante o tempo todo é impossível. Temos todos o direito à ambivalência porque somos humanos. O problema que se coloca na relação é exatamente o oposto; ou seja, quando essa ambivalência é ausente/inexistente. Dito de outra maneira: quando os participantes de (qualquer) uma atividade de intervenção psicológica só amam ou só odeiam. Em síntese, a ambivalência não pode ser considerada, por nós, psicólogos, como imediato sintoma de um problema, pois é ela mesma matéria de construção relacional (BAUMAN, 1998, p.112-115).

Uma quarta reflexão sobre as relações humanas é a constatação de que o significado da relação não é anterior à relação em ato. A constante exigência de uma relação que tenha um significado em sua essência e não em sua existência é inapropriada, pois nada existe *a priori* no universo das possibilidades relacionais. Ou seja, a criação de novas possibilidades não depende somente de minha existência e sim de minha existência social em relação com os outros. Segundo Gergen, o relacionamento antecede tudo que é inteligível (GERGEN, 1994, p. 48).

Pudemos observar isso, em nossas rodas de conversa, nas reclamações iniciais dos pais e dos alunos em relação à escola e seus professores. Esses pais e alunos, ao se confrontarem com seus docentes, em nossos encontros virtuais, passaram a ressignificar as próprias possibilidades de ação na atual situação pandêmica de modo de se constituírem como colaboradores dos docentes ao invés de seus opositores.

Enfim, a relação não é algo “pronto”, “dado” *a priori*, e sim é algo que se constitui *a posteriori*, na relação entre. Afinal, os significados são negociações coletivas dentro das relações concretas; são construções sociais constantes e que se transformam frequentemente. O significado que atribuo hoje a uma determinada questão não é o mesmo que posso atribuir à mesma questão nos anos seguintes. Os significados construídos nas relações são dinâmicos (BAKHTIN, 2006, p. 115).

E, por fim, neste breve texto, uma quinta reflexão sobre as relações humanas é o paradigma de que interpretar nem sempre é compreender. Temos o “hábito mental”, construído dentro de um parâmetro linear/temporal – presente, passado, futuro – de que, para compreendermos algo, necessitamos antes interpretá-lo de modo correto. A hermenêutica como a essência da compreensão das coisas!

Do ponto de vista relacional, a interpretação pode, inclusive, nos tirar da relação e da compreensão da coconstrução de novas realidades. Não é interpretando o sujeito que a problemática se soluciona, pois interpretar não é sinônimo de compreender. É em nossa capacidade de ação, diante de uma problemática, seja individual ou coletiva, que temos a confirmação se realmente entendemos o que está ocorrendo – ação que vai para além da hermenêutica (NARDONE & WATZLAWICK, 2015, p.13).

Resultados

Os resultados foram os de facilitação, por meio de nossa mediação, da criação de relações interpessoais para o compartilhamento de vivências pandêmicas. Foi produzida também maior compreensão de que saúde psíquica, além de uma percepção intrapsíquica, é também uma construção social da qual todos fazemos parte. Os relatos/vivências foram intensos, em suas diversas experiências, e, por algumas vezes, os argumentos chegaram à preocupante constatação de sintomas depressivos e ideações suicidas na pandemia.

Dentre os diversos relatos/vivências, é importante citarmos a presença de intergerações nos diversos encontros virtuais realizados, quando avós, pais e filhos participaram na construção de discursos sobre o que é vivenciar o momento pandêmico com “todo mundo” em casa e, ainda por cima, ter que mediar as atividades escolares.

Apesar da grande alegria com a qual os discentes receberam os docentes nos encontros virtuais, pudemos verificar também vários momentos de tensão entre os docentes e os familiares. Os familiares – geralmente as mães – se utilizaram do momento para fazerem suas reclamações contra a gestão das escolas e contra suas atividades na pandemia. Essas queixas geraram uma série de conflitos que, ao serem mediados pela nossa equipe de trabalho, se transformaram em uma coconstrução de significados das vivências – difíceis vivências – pandêmicas. Os docentes, por ocasião dos conflitos estabelecidos, e com nossa mediação, puderam igualmente se manifestar em suas enormes dificuldades pessoais para além de suas representações institucionais. O resultado foi de uma construção narrativa coletiva de que, apesar de estarmos em barcos diferentes – docentes, discentes e familiares –, estamos todos navegando no mesmo oceano. Aqui, pudemos ser também formativos na concepção de que o conflito não necessariamente deve se transformar em violência. O conflito foi vivido como algo necessário para o bom desenvolvimento das relações entre a escola, com seus docentes, seus discentes e seus familiares.

A despeito de as presenças em nossos encontros terem sido, na maior parte das vezes, das mães e das avós, pudemos notar que alguns pais se apresentaram com grande entusiasmo, tendo curiosidade sobre o que seriam aqueles encontros. O projeto inicial não tinha por objetivo realizar um discurso de gênero em relação às responsabilidades na

educação dos filhos, mas acabou por mediando alguns discursos sobre esse importante tema.

Uma outra narrativa de extrema importância foi aquela da manifestação de um adolescente que, conjuntamente com sua mãe, relatou as ideações suicidas do rapaz. O relato foi longo e muito comovente, na especificação do grande sofrimento em função da imobilidade em casa que, de virtude, teve como resultado a aproximação de mãe e filho – a ponto de o rapaz compartilhar suas angústias mais profundas. Além da escuta inicial, pudemos encaminhar a situação para um atendimento mais especializado.

Enfim, pudemos, por meio de nosso projeto, nos encontros virtuais, mediar as diversas narrativas dos diferentes protagonistas – docentes, discentes e suas famílias – na coconstrução de discursos vários na criação de novos significados em momento de isolamento doméstico em função da pandemia. Desse modo, conseguimos criar um ambiente psicoafetivo que propiciou maior possibilidade de saúde mental, demonstrando que a psicologia – enquanto ciência e profissão – pode, sim, ser criativa no trabalho preventivo ao mal-estar psíquico.

Considerações finais

Com o nosso projeto “**RODAS DE CONVERSA SOBRE-VIVÊNCIAS** – Escola e famílias na pandemia”, esperamos ter contribuído com uma ação prática e uma reflexão sobre uma possível modalidade de intervenção psicológica construcionista social e sistêmica relacional que procurou colocar em evidência o quanto a psicologia pode ser, também, uma ciência e profissão relacionada à prevenção do sofrimento psíquico na criação de relações de potenciação. Para tanto, a ação realizou rodas de conversa – um total de 10 encontros – por meio de plataforma digital, com a finalidade do compartilhamento de vivências no contexto da pandemia e do ensino remoto na UFRR.

As rodas de conversa foram realizadas com base nas duas teorias citadas, como os elementos construtores de uma epistemologia das relações humanas *a posteriori*. Ou seja, construções teóricas que manifestam uma forte conexão entre si, na consolidação de uma análise, e intervenções sociais baseadas em seus processos de criação de significados ontológicos, a partir do *locus* concreto de inscrição dos sujeitos, por meio das relações e das ações coletivas.

Assim, operacionalmente, nossas ações foram baseadas em princípios/reflexões, a saber: o princípio de que “falar em relação” não é o mesmo que “ter uma relação”; a constatação de que as relações psicológicas, como relações humanas, devem ser reais e não ideais; o direito a relações humanas ambivalentes; a compreensão de que os possíveis significados das relações não são anteriores a elas, em sua dinâmica de conflitos e resolução pacífica desses conflitos, e, por fim, o princípio de que, no universo das negociações relacionais, a hermenêutica não é sinônimo de compreensão, ou seja, interpretar não é entender.

Os resultados foram os de facilitação da criação de melhores relações interpessoais, no compartilhamento de vivências pandêmicas, por meio de nossa mediação, que fortalecem o lugar da psicologia enquanto uma ciência e uma profissão que pode atuar efetivamente em projetos de prevenção ao mal-estar psíquico na construção de uma saúde mental para todos.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2006.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BERTALANFFY, L. V. **Teoria generale dei sistemi. Fondamenti, sviluppo, applicazioni**. Mondadori: Milano, 2004.
- BRASIL. **PORTARIA Nº 544, de 16 de junho de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Brasília: Casa Civil, 2020. Disponível em: <<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3185/portaria-mec-n-544-2020>>. Acesso em: 25 de Janeiro de 2021.
- EDELSTEIN, C. **Il counseling sistemico pluralista. Dalla teoria alla pratica**, Trento: Erickson Ed., 2011.
- GALVÃO, I. A análise dos conflitos como eixo para a reflexão sobre a prática pedagógica 1. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 12, n. 2-3, p. 122–140, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644000>>. Acesso em: 15 Janeiro. 2021.
- GERGEN, K. J. **Movimento do construcionismo social na psicologia moderna**. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.6, n.1, 2009, p. 299-325, Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n1p299>>. Acesso em: 05 de Março de 2021.

_____. **Realities and relationships: soundings in social construction**, Cambridge: University Press, 1994, p. 264.

_____. An invitation to social construction. Londres: Sage, 1999, p.48.

NARDONE, G. & WATZLAWICK, P. **L' arte del cambiamento. La soluzione dei problemi psicologici personali e interpersonali in tempi brevi**. Milano : Ponte Alle Grazie, 2015, p 13-29.

NAPUTANO, M. **Intervenções psicossociais com jovens migrantes das segundas gerações na Itália**. (Tese Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP. Orientador: Dr. José Sterza Justo, Assis, 2017. 235 f. + anexos.

PARTON, N. e O'BYRNE, P. **Costruire soluzioni sociali. Costruzionismo e nuove pratiche di lavoro sociale**. Trento: Centro Studi Erickson, 2005.

SPARTI, D. Perchè non possiamo non dirci costrucionista? In: SANTAMBROGIO, A. **Costruzionismo e scienze sociali**. Torino: Morlacchi, 2010. pp 68-82.

WATZLAWICK, P & BEAVIN, J., & JACKSON. D. **Pragmatica della comunicazione umana**. Roma: Astrolabio, 1971.

WITTGENSTEIN, L. **Ricerche Filosofiche**. Torino: Einaudi, 1967.

CUIDADO NA UNIVERSIDADE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: EXPERIÊNCIAS EM DIFERENTES INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO

*Shirley Macêdo
Marciana Gonçalves Farinha
Joelma Ana Gutiérrez Espíndula*

Introdução

Instituições de Ensino Superior (IES), sejam públicas ou privadas, enfrentam diversos desafios ao lidar com sofrimento psíquico intenso e crises psíquicas graves entre estudantes universitários, necessitando que elas atentem para políticas públicas de cuidado a essa população (MACÊDO, 2018).

Nessas instituições, a rotina da vida acadêmica está imbuída de fatores de risco psicossociais, que, associados à vida pregressa do estudante, podem potencializar sofrimento psíquico, podendo advir, daí, adoecimento, crise psíquica e/ou comportamento suicida para sujeitos mais vulneráveis. Autores apontam sintomatologia de estresse e *burnout* (PADOVANI *et al.*, 2014), transtornos mentais e do comportamento (AURBACH, *et al.*, 2016), *homesickness* (TERRY; LEARY; MEHTA, 2012), depressão e ansiedade (FARINHA *et al.*, 2019; THURBER; WALTON, 2012), além de aumento do uso de substâncias psicoativas (PIRES *et al.*, 2020).

Diante desses agravantes, torna-se necessário às IES reavaliar seus currículos, métodos de ensino, assim como suas políticas de saúde mental, no sentido de viabilizar programas interventivos de assistência psicossocial a estudantes universitários, garantindo uma vida escolar com mais saúde e qualidade de vida (CASTRO, 2017).

Tais agravantes se potencializaram com a COVID-19, doença que surgiu na China, em 2019, elevando-se ao status de pandemia pela Organização Mundial de Saúde em 20 março de 2020. Diante disso, esse capítulo tem o objetivo de situar o fenômeno do sofrimento psíquico em universitários no contexto da pandemia da COVID-19, salientando desafios e possibilidades de ações no sentido de promoção de mais saúde e qualidade de vida nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) brasileiras, espaços em que, carentes de recursos diversos, estudantes estiveram expostos a mais

vulnerabilidade psíquica, diante de inúmeros fatores de risco psicossociais que se agravaram.

As IFES e seu contexto no período da pandemia da COVID-19

A pandemia da COVID-19 vem causando, desde março de 2020, consideráveis impactos econômicos, sociais e na saúde da população (MEDEIROS, 2020), principalmente devido às medidas difundidas pelas autoridades governamentais para contenção da transmissão da doença: distanciamento social, isolamento social e quarentena (BEZERRA *et al.*, 2020; FARO *et al.*, 2020; SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

Nesse sentido, a atual pandemia constitui uma grave crise social que demanda esforços emergenciais de cuidado à saúde mental da sociedade, pois perturbações psicológicas afetam a capacidade de enfrentamento das pessoas, sendo esses esforços tão primordiais quanto os já promovidos na assistência básica em saúde, inclusive porque já se tem indicadores que as sequelas psíquicas, diante do isolamento social, ultrapassam o número de mortes pela COVID-19 (FARO *et al.*, 2020; ORNELL *et al.*, 2020).

A percepção e a vivência do isolamento e do distanciamento social varia conforme gênero, idade, escolaridade e renda. As pessoas de maior escolaridade são mais afetadas pela ausência de convívio social, sendo o estresse um dos impactos mais marcantes, que causa, também, mais conflitos domésticos. Ao constatar isso, Bezerra *et al.* (2020) destacaram, também, a situação de pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social, diante da falta de suprimentos básicos, de padrões mínimos de higiene, salubridade e bem estar, que podem levar à frustração, ansiedade e raiva, as quais podem perdurar quanto mais tempo se delongar o isolamento social, e mesmo após ele. Os autores salientaram, entretanto, que o confinamento pode levar ao tédio e à depressão independentemente de classe social, devido à redução do contato social e físico.

A diminuição das interações sociais prejudica o sentimento de pertença de pessoas a determinados grupos que as ajudam durante seus momentos de crise (MORAES, 2020). Essa situação, juntamente com distúrbios do sono, ansiedade, medo, irritabilidade, mudanças no apetite e consumo de álcool e outras drogas, potencializa agravos à sua saúde mental, principalmente em sujeitos mais vulneráveis psiquicamente.

Nesse contexto, Faro *et al.* (2020) ressaltam que indivíduos com maior escolaridade são mais vulneráveis a estresse, ansiedade, depressão, fobias específicas, evitação, comportamento compulsivo, sintomas físicos e prejuízos no funcionamento social; enquanto Daltro e Segundo (2020) destacam como indivíduos de elevado nível intelectual são excessivamente auto-exigentes, o que pode potencializar mais ainda sofrimento psíquico e levar a adoecimento mental diante das medidas de distanciamento e isolamento social.

Neste capítulo, portanto, situamos, para fins dos objetivos pretendidos, aqueles sujeitos que estão inseridos em IES brasileiras, especialmente as públicas, instituições nas quais universitários, docentes e servidores já estão consideravelmente afetados em sua saúde mental. No caso específico dos universitários, o sofrimento e o comportamento suicida já são considerados questões de saúde pública (PADOVANI *et al.*, 2014; FONAPRACE, 2014; CASTRO, 2017; GRANER; RAMOS; CERQUEIRA, 2017; MACÊDO, 2018; SILVA; AZEVEDO, 2018). No entanto, não se pode esquecer os docentes e servidores que apresentam sérios agravos à sua saúde mental, diante da cultura da alta performance, do produtivismo acadêmico e de condições e relações de trabalho precarizadas (BORSOI, 2012; BERNARDO, 2014; OLIVEIRA; PEREIRA; LIMA, 2017).

A comunidade de estudantes universitários sofreu severos impactos no contexto do distanciamento e do isolamento social provocados pela pandemia da COVID-19. Uma das estratégias adotadas pelas autoridades governamentais foi a suspensão do calendário acadêmico com o fechamento de universidades (BEZERRA *et al.*, 2020; MALLOY-DINIZ *et al.*, 2020), sendo essa uma das medidas de maior impacto econômico e psicossocial (DINIZ, 2020). O Ministério da Educação instituiu a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 (imediatamente alterada pela Portaria nº 345, de 19 de março de 2020), revogada pela portaria 544 de 16 de junho de 2020, que levou as instituições, em caráter excepcional, a ofertar o Ensino Remoto Emergencial (ERE) para substituir disciplinas presenciais.

Essa nova modalidade de ensino permitiu que a comunidade acadêmica prosseguisse com o ano letivo, para evitar mais prejuízos à formação do alunado. Vale, no entanto, diferenciar ERE de Ensino à Distância (EaD), que também se trata de uma modalidade virtual e remota de formação universitária e que se utiliza de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's).

O ERE ainda não possui leis que o regulamentem e precisou ser realizado a partir de atividades síncronas (seguindo preceitos do ensino presencial, pois professores e alunos se encontram em uma sala virtual em interação ao vivo) e atividades assíncronas, que são propostas ao alunato em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e não ocorrem ao vivo. No segundo tipo de atividades, o estudante tem autonomia para escolher o horário que vai se dispor a estudar (BEHAR, 2020). Nesse sentido, os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem não possuem muitos parâmetros de funcionamento, tendo que, criativamente, buscar melhores formas para que os processos de ensino-aprendizagem ocorram sem muitos atropelos, em um constante investimento em criatividade e adaptação.

O EaD, entretanto, está institucionalizado e regulamentado como modalidade de ensino universitário há vários anos. Envolve um tutor que orienta, motiva e avalia os alunos nas atividades constantes no AVA e as IES buscam atender parâmetros legais que favorecem a orientação de professores e estudantes (CARMO; FRANCO, 2019), estando a comunidade envolvida nesses cursos consideravelmente adaptada a processos de ensino-aprendizagem aí envolvidos.

Frente ao delongado tempo sem aulas após a decretação do isolamento social e da suspensão de semestres letivos em andamento até então, o ERE favoreceu que as instituições criassem aquilo que denominaram de semestre suplementar. Todo esse processo, no que diz respeito às IFES, potencializaram ainda mais dificuldades enfrentadas no ensino superior antes da pandemia: carência de recursos tecnológicos, vulnerabilidade social e econômica dos estudantes, falta de capacitação em TDIC's dos docentes, metodologias de ensino ultrapassadas e currículos desatualizados dos cursos, para citar apenas alguns exemplos.

Para efetivação de semestre letivo remoto e emergencial, tudo dependeria de uma estrutura de amparo aos estudantes, visto que muitos não possuem ferramentas de TDIC's para acompanhar as atividades on-line e nem residem em espaços adequados (AVELINO; MENDES, 2020; BARRETO; ROCHA, 2020). Sem tempo hábil para se adaptarem, todos os atores sociais da comunidade acadêmica tiveram que se adequar a atividades remotas, o que impactou em comprometimento das suas relações familiares, rotinas de trabalho e estudo. E, certamente, na qualidade das aulas.

Estava-se, portanto, diante de uma realidade sem precedentes, potencialmente danosa aos processos de ensino-aprendizagem e à saúde mental da comunidade acadêmica e consideravelmente agravada pelas antigas situações estruturais de muitas IFES brasileiras: falta de investimento em tecnologia, precário sistema de internet, condições de trabalho precarizadas dos docentes e servidores, e excessiva carga horária que o ensino remoto ampliou ainda mais.

De acordo com Avelino e Mendes (2020), essa situação é por demais complexa, pois, além de dificuldades já existentes, estudantes têm que enfrentar um sistema educacional sem estrutura para ampará-los nessa nova realidade. Já Diniz (2020) ressalta a situação dos estudantes com deficiência, cujas leis promulgadas já lhes garantem o acesso à educação de qualidade, mas que, infelizmente, tudo indica que não estão sendo contemplados em suas necessidades no formato do ERE.

No entanto, as IFES também criaram possibilidades de acesso ao ERE pelos estudantes, ao realizarem parcerias com diversas organizações e ao divulgarem editais de incentivo à aquisição de *chips*, *tablets* e *notebooks*. No entanto, frente à crise econômica que enfrentam desde 2018, com cortes de recursos, principalmente no âmbito da assistência estudantil, o elevado número de estudantes em situação de vulnerabilidade social (que já vinha perdendo acesso a bolsas de permanência, extensão e pesquisa) não seria totalmente alcançado, principalmente nas instituições de regiões mais longínquas do país, cujos discentes advêm de classe baixa e não têm condições mínimas de acesso a um ERE, seja por carência de dispositivos de TDIC's, seja pelo contexto doméstico precário, muitas vezes, inclusive, marcado por violência de todas as ordens.

Apesar de todos esses desafios, IFES do país vêm estudando estratégias para manter o vínculo dos universitários com a vida acadêmica. Teixeira e Dahl (2020), no entanto, destacam a importância das instituições mapearem os recursos e suportes disponíveis, além de resguardarem a necessidade de acolhimento aos discentes e capacitação aos docentes, na perspectiva da assistência psicossocial; da reafirmação da esperança e dos projetos de vida; e da preservação da saúde mental da comunidade universitária.

Possibilidades e limites de ações interventivas no cenário do ensino remoto nas IFES

Diante do anteriormente exposto, será apresentado a seguir diferentes experiências de serviços de cuidado em saúde mental a universitários durante a pandemia COVID-19, ofertado em diferentes modalidades e propostas nas seguintes IFES: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universidade Federal de Roraima (UFRR).

1. A experiência da UNIVASF: cuidando da vida acadêmica no semiárido nordestino

Na UNIVASF, as ações de cuidado ao universitário no período da pandemia da COVID-19 vêm sendo realizadas, dentre outros, pelo Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NuCEU do semiárido), um projeto de extensão que surgiu em 2018 e é coordenado/supervisionado pela Prof^a Dr^a Shirley Macêdo. O NuCEU tem por objetivo sedimentar e ampliar promoção de práticas inter e multidisciplinares de cuidado integral a esses estudantes, promovendo saúde e qualidade de vida, viabilizando, concomitantemente, desenvolvimento de competências em estudantes de Psicologia para atuação futura no mercado de trabalho.

O NuCEU tem a participação de professores dos cursos de Psicologia, Administração, Farmácia, Artes Visuais e Educação Física; psicólogas, supervisores, estagiários e auxiliares administrativos da área técnica e administrativa do Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), serviço escola de Psicologia da UNIVASF; além de psicólogos colaboradores externos, bolsista de extensão, estudantes voluntários e estagiários colaboradores (por semestre). No contexto do distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19, no entanto, o núcleo precisou reconfigurar e flexibilizar as atividades interventivas presenciais que desenvolvia até março de 2020, passando a oferecer atividades remotas a partir de abril/2020. De lá para cá, para além dos universitários, tem-se buscado contemplar, também, docentes, servidores técnicos administrativos e familiares desses discentes.

A atividade de maior alcance do NuCEU, antes da pandemia, era o PP ofertado a universitários no próprio CEPPSI e em diversas IES, visando ofertar escuta ativa, principalmente em momentos de crise, o que viabilizou promoção de saúde a diversos *campi* universitários da região. No entanto, em virtude das normas de biossegurança definidas pelos órgãos governamentais e tendo em vista as limitações

impostas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2020a, 2020b), não se pôde atuar com essa linha de frente, principalmente porque o serviço escola não tinha estrutura suficiente (TDICs, Equipamentos de Proteção Individual - EPIs -, corpo funcional) e os estudantes não tinham como se deslocar com segurança para as dependências da instituição. Ademais, em virtude do serviço escola ter ofertado poucas vagas de estágio e alguns estagiários terem ido para estágios externos, a equipe do NuCEU foi consideravelmente reduzida. A maioria dos estudantes dos sete *campi* da UNIVASF (dois em Petrolina/PE e um nas cidades de Salgueiro/PE, Bonfim/BA, Juazeiro/BA, Paulo Afonso/BA e São Raimundo Notato/PI) são de cidades do interior/sertão ou de outros estados, residentes em locais longínquos do campus Centro da instituição, em Petrolina, onde funciona o CEPPSI, e muitos deles, inclusive que fazem parte da equipe do NuCEU ou realizam estágios no CEPPSI, tiveram que voltar às suas residências, pois careciam de subsídios para continuar residindo na cidade.

Considerando-se o que prescreve o código de ética profissional do psicólogo (CFP, 2005) e as diretrizes definidas pelo CFP para a atuação profissional do psicólogo na pandemia da COVID-19, o NuCEU realizou atividades contando com o suporte tecnológico da coordenadora, dos próprios estudantes que compõem sua equipe, dos/as universitários/as contemplados/as e dos/das parceiros/as colaboradores.

As ações interventivas possíveis vêm ocorrendo via redes sociais (*Instagram* e *Youtube*) e por plataformas digitais (*Zoom*, *Skype* ou *Meet*), além do aplicativo *WhatsApp*, o que favorece que outros sujeitos, para além do semiárido nordestino, participem das atividades. Essas ações são, basicamente: *lives*, oficinas grupais remotas (de 1 ou mais encontros), rodas de conversa, pesquisas sobre experiências de universitários e docentes, palestras, participação e organização de eventos. Todas essas atividades são fonte de produção científica continuada, portanto, a equipe do NuCEU esteve envolvida com produção de resumos simples e expandidos para apresentação em eventos, assim como artigos para submissão em periódicos científicos.

Inicialmente, o foco foi em *lives*, realizadas em parceria com a Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE), composta por diversos docentes de IES públicas e privadas de todo o país. Foram explorados temas tendo como pano de fundo a pandemia da COVID-19, tais como: procrastinação, tédio, solidão, sentido do isolamento social, cuidado, maternidade, trabalho, produtivismo acadêmico, paternidade, educação dos filhos, subjetividade, medo, saúde mental, trabalho docente, juventude

LGBTQIA+ e vivência universitária, ansiedade, ser pai/mãe de universitário que mora fora de casa, racismo na universidade etc. Houve, nessas *lives*, uma adesão imensa de espectadores, principalmente por ficarem disponíveis e gravadas no *instagram* do NuCEU (@nuceusemiarido) ou nos canais do CEPPSI e do Colegiado de Psicologia da UNIVASF no *YouTube*.

Concomitantemente às *lives* realizadas a partir de maio/2020, iniciaram-se ofertas de oficinas e rodas de conversa remotas pela plataforma *Meet*. Essas atividades são realizadas por estagiários/as do CEPPSI e/ou psicólogos/os egressas/os da UNIVASF, que se disponibilizaram a colaborar com o núcleo - a maioria delas/es já tinham, inclusive, sido aluna/o da própria instituição e/ou estudante/estagiário colaborador, bolsista ou voluntário do núcleo. Têm sido temáticas dessas oficinas e rodas de conversa, também considerando as experiências da pandemia: o início da universidade, a conclusão do curso interrompida, equilíbrio emocional, imprevisibilidade, comunicação com estudantes surdos, tele assédio moral, autoconhecimento, autoeficácia, formatura adiada, acolhimento na academia, ensino remoto, relações interpessoais, sofrimento psíquico, trabalho docente, corpo, orientação sexual, gênero, medicalização da vida, escuta (especificamente foram oferecidas oficinas de capacitação para desenvolver a escuta a estudantes de Psicologia de todo o Brasil, inclusive também a partir de parcerias feitas com outras IES públicas, como a Universidade Estadual da Paraíba e a Universidade Federal do Pará, para as quais as oficinas foram ofertadas a estagiários em final de curso). Também se fez parceria com setores de gestão de pessoas da própria UNIVASF, da Universidade Federal do Ceará e do Instituto Federal de Educação do Maranhão para rodas de conversa em torno da temática maternidade e trabalho docente, após divulgação massiva de artigo publicado pela coordenadora do NuCEU (MACÊDO, 2020).

Todas as oficinas e rodas de conversa são ofertadas com a presença em dupla de extensionistas e estagiários, estudantes de Psicologia que compõem atualmente a equipe do NuCEU. Eles(as) são monitores(as) nessas atividades, encarregados/as da divulgação, inscrição e suporte no dia e horário em que a atividade ocorre. As atividades são divulgadas nas redes sociais e as pessoas se inscrevem pelo e-mail do NuCEU. Nos casos de públicos específicos de alguma IES, há um intermediário da instituição que realiza a divulgação e as inscrições dos interessados. Todas as atividades são supervisionadas semanal e remotamente pelo método da Hermenêutica Colaborativa (MACÊDO, 2015),

proposta humanista-fenomenológica que prima por compartilhamento de experiências e construção conjunta de estratégias de enfrentamento.

Nessas atividades, a principal dificuldade é que várias pessoas se inscrevem, mas poucas participam efetivamente nas datas e horários agendados. No entanto, a disponibilidade dos participantes transforma as mesmas em momentos profundamente favorecedores de expressão de sentimentos e pensamentos, assim como mudanças em modos de subjetivação (sentir, pensar e agir), denotando que as oficinas e as rodas de conversa têm um alcance clínico de cuidado aos sujeitos que delas usufruem.

Apesar de algumas poucas intercorrências (queda de energia, de internet e transmissão de baixa qualidade de alguns participantes), até o momento, o público alvo revela como resultados: autoconhecimento, desenvolvimento de potencialidades, atendimento a necessidades diversas das IES na formação de universitários para além da sala de aula, melhoria das relações interpessoais, enfrentamento das adversidades, reflexões sobre modos de trabalhar/estudar etc.

No entanto, é preciso destacarmos quão dificultoso tem sido para alguns universitários a situação do isolamento social, que causa tédio, depressão, falta de motivação, perda de foco na universidade, falta de esperança de concluir o curso e, em alguns casos, o risco diante de comportamento suicida. Temos, inclusive, tido acesso a alguns relatos de que foi preciso trabalhar para gerar renda para a família, e a universidade não é mais um lugar para o qual se pensa em retornar, pois, ao perderem suas bolsas, alguns universitários não têm mais condições econômicas de continuarem estudando. Professores revelam cansaço e esgotamento profissional diante do ensino remoto, aumento do produtivismo acadêmico, sentimento de impotência, falta de integração com os alunos e dificuldades de adaptação a este novo modo de ensinar. Esses indicadores são um alerta da necessidade de políticas públicas urgentes, não só para a saúde mental do estudante universitário, que precisa manter sua vida acadêmica sem risco de evasão; como também para os docentes, no sentido de ter assistência psicossocial diante da precariedade de suas condições e relações de trabalho.

Considerando que o *Instagram* é uma rede social de alcance exponencial entre jovens e adultos, também se tem investido na confecção de cards psicoeducativos sobre temas diversos (estudar e trabalhar na pandemia, ERE, diversos transtornos mentais e do comportamento etc). Além disso, a coordenadora do núcleo vem palestrando em diversos

eventos em parceria com grupos de pesquisa e setores de várias instituições do Brasil e postando essas lives no seu canal do *Youtube*, como forma de disponibilizar o material para acesso àqueles que fazem a comunidade acadêmica e a sociedade como um todo. Já foram temas das palestras/*lives*: maternidade, trabalho e vida acadêmica, sofrimento psíquico em universitários, gestão do tempo, qualidade de vida, sustentabilidade e carreira na pandemia.

No que se refere aos extensionistas envolvidos nos processos, ocorre desenvolvimento de competências como escuta, atitude clínica, trabalho em equipe, gestão estratégica, compromisso ético, dentre outras, o que é fundamental para as práticas psicológicas em instituições. Elas/es estão de parabéns por, compartilhando muitas vezes da vulnerabilidade social de alguns outros universitários, conseguirem exercer a escuta, de forma ética e competente. Também têm a chance de serem treinados no uso de ferramentas remotas, que, de certo, repercutirá na futura atuação no mercado de trabalho como psicólogas/os, considerando os avanços que vêm ocorrendo na oferta de serviços psicológicos pela *internet* (OLIVEIRA, 2020).

Concomitantemente às atividades interventivas, algumas pesquisas vêm sendo realizadas no NuCEU, que também favorecem espaço de escuta e fala para que universitários possam refletir e expressar suas experiências sobre o momento da pandemia, sua saúde mental e as afetações do ERE. Em virtude de escutar tantas experiências, o NuCEU acaba de publicar, em parceria com o LabFeno (UFPR) e o GT ANPEPP (Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos), uma cartilha de orientação de processos de ensino-aprendizagem remotos (MACÊDO *et al.*, 2021), que vem sendo extensivamente divulgada e compartilhada na comunidade acadêmica universitária de todo o Brasil, seja pública ou privada.

2. Acolhimento psicossocial no triângulo mineiro: a experiência da UFU

Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) ocorre atendimento multiprofissional à comunidade universitária através de um projeto de extensão de acolhimento psicossocial. A proposta nasceu em abril de 2020 com o impacto da pandemia e a urgência de ofertar serviços de cuidado em saúde física e mental, para promover qualidade de vida à comunidade acadêmica e aos profissionais que estão na

linha de frente da COVID-19, através de práticas multidisciplinares. Abaixo, após um breve relato de como nasceu a proposta, o foco será na supervisão aos estudantes e profissionais do projeto.

O projeto nasceu intervencionista visando o acolhimento multiprofissional apoiado pelas Pró-Reitorias de Assistência Estudantil (PROAE), Gestão de Pessoas (PROGEP), Extensão e Cultura (PROEX); pelas Divisões de Saúde (DISAU), Promoção de Igualdades e Apoio Educacional (DIPAE), Promoção e Assistência à Saúde do Servidor (DPASS); além da Diretoria de Qualidade de Vida e Saúde do Servidor (DIRQS), do Setor Integrado de Ações de Promoção a Saúde (SIAPS), da Faculdade de Medicina (FAMED-UFU), do Instituto de Psicologia (IPUFU); e outros setores, programas e projetos que reforçaram a ação de cuidado proposta. Essa ação nasceu com a parceria de vários docentes da UFU. A riqueza do projeto está na diversidade da construção e nas parcerias que foram sendo feitas, seja na construção do projeto, seja nas supervisões e tutorias, ou, ainda, na equipe estratégica que vai gerindo o projeto a partir do acompanhamento semanal.

Inicialmente, o atendimento multiprofissional era realizado por docentes e técnicos institucionais de diferentes áreas da saúde como enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e pedagogos. Com o retorno às atividades acadêmicas emergenciais, participam também profissionais psicólogos voluntários externos e alunos do curso de Psicologia que passam a ter, ali, um campo de estágio profissionalizante devidamente supervisionado por profissionais qualificados. O estágio visa possibilitar ao estudante desenvolver competências além de experiência e aprendizado. Esse processo de capacitação profissional também acolhe bolsistas extensionistas de diferentes cursos que trabalham recepcionando as pessoas que procuram o serviço e as direcionam para o atendimento. Todos os atendimentos são realizados online, através de plataforma federalizada.

O atendimento nasceu ofertando acolhimento multiprofissional à comunidade universitária, em especial aos universitários e aos profissionais de saúde da linha de frente da COVID-19 do Hospital de Clínicas da UFU. Com o desenvolvimento das atividades, ampliou-se o atendimento para outros profissionais de saúde da linha de frente da COVID-19, além de profissionais de serviços essenciais, como bombeiros e policiais da cidade de Uberlândia.

Com o aprimoramento das ações e estudando as demandas, passamos a ofertar, em 2021, acolhimento estendido a quatro sessões e acompanhamento dos atendimentos de urgência. Pudemos contar, ainda, com diversos parceiros que oferecem atividades individuais e grupais como meditação, grupos terapêuticos, atividades para diminuição do estresse com relaxamento, orientação psicopedagógica e orientação nutricional. Essas ações se multiplicam e também geram conhecimento com projetos de pesquisa, produção de resumos, artigos, livros em fase de submissão e manuais técnicos.

A ação do acolhimento psicossocial proposto tem seus pilares em uma construção multidimensional do cuidado visando uma escuta qualificada com a promoção e a prevenção em saúde. Essa oferta online tem uma dimensão importante porque possibilita atender a comunidade acadêmica onde ela esteja, já que muitos estudantes voltaram para as casas de suas famílias em diversas cidades, inclusive outros estados do país. Favorece, ainda, ampliar o atendimento nos diferentes *campi* da universidade, que tinham atendimento com equipe reduzida.

Essa estrutura de serviço, por um lado possibilita o atendimento a pessoas no formato digital com menos riscos biológicos, por outro, no entanto, coloca os atendentes frente a frente com questões como: lidar com problemas emergentes; encontrar com o inesperado do plantão psicológico e sua diversidade de demandas (mudanças de rotina, de projetos, perspectivas, isolamento social, adoecimento, perdas, luto, ansiedade, incertezas); além de atender urgência de situações de sofrimento existencial grave, violências e demandas de vulnerabilidade social.

Nessa perspectiva, Li *et al.* (2020) sinaliza que vivemos em um contexto pandêmico no qual emergem sintomas comuns na população, desde adoecimento físico causado pelo vírus SARS-CoV-2, ao risco iminente de contaminação, medos, inseguranças, ansiedade, depressão, aumento de auto e hetero agressão e solidão; além de dificuldades ligadas a perdas financeiras. Essas situações de emergências e desastres exigem intervenção rápida nos âmbitos da saúde física, psíquica, emocional e relacional, referenciada nos primeiros auxílios psicológicos (PAP), visando apoiar, reduzir os riscos, além de auxiliar os indivíduos que necessitam.

Considerando a realidade de maior sofrimento grave, o atendimento por alunos do estágio profissionalizante do curso de Psicologia e a urgência das demandas do acolhimento psicossocial, são ofertadas tutorias ou supervisões multiprofissionais para os

plantonistas, realizadas por dois profissionais psicólogos, assistentes sociais e enfermeiros. Semanalmente, durante duas horas, os atendimentos são supervisionados e pensados os encaminhamentos para diferentes serviços da universidade e também da Rede de Assistência Psicossocial (RAPS). Nesses espaços, também são realizados estudos e discussões teóricas que fundamentam a atuação dos estudantes. Além disso, essa prática de atendimento à comunidade oportuniza ao estudante atender o mais próximo possível das demandas da comunidade, capacitando-se e aprendendo a lidar com as intercorrências e urgências do acolhimento psicossocial, inclusive com a realidade do atendimento via TDICs, com as dificuldades ou falhas de conexão com a internet, além das dificuldades de atender e ser atendido em casa, com demandas próprias de cada ambiente.

3. A Experiência da UFRR: aconselhamento psicológico online durante a pandemia da COVID-19

Na UFRR, o projeto de Extensão “*Acolhimento psicológico à distância em situações durante e após pandemia do novo coronavírus (COVID-19)*” é coordenado e supervisionado pela professora Joelma Ana Gutiérrez Espíndula.

A comunidade acadêmica tem sido uma das mais afetadas durante a pandemia, tanto os alunos, que perderam importante espaço de aprendizagem e socialização, quanto os professores, que tiveram que se adaptar ao novo método de ERE. Diante dessa realidade, foi implantada a ação em Junho de 2020, com a necessidade de realizar um trabalho social, tendo como proposta a experiência do acolhimento psicológico mediado pelas TDICs.

A proposta visa contribuir com a formação profissional dos estudantes do curso de Psicologia/Centro de Educação (CEDUC) da UFRR e jovens psicólogas(os) egressas(os) disponíveis em colaborar com a assistência psicológica; bem como oferecer gratuitamente suporte psicológico, acolhimento, aconselhamento e orientação especializada para a comunidade acadêmica (estudantes adolescentes e universitários, docentes, técnicos efetivos e terceirizados) dos três *campi* da UFRR (Paricarana, Murupu e Cauamé). O público alvo são pessoas que estejam necessitando de atendimento psicológico para auxiliar a lidar com questões relacionadas à pandemia, tais como: angústia, medo, ansiedade, insônia e estresse.

Para solicitar participar do atendimento, basta preencher ficha de cadastro digital disponível na página do Curso de Psicologia da UFRR (https://ufr.br/psicologia/index.php?option=com_chronoforms&view=form&Itemid=227) informando dados pessoais, motivo da consulta terapêutica e a plataforma virtual disponível (*Zoom, Meet* ou *Skype*), identificando a emergência pela classificação de cores (amarelo, verde ou azul). Após triagem, a pessoa receberá o primeiro contato por telefone (pelo aplicativo *WhatsApp*) ou por e-mail para agendamento de atendimento psicológico online pela plataforma digital escolhida.

Diante da propagação do vírus COVID-19, as pessoas foram preciso manter o distanciamento social e isolamento social. Em concordância com isso, o Conselho Federal de psicologia criou a Resolução 04/2020 que refere a legislação que complementa o cumprimento do Código de Ética Profissional da categoria e visa orientar sobre atendimento online durante a pandemia Covid-19, possibilitando a atuação do psicólogo no formato remoto emergencial por meio de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA a; b). Por meio dessas diretrizes a coordenadora e as psicólogas voluntárias realizaram seu cadastro no e-Psi (sistema de controle do Conselho de profissionais habilitados).

O projeto Acolhimento psicológico On-line surgiu em Junho de 2020, juntamente com vários outros projetos da UFRR, ao Programa de Enfrentamento à Pandemia, organizado pela Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PRAE). O serviço conta, além da coordenadora/supervisora, com o apoio de psicólogas voluntárias egressas, bolsistas extensionistas da PRAE, estagiárias voluntárias com incentivo de participação em projetos no enfrentamento da pandemia, além de alunas do Estágio obrigatório específico (Psicologia e contextos clínicos e da saúde). As estagiárias também colaboraram com a publicidade, pesquisa, manutenção e administração dos canais de comunicação com os usuários do projeto nas redes sociais (*Facebook e Instagram*).

A equipe do acolhimento psicológico online realizou a confecção de duas cartilhas publicadas pela editora da UFRR, disponibilizadas gratuitamente no site da instituição, com objetivo de apresentar os impactos psicossociais da pandemia e dá orientações/recomendações para o enfrentamento da mesma, especificamente a jovens e idosos (ESPÍNDULA; COSTA, 2020; ESPÍNDULA; SALES, 2020). Está em andamento (no prelo) a confecção de mais uma cartilha para o público jovem universitário.

A maioria da população atendida pelo projeto são estudantes universitários, jovens e mulheres. Em dezembro de 2020, 106 pessoas preencheram a ficha cadastral digital, tendo como principais demandas: dificuldade em lidar com as mudanças da rotina, medos da contaminação pelo coronavírus e da morte (de si mesmo e do outro próximo de si - familiares e amigos), angústia, ansiedade, preocupações, insônia, luto de familiares e amigos, sobrecarga de atividades doméstica e escolares, nervosismo, irritação, estresse, perda da motivação e falta de projetos de vida. Esses fatores levam, principalmente, a crises de ansiedade e depressão durante a quarentena, o isolamento e o distanciamento social.

Em março de 2021, foi dada continuidade ao projeto com ampliação das propostas para aconselhamento psicológico online a estudantes adolescentes do ensino fundamental, do ensino médio e do Colégio de Aplicação da UFRR (a partir de 12 anos). Esses menores necessitam de autorização dos pais ou cuidador responsável. Ainda esse ano o projeto foi renovado pela PRAE e o acolhimento psicológico foi ampliado para além da comunidade interna da UFRR, sendo oferecido o serviço gratuito para a comunidade externa.

O estágio específico em psicologia e contextos clínicos e da saúde foi realizado através dos atendimentos de quem procurou esse serviço. Teve como objetivo principal proporcionar ao aluno condições para a articulação entre a teoria e a prática em psicologia clínica, considerando o contexto atual da pandemia. Assim, respeitando as medidas de isolamento social, os atendimentos foram feitos de forma online, estando os estagiários em suas próprias casas. Já o estágio específico em psicologia e contextos educacionais foi realizado por meio de atendimentos somente para adolescentes estudantes do ensino fundamental e médio da UFRR realizado um atendimento, se necessário outros dois atendimentos psicológicos semanais, intercalados com supervisões para a discussão da teoria e prática, na modalidade do aconselhamento psicológico para adolescentes que buscam uma escuta atenta, empática e de cuidado em situação de crise, sobrecarga de atividades escolares e domésticas, bem como auxiliar na autoavaliação para uma transformação.

Por meio de plataformas digitais (por chamada de vídeo do *WhatsApp*, *Google Meet* ou *Skype*), as sessões ocorrem com duração de 50 minutos. Após cada encontro ser finalizado, tudo o que aconteceu e o que foi dito durante a sessão eram anotados nos documentos de registro (prontuários e anamnese). O aconselhamento psicológico é

pontual, constituído de um atendimento/acolhimento. Podendo ser eventualmente estendido por uma ou duas sessões complementares de acordo com a situação. Em caso de necessidade, o estagiário orientará para a procura de outros serviços disponíveis. Os atendimentos psicológicos ocorrem conforme as normas da resolução nº 4, de 26 de março de 2020 do Conselho Federal de Psicologia (2020a; 2020b) para a prestação de serviços em Psicologia, sejam quais forem as modalidades em que sejam realizados no ambiente virtual durante a pandemia COVID-19. A confidencialidade dos dados obtidos durante as consultas é respeitada em conformidade com o código de ética profissional do psicólogo.

A supervisão acontece uma vez por semana. Também são realizadas reuniões sobre avaliação do andamento do serviço. Em Supervisão, antes de iniciar os atendimentos, são realizados estudos e discussões sobre vários textos, cujas principais temáticas são psicoterapia online, fenomenologia e psicopatologia fenomenológica. Todos os encontros na Supervisão são na modalidade ERE, de forma síncrona e assíncrona. Nos encontros síncronos, há orientação e explicação sobre os documentos necessários, assim como dinamizada a escuta cuidadosa e empática dos relatos de sessões. Posteriormente, são suscitadas reflexões a partir do referencial teórico-metodológico fenomenológico e dadas orientações de tipos de intervenções possíveis.

Os estagiários trabalham com seu cliente questões existenciais (quem sou eu? para onde eu vou?) e aspectos psicossociais para que o mesmo possa ter insights, ou seja, tomada de consciência e dar-se conta do seu modo de ser-no-mundo consigo e com o outro (ESPÍNDULA, 2019; PATTERSON, 2003). O aconselhamento psicológico é realizado com foco na prevenção e na promoção de saúde mental, na perspectiva da fenomenologia. Essa ação está inserida na linha “saúde-doença: prevenção, promoção e intervenção, do Grupo de Pesquisa: “Saúde, subjetividade e inclusão”.

Alguns estagiários em Supervisão mencionaram que a primeira experiência prática de estágio foi extremamente enriquecedora e ainda a oportunidade de vivenciar na Universidade o atendimento na modalidade online, permitindo que houvesse um aprofundamento de tudo o que foi estudado ao longo da graduação: a ética profissional, o sigilo terapêutico, o contrato terapêutico (online) pelo *Google forms* e estudos de casos.

À guisa de conclusões

Diante do momento atual vivido na pandemia da COVID-19, das medidas de contenção de transmissibilidade do vírus e do ERE, há aumento de casos de sofrimento intenso e crise psíquica grave nas academias do país. Ansiedade, tristeza, saudade, depressão, estresse e angústia são recorrentes nos relatos de universitários e docentes que participaram das atividades descritas anteriormente. Os fatores de risco identificados envolvem, dentre outros, medo da contaminação, medo da própria morte ou de algum familiar, luto mal elaborado, demissão ou medo dela, perdas financeiras, não adaptação ao ERE, conflitos interpessoais, distância dos amigos/familiares, falta de acesso a TDIC's e/ou ambiente doméstico desfavorável ao ERE.

Os relatos de experiência de três docentes de IFES de diferentes regiões do Brasil (Norte, Nordeste e Sudeste) aqui expostos, a partir de diferentes projetos de intervenção, denotam importância e relevância psicossocial de investimentos em fatores protetivos para que a comunidade acadêmica tenha resguardado seu direito à prevenção e promoção de saúde mental. Além disso, tais projetos cumprem a missão de educar e cuidar de futuros psicólogos, já que a participação de graduandos nesses projetos permite desenvolvimento de competências necessárias para atuação profissional no mercado de trabalho da Psicologia.

As diversas possibilidades de atividades remotas durante a pandemia da COVID-19 para a comunidade acadêmica descritas mostram que a atenção psicossocial online torna-se de suma importância, pois, além dos resultados alcançados, possibilita que universitários que não tenham condições de pagar por um atendimento particular possam se beneficiar de qualquer parte do Brasil, no sentido de cuidado à saúde mental, principalmente na crise sanitária da pandemia da COVID-19.

No entanto, é necessário que governantes e gestores de IFES assumam a missão de investir em políticas públicas de atenção psicossocial aos que compõem essas instituições, como também de um trabalho integrado a partir de uma força tarefa que envolva diversos profissionais que, para além da produção de conhecimento de qualidade, possam transformar discursos teóricos em práticas efetivas para cuidar da própria comunidade onde estão inseridos.

Referências

AURBACH, R.P. *et al.* Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. **Psychological Medicine**, v. 46, p. 2955–2970, 2016. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/abn-abn0000362.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

AVELINO, W.VF.; MENDES, J.G. A realidade da educação brasileira a partir da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. II/2, n.5, p. 56-62, 2020. Disponível em <<https://revista.ufr.br/boca/article/view/AvelinoMendes>>Acesso em 14 ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3759679>

BARRETO, A. C. F.; ROCHA,, D. S. Covid 19 e Educação: Resistências, Desafios e (Im)Possibilidades. **Revista Encantar**, v.2, n.1, p. 01–11, 2020. Disponível em <<https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8480/0>>Acesso em 20 fev. 2020. <https://doi.org/10.46375/encantar.v2.0010>

BEHAR, P. A. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/> . Acesso em 11 dez. 2020.

BERNARDO, M. H. Produtividade e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, v. 26 (spe), p. 129-139, 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000500014&lng=en&nrm=iso>>Acesso em 18 ago. 2020. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000500014>

BEZERRA, A. et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciencia & Saúde Coletiva**, v. 25 (Supl. 1), p. 2411-2421, 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=en&nrm=iso> Acesso em 20 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>

BORSOI, I. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 15, n.1, p. 81-100, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v15i1p81-100>

CARMO, R. O. S.; FRANCO, A. P. Da docência presencial à docência online: aprendizagens de professores universitários na educação a distância. **Educação em Revista**, Belo Horizonte , v. 35, e210399, 2019 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982019000100420&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Fev. 2021. Epub Aug 01, 2019. <https://doi.org/10.1590/0102-4698210399>

CASTRO, V. R. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco**, v. 9, p. 380-401, 2017. Disponível em: http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/gestao_foco/artigos/ano2017/043_saude_mental.pdf. Acesso em: 02 jan. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>, Acesso 01 jun.2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da COVID-19: recomendações** [recurso eletrônico] / Conselho Federal de Psicologia e Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. Brasília: CFP, 2020a. Disponível em https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientac%CC%A7o%CC%83es-formac%CC%A7a%CC%83o-e-esta%CC%81gios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf. Acesso 01 jun.2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução Nº 4, de 26 de março de 2020.. Brasília, 2020b. Disponível em <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao>. Acesso 01 jun. 2021.

DALTRO, M. R.; SEGUNDO, J. D. A pandemia nos mostra quem somos? **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 9, n. 1, p. 5-8, 2020. Disponível em <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2844>> Acesso em 12 jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v9i1.2844>

DINIZ, N. Reestruturação do trabalho docente e desigualdades educacionais em tempos de crise sanitária, econômica e civilizatória. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, Especial COVID-19, p. 138-144, 2020. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50253>> Acesso em 20 ago. 2020. <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50253>

ESPÍNDULA, J. A. G. (Org.) **Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa**. Editora UFRR, 2019 <http://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=414>)

ESPÍNDULA, J. A. G. Experiência do acolhimento psicológico mediado pelas tecnologias digitais durante pandemia Covid-19. **Cadernos de extensão UFRR**. Boa Vista, 2020. p. 22-28.

ESPÍNDULA, J. A. G.; SALES, P. F. S. **Jovens adultos e atenção psicossocial no enfrentamento da COVID-19**. Boa Vista, Roraima: EDUFRR, 2020. Disponível em <https://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=463>. Acesso 01 jun.2021.

ESPÍNDULA, J. A. G.; COSTA, R. C. M. **O idoso e a covid-19: cuidados e ações de enfrentamento**. Boa Vista, Roraima: EDUFRR, 2020. Disponível em <https://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=464>. Acesso 01 jun. 2021.

FARINHA, M. G. et al . Rodas de conversa com universitários: prevenção e promoção de saúde. **Revista NUFEN**, Belém , v. 11, n. 2, p. 19-38, ago. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.n02artigo51>.

FARO, A., et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, n. 37, e200074, 2020. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

166X2020000100507&lng=en&nrm=iso> Acesso em 20 ago. 2020.
<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.146>

FONAPRACE. **IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior brasileiras**, 2014. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduanso-das-IFES_2014.pdf. Acesso em: 28 nov. 2018.

GRANER, K. M.; RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A. Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000401327&lng=en&nrm=iso>> Acesso em 22 ago. 2020.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>

LI, W. et al. Progression of Mental Health Services during the COVID-19 Outbreak in China. **International Journal of Biological Sciences**; v. 16, n. 10, p. 1732-1738, 2020. Disponível em: <http://www.ijbs.com/v16p1732> Acesso em: 02 mai. 2021. doi:10.7150/ijbs.45120

MACÊDO, 2015. **Clínica humanista-fenomenológica do trabalho: a construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho**. Curitiba: Juruá.

MACÊDO, S. Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS: Estudos Contemporâneos em Subjetividade**, v. 8, n. 2, p. 265-277, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>. Acesso em: 02 mai. 2021.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, p. 187-204, ago. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 mai. 2021.
<http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33> .

MACÊDO, S. et al. **Cartilha núcleo de cuidado ao estudante universitário (NUCEU): orientações para processos e ensino-aprendizagem remotos na universidade com saúde e qualidade de vida**. Petrolina, PE: UNIVASF, 2021. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/ceppsi/noticias/o-nuceu-divulga-a-live-de-lancamento-da-sua-cartilha-orientacoes-para-processos-de-ensino-aprendizagem-remotos-na-universidade-com-saude-e-qualidade-de-vida/cartilha-final.pdf> Acesso em: 02 mai. 2021.

MALLOY-DINIZ, L. F. et al. Saúde mental na pandemia da COVID -19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento. **Revista Debates in Psychiatry** - Ahead of print 2020, 2020. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Tercio_Apolinario-Souza2/publication/341255949. Acesso em 14 mai. 2020.

MEDEIROS, E.A.S. Desafios para o enfrentamento da pandemia Covid-19 em hospitais universitários. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, e2020086. Epub 22 de abril de 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rpp/v38/pt_1984-0462-rpp-38-

e2020086.pdf> Acesso em 05 mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020086>

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 544**, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Presidência da República Federativa do Brasil, Brasília, 2020.

MORAES, R.F. **Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva** (Nota Técnica 27). Ipea: Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia, 2020. Disponível em <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836>. Acesso em 22 ago. 2020.

OLIVEIRA, L. S. Psicologia e pandemia: atendimentos online como possibilidade de cuidado. **Diaphora**, v. 9, N. 2, p. 9-14, 2020. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/225/206>. Acesso em: 01 mai. 2021. <https://doi.org/10.29327/217869.9.3-2>

OLIVEIRA, A.S.D.; PEREIRA, M.S.; LIMA, L.M. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 609-619, 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-609.pdf>> Acesso em 22 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111132>

ORNELL, F. et al. Pandemia de medo e CoVid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista Debates in Psychiatry** - Ahead of print 2020. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/340442412>. Acesso em 20 ago. 2020.

PADOVANI, R. C. et al. Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 10, n. 1, p. 2-10, 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002.

Acesso em 18 ago. 2020.

PATTERSON, L. E. **O processo de aconselhamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PIRES, I. T. M. et al. Uso de Álcool e outras Substâncias Psicoativas por Estudantes Universitários de Psicologia. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, e191670, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932020000100117&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 Mar. 2021. Epub Nov 18, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003191670>.

SILVA, M. V.; AZEVEDO, A. K. S. Um olhar sobre o Suicídio: vivências e experiências de estudantes universitários. **Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 7, n. 3, p. 390-401, 2018. Disponível em <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1908/2125>. Acesso em 04 mai. 2020.

SILVA, J. N.; et al. Consumo de álcool entre universitários. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 2, n. 2, 2015, p. 35-40. Disponível em:

<http://www.icesp.br/revistas-eletronicas/index.php/RBPeCS/article/view/45>. Acesso em 04 mai. 2020.

SILVA, H.G.N.; SANTOS, L.E.S.; OLIVEIRA, A.K.S. Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. **Journal of Nursing and Health**, v. 10 (n.esp.), e20104007, 2020. Disponível em <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1097482>>. Acesso em 22 ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.15210/jonah.v10i4.18677>

TEIXEIRA, M. R.; DAHL, C. M. Recriando cotidianos possíveis: construção de estratégias de apoio entre docentes e estudantes de graduação em terapia ocupacional em tempos de pandemia. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 4, n. 3, p. 509-518, 2020. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/viewFile/34425/pdf> Acesso em 18 ago. 2020.

TERRY, M. L.; LEARY, M. R.; MEHTA, S. Self-compassion as a buffer against homesickness, depression, and dissatisfaction in the transition to college. **Self and Identity**, v. 12, n. 3, p. 278-290, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15298868.2012.667913>. Acesso em 01 jun. 2021. <https://doi.org/10.1080/15298868.2012.667913>

THURBER, C.A.; WALTON, E. A. Homesickness and adjustment in university students. **Journal of American College Health**, v. 60, n. 5, p. 415-419, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07448481.2012.673520>. Acesso em: 01 jun. 2021. <https://doi.org/10.1080/07448481.2012.673520>

ATELIÊ DE DESENHO DE LIVRE-EXPRESSÃO ON-LINE POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DO SEU USO

*Erika Rodrigues Colombo
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez*

INTRODUÇÃO

Diante dos acontecimentos desde o início da pandemia COVID-19, pesquisadores e clínicos em todo o mundo têm buscado formas de oferecer cuidados em saúde mental para os diversos setores da população, tendo em vista os efeitos deletérios provocados não só pela doença, mas pelo distanciamento social imposto como meio de prevenção. Também na Universidade de São Paulo, temos trabalhado na prevenção do sofrimento trazido pela pandemia, na orientação e no acolhimento inicial aos alunos de graduação e pós-graduação, através do Escritório de Saúde Mental (ESM) vinculado à Pró-Reitoria de Graduação da USP.

Desde a suspensão das atividades presenciais na universidade e dos atendimentos face a face, em março de 2020, os alunos têm recebido acolhimento on-line, que mantém a característica básica do serviço – cujo foco principal é dar suporte aos estudantes em sofrimento psíquico e/ou que apresentam ideações suicidas. Além do atendimento psicológico, foram disponibilizados materiais de psicoeducação on-line no site institucional do ESM, com diretrizes de autocuidados baseadas no guia compilado pelo Departamento de Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (OMS), dirigido a diferentes grupos da sociedade (PIMENTEL et al, 2020).

Além dessas medidas, as pesquisas vinculadas ao ESM que oferecem algum tipo de atendimento aos estudantes, foram adaptadas, na medida do possível, ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Dentre essas pesquisas, está o Ateliê de Desenho de Livre-Expressão¹, que vem sendo oferecido, desde 2019, a estudantes da USP que apresentam ideações e/ou tentativas de suicídio.

ADAPTAÇÕES PARA O USO DE TICs

As atividades presenciais do Ateliê foram suspensas em março de 2020 e o trabalho foi retomado de forma on-line em setembro, a partir de encontros realizados na plataforma Google Meet. Durante 2020, o grupo teve cinco participantes, todas mulheres, sendo que uma delas também participou do grupo presencial. Dentre as adaptações realizadas, estão a utilização de música ambiente – pois, no primeiro encontro, as participantes expressaram certo desconforto em relação a desenhar em silêncio diante da câmera. A sugestão para que todos desenhassem ouvindo uma mesma *playlist* de música instrumental foi acatada com interesse.

Também fazemos uso da plataforma *Padlet*, uma espécie de mural virtual, onde todos conseguem anexar a foto de suas produções, de forma que podemos ver todos os desenhos em conjunto, como acontecia nos encontros face-a-face. Acreditamos que esse instrumento tenha sido fundamental para a boa adaptação da técnica do Ateliê ao ambiente virtual, pois o momento da conversa sobre as produções é parte essencial do trabalho. A sessão seria incompleta sem o tempo de discussão e verbalização, pois esse é o momento em que cada participante pode encontrar uma oportunidade de se reconectar com a expressão de suas dificuldades, preocupações e ansiedades que, em outros lugares, se sentiria incapaz de abordar (TERNOY, 1997).

Em relação às limitações do trabalho on-line, a princípio houve receio de que a falta de disponibilidade de materiais pudesse ser um problema – já que os participantes não teriam acesso aos materiais que normalmente estão disponíveis no Ateliê. Para minimizar as dificuldades, pedimos apenas que a pessoa disponha de folhas de papel, lápis grafite, borracha e algum material para colorir – lápis de cor ou canetas coloridas é a recomendação mínima, mas todos estão livres para fazer uso de qualquer outro material que tenham interesse e acesso. Até o momento, a questão dos materiais não tem se mostrado como limitador para o engajamento ou a capacidade de criação das participantes.

Por outro lado, existe uma limitação durante o momento de execução dos desenhos, pois, diferentemente do que acontecia no trabalho face-a-face, em que todos desenham sobre uma mesma mesa, é impossível acompanhar o processo de criação de cada participante pela tela – pois ninguém posiciona a câmera de forma que possamos ver o que está sendo criado e, muitas vezes, as câmeras são desligadas enquanto as pessoas

desenham. Resolvemos não interferir nessa dinâmica, respeitando as escolhas de cada um. Porém, sempre pedimos que todos abram as câmeras ao iniciarmos o momento de conversa.

Apesar de não haver a possibilidade de observar o processo criativo de cada pessoa, é comum que os participantes descrevam naturalmente seu processo de criação enquanto falam sobre os desenhos. Há relatos sobre como foi construída a obra, por onde começou a desenhar, se houve mudança na ideia inicial do que seria desenhado e até se houve desistência e recomeço em outra folha. E caso o relato não apareça espontaneamente, existe abertura no grupo para que possamos questionar a respeito – o que, de certa forma, minimiza a falta de acompanhamento durante o processo.

METODOLOGIA

Buscamos pensar as vivências no Ateliê de Desenho de Livre-Expressão a partir da fenomenologia da vida de Michel Henry, que oferece uma possibilidade de compreensão não-reducionista das diferentes formas de sofrimento humano, a partir dos encontros que se estabelecem.

A contribuição de Henry para o campo da Psicologia Clínica responde “às necessidades clínica e ética, a fim de que possamos acolher a complexidade das problemáticas que visitam a nossa prática na atualidade” (ANTÚNEZ; SAFRA, 2018, p.200). A partir da fenomenologia da vida, podemos pensar nosso processo na vida como indissociável do processo da vida em nós.

Dessa forma, o sentimento de podermos agir na vida revela-nos nela como seres capazes de ponderar possibilidades e virtualidades de ação. Tal constatação, embora possa ser angustiante – na medida em que a possibilidade de sermos afetados pelo outro possa já ter criado em nós a memória de um sofrimento insuportável – a partir do trabalho clínico, podemos criar experiências que nos permitam vivenciar o afeto do outro como potencial de nossas próprias possibilidades, ao invés de o vivenciarmos como violência originária (MARTINS, 2017).

Além disso, a técnica do Ateliê segue o método desenvolvido pelo psicólogo francês Michel Ternoy (1997), em sua tese de doutorado que trata da observação e intervenção de duas décadas em ateliê de pintura com pacientes de um hospital

psiquiátrico na França. No Brasil, essa técnica é desenvolvida no Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), desde 1999, com pacientes adultos de um CAPS (SANTOANTONIO; ANTÚNEZ, 2010; SANTOANTONIO, 2014; SANTOANTONIO; RIBEIRO, 2018) e foi tema de um projeto de extensão realizado com crianças e adolescentes de uma Casa Abrigo de São Paulo, entre 2013 e 2014 (COLOMBO; ANTÚNEZ, 2018; COLOMBO, 2018).

A análise fenômeno-estrutural desenvolvida por Minkowski serve de embasamento teórico à técnica desenvolvida no Ateliê. Minkowski coloca o encontro como base para o contato com o paciente, de forma a permitir uma análise sob a perspectiva de evolução da pessoa – o que pode facilitar a emergência de um olhar significativo sobre o outro, que propicie uma evolução passível de ser sentida e compartilhada em conjunto. Seu método de análise da linguagem, denominado “fenômeno-estrutural”, coloca a atenção voltada às qualidades expressivas do espaço e do tempo vividos como fundamental para a observação das características psicopatológicas e psicológicas da personalidade (COLOMBO, 2018).

Um estudo a partir da análise fenômeno-estrutural não é centrado em resultados imediatos, pois visa, em primeiro lugar, a compreensão lenta e progressiva de um indivíduo ou das singularidades sintomatológicas que nele se inscrevem. Sendo assim, a partir do método de análise fenômeno-estrutural, poderemos nos debruçar de forma mais ampla sobre as relações e vivências constituídas no Ateliê – que, conforme experiências prévias demonstraram (SANTOANTONIO; ANTÚNEZ, 2010; SANTOANTONIO, 2014; COLOMBO; ANTÚNEZ, 2018), tendem a se estender para além do material produzido.

PROCEDIMENTOS

Os encontros do Ateliê de Desenho de Livre-Expressão se iniciaram em novembro de 2019, totalizando oito sessões, com dez participantes, divididos em duas turmas (quatro sessões por turma). Cada participante foi entrevistado individualmente, para a aplicação da escala de avaliação de risco de suicídio: *Columbia Suicide Severity Rating Scale*, C-SSRS (Escala de Avaliação do Risco de Suicídio de Columbia) e apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O trabalho no Ateliê é organizado de forma que suas duas horas de duração são divididas em dois momentos: o período de realização (cerca de 1h30min), no qual todos os participantes, inclusive os terapeutas, executam os desenhos ou pinturas de sua escolha, sendo a expressão pessoal totalmente livre sobre o espaço da folha; e o período de discussão (cerca de 30min), no qual os participantes penduram suas produções em um quadro de cortiça e se colocam em um semicírculo diante dele, sendo convidados, um a um, a tomar a palavra para comentar, como desejar, e se desejar, sobre sua produção e sobre os demais trabalhos expostos.

Em relação ao enquadre, Ternoy (1997) recomenda que se especifique um certo número de regras para nortear o trabalho realizado. A primeira regra é que nenhum participante é obrigado a frequentar o Ateliê ou a participar de suas atividades. Aquele que vier ao Ateliê, deve fazê-lo livremente e comprometer-se com as atividades propostas, respeitando suas regras e limites definidos. Além disso, cada participante é livre para expor ou não sua obra, participar da discussão ou apenas ouvir, além de poder escolher o destino de sua produção.

Além do estabelecimento do enquadre, o direito à palavra no momento da discussão, é de suma importância. Todos sabem que poderão contar suas angústias, suas paixões, comentar espontaneamente pensamentos de qualquer ordem, sem se sentirem julgados. A sessão seria incompleta sem o tempo de discussão (Ternoy, 1997). Esse é o momento em que cada participante pode encontrar uma oportunidade de se reconectar com a expressão das dificuldades, preocupações e ansiedades que, em outros lugares, se sentiria incapaz de abordar.

Trataremos, a seguir, o caso da única participante que esteve presente tanto nos encontros face-a-face de 2019 quanto nos encontros online de 2020, pois consideramos que o caso pode nos dar um bom parâmetro de comparação das potencialidades do trabalho do Ateliê em ambas as modalidades (face-a-face e on-line).

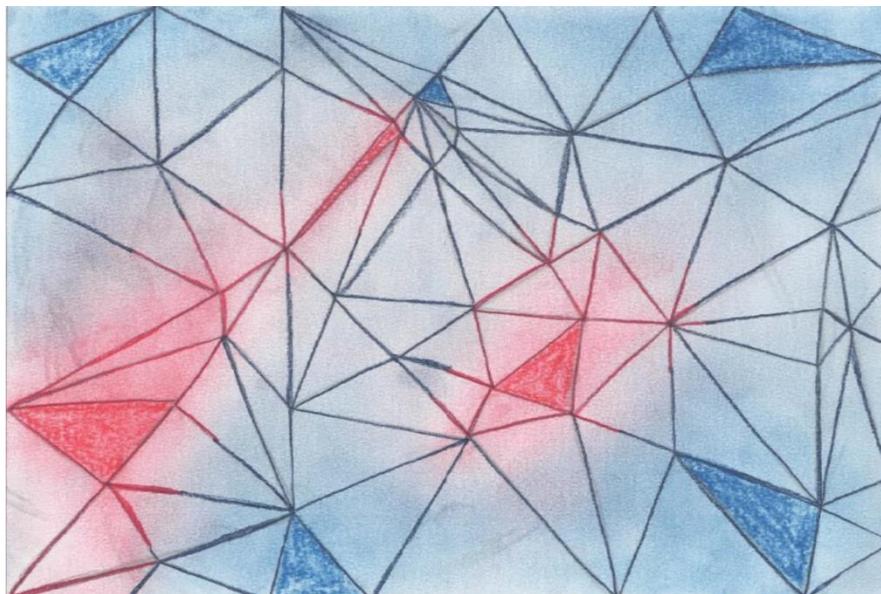
RESULTADOS

Carina (nome fictício), na Escala de Colúmbia (C-SSRS) pontuou negativo para ideias ou tentativas suicidas ao longo da vida e nos últimos meses, porém apresentava desejos de estar morta. Tinha 28 anos quando começou no Ateliê (finalizando sua

participação com 29 anos), estava no meio de seu mestrado, estudando mídias sociais. Relatou sentir muita ansiedade em sua experiência com a pós-graduação. Havia chegado a pensar em desistir do mestrado. Outro motivo de angústia era chegar aos trinta anos e ainda morar com a família. Segundo ela, imaginava que sua vida seria muito diferente quando chegasse aos trinta.

Na primeira sessão face-a-face, Carina fez um desenho abstrato dizendo que achava “muito difícil desenhar”. Nesse desenho (Figura 1), nos chama a atenção o contraste entre azul e vermelho e a predominância de linhas quebradas e formas geométricas – que, segundo a análise fenômeno-estrutural, evidenciam aspectos do polo racional da personalidade, caracterizado pela abstração e pelo pensamento simbólico, pelo isolamento e distanciamento, pela imobilização, pela cisão e por uma diminuição do contato vital com a realidade ou ambiente. Ela disse que se sentia desconfortável desenhando e não gostou do resultado.

Figura 1 – Primeiro desenho de Carina

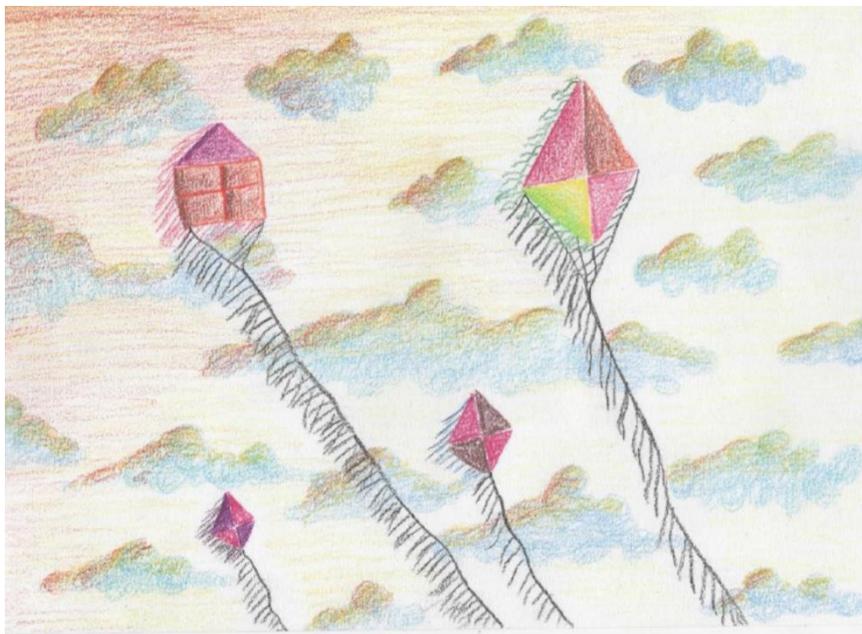


Fonte: arquivo institucional.

No segundo desenho (Figura 2), vemos uma grande diferença em relação ao anterior. Surgem formas organizadas de pipas e nuvens. Há presença de movimento e o aumenta a quantidade no uso de cores – características que se aproximam do polo

sensorial da personalidade, caracterizado pela expressão da afetividade, pela adesividade ao movimento da vida, à experiência concreta, ao entorno, ao distanciamento e à própria ação. Além disso, aparece em sua fala uma lembrança da época da infância – quando ela brincava de empinar pipa com seus primos – da qual disse sentir saudades. É digno de nota que, embora haja menção de uma cena que envolve pessoas (ela e os primos), no desenho ainda vemos um distanciamento do humano – quem “empina pipa” são pessoas, mas não há tal representação pictórica, nem nada que nos remeta diretamente a pessoas presentes na cena.

Figura 2 – Segundo desenho de Carina



Fonte: arquivo institucional.

No terceiro desenho (Figura 3), Carina trouxe, pela primeira vez, uma forma humana: uma bailarina dançando em um cenário que lembra um bosque. Ela contou uma história curiosa: "Hoje de manhã, quando fui tomar banho, notei o monte de cabelos que minha irmã deixou no banheiro. Primeiro senti raiva, mas depois reparei que parecia uma bailarina dançando. Lembrei de quando era criança e dançava balé. Eu gostava muito." (sic.). Também nos contou que sofria bullying no balé, pois era mais gordinha do que as outras meninas.

Figura 3 – Terceiro desenho de Carina



Fonte: arquivo institucional.

No desenho há uma simetria e equilíbrio entre a dançarina e as laterais, compondo um cenário com figura e fundo (branco). O rosto é vazado, Carina mostra uma leveza em seu traço, como nos desenhos anteriores. Ela conta que sofria críticas por ser “gordinha” (sic.) e o desenho é feito representa exatamente o contrário, uma mulher magra e esbelta.

Em seu quarto desenho (Figura 4), feito em folha A3, Carina fez uma enorme borboleta colorida. Em suas asas podemos notar formas que remetem a dois pares de olhos: um azul e outro castanho. Tal detalhe foi notado por todos os integrantes do grupo. Ela confirmou nossa impressão e contou que fez os olhos pensando em duas pessoas pelas quais estava interessada naquele momento. Nessa sessão, Carina relatou ter percebido uma melhora em sua ansiedade ao longo da participação no Ateliê e quis representar tal transformação desenhando a grande borboleta com cores alegres.

Figura 4 – Quarto desenho de Carina



Fonte: arquivo institucional.

Em seu quinto desenho (Figura 5), o primeiro dos encontros on-line, já em 2020, Carina retratou uma imagem espelhada, dizendo que se viu “criança tentando montar uma cidade, uma casa, uma vida imaginária” (sic.). Sua ideia era representar nas casas feitas de blocos a vida atual e, no reflexo espelhado, sua vida futura – que, no momento, lhe parecia nebulosa e indefinida. Se questionou sobre o que a “Carina criança” acharia de sua vida hoje. Imaginava que estaria casada e com filhos, mas nada disso tinha acontecido, ainda morava com os pais.

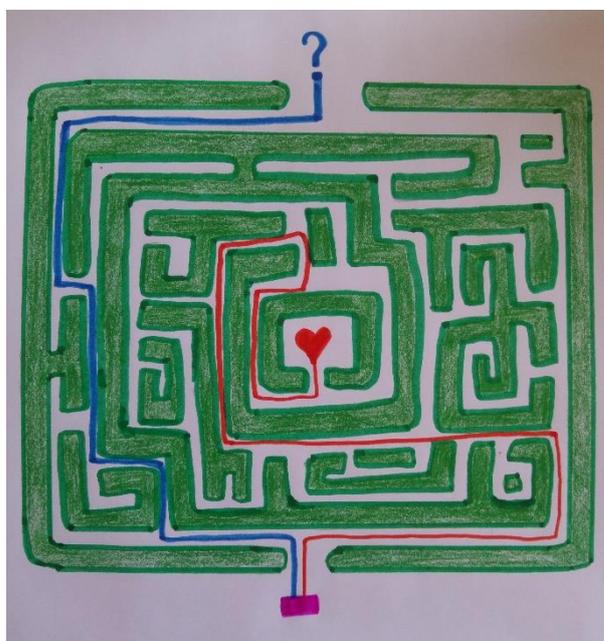
No sexto desenho (Figura 6), Carina nos apresentou um labirinto. Disse que, a princípio, só tinha feito o caminho até o meio (onde está o coração), mas se sentiu muito mal com isso. Resolveu, então, fazer uma saída do outro lado (onde está a interrogação) e disse que, então, se sentiu melhor. Comparou o labirinto ao seu mestrado: o caminho azul seria desistir e o caminho vermelho seria finalizar. Relatou que entrou no mestrado sem imaginar que seria um processo de autoconhecimento, mas que agora conseguia perceber o quanto era rígida com tudo em sua vida e exigente com seus resultados. Hoje, entende que “as coisas têm um processo para acontecer” (sic.).

Figura 5 – Quinto Desenho de Carina



Fonte: arquivo institucional.

Figura 6 – Sexto desenho de Carina



Fonte: arquivo institucional.

Em seu sétimo desenho (Figura 7), fez um rio passando embaixo de uma ponte, no qual podemos ver um barquinho com uma menina – ela própria – navegando em direção ao desconhecido. Ela nos disse: "Eu desenhei o rio e pensei que não conseguiria ver onde ia dar. Mas depois pensei que isso é a vida, nós não sabemos o dia de amanhã. É mais ou menos como me sinto agora: à deriva, tentando chegar do outro lado da margem e atravessando obstáculos." (sic.). A imagem é colorida e apresenta um movimento implícito, retratado na água e no barco, com uma menina, rumo a uma direção.

Figura 7 – Sétimo desenho de Carina

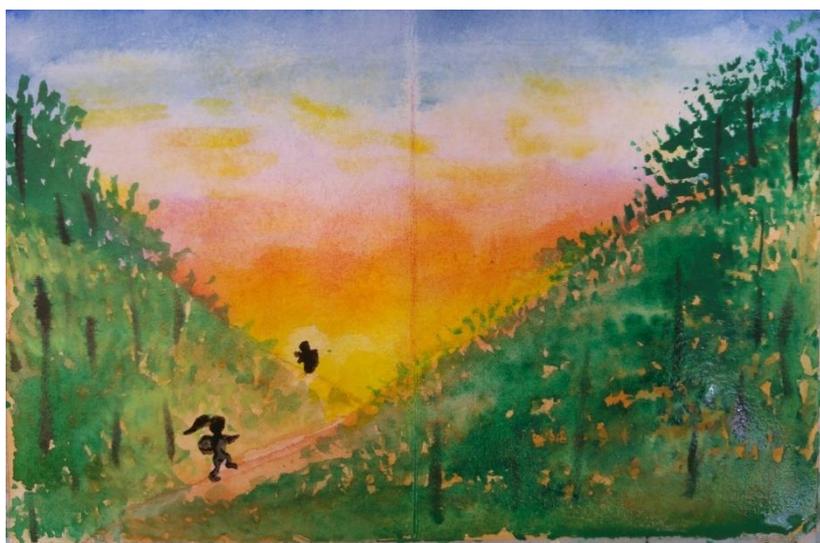


Fonte: arquivo institucional.

Em seu oitavo desenho (Figura 8), último antes de depositar sua dissertação, foi a primeira vez que Carina utilizou aquarela. Ela fez uma montanha com duas figuras caminhando e contou: "Pensei 'vai ser uma montanha', que estou subindo um passo de cada vez. Tentei desenhar uma pessoa ali atrás. Cada um tem sua própria montanha. Coloquei um mapa na minha mão, porque precisamos ter uma referência de caminho." (sic.). Também disse que está formulando esse mapa da sua vida agora, pois acabou de concluir o mestrado e não sabe bem como será daqui para a frente. Essa é a primeira vez, em dez anos, que ela não sabe como será o próximo ano.

Carina retrata em seus desenhos a ação humana e o contato com as dificuldades inerentes à vida e com suas incertezas, com aquilo que não pode controlar ou saber: o destino humano, o futuro.

Figura 8 – Oitavo desenho de Carina



Fonte: arquivo institucional.

DISCUSSÃO

Num panorama geral, podemos ver que Carina mostrou evolução na forma como se expressava, trazendo, a cada vez, conteúdos mais complexos e pessoais – primeiro, relativos a memórias de infância, nos apresentando sua história – e, depois, trazendo as vivências do presente e preocupações com o futuro.

Nos encontros online, além de apresentar conteúdos mais elaborados, relatou que a pandemia piorou sua ansiedade. Porém, atualmente, ela diz que compreende que “está tudo bem não estar bem”. No penúltimo encontro, trouxe a percepção de que ela funciona entre extremos; ou dá tudo de si ou desiste. Mas agora, consegue enxergar que existe um meio termo. É interessante notar que ela representa esses extremos em azul e vermelho, as mesmas cores utilizadas em seu primeiro desenho abstrato.

Michel Henry, em seu livro *Ver o Invisível: sobre Kandinsky*, estuda os ensaios teóricos do pintor, que defendia a tese de que cada cor tem tonalidade afetiva própria, sendo o conteúdo abstrato da obra a própria vida. Ele nos explica:

Se a cor, de fato, não se relaciona aos sentimentos de nossa alma externamente, mas encontra neles seu ser verdadeiro – o que ela é, como sensação pura, experiência pura – então ela não precisa nem mesmo traduzir, como meio, esse conteúdo abstrato de nossa vida invisível: ela coincide com a última, é seu *pathos*, seu sofrimento, seu aborrecimento, seu abandono ou sua alegria (HENRY, 2012, p. 98, grifo do autor).

Nesse sentido a beleza dos desenhos de Carina é a beleza de seu *pathos*, ou seja, de sua alegria e sofrimento em sua própria vida.

A pintura é uma arte visual feita de elementos visíveis, elementos fundamentais que Kandinsky discrimina como as formas e as cores (HENRY, 2012). A pintura é uma arte do visível, cuja “carne”, nas palavras de Henry (2018), é o próprio visível. Kandinsky mostra como um quadro pode se organizar em torno de uma cor, cuja realidade é uma impressão, “uma impressão radicalmente subjetiva” (HENRY, 2018, p.231). É essa impressão subjetiva que Carina nos revela nos desenhos, parte do invisível é revelado em sua verbalização, por meio de sua ação de encarnar no desenho sua ação na vida, sua encarnação.

Sendo assim, não há, por exemplo, vermelho no mundo, pois o vermelho é uma sensação absolutamente subjetiva, originariamente invisível. As cores originárias são invisíveis, mas elas estão expostas sobre as coisas por um processo de projeção. O que nos interessa é, então, *o poder emocional da cor* – objeto de reflexão na teoria sobre as cores de Goethe, e que se torna fundamental na obra de Kandinsky (HENRY, 2018). Assim, apreciamos a leveza do poder emocional das cores que Carina usa e a ampliamos com o conhecimento que ela nos traz sobre o que sentiu e do que pensou ao produzir essas imagens – através de seus relatos.

Toda a cor pode ser objeto de uma análise emocional e dinâmica, que nos indicará a verdadeira razão pela qual a cor foi utilizada em uma composição. Com isso, a lei de construção de um quadro se situa em uma subjetividade radical, de forma que: “Podemos pintar não mais o mundo, mas a alma das pessoas, as suas emoções. Mas podemos também mostrar que se a pintura escolheu representar esta ou aquela coisa, é porque essa

coisa tem (...) esse efeito impressional sobre ele” (HENRY, 2018, p.232). Carina revela sua impressão de seus próprios afetos ao passo que somos afetados por seus desenhos – seja por sua vivacidade, movimento, leveza dos tons bem equilibrados, das linhas cuidadosamente traçadas. Além disso, ainda podemos conhecer – além do que sentimos ao ver os desenhos – o que o próprio artista, no caso Carina, quis revelar com eles.

Tais princípios estão em consonância com a análise fenômeno-estrutural de Eugène Minkowski e Françoise Minkowska, sobre a qual está pautado o trabalho do Ateliê. Na análise fenômeno-estrutural, o uso de cores indica presença de afetividade, mostrando que aquela pessoa está próxima do polo sensorial da personalidade. Em contrapartida, o polo racional da personalidade se manifesta pelo uso de linhas e cortes – algo que se aproxima mais do estudo das formas de Kandinsky e da geometria e racionalidade descritas por Minkowski.

Quando Carina expressa, por meio da imagem e da verbalização, a relação entre desistir ou finalizar, nos caminhos de seu labirinto, nos mostra que para ela o azul representa uma passividade diante da vida – provavelmente relacionada a sentimentos de tristeza e frustração que acompanhariam sua escolha de desistir do mestrado. Por outro lado, ao relacionar o vermelho ao finalizar do mestrado, nos mostra que associa essa cor à uma força de ação e enfrentamento das situações difíceis – provavelmente relacionada à coragem que necessitava para enfrentar a situação difícil que estava vivendo.

Logo em seu primeiro desenho, vemos que esse conflito já estava presente, expressado, de forma inconsciente, pela escolha das cores utilizadas. As formas abstratas indicam um distanciamento afetivo de seu conflito, com o qual provavelmente ela ainda não podia lidar, mas que de algum modo foi capaz de expressar o expressar. As formas aparecem de maneira mais organizada, nas sessões subsequentes, quando Carina se permite trazer conteúdos referentes à sua história.

Uma forma, como explica Henry (2012), não é uma entidade exterior, mas sim a expressão de uma força. O ponto, a linha reta e a linha quebrada são expressões de forças específicas que se desdobram de maneiras diferentes, contínua ou intermitente, em uma única direção (linha reta) ou modificando sua direção (linha quebrada).

A teoria das formas de Kandinsky (HENRY, 2012) não trata apenas das forças, mas também da própria subjetividade:

(...) porque as forças habitam o nosso corpo, o nosso corpo vivido, o nosso corpo subjetivo que é o nosso corpo real. Por conseguinte, o mundo das formas é, de algum modo, um universo cifrado cuja verdadeira significação reenvia ao jogo das forças em nós, por conseguinte à vida, porque o corpo vivo é um corpo que é feito de forças: tal é a origem da pintura. Aqui ainda, é um elemento invisível, a *força invisível* com a qual se identifica o corpo vivo, que é o princípio da composição da pintura (HENRY, 2018, p.232, grifo do original).

Há uma dualidade do aparecer que se manifesta no jogo entre o visível e o invisível. O corpo se apresenta primeiro ao mundo (como o desenho) e é interpretado imediatamente como um objeto do mundo visível, que se toca e sente. Mas, para Henry (2018), esse é apenas o corpo aparente, o corpo real é o *corpo vivo*, o corpo no qual habitamos, é o corpo interior – aquele que só Carina pode sentir. É com o corpo vivo – que, de fato, andamos, tocamos, abraçamos, somos com os outros. Este corpo invisível é também *a fonte do desejo*: “em presença do corpo do outro, eu percebo um corpo visível, mas pressinto uma subjetividade e é ela que quero alcançar” (HENRY, 2018, p.233). Assim, vamos Carina acessando, na relação em *co-pathos*, facetas de sua vida compartilhada com a nossa.

Sendo assim, a pintura é uma mediação entre os seres. Os elementos que constituem a pintura, em sua expressão, não são apenas objetivos, mas também subjetivos. A pessoa que olha para uma forma expressa em um quadro, experiencia o mesmo *pathos* que aquele que a concebeu, na medida em que “a forma só pode ser lida pela reativação – em uma espécie de simbiose patética, pelo menos imaginária, de forças (...) que são identicamente as forças do corpo vivo do criador ou do espectador (HENRY, 2018, p.233).

No contexto da pintura, a contemporaneidade é o conjunto de forças e de emoções interiores das quais o quadro se faz expressão. Tal expressão não está separada daquilo que expressa, sendo que a realidade da cor reside na impressão interior e a realidade da forma reside na força interior. Sem essa força interior, a forma se torna algo morto. “Os quadros são mortos, sempre que não fazem advir essa reatualização em uma subjetividade que pode ser, também ela, tanto do espectador quanto do criador” (HENRY, 2018, p.234). A beleza da cor e da estética de Carina mostra muito dela e de nós, seres vivos que se encontram para uma ação em comum.

Para Henry (2018), a vida é um poder de acréscimo ao mesmo tempo que é patética (no sentido de *pathos*), de modo que ela prova a si mesma continuamente. A vida que prova a si mesma tende a provar-se mais sem cessar. Na obra de arte, há um despertar da subjetividade, na medida em que as formas, as cores e os grafismos despertam no espectador as forças das quais são expressão. Ocorre, pela mediação da obra de arte, uma espécie de intensificação da vida, tanto no espectador quanto em seu criador (HENRY, 2018). De modo que, ao acompanhar os jovens no Ateliê, o trabalho clínico “se revela como possibilidade única de superação desse fardo que é viver” (MARTINS, 2017, p.119).

CONCLUSÃO

O processo terapêutico no Ateliê não opera no nível do pensamento dedutível, mas sim, no nível da transformação afetiva que, pelo nosso agir, nela originariamente nos implica. As ressonâncias afetivas da vida do outro ou do mundo – das quais o sentimento estético faz parte – são modalidades do *pathos-com* ou do pacto originário entre humanos e não-humanos efetuado na vida.

Há um fundo comum entre paciente e terapeuta que é o sentimento do poder da transitividade na vida do sofrer em fruir – sentimento esse que é o de *estar na própria vida toda possibilidade de transformação* (grifo nosso). A relação terapêutica abre a possibilidade para que, em comunidade, se possa encontrar mobilização para os afetos doloridos.

O sofrimento, a partir da fenomenologia da vida, traz em si a possibilidade de sua modalização em júbilo, em fruição. Todo ser humano frui em si sua própria Vida, nela sofre e procura auxílio (HENRY, 2018). Assim, é na relação, na dialética afetiva que se pode modalizar o desespero em fruição originária.

Ao acompanhar a trajetória de Carina, tanto nos encontros face-a-face quanto virtuais, percebemos que o uso das TICs não diminuiu as potencialidades do trabalho terapêutico proporcionado pelo Ateliê de Desenho. Notamos que Carina foi capaz de trazer conteúdos importantes e se expressar (pictórica e verbalmente) com desenvoltura, tanto no grupo presencial quanto no grupo on-line. Além disso, temos observado

progressos semelhantes em outros participantes que apenas tiveram a experiência dos encontros realizados remotamente.

O uso da plataforma *Padlet* foi essencial para que o momento da discussão, que se segue à realização dos desenhos, se mantivesse o mais fiel possível em relação aos encontros face-a-face (em que todos se sentam em semicírculo ao redor das produções expostas na parede). Graças a possibilidade de cada participante observar os desenhos expostos em conjunto, a cada encontro surgiam diálogos sobre impressões compartilhadas pelo grupo, que permitam ao autor da obra fazer reflexões que não haviam surgido no momento da execução.

Além disso, o espaço da discussão nos permite ouvir o que o próprio autor diz sobre sua produção, o que, como ficou claro com o caso de Carina, é fundamental para apreendermos significados que, sem o depoimento de seu autor, não são evidentes na imagem (por exemplo, os significados que Carina atribui a cada caminho de seu labirinto e que a permitiu falar sobre o momento tão delicado que passava em relação a sua trajetória no mestrado).

Outro ponto que se mostrou fundamental para o bom manejo do Ateliê no espaço virtual, foi o uso da música compartilhada enquanto todos desenham – pois este se tornou o elemento que permitiu aos participantes terem a sensação de um espaço compartilhado, reduzindo o distanciamento produzido pelo encontro virtual, em que todos estão separados por uma tela. A própria Carina trouxe a reflexão, ao final do primeiro encontro, de que havia se sentido mais próxima ao grupo, ao se dar conta de que estava ouvindo a mesma música que os demais participantes.

Em suma, o Ateliê de Desenho de Livre-Expressão On-line tem se mostrado um processo bastante rico. Embora caiba a discussão sobre a acessibilidade dos alunos da universidade pública em relação às tecnologias de comunicação, também temos que considerar que o trabalho remoto nos permite alcançar alunos que estejam longe (atualmente, contamos com participante dos campi do interior, além de alunos do campus de São Paulo que regressaram para suas cidades natais). Concluimos que o uso das TICs pode ampliar de maneira potencialmente benéfica o alcance do Escritório de Saúde Mental em relação à comunidade USP, especialmente nesse momento de distanciamento que ainda estamos vivendo.

REFERÊNCIAS

- ANTÚNEZ, A. E. A.; SAFRA, G. A psicologia clínica e a fenomenologia da vida de Michel Henry. In: ANTÚNEZ, A. E. A.; SAFRA, G. (Orgs.). **Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018.
- COLOMBO, E. R. **Ateliê de Desenho de Livre-Expressão com crianças acolhidas: um diálogo entre clínica e fenomenologia**. 2018. 149f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2018.
- COLOMBO, E. R.; ANTÚNEZ, A. E. A. Ateliê de desenho de livre-expressão com crianças acolhidas: reflexões a partir da fenomenologia da vida. **Revista Cultura e Extensão USP**, v. 19, pp. 59-72, 2018. doi: 10.11606/issn.2316-9060.v19i0p59-72
- HENRY, M. **A Barbárie**. São Paulo: É Realizações, 2012.
- HENRY, M. Arte e fenomenologia da vida. (Colombo, E. R., Trad., & Antúnez, A. E. A., Rev.). In: Antúnez, A. E. A. (Org.). **Cadernos I Círculo fenomenológico da vida e da clínica**. São Paulo: Biblioteca Dante Moreira Leite, 2018.
- MARTINS, F. **Estátuas de Anjos: para uma fenomenologia da vida e da clínica**. Lisboa: Edições Colibri, 2017.
- PIMENTEL, R. M. M. et al. A disseminação da covid-19: um papel expectante e preventivo na saúde global. **Journal of Human Growth and Development**, v. 30, n. 1, pp. 135-140, 2020. doi: 10.7322/jhgd.v30.9976
- SANTOANTONIO, J. O Ateliê de Pintura de Livre Expressão: relato de um modelo de intervenção articulado com a Fenomenologia da Vida de Michel Henry. In: Antúnez, A. E. A.; Martins, F.; Ferreira, M. V. (Orgs.). **A fenomenologia da vida de Michel Henry – Interloquções entre filosofia e psicologia**. São Paulo: Escuta, p.253-272, 2014.
- SANTOANTONIO, J; ANTÚNEZ, A. E. A. Ateliê de desenho e Rorschach: estudo fenômeno-estrutural. **Paideia**, v. 20, n. 45, p. 117-122, jan./abr. 2010. Disponível em: http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/11984/art_ANTUNEZ_Ateliê_de_desenho_e_Rorschach_estudo_fenomeno-estrutural_2010.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 15 set. 2018.
- SANTOANTONIO, J.; RIBEIRO, A. T. I. de A. O ateliê de pintura de livre expressão: espaço terapêutico compartilhado de criação. In: Antúnez, A. E. A.; Safra, G. (Orgs.) **Psicologia Clínica – da graduação à pós-graduação**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018.
- TERNOY, M. **Rorschach, rêve éveillé dirigéet expression grapho-picturale dans l'étude phénoméno-structurale des hallucinations**. 1997. 1005 f. Tese (Doutorado), Université de Lille III, Lille. 1997.

EXERCÍCIOS FENOMENOLÓGICOS PARA COMPREENSÃO DAS VIVÊNCIAS ON-LINE DA INTERNET¹

*Nara Helena Lopes Pereira da Silva
Marcelo Deguti Hashimoto*

Este capítulo pretende entrelaçar as reflexões de duas pesquisas desenvolvidas no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, interessadas na compreensão do fenômeno das vivências no ambiente on-line: um projeto de pós-doutorado iniciado em 2018 com financiamento FAPESP - 2018/11351-2 (SILVA, 2018) e um de Iniciação Científica, iniciado em agosto de 2020 - IPUSP – IC – 2372 (HASHIMOTO, 2020).

O primeiro busca compreender a inserção das tecnologias digitais nos serviços psicológicos, a partir da perspectiva fenomenológica, com destaque, também, para as vivências da Internet referidas por terapeutas e pessoas atendidas. Trata-se do acompanhamento longitudinal de seis processos de psicoterapia on-line durante 24 sessões. Já a Iniciação Científica surge quando a maioria dos serviços psicológicos migram do ambiente físico dos consultórios para a *web*, decorrente da crise humanitária provocada pela pandemia COVID-19, em que as medidas sanitárias de controle da disseminação do vírus, prevenção e proteção coletiva impuseram tal realidade (SOUZA, SILVA, MONTEIRO, 2020). Busca investigar a experiência que o fenômeno on-line cotidiano na Internet proporciona ao usuário, pensando em nível da qualidade dessa experiência e em suas possíveis implicações psicológicas.

Segundo Husserl (2002/1952, tradução nossa), os estudos assumem caráter de pesquisa puramente fenomenológica somente quando se percorre adequadamente as reduções fenomenológicas, ao realizar reflexões, ao tematizar a própria orientação ou atitude, ao se colocar em relação com o que é visado, ao realizar a redução eidética, uma purificação de todas as apercepções transcendentais: assim as pesquisas se transformam em pesquisas puramente fenomenológicas. É verdadeiro que ao refletir o que se encontra, acima de tudo, é “nós mesmos” na forma de “eu empírico”: de fato, antes de tudo se realiza a reflexão como uma nova atitude naturalista, a qual, no momento da redução fenomenológica, deve andar entre parênteses. O sujeito último, o sujeito fenomenológico, o “eu puro”, é aquele que não é colocado entre parênteses.

A partir de leituras fenomenológicas, busca-se apreender as vivências on-line registradas em material de pesquisa por ambos os pesquisadores e como elas se desvelam a partir de exercícios fenomenológicos de redução e reflexões husserianas.

A proposta deste capítulo é trazer em formato de ensaio as compreensões anotadas em diário de campo durante a pesquisa de Iniciação Científica e os registros escritos por psicólogos e pessoas atendidas, que vivenciaram processos psicoterapêuticos on-line no contexto de pesquisa de Pós-doutorado. Intenta, em especial, ilustrar os desafios iniciais da pesquisa fenomenológica em Psicologia sobre o ambiente da Internet, como eles acontecem para os pesquisadores e, também, descrições preliminares sobre os exercícios fenomenológicos de apreensão do fenômeno on-line. Os relatos serviram como guias para busca de essencialidades, através das experiências, refletidas e reduzidas.

Trata-se, em linhas gerais, de um exercício fenomenológico, em que tal apreensão se dá por meio de zigue zagues (BARREIRA, 2017), descritos a partir das vivências imediatas, anotadas em diário de campo dos pesquisadores, acrescidas por exercícios de variações eidéticas e reduções e, por fim, com a escrita a quatro mãos.

Método

Do ponto de vista metodológico, um estudo fenomenológico não está centrado na observação da regularidade e da repetição dos sentidos pela observação das particularidades. Trata-se, por meio da atitude fenomenológica, “de um processo dinâmico, de uma atitude reflexiva e analítica, cujo intuito central passa a ser o de promover a elucidação do sentido originário que a coisa expressa, em sua versão reduzida, independentemente da sua posição de existência” (TOURINHO, 2012, p. 862).

A sistematização da compreensão dos materiais das respectivas pesquisas aconteceu a partir da apreensão de quatro movimentos, não-lineares, concomitantes com registros de intuições, descrições, reduções, análises e reflexões, de modo dinâmico, gradual, de forma contínua e longitudinal (Silva, 2018). Ressalta-se que tal divisão tem caráter didático, visto que a compreensão fenomenológica trata de movimentações e apreensões tal como os fenômenos se desvelam nas vivências:

Análise Compreensiva das experiências: visa diversificar, ampliar e sintetizar as possíveis leituras das vivências documentadas. Trata-se de um registro longitudinal, que solicita uma atenção gradativa, interessada e compreensiva, que se inicia antes mesmo do

processo de coleta e/ou organização dos dados, através de uma análise contemplativa e não interpretativa. É um primeiro nível, em que o pesquisador-fenomenólogo, concomitante ao registro dos dados, acrescenta à margem as ideias centrais, num constante exercício de variações imaginárias.

Análise descritiva e construção de fluxos das experiências: visa apreender intuitivamente unidades de sentidos, num movimento constante, através de exercícios de reduções eidéticas, em busca das estruturas do fenômeno. Através de sínteses e de recortes das experiências individuais, são sistematizadas as unidades em fluxos dinâmicos, com o intuito de ilustrar e descrever exemplares do fenômeno.

Mapeamento das vivências: visa uma leitura atenta e aprofundada de unidades dos fluxos das experiências, em busca das estruturas próprias ao fenômeno estudado. Inicialmente, legitima-se à multiplicidade de perspectivas apreendidas, realizando sínteses e recortes de elementos essenciais, a fim de empreender um mapeamento das estruturas ou regiões de sentido, individualizando-as. Inicia-se um processo de deslocamento da personalidade dos relatos, em busca de elementos típicos e/ou estruturas invariantes.

Reflexividade das vivências constitutivas: Exercício dinâmico de apreensão e reflexão do fenômeno, distanciando-se cada vez mais de características individuais/empíricas. As personalidades se dissolvem através de um exercício contínuo e reflexivo de contemplação, de descrição e de intuição do que define e desvela-se do fenômeno, visando o desenho de estruturas. Movimentos de síntese e discussão, quando os aspectos individuais são diluídos. Busca-se o cruzamento de intersubjetividades, deixando emergir através dos recortes e das reflexões, as características das estruturas do fenômeno. O objeto da pesquisa não está mais centralizado nos registros individuais e sim em exercícios de apreensões, reduções e evidenciações das estruturas e/ou elementos constitutivos, desvelados pela pesquisa fenomenológica.

Pesquisa fenomenológica acerca do ambiente on-line da Internet

1. Preâmbulos

Mais do que se conectar a aplicativos de comunicação, há um universo naturalizado e invisível a ser apreendido. Esse universo do fenômeno on-line surge quase

imperceptivelmente e acontece com a comunicação digital entre dispositivos e, substancialmente, entre pessoas.

Na noite passada, fui deitar pensando sobre o uso que faço da Internet, depois de ter percebido que, mesmo querendo ficar afastado do celular por um breve momento, algo sempre me fazia voltar a ele. Dentro de diferentes usos, desde redes sociais, streaming de vídeo (Youtube), browser, jogos, algo parecia sempre me manter preso à telinha, de tal maneira que me peguei com pensamentos acelerados, uma certa sensação de inquietação quando distante do uso (seria uma “abstinência?”), uma dificuldade de continuar com outras tarefas “concretas” sem precisar ter o aparelho ao meu lado. Somente me “desliguei” efetivamente quando fui preparar a janta, algo que parece sempre me convocar quase por inteiro à atividade. Hoje acordei pensando: o que aconteceria se eu deixasse o celular, por hoje, um pouco mais afastado de minhas vivências cotidianas? Sinto uma espécie de desprezo pelo ambiente on-line quando percebo que fico com relativa dificuldade de simplesmente ler um livro antes de deitar. Mas... é possível se afastar totalmente? Como conciliar esse uso com o restante da “vida concreta”? (Diário de bordo, 07 de agosto de 2020).

Os passos iniciais para uma investigação fenomenológica nascem de um interesse e de uma curiosidade. Trata-se de um modo naturalmente normal, que acontece no horizonte da vida, numa aparente e ininterrupta normalidade, no mundo pré-dado. E é nesse lugar que se parte e se dirige com um interesse teórico e exclusivo para o “mundo da vida”, este mundo tido como solo universal da vida humana. Assim como nas tarefas iniciais, em que nenhuma analogia ou teoria serve de orientação, esse início acontece inevitavelmente por meio de uma atitude ingênua, em que, no começo, está a ação. Neste momento, o propósito ainda é incerto, a ação é auxiliar na determinação e no processo de clarificação, por meio da execução de partes do propósito que, num momento seguinte, requer uma reflexão metódica (Husserl, 2012).

No caso da iniciação científica, as primeiras indagações começaram a emergir diante do contexto vivido: era meado de março de 2020, o início do isolamento social, com vista a cumprir as recomendações sanitárias de contenção da COVID-19. Este pode ser compreendido como o momento catalisador dos interesses do pesquisador sobre o tema da pesquisa. Foi ao longo desse período que, principalmente com o aumento do uso de Internet para as mais diversas finalidades cotidianas, como para o ensino e trabalho remotos, ou até mesmo para a psicoterapia on-line enquanto alternativa à face a face, muitas indagações foram surgindo e tomando forma.

Já a sistematização do projeto de pós-doutorado sobre o uso de tecnologias em atendimentos de psicologia levantou questões sobre a relação entre pessoa e terapeuta, a

configuração do vínculo no ambiente on-line, a empatia e o estabelecimento da confiança que passou a acontecer através de um contato mediado por um dispositivo digital. As perguntas iniciais vinham da prática clínica, por meio de impressões e intuições de que algo se modifica diante da experiência terapêutica on-line.

O início da investigação fenomenológica “se dá por uma curiosidade quase invariavelmente acompanhada de perguntas que o pesquisador começa a se fazer acerca do tema de que se aproxima” (BARREIRA, 2017, p. 328). Barreira identifica esse primeiro movimento fenomenológico de *preâmbulo*: “o exame das perguntas que motivam inicialmente o pesquisador corresponde a uma etapa pré-empírica da pesquisa, anunciando-se como um preâmbulo fenomenológico anterior à pesquisa propriamente dita. Pode-se vê-lo melhor, entretanto, não como etapa anterior à pesquisa, mas como o seu verdadeiro início” (BARREIRA, 2017, p. 329).

Partindo de vivências próprias e também de outras compartilhadas junto a outras pessoas, o meu interesse em adentrar mais no ambiente da “Psicologia Digital” recai basicamente sobre os sintomas de ansiedade que ela parece evocar em alguns usuários e, conseqüentemente, também sobre as questões de saúde mental relacionadas a eles. Fico pensando quais possíveis relações são razoáveis estabelecer entre o uso da internet, de uma forma geral (redes sociais, vídeos, diversos conteúdos), com o que acaba parecendo a “perda da noção” do tempo e do corpo relacionada ao uso frequente do ambiente online. (...) Será algo relacionado ao “tipo de uso” que faço do online? Que tipo de experiência a internet tem proporcionado ao usuário, em um momento em que o contato físico com outras pessoas tornou-se mais escasso ainda “do dia para a noite”? (...) Pois me parece que o mundo “da realidade” raramente permite essa realização simultânea de diversas atividades, tal como conseguimos fazer quando mantemos inúmeras abas abertas no navegador; no mundo real, portanto, o nosso ritmo de vivência seria mais devagar por isso? (...) Em termos mais práticos, eu havia pensado em realizar algum tipo de pesquisa envolvendo redes sociais (na realidade, eu pensei no simples estar na internet), em momentos em que o usuário faz o uso cotidiano deles. (Diário “Motivações”, 15 de agosto de 2020)

E assim se configuraram as primeiras perguntas sobre vivências no ambiente on-line, mas também, as primeiras evidências do fenômeno: quais são as experiências essenciais que caracterizam e descrevem as formas de relacionamento e vínculo mediadas pelas TICs? Como é essa experiência intersubjetiva que se dá pela esfera tecnológica do virtual? Como se dá sua presença na intersubjetividade? Que repercussões na vida o fenômeno on-line espelha para a humanidade? A proposta foi, então, analisar tais questões a partir da própria experiência do encontro terapêutico, vivida e refletida como

objeto de estudo. Já a elaboração da iniciação científica, trouxe o outro lado dos relacionamentos digitais, a face de quem vive e experimenta ativamente a amálgama digital da vida: Como as temáticas de saúde mental se manifestam para o usuário na internet? Como se manifesta a experiência de estar conectado através do dispositivo físico e virtual? Como é vivida a intersubjetividade neste contexto?

Estes são alguns dos exemplos da forma e do movimento com que as indagações se *constituíram*, nascendo de uma postura de contemplação fenomenológica da vivência cotidiana, individual ou compartilhada com outras pessoas, no mundo da vida. Para ambos os pesquisadores, a reflexão sobre as implicações psicológicas do uso deste ambiente on-line surgiu, portanto, da percepção de uma certa inserção demasiada naturalizada da internet (e, ainda, intensificada ou “forçada” pela pandemia COVID-19), uma vez que muitas vivências concretas foram rapidamente substituídas (completa ou parcialmente) por outras virtuais, reafirmando alguns aspectos já presentes nas últimas décadas, porém, despercebidos nessa transição do puramente humano ao digital e na imersão on-line na vida concreta.

Outras motivações que atravessaram tais indagações iniciais estavam atreladas à temática da saúde mental e internet, um assunto estudado por diferentes perspectivas e que tem culminado nos termos, por exemplo, de “dependência de internet” ou “uso patológico de internet” (MEA, BIFFE & FERREIRA, 2016).

Segundo o artigo “Aspectos psicológicos do uso patológico de internet”, o on-line pode ser extremamente sedutor, tais como as sereias que chamam pelos navegadores e por Ulisses em sua volta à Ítaca. O que é que tanto seduz? (...) em uma conversa (...) sobre o uso da internet: (...) essa sedução não se tratava do “uso”, ou melhor, do “modo” com que a pessoa se propunha a usar o ambiente on-line. Em partes eu discordo. Pois enquanto é verdade que uma postura de maior cuidado de si é perfeitamente possível com o uso da Internet, o aspecto sedutor é exatamente o afrouxamento dessa “consciência” de uso (e de certa maneira esse é o propósito de qualquer sedução). Pensando-se que os aplicativos não são obras da Natureza, tal como as árvores e pedras, mas sim, são desenvolvidos por outros humanos, é de se suspeitar que o aspecto sedutor seja explorado para o alcance de determinados fins. Existe uma mediação e intenção humanas (frequentemente encobertas) que não podem ser descartadas nessa análise, independente do fim (ou em uma perspectiva menos utilitarista, “propósito”?) a que elas servem. Assim, parece-me que enfatizar o “modo de uso” pode ser frutífero, no entanto, não deixa de me fazer sentir impotente perante essa enorme sedução... (diário de campo, 07 de agosto de 2020 “intuições”)

Os pesquisadores fenomenólogos, que obviamente também constituem parte deste contexto, perceberam-se imersos em relatos de amigos, familiares, jornais, entre outras mídias, que pareciam todas, de uma maneira ou de outra, falar sobre sintomas que se assemelhavam aos de ansiedade, depressão ou estresse, relacionados, aparentemente, direta ou indiretamente, à internet. Também surgiam tais impressões nas sessões de terapia, grupos de supervisão, nos relatos dos pacientes e psicólogos colaboradores da pesquisa de pós-doutorado:

O contínuo recebimento de notificações com conteúdo de "coisas a serem resolvidas" que se distanciam completamente de lazer, entretenimento e até relaxamento/espairecer me deixam extremamente cansada e num misto de irritabilidade e tristeza. Em contrapartida, aliviada e relaxada quando a origem da notificação vem de pessoas que gosto e relaciono-me sem ser por questão profissional, e principalmente quando é para jogar e/ou ouvir música (Relato sobre as influências das tecnologias na saúde mental, Ana Julia, 04 de setembro de 2019).

Comumente, seja em relato da pesquisa de psicoterapia on-line, em impressões e percepções do mundo COVID-19 digital, sensações como “aceleração”, “perda de foco”, “perdição”, “cansaço”, procrastinação, irritabilidade, tristeza, sentimento de perda de tempo e não concretude da vida, estados de alerta ao recebimento de mensagens, entre outros, associados aos momentos de uso de dispositivos digitais e, surpreendentemente, também, aos de desconexão da internet, parecem se aproximar aos sinais característicos dos quadros clínicos de “dependência”.

(...) [alguém] me conta que tem gasto muito tempo no celular, seja utilizando redes sociais, coisas da faculdade etc. (...) um dia utilizou cerca de 10 horas. Pareceu bastante surpreso e desapontado; disse que precisava “fazer algo a respeito”, querendo diminuir esse tempo de uso pois ele entende que muitas dessas horas são momentos desperdiçados e improdutivos. Concordamos em muitos aspectos: 1. A falta da noção de tempo, quando pensamos que uma pausa de “15 minutinhos” nas redes sociais facilmente acaba virando uma hora; e a sensação de ansiedade com o uso. Não chegamos a aprofundar essa discussão, mas foi interessante para se pensar: o tempo, a “sedução” da Internet, a nossa dependência prática da Internet (diário de campo, 08 de setembro de 2020, contexto).

Embora estudos apontem para a definição da dependência tecnológica, o caminho deste estudo foi de movimentos de suspensão e de redução, gradualmente distanciando-

se de definições médicas. Dessa forma, o sentimento de urgência de avaliação da qualidade da experiência dos usuários no ambiente on-line, principalmente pensando-se a partir de um olhar clínico psicológico, tão bem ilustrada nas vivências pessoais, foi certamente uma das motivações principais para a concreta aproximação ao estudo. Quais poderiam ser as relações entre saúde mental e internet e como elas se manifestam e são vividas na experiência? Como tais relações embasam sutilmente a crescente busca por psicoterapia on-line? Em que nível tais experiências modificam estruturalmente o modo como as pessoas interagem, sentem e elaboram a si mesmas e ao seu entorno? Assim, as primeiras indagações fenomenológicas que surgiram foram: como é a experiência de estar conectado? Como é a vida cotidiana na internet? E qual a relação dessas vivências com a Psicologia?

Em suma, as primeiras perguntas que surgem foram percebidas como primordialmente do tipo *como*, curiosas em observar qualquer desvelamento que comumente, na atitude naturalizada, possa passar despercebido. Desta forma, as pesquisas fenomenológicas criaram corpo antes mesmo do início de sua realização, tal como Barreira (2017) explicita. De fato, pode-se compreender que a elaboração de qualquer projeto de pesquisa sempre parte de reflexões e indagações iniciais (e o projeto nada mais é que a concretização dessa atitude); entretanto, entende-se que a particularidade da investigação fenomenológica reside na mudança de atitude, neste movimento peculiar de suspender noções naturalizadas e se propor a observá-las em sua própria manifestação.

Não apenas essas perguntas iniciais formaram a base da pesquisa, posteriormente formalizada nos projetos, mas também, a *forma* como tais indagações realizavam um convite para compreender o fenômeno em questão. A partir dos relatos sobre as sessões de psicoterapia on-line e os anotados em diário de campo, alguns anteriores à própria pesquisa, nota-se que muitas reflexões não se direcionavam de modo incisivo ao conhecimento da experiência; diferentemente, propõem-se a observar, inicialmente, tudo aquilo que se manifesta diante do pesquisador em sua aparição imanente, o ponto de vista que se desvela ao (no) observador.

Poder-se-ia dizer que este movimento inicial inteiro acima descrito assemelha-se a uma pausa, como quem contempla a paisagem em um mirante, atento aos arredores, curioso em esticar os olhos até onde é possível ver. Na tentativa de contemplação do fenômeno em sua doação imanente e mais intrínseca à particularidade da relação deste corpo experimentador e experimentado imerso no ambiente on-line, em outras palavras,

o movimento inicial enquanto suspensão de qualquer compreensão direta (ou imediata), mas não como alguém que parte em busca de algo, mas de quem fica atento e aprecia aos pormenores dessa experiência.

A clarificação dos vários núcleos presentes nas pesquisas constitutivas não é finalizada a partir de um exercício abstrato do voltar-se à, é, ao invés, a possibilidade de ultrapassar o estado de contemplação para apreender as leis intrínsecas dos processos fundantes, que são as bases da verdade e da realidade das ciências e, antes ainda, do senso comum, da relação com os outros e com o mundo circundante (FRANZINI, 2002/1913).

2. As complexidades do estudo do fenômeno on-line

As idas e vindas, seguidas de ações graduais, foram estruturando os pilares para a compreensão do fenômeno que ocorre no ambiente on-line. Sokolowski (2012) descreve como um dos procedimentos característicos da Fenomenologia a mudança de atitude no conhecimento do mundo, a saber, de uma orientação natural para a fenomenológica. Enquanto a primeira pode ser entendida como a forma “espontânea” e naturalizada, orientada para os acontecimentos ou situação qualquer, a segunda acontece na reflexão sobre essa atitude natural e suas decorrências. “A atitude fenomenológica consiste em uma atitude reflexiva e analítica, a partir da qual se busca fundamentalmente elucidar, determinar e distinguir o sentido íntimo das coisas, a coisa em sua ‘doação originária’, tal como se mostra à consciência” (TOURINHO, 2012, 856).

A partir do aprofundamento teórico na fenomenologia de Husserl, a fundação coerente e consistente foi estabelecida, sobre a qual a pesquisa se assentou. Compreender o método fenomenológico e os conceitos principais da Fenomenologia possibilitou estar em consonância com o rigor metodológico ao qual a própria filosofia de Husserl almeja. Nas pesquisas em pauta, por exemplo, os conceitos fenomenológicos foram desenvolvidos a partir de pesquisa bibliográfica nos mecanismos de busca acadêmicos, construindo uma base teórica robusta e segura a partir da qual muitas outras reflexões e indagações foram surgindo. Deu-se início, neste momento, o movimento de “idas e vindas”, a saber, entre a fenomenologia husserliana e a descrição das experiências registradas pelos pesquisadores. O próprio contato com os conceitos fenomenológicos possibilitou novas vivências com o ambiente on-line, uma vez que ampliaram o horizonte de sentidos desvelado na experiência; da mesma forma, foi também a partir da descrição das vivências que a curiosidade por outros conhecimentos já estabelecidos ganhou ritmo

e relevância. Poder-se-ia dizer, grosseiramente, que a reflexão fenomenológica se deu no movimento, no trânsito, entre essas duas modalidades de conhecimento do acontecimento da internet.

É imediata a constatação da complexidade do campo de estudo do on-line. As pluralidades iniciam-se já na delimitação do recorte da pesquisa. Para qual ambiente olhar? Para qual tipo de uso? Para quais aplicativos? Em paralelo a essas perguntas, a articulação com os outros conhecimentos teóricos, bem como a própria reflexão sobre esse ambiente, vão desvelando novos e antigos aspectos anteriormente naturalizados, em um movimento de “dar-se conta” a partir da contemplação, de indagar a partir da manifestação, de tal forma que este campo de estudo parece não se dar por delimitado, havendo múltiplos aspectos que se entrelaçam, dialogam, torcem-se entre si e possivelmente vão para além do ambiente on-line propriamente dito.

Diante dessas múltiplas manifestações do acontecimento on-line, a sensação mais comum nesses momentos iniciais foi, certamente, de *confusão*, de não encontrar caminho claro e pré-estabelecido por onde a pesquisa poderia “evoluir”, desenvolver, em direção a uma reta de chegada; é curioso como a reflexão fenomenológica parece, ao invés de afunilar o direcionamento dos estudos, ampliar o escopo das possibilidades de investigação.

Para onde olhar? É como se eu me deparasse em uma exposição enorme na qual eu não soubesse nem por onde começar, com medo de que o museu fechasse antes que eu conseguisse ver todas as salas. É como me sinto. Para onde vou primeiro? Foram inúmeras as tentativas de sistematização dos conteúdos elaborados, com o intuito de separá-los em unidades menores, porém ainda abrangentes. Mas a dificuldade se demonstra quando nota-se que eles estão todos entrelaçados, um junto ao outro, de tal forma que sistematizar esses conhecimentos seria sistematizar tudo de uma vez. E assim retorno à entrada do museu: por onde começo? Seria todo esse movimento uma hesitação de enfim colocar tudo no papel? Pois a Fenomenologia é árdua, de conteúdos difíceis e muito extensos... Até que ponto essas dificuldades são hesitações subjetivas, “minhas”, diante dessa complexidade, riqueza, da Internet? (diário de campo, 28 de novembro de 2020, contexto).

Nota-se neste momento algo semelhante ao movimento de um pêndulo, que oscila, mas talvez não de forma tão uniforme assim, entre certezas e hipóteses, estas que se concretizam ou se desmancham conforme o caminhar da investigação. Poder-se-ia ilustrá-lo também como uma trilha sinuosa, repleta de subidas e descidas, múltiplas direções, um movimento em "zigzag" (BARREIRA, 2017). Não obstante,

independente da imagem que possa se criar de todo esse processo de investigação, o mais relevante a apontar aqui é a manifestação da não-linearidade e a ausência de forma desse campo de estudo, pois a todo momento depara-se com a indagação, ainda que o horizonte possa apontar possíveis caminhos. De modo imanente, seria essa a manifestação do fluxo da consciência, com suas evidências iniciais em torno das vivências no ambiente on-line?

É possível que o que esteja se tentando explicitar aqui é a “ambiguidade” do método fenomenológico na pesquisa do on-line. Ironicamente, a “redução” *amplia* o horizonte de sentidos dessa experiência investigativa, em um movimento gradual e lento de expansão do *corpus* da pesquisa, no qual é frequente “se perder” e indagar-se a todo momento, principalmente, sobre a metodologia pensada. Seria uma falta de recorte? Estaria o escopo da pesquisa amplo demais? Ou seria tal desnorreamento característico do próprio campo de estudo, um ambiente repleto de possibilidades e, de certa maneira, infinito?

minha intuição é que ainda há muita coisa para ser olhada. A Internet é esse ambiente virtual que contém uma quantidade surreal de dados, algo que um ser humano jamais seria capaz de ler em uma vida toda. Então me parece que existem particulares. Muitas particularidades. E o olhar fenomenológico tem me permitido pensar nessas diversas dimensões da experiência. (diário de campo, 01 de dezembro de 2020, contexto)

No caso do fenômeno on-line, é razoável pensar que a “confusão” experimentada é também uma das manifestações do acontecimento da investigação deste ambiente. O corpo pesquisador, ao mesmo tempo em que se debruça sobre o acontecimento on-line, também o é de forma recíproca. Nesta relação, perde-se o sentido de esclarecer o “sujeito” e “objeto”, pois o *noema* que emerge, as próprias vivências, imanente a esta relação, talvez nem sempre apontará para um eventual problema metodológico, mas à própria manifestação do acontecimento sobre o qual se debruça.

E eu sei que a intuição inicial foi de imaginar uma relação inexplorada, mas que se fazia presente, entre essas duas instâncias, a Fenomenologia e a Internet. Pois os movimentos têm sido entre o diário e as leituras. A cada leitura algo parece acarretar na vontade de relatar, ao mesmo tempo em que o inverso acontece. Os momentos de maior “desvelamento” claramente têm sido com o relato em diário de campo: a partir de minhas vivências percebo coisas que nem sempre estão na teoria, tampouco são evidentes no cotidiano. (Diário de Campo, 28 de dezembro de 2020).

Gradativamente a reflexão sobre as vivências on-line acontecem através de movimentos de intuição, percepção e envolvimento. Ales Bello (2004, p 94) refere de modo bastante didático que “a perspectiva fenomenológica implica em um método próprio cujo primeiro passo é a redução à essência e o segundo é a redução ao sujeito (ou redução transcendental)”. Transcendental é entendido enquanto o desvelar do humano em seu aspecto de universalidade, como uma estrutura que está presente nos sujeitos enquanto comum, que pode ser apreendida no eu puro, caracterizado por um *continuum* de vivências que se unem nas dimensões de corpo, psique e espírito. O conhecimento começa desde o corpo, pois é na corporeidade que se encontra a percepção, os impulsos e as emoções. “Husserl refere-se à unidade profunda que inclui o corpo, a psique e o espírito”, de forma que não se pode realizar uma análise sem considerar o aspecto entrelaçado de tais dimensões: “não podemos examinar a psique sem a relação com o corpo, mas também não poderemos analisar a psique sem analisar o espírito. Em suma, precisamos realizar uma análise global do ser humano (Ales Bello, 2004, p. 108).

3. Entre idas e vindas – desvelamentos do fenômeno on-line na intersubjetividade

Segundo Husserl (2002/1913, tradução nossa) o elemento essencial de novidade fenomenológica orientada à redução transcendental é diferente das descrições naturais e, portanto, das ciências da natureza. Uma descrição fenomenológica concreta das vivências, sejam estas perceptivas, memorativas, entre outras, solicitam necessariamente, também, a descrição dos objetos intencionais que se dão à consciência nas singulares experiências. Sucessivamente, a descrição deve afrontar, também, sínteses intencionais, em virtude de que um único e mesmo objeto intencional, tal como é, do ponto de vista psicológico puramente interno, é o índice ideal de uma multiplicidade de modos em relação aos quais estão estavelmente coordenados à consciência e aos quais a tipologia se integra na típica articulação do objeto intencional.

O ser híbrido tecnológico do humano tem naturalizado as relações digitais, sendo estas reconhecidas em sua dimensão material (*körper*, em alemão). Os dispositivos, os aplicativos e as plataformas disponíveis para as interações, são legitimados como necessários às diversas esferas do mundo da vida, como trabalho, pesquisa,

relacionamento, compras, etc, porém, as implicações do ambiente on-line à dimensão natural-perceptiva da subjetividade (*Leib*, em alemão) são pouco compreendidas.

o uso da Internet é mediado pelas interfaces, o que abre margem para debates sobre quais interfaces são essas e como elas estão sendo construídas. A Internet em si, a conexão wireless, por si só já teria implicações psicológicas; mas ela só é possível por meio de uma interface, por onde a experiência seja palpável, corporal, “carnal” {no sentido de} Merleau-Ponty), por meio da qual o indivíduo possa estar de fato conectado (onde aconteçam fenômenos perceptivos, no sentido merleau-pontiano). Em muitas das vezes essa interface é por meio dos aplicativos desenvolvidos pelas grandes empresas, cada vez mais tecnológicos à medida que os próprios dispositivos (celulares, computadores) também são desenvolvidos. Ou seja, a experiência corpórea dessa vivência é de fato mediada por modelos desenvolvidos por outros humanos.

A sensação de estar sempre conectado aos amigos, em rede, de poder transitar por vários ambientes que outrora (sem Internet) não seria possível, de poder buscar a qualquer momento o que é desejado... tudo isso seria possível com ou sem as grandes empresas manipulando o usuário; mas na realidade, esse uso é estimulado ao exagero, de tal maneira que a saúde mental nos ambientes virtuais torna-se uma problemática urgente na sociedade. Acredito que nesse momento eu debruço-me bastante sobre a questão: o que é então o fenômeno on-line? Em uma perspectiva abrangente, poderia dizer que consiste na conexão “ilimitada”, “infinita”, “simultânea” de um ponto a vários outros (sejam pessoas, coisas, etc), mas que também tem essa grande manipulação pelos algoritmos. (Diário de campo, 21 de setembro de 2020).

Em geral, as mídias digitais são utilizadas como um objeto material, justificando seu uso como instrumento criado e direcionado como um utensílio útil à vida, seja ao trabalho, à comunicação, à interação, à informação, semelhante à invenção da escrita e da impressão gráfica. Porém, tal naturalização não evidencia a necessária discussão sobre a consciência híbrida, os valores e sentido de seu uso, bem como a extensão do corpo-matéria, inserido num dispositivo que se propõe a potencializar os desejos, as fantasias e à satisfação das necessidades de modo atemporal ao homem.

A navegação on-line promove silenciosas, gradativas e constantes mudanças no mundo da vida e na subjetividade. Mais do que um objeto material, tais vivências dependem dos dispositivos físicos, porém trazem aspectos que seduzem o humano. As experiências promovem novas esferas de vivências que somente se tornam possíveis se mediadas pelas tecnologias digitais. No ambiente on-line, o excesso, o ilimitado, o múltiplo surgem como novas possibilidades, por ora confusas, em outras, sedutoras.

Anteontem eu perdi meu celular. Desde então estou sem utilizar aplicativos como o WhatsApp, e também posso dizer que minha dinâmica no dia acabou

mudando consideravelmente sem o aparelho ao meu lado. Não tenho mais o que ficar checando, não tenho também aqueles momentos de “pausa”. Confesso que por mais que exista um lado positivo disso tudo, há também um negativo. Enquanto sinto que tem sido um exercício de concentração forçado, o que eu considero bom, me sinto também “isolado”, sem poder conversar com amigos, responder mensagens, sem me inserir da forma mais naturalizada nas redes sociais. (...) eu diria que existem ambientes caracterizados por cada aplicativo (interface), e cada um deles por si só já possibilita uma experiência diferente. As mídias digitais são riquíssimas em imagem, som e até outros sentidos, dependendo dos dispositivos disponíveis. Em relação ao uso, creio que existe o uso recreativo, trabalho, entre outros, que poderiam talvez ser até subdivididos em outras novas categorias.

Mas ainda sinto que o recorte não é por aí... me parece que o recorte é a própria experiência do indivíduo, de observar para a experiência de tudo aquilo que ele julga estar relacionado à Internet, independente do ambiente e do uso. Pois me parece que o uso da Internet atravessa dimensões outras da existência que não se restringem ao “aqui e agora” do uso; o fato de me pegar pensando em coisas relacionadas à Internet, mesmo longe dela, diz claramente que essa experiência se estende para muito além do seu uso concreto. (Diário de campo, 1 de dezembro de 2020)

Para além de uma interação entre pessoas, a vida híbrida afasta o humano do contato com a solidão. No cerne do processo de digitalização da vida, as máquinas estão cada vez mais aptas a escolher, decidir e agir, seja como consolidação das expressões de uma subjetividade primeira (desenvolvedores, programadores, pessoas que criam e valoram), seja através da mediação de seus usuários, os quais recebem as informações e participam das comunicações mas, também, através da própria possibilidade de aprendizagem e inteligência que as máquinas passam a obter. Dessa forma, há sempre e cada vez mais formas de interação, preenchendo todas as lacunas e espaços do viver cotidiano (SILVA, MORUJÃO, no prelo).

O fluxo digital híbrido de *upload* de vivências, por sua vez, é capaz de receber, ler, compreender e comunicar, ultrapassando a interação humano-humano, de modo a seduzir e potencializar ao máximo o desenvolvimento subjetivo. Estabelece-se, portanto, um novo modo de conhecimento, através da interação simultânea de múltiplas intersubjetividades, que transcendem a experiência do corpo-físico. Dessa forma, enquanto as pessoas inserem dados, habitam e ensinam máquinas, estas por sua vez, aprendem, respondem e atendem às necessidades de modo personalizado.

Tecnologia hoje pra mim é fundamental e crucial pelo estilo de vida que levo, morando no exterior, longe de família e amigos e me mudando fisicamente o tempo todo. A tecnologia me possibilita conectar com todos e estar presente; a nunca estar sozinha ou desamparada no meio do nada. Por outro lado, com o aumento das tecnologias, também outras fobias foram geradas e criadas na

sociedade (e em mim), como o desconforto das redes sociais (idealização x realidade), acesso há muitas coisas o tempo todo, superexposição, etc. Senti que me afetaram um pouco menos; mas tenho usado com mais frequência pois tenho feito social media no trabalho. Às vezes, as mídias sociais me deixam frustrada, com inveja, raiva, mas também me faz rir. Como você se sentia nesses momentos? Horas frustrada, fragilizada, insatisfeita comigo e com minha vida, horas apenas queria mexer no celular por hábito / mania ou por estar entediada. (Relato sobre as influências das tecnologias na saúde mental, Aline, 04 de dezembro de 2019).

Em qualquer interação on-line, a subjetividade acontece simultaneamente em conjunto com a ação de outras subjetividades, que resulta na possibilidade da constituição de um fluxo digital de consciências, intersubjetivo. Isso significa que o fenômeno on-line não existe por si próprio sem, necessariamente, legitimar uma multiplicidade de regiões e de subjetividades envolvidas, agindo e interagindo ao mesmo tempo, num movimento constante de inserções e ações humanas. A vivência on-line só acontece enquanto intersubjetividade. Há uma construção e desconstrução imediatas de identidades, com experiências múltiplas que modificam substancialmente as dimensões psíquico-espirituais (*Geist*, em alemão), ainda que descoladas do corpo físico. Promovem a sedução psíquica com uma sensação de livre arbítrio, com possibilidades múltiplas de expressividade e de atualização de potencialidades individuais, que se depreendem através de um fluxo híbrido de experiências. Por sua vez, repercutem na forma como as vivências psíquicas se manifestam, na busca de um contato real, que, porém, não atrita e nem estabelece os limites físicos da sensibilidade humana (SILVA, MORUJÃO, 2019).

Sem Internet: ficar nessa situação reduziu muito minhas possibilidades, tanto em relação à faculdade, trabalho, e também com entretenimento, social etc. Novamente, foi a alteração da rotina, da dinâmica, que acabou me surpreendendo. O resultado de tudo isso é que fiquei estressado, pois me vi repentinamente sem todas as infinitas possibilidades que a Internet pode oferecer. Curioso ressaltar que assim que tudo voltou ao “normal”, me senti novamente pisando em território conhecido, no sentido que pude restabelecer minha rotina, meu ritmo, minhas possibilidades (Diário de campo, 9 de dezembro de 2020).

Ao intencionar o fenômeno das vivências on-line, a aparente confusão inicial é decorrente do *excesso* que tais vivências promovem na limitada vida humana. Esse excesso, num primeiro movimento, é sedutor, pois promove a abertura a inúmeras janelas que permitem que cada um manifeste individualmente seus desejos, gostos, sentimentos. Entretanto, é também, a vivência paradoxal da psique imersa na amalgamada vida digital, que vivencia a sedução na corporeidade vivente (*Leib* em alemão), porém, destacada dos

limites e dos atritos que a experiência do corpo físico (*körper* em alemão) possibilita. Nesse sentido, a automatização das experiências atinge a dimensão psíquico-espiritual, distanciando-se da possibilidade real de perceber e se confrontar com o corpo vivente (*körper-Leib*) do outro.

Mas de qualquer maneira, existe algo que parece diferente. As vivências mais cotidianas parecem sempre atravessadas, de maneira ou outra, pela Internet, seja para postar um “story”, procurar um local, compartilhar uma postagem, passar o tempo... Ao indivíduo para o qual ela esteja ao alcance literalmente a (quase) qualquer momento, a Internet parece estar (quase) sempre presente /também nas vivências mais concretas possíveis. De certo modo, o indivíduo está sempre conectado (direta ou indiretamente) a múltiplos locais e múltiplas pessoas, algo que, sem a possibilidade da conexão, seria literalmente impossível. Aqui pode-se pensar, em nível de consciência, a Internet enquanto uma extensão do sujeito; pois a impressão de estar sempre “ao lado” dos outros conectados é real; não existe mais questionamentos sobre a possibilidade de me comunicar com uma pessoa do outro lado do planeta... Ela está ao alcance, e a única dúvida é se ela está à disposição para responder.

Assim, é como se o corpo virtual se estendesse para todos os pontos de conexão da Internet, ou, ao menos, aos pontos dessa conexão que estão ativos. O indivíduo deixa de possuir um ouvido, uma visão, e passa a se relacionar sensorialmente (no momento visualmente e auditivamente) por meio de múltiplos canais, ainda que cada “objeto” capte sua atenção individualmente e ordenadamente, como se ele pudesse se locomover quase que instantaneamente por diferentes localidades distantes entre si, ainda que sempre intencionando um “objeto” (Noema) a cada momento. Pois a Internet oferece milhares de caminhos, milhares de “links” aos mais variados conteúdos e conhecimentos, algo que na experiência concreta não seria possível. (Diário de campo, 1 de janeiro de 2021)

Num processo de troca contínua, há a interação e modificação do fluxo de ocorrências do on-line e, por outro lado, também, do fluxo de consciência humana. Os múltiplos avatares e interfaces que a conexão possibilita, traz a liberdade da reconfiguração imediata do si mesmo, por meio de uma remodelação da forma de interagir com o outro e com si mesmo. As tecnologias digitais promovem novas experiências, que ressoam em outros modos de estar no mundo e de se relacionar entre as pessoas. Entretanto, as manifestações psíquicas decorrente da vida híbrida, repleta de infinitas possibilidades, são paradoxais. Promovem um misto de sedução, realização, necessidade e, ao mesmo tempo, vazio e estranhamento de si mesmo e dos limites do corpo físico.

Considerações finais

Os exercícios fenomenológicos sobre as vivências no ambiente on-line retratam um caminho semelhante ao percurso de trabalho de um arqueólogo (Ales Bello, 2004) em busca de pistas e indícios de resquícios deixados ao longo das vivências humanas. A proposta de um exercício fenomenológico distancia-se do encontro de verdades absolutas. Dessa forma, os caminhos trilhados até o momento trazem apreensões de vivências humanas híbridas, vidas concretas que se confundem com a tecnologia, em uma relação de codependência entre humano e digital.

Diferentemente do que se aponta no senso comum, sobre uma perda da presença do corpo no ambiente on-line, a fenomenologia resgata a dimensão corpórea-psíquica-espiritual globalmente e intensamente presente no mundo digital e que promove alterações significativas em diferentes dimensões da subjetividade.

Para além de uma ferramenta desenvolvida para a execução de tarefas, o fenômeno on-line recoloca a ação humana diante do mundo da vida, apresentando-lhe um excesso de possibilidades, conexões ilimitadas, infinitas simultaneidades, onde a liberdade humana, antes retratada pelos limites e confins do corpo físico (*körper*) conflitua com a existência finita da matéria *versus* o livre arbítrio da corporeidade vivente (*Leib, Geist*).

As redes digitais trazem um universo em que se manifesta todas as capacidades, potencialidades e características humanas, desde seu lado sombrio, nas mais diversas formas de expressão da violência on-line (SILVA, 2020) aos mais nobres desejos da subjetividade. Nessa múltipla interação, são urgentes reflexões que conscientizem sobre as influências, riscos e potenciais que ressoam direta e indiretamente nas diversas experiências, seduzindo ou impactando e mobilizando novas possibilidades de compreensão da psique, com suas angústias, dores e sofrimentos, através de um exercício de apreender o psicológico em suas vivências da digitalização do mundo da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALES BELLO, A. *fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. In M. Mahfoud e M. Massimi, Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BARREIRA, C. R. A. Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica. In M. Mahfoud, J. S. Filho (Orgs.). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*, São Paulo: Paulus, 2017, p. 317-368.

FRANZINI, E. *Prefácio*. In E. Husserl. *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica. Libro Primo: Introduzione generale alla fenomenologia pura*. Torino: [s.n.], 2002. (Original publicado em 1913)

HASHIMOTO, M. D. *Corporeidade e Temporalidade no ambiente on-line a partir de uma perspectiva Fenomenológica*. Projeto nível Iniciação Científica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2020.

HUSSERL, E. *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica. Libro Primo: Introduzione generale alla fenomenologia pura*. Torino: [s.n.], 2002. (Original publicado em 1913)

HUSSERL, E. *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica. Libro secondo: Ricerche fenomenologiche sopra la costituzione. Libro Terzo: la fenomenologia e i fondamenti delle scienze*. Tradução de V. Costa. Torino: Einaudi Editore, 2002 (Original publicado em 1952)

HUSSERL, E. *A Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Uma introdução à filosofia fenomenológica. (Diogo Falcão Trad.). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 2012 (original publicado em 1954)

MÉA, C. P. D., BIFFE, E. M., FERREIRA, V. R. T. Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. *Psicologia Revista*, 25(2), 243-264, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/28988>

SILVA, N. H. L. P. *Psicoterapia mediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação - um estudo longitudinal*. Projeto de Tese de Pós-Doutorado não-publicado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, 25pp. **2018. Bolsa 18/11351-2 - Psicoterapia, Psicologia clínica - BV FAPESP**

SILVA, N. H. L. P., MORUJÃO C. A. V. *Uma leitura fenomenológica sobre a intersubjetividade no digital/on-line*. Trabalho de conclusão da Disciplina Seminários de Dissertação I, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal, 2019.

SILVA, N. H. L. P., MORUJÃO C. A. V. *Uma leitura fenomenológica sobre a intersubjetividade no digital/on-line*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, no prelo.

SILVA, N. H. L. P. Virtualidade, violência on-line e corpo: uma compreensão fenomenológica. *Internet&Sociedade*, n. 1, v. 1, p. 311-330, n. 1, v. 1, p. 311-330. Disponível em <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Virtualidade-viole%CC%82ncia-online-e-corpo.pdf>

SOKOLOWSKI, R. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SOUZA, V.B., SILVA, N.H.L.P., MONTEIRO, M.F. *Psicoterapia on-line: manual para a prática clínica*. 1ª edição. Curitiba: e-book kindle, 2020. Disponível em https://www.amazon.com.br/dp/B08HQZJH27/ref=reader_auth_dp.

TOURINHO, C. D. C. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl. *Estud. Pesqui. Psicol*, Rio de Janeiro, 12, n. 3, 2012. 852-866.

GRUPO COMUNITÁRIO DE SAÚDE MENTAL: UMA ESTRATÉGIA DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL DURANTE A PANDEMIA

*Ana Paula Craveiro Prado
Carmen Lúcia Cardoso
Sergio Ishara*

O contexto pandêmico e as necessidades em saúde mental

A pandemia de COVID-19 impôs desafios significativos ao campo de cuidado à saúde mental. As circunstâncias decorrentes da pandemia, como as mortes, os adoecimentos, o risco de adoecer, o luto, o desemprego, a decorrente crise social-político-econômica deflagrada em alguns dos países atingidos, bem como as próprias medidas de contenção de contágio, como o distanciamento e o isolamento social, apresentam impactos importantes à condição de saúde mental dos indivíduos e comunidades, que tiveram seus cotidianos invadidos por uma nova realidade. Houve, desta forma, uma abrupta e intensa ruptura na vida cotidiana, incluindo, além dos fatores já citados, a suspensão da frequência a espaços sociais, como escola, trabalho, locais de lazer, entre outros.

De acordo com Marmarosh, Forsyth, Strauss e Burlingame (2020), “é difícil identificar algum aspecto da experiência psicológica das pessoas que não foi significativamente influenciado pela doença” (p. 123). Nesse contexto, Grunsven (2020) aponta para um colapso da experiência de familiaridade vivida pelos indivíduos em relação a seu mundo circundante e ao cotidiano. Efetivamente, o impacto desta nova realidade, que implica uma profunda ruptura, faz-se percebido em termos de sofrimento psíquico: diversos estudos reportam, desde o início da pandemia, um aumento consistente da prevalência de transtornos mentais e de sintomas psíquicos na população geral, como de distúrbios e sintomas relacionados a ansiedade, depressão, obsessão e compulsão, distúrbios do sono e uso de substâncias (XIONG et al., 2020).

Além disso, as medidas de distanciamento e de isolamento social, fundamentais à contenção do vírus, representam, por outro lado, um limitador ao acesso das pessoas a suas redes sociais, um dos principais e mais primários recursos de enfrentamento de que se dispõe em situações de crise (MARMAROSH et al., 2020). Dessa forma, fica obstaculizada a realização da necessidade de pertencimento do ser humano, que lhe é

fundamental e estruturante de sua experiência no mundo, quando atualizada por meio de suas relações intersubjetivas (MARMAROSH et al., 2020; SAFRA, 2006).

Nesse contexto crítico, segundo Xiong et al. (2020), “em adição ao achatamento da curva de transmissão viral, é necessário dar prioridade à prevenção de doenças mentais (i.e., transtorno de depressão maior, TEPT, assim como suicídio)” (p. 62). Nessa direção, as intervenções grupais realizadas de modo remoto ganham relevância ímpar como forma de cuidado à saúde mental das pessoas, preservando as possibilidades de engajamento interpessoal, bem como de proteção individual e coletiva quanto à contaminação e disseminação da COVID-19 (MARMAROSH et al., 2020). Além do engajamento interpessoal, existem, na literatura, evidências acerca de vários outros fatores terapêuticos implicados nas práticas grupais que podem trazer benefícios a seus participantes, como a universalidade, a instilação de esperança, a aprendizagem interpessoal, o reconhecimento de questões existenciais, inerentes à condição humana, entre outros (YALOM; LESZCZ, 2007). Apesar disto, Marmarosh et al. (2020) apontam para a tendência de se enfatizar a abordagem individual em detrimento daquela interpessoal nas análises realizadas sobre os fenômenos contemporâneos relativos à pandemia.

O objetivo deste capítulo é apresentar uma modalidade grupal de promoção de saúde mental, o Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM), que se mostrou como uma estratégia relevante de cuidado durante a pandemia de COVID-19, e ainda, identificar e discutir possíveis elementos da prática que favoreçam a atualização do cuidado neste contexto específico. Trata-se de um estudo qualitativo fundamentado na perspectiva fenomenológica clássica, a partir das obras de Edmund Husserl e Edith Stein. Este texto foi construído com base na realização, por parte dos autores, de observação participante: a) nas sessões grupais do GCSM ao longo do ano de 2020; b) no Encontro Comunitário de Saúde Mental (ECSM), realizado no dia 21 de novembro de 2020; e c) nas discussões teórico-práticas realizadas periodicamente entre os autores e outros coordenadores da modalidade. A observação participante nesses contextos foi acompanhada pelo registro sistemático das impressões, observações, sentimentos e reflexões em caderno de campo, mantidos por cada um dos autores.

Este texto busca sistematizar e integrar este material, compreendendo-o como a efetivação de um percurso de produção de conhecimento teórico-prático sobre a modalidade, e mais especificamente, sobre seus elementos que podem favorecer o cuidado à saúde mental durante a pandemia de COVID-19 e para além da mesma. A

análise do material será colocada em interlocução com a perspectiva fenomenológica, que oferece compreensões teórico-filosóficas que podem ampliar e fundamentar teoricamente a compreensão sobre a modalidade e seus elementos favorecedores do cuidado.

Neste trabalho, apresenta-se, assim, uma breve contextualização sobre o Programa Grupo Comunitário de Saúde Mental, as transformações ocorridas nas atividades do Programa relacionadas à pandemia e os principais elementos presentes nesta modalidade que favorecem o cuidado à saúde mental na pandemia, a partir de um diálogo com a perspectiva fenomenológica de Husserl e Stein. Para tal, serão apresentados recortes empíricos com a finalidade de exemplificar e ilustrar os pontos abrangidos pela discussão. Os recortes consistem em relatos de experiências cotidianas dos participantes, que autorizaram previamente o seu uso neste texto. Além disso, nomes fictícios foram adotados para preservar a identidade dos participantes.

O Programa “Grupo Comunitário de Saúde Mental”: contextualização geral

O Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM) se desenvolveu a partir de 1997, no Hospital-Dia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HD-HC/FMRP-USP). Ao longo destes 23 anos, este programa se consolidou como uma estratégia de cuidado e de promoção de saúde mental que oferece várias atividades, dentre estas: sessões grupais – realizadas em diversos contextos, como serviços de saúde, universidades, centros comunitários, entre outros, e em diferentes localidades do país; atividades didáticas abertas ao público; cursos de formação para coordenadores da modalidade, um encontro anual que reúne os participantes de todos os grupos ocorridos durante aquele ano, denominado “Encontro Comunitário de Saúde Mental”, entre outros. O percurso histórico de desenvolvimento da modalidade foi marcado pela articulação entre a prática dos grupos, a observação e a discussão sistemáticas dos mesmos e a investigação científica, em uma interlocução entre extensão, ensino e pesquisa, que permitiu alcançar a configuração atual da modalidade.

O programa GCSM tem como objetivo, na perspectiva do participante, fomentar um cuidado com as próprias experiências vividas no cotidiano. Assim, o trabalho é desenvolvido buscando promover e sustentar um engajamento dos participantes em atitudes de atenção, de identificação e de elaboração daquilo que se vive no dia-a-dia.

Trata-se, desta forma, de uma proposta de promoção de saúde mental que se dá por via da experiência vivida e alicerçada no cotidiano.

As sessões grupais do GCSM são sempre abertas a todas as pessoas interessadas em participar. Configuram-se, assim, como grupos grandes – costumando reunir cerca de 30 a 40 participantes e heterogêneos em relação aos participantes. Compreende-se, a partir de inspiração fenomenológica, que o cuidado com o cotidiano e com a saúde mental não se restringe a usuários de serviços de saúde mental, mas mostra-se como uma necessidade estruturalmente partilhada por todos. Nesse sentido, os participantes são convidados a integrarem a sessão a partir de uma postura de horizontalidade em relação aos outros, “como pessoas”, e não a partir de posicionamentos sociais ou funcionais alheios ao contexto do grupo e à proposta de cuidado às experiências vividas (ISHARA; CARDOSO, 2013).

As sessões têm duração aproximada de uma hora e meia e são mediadas por um ou mais coordenadores, cuja função é de organização da sessão grupal e de facilitação do trabalho a ser desenvolvido. Estas acontecem divididas em três momentos, a saber: Sarau, Relato de Experiências e Etapa Reflexiva. O Sarau, que abre o trabalho grupal da sessão, se efetiva a partir do convite feito aos participantes de compartilhamento de experiências vividas com elementos da cultura, como vídeos, fotos, textos, músicas, entre outros (ISHARA; CARDOSO, 2013). Nesta etapa, compreende-se o elemento cultural como um mediador para que o participante possa dizer de si mesmo e da própria experiência, ampliando as possibilidades de linguagem simbólica para tal (ROCHA, 2015). Desta forma, não se trata de uma apreciação estética e/ou intelectualizada sobre determinado elemento, mas sobre a identificação e a expressão de repercussões, sentimentos e sentidos que o mesmo desperta, em relação intencional, no participante que relata. O segundo momento, o Relato de Experiências, se estrutura a partir do compartilhamento de experiências vividas pelo participante no cotidiano, mas, agora, sem a especificidade da presença do elemento cultural. O convite é para que os participantes comuniquem experiências que lhe foram significativas de algum modo (ISHARA; CARDOSO, 2013).

A Etapa Reflexiva, que marca o encerramento da sessão, propõe um exercício de reconhecimento e de compartilhamento de experiências significativas vividas pelos participantes durante aquele encontro específico; compartilham-se as repercussões pessoais da sessão e dos relatos de outros participantes em si mesmo (ISHARA; CARDOSO, 2013). Trata-se de um momento em que os participantes são estimulados a

se atentarem àquilo que viveram naquele espaço de tempo, em analogia com o “exercício” que é proposto pelo programa, a ser realizado “fora” do espaço da sessão, na vida cotidiana. Esta etapa final viabiliza uma ampliação das possibilidades de significação das experiências relatadas no grupo, a partir de um engajamento coletivo, potencializando a elaboração das experiências vividas no cotidiano e na própria sessão grupal.

Durante as sessões, os participantes são convidados a se comunicarem espontaneamente, a partir do desejo de compartilhar alguma experiência. Não são estimulados diálogos que se orientem pelo aconselhamento, pela troca de orientações e informações, por abordagens psicoterapêuticas, entre outros. Busca-se preservar um espaço de troca de experiências, em que se incentiva a comunicação a partir de primeira pessoa e centrada em uma experiência efetivamente vivida e o acolhimento e a escuta das experiências de outros, sem que se engaje nas orientações já referidas. Nesse contexto, o coordenador apresenta um papel importante de sustentação deste espaço centrado na experiência vivida e na facilitação da elaboração daquilo que o participante relata.

As transformações do Programa diante da pandemia

O Programa GCSM vinha realizando, antes do início da pandemia, algumas sessões pontuais e experimentais em formato online, mas de forma contextualizada ao curso de formação de coordenadores, viabilizando a participação de estudantes do curso residentes em diversas localidades do país. Diante do cenário da pandemia de COVID-19, e considerando as necessidades em saúde mental, bem como o potencial de cuidado da modalidade, este programa passou a oferecer, de modo sistemático, sessões grupais em formato online. As sessões passaram a ocorrer semanalmente, em diferentes dias e horários, buscando preservar os horários em que já se realizava alguma atividade presencial, de forma a facilitar a “migração” da atividade para o meio digital. Os grupos passaram a ser realizados através da plataforma Google Meet, em que um link para cada sessão é gerado e disponibilizado no site do programa. As sessões são divulgadas virtualmente por meio de redes sociais do Programa. Vale destacar que os fundadores e coordenadores da modalidade que passaram a atuar em meio virtual engajaram-se, neste processo, na realização de observação e de registro sistemático destas sessões, bem como, em discussões teórico-práticas sobre este novo formato, de forma a avaliar a sua efetividade, seu potencial e suas limitações.

Destaca-se, ainda, que as sessões grupais mantiveram sua proposta e estrutura, isto é, o objetivo manteve-se, a saber, fomentar e sustentar atitudes de atenção, elaboração e compartilhamento de experiências, por meio da atividade organizada pelas etapas “Sarau”, “Relato de Experiências” e “Etapa Reflexiva”, conforme descrito anteriormente. Nesse sentido, não houve um direcionamento intencional da atividade para o trabalho ou a discussão de conteúdos relacionados à pandemia, como o fornecimento de orientações ou de informações sobre o cuidado com a saúde mental neste período. Manteve-se, desta forma, o convite de cuidado às experiências vividas pelos participantes no cotidiano e a abertura do grupo em acolhê-las. Naturalmente, contudo, a realidade imposta pela pandemia aparece com frequência e intensidade nas sessões, por via das experiências vividas pelos participantes.

O Programa GCSM também optou por manter a realização do “Encontro Comunitário de Saúde Mental” em formato online neste ano, que conforme mencionado, se configura como um evento anual, que costuma reunir cerca de 400 pessoas de diferentes localidades do país. O evento possui uma programação que guarda semelhanças com a estrutura das sessões grupais, sendo composta pelos momentos do “Sarau”, do “Relato de Experiências” e da “Etapa Reflexiva”; além destes momentos, a atividade contém uma “Mesa-Redonda” em que alguns participantes são convidados a compartilharem suas experiências; conta, ainda, com a presença de debatedores, visando favorecer a reflexão e a elaboração das experiências relatadas e com uma apresentação artística. A duração do Encontro é de quatro horas. Estes eventos anuais possuem um “tema” que norteia a composição da atividade e que é formulado, ao longo do ano, a partir das experiências com as próprias sessões grupais. Estes “temas” guardam relação com a proposta geral do Programa, de atenção à experiência vivida no cotidiano e buscam inspirar e favorecer a compreensão deste exercício. Os “Encontros” já tiveram como temas, por exemplo: “Experiências Eternas” (2016), “O Acontecer da Pessoa” (2017), “Teu nome nascia do que fitavas” (2018), “Experiências humanas: iluminá-las e ser por elas iluminados” (2019), e “É possível estar vivo diante da realidade?” (2020).

Em relação ao alcance das atividades neste período desde o início da pandemia, no ano de 2020, foram realizadas cerca de 42 sessões grupais online, facilitadas por diversos coordenadores. Em relação às sessões presenciais, houve um aumento no número de participantes nas sessões online, que passaram a reunir cerca de 60 a 70 pessoas. Notou-se, desta forma, que a realização da atividade em meio virtual ampliou as

possibilidades de participação de pessoas de diversas localidades, inclusive residentes em países estrangeiros, ampliando o alcance do Programa. O Encontro Comunitário de Saúde Mental de 2020 foi realizado no dia 21 de novembro de 2020 por meio da plataforma Google Meet e transmitido pelo site Youtube, houve a inscrição de mais de 500 pessoas de 101 cidades do Brasil e algumas do exterior.

Assim, a história pregressa do Programa Grupo Comunitário de Saúde Mental e a consciência do valor do trabalho no campo do cuidado mobilizou a pronta adaptação às condições da pandemia, buscando responder aos desafios da mesma. Ressalta-se, contudo, que a modificação de formato das atividades para o modo remoto exigiu diversas adaptações, o enfrentamento de dificuldades e um trabalho cuidadoso com a preparação das sessões do grupo neste formato. Nesse sentido, houve a necessidade de diversos ajustes técnicos para a viabilização das atividades em meio online e de familiarização da equipe e dos participantes com a plataforma utilizada. Por exemplo, durante a própria atividade, foi realizado um trabalho cuidadoso e de orientação em relação à necessidade de que os participantes estivessem “presentes” durante as sessões, presença favorecida pela participação nas atividades com a câmera de seus dispositivos ativadas, de modo a evitar a dispersão da atenção em múltiplos afazeres, e de facilitar a construção de um ambiente grupal atento e responsivo.

A possibilidade de experiência: “É possível estar vivo diante da realidade?”

Conforme explicitado anteriormente, o Programa GCSM tem como principal objetivo favorecer e sustentar a capacidade dos participantes de se engajarem atenta e proficuamente com as suas experiências vividas no cotidiano. A partir de inspiração fenomenológica, compreende-se que a capacidade de reconhecer e de se voltar para a própria vivência é estruturalmente partilhada entre as pessoas: “não só sou, não só vivo, mas sei de meu ser e de meu viver. E tudo isso em um único ato” (STEIN, 2000, p. 109). Este “saber”, assim, é anterior a elaborações racionais realizadas a posteriori, é parte de “um único ato”, isto é, se dá simultaneamente ao “ser” e ao “viver”, dando-se como um saber originário e pré-reflexivo. Stein (2000) compreende que este “saber” originário corresponde a uma “abertura” que se dirige a si mesmo, ao outro e à realidade, e caracteriza-se como potencialidade propriamente humana.

É sobre tal capacidade ontológica de abertura que o trabalho terapêutico desta modalidade busca investir, favorecendo intencional e continuamente a atualização desta

potencialidade nos participantes, de forma que estes “apreendam” este “saber” originário, no registro mesmo da experiência vivida, e possam expressá-lo e elaborá-lo. Assim, pela via de uma atividade coletivamente desenvolvida, cujo foco são as experiências vividas, o Programa busca sustentar e ampliar esta abertura a si, aos outros e à realidade.

Fomentar esta abertura implica no reconhecimento de uma “exposição” do sujeito a toda sorte de experiências, em uma posição de “vulnerabilidade” ao atravessamento da realidade e de reconhecimento de sua transcendência em relação ao sujeito (LARROSA, 2018). Com o contexto da pandemia, e dos sofrimentos de diversas naturezas atrelados a esta, torna-se um desafio ainda maior encorajar uma tal disponibilidade por parte dos participantes e do grupo. Nesse sentido, nasceu o tema anual que norteou o Programa GCSM ao longo deste ano e a realização do XXIII Encontro Comunitário de Saúde Mental (2020): “É possível estar vivo diante da realidade?” Não ao acaso, este tema foi proposto em formato de pergunta e não como uma afirmação ou uma imposição, mas como uma provocação, como um convite a esta “exposição” às próprias experiências. Compreende-se que este questionamento porta um convite de abertura e de posicionamento pessoal de cada participante diante da realidade vivida, conforme pode ser ilustrado pelo relato de Sonia:

Sônia: [...] eu vou compartilhar um pouco da vivência que... o tema é “o que a gente tá fazendo na realidade agora”, então a minha realidade agora tem um sentido muito, assim, diferente. Eu morava com o meu pai e minha mãe. Perdi meu pai e a minha mãe foi morar com a minha irmã, e eu passei a morar sozinha, e aí, ao morar sozinha, eu já senti um impacto muito grande [...] *pra* minha melhora, na realidade que eu já vinha passando, eu arrumei dois cachorros [...]. E aquilo foi me dando assim... com quem eu ia conversar? Eu já estava falando com as paredes, aí falei, vou conversar com os cachorros. Aí, eu conversar, foi uma coisa muito importante! Mas aí, chegou a pan-de-mia. Aí a pandemia, isolada... isolada eu e meus cachorros. Entre quatro paredes, todo dia. E foi indo minha vidinha. E eu faço parte de um grupo, chama “(refere nome do grupo – que canta em um hospital) como os “Doutores da Alegria”. E aí, eu tenho um violão, e meu violão estava emprestado *pra* eles, porque eu não sei tocar, deixei com eles. Só que eu peguei o violão, que eu queria tocar, tocar sem saber. E aí, eu mesmo sem saber, comecei a tocar, e *tá* saindo música e *tá* alegrando os meus amigos também. E aí, depois, o que mais? O Grupo Comunitário. Eu tenho internet, eu tenho o celular, eu tenho o computador, e lá na minha casa, no meu bairro, não conseguia pegar o Grupo Comunitário. Aí o que que eu fiz para me manter? Porque eu preciso me manter de alguma forma. O Grupo Comunitário para mim é uma água limpa, sabe? Quando eu *tô* com uma sede, uma sede de alguma coisa, eu vou no Hospital-Dia que sempre tem água limpa. E eles marcam de vez em quando de falar comigo, mas o Grupo Comunitário, nada. Mas aí eu consegui, com tanta dificuldade, pegar os grupos antigos, tudo que era antigo, eu conseguia. O atual, que *tava* acontecendo, nada. Aí eu ouvia todos os antigos. Mesmo eu ouvindo uma coisa que eu já tinha ouvido há 2, 3, 4, 5 anos, eu ouvindo, tinha sempre alguma coisa de bom *pra* mim. E eu conseguia me alimentar. Beber água limpa, apesar de fazer tempo que estava lá no copo, sabe? Então, aquilo que ajudava muito. E tudo isso que foi passando, foi me ajudando. Aí, o celular me ajuda muito também, porque meus amigos do grupo, eles estão longe, estão em outras cidades, porque não *tá* podendo trabalhar por causa da pandemia, aí o que que a gente faz? A gente fala pelo celular, manda *zap* e vai conversando, aí eu pego esse

violão e eu toco a minha moda, que eu não vou contar *pra* ninguém qual é a minha moda, né? Cada um tem a sua, e eu toco *pra* eles, e aí eles manda notícias: “você *tá* tocando muito bem”, eu sei que eu não *tô* tocando bem, só que eu falei “eu toco com o coração, com a minha alma”, e isso, *tá* me nutrindo nesse momento triste que a gente passa. Todo mundo *tá* passando esse momento triste. Eu perdi pessoas amigas de dentro do hospital [...] Porque você pode falar: “ah, uma pessoa de 50, 60 anos vai ficar sozinha, não sente... mas sente”. Nós somos seres humanos e sentimos tudo isso [...] mas a gente tem que se apegar [...] *tá* sempre em contato um com o outro, ou por celular, por carta, alguma forma, *pra* gente poder passar.

Sônia conta ao grupo como se apropria do tema anual e da provocação que este carrega, a partir de sua própria linguagem: “o tema é ‘o que a gente *tá* fazendo na realidade agora’”. A participante relata diversas experiências de dor, de perdas e de solidão, podendo dar-se conta das mesmas: o pai que falecera, a mãe que já não mais mora com ela, a suspensão das atividades do grupo de voluntariado, a participação nas atividades *online* do GCSM, as perdas de pessoas amigas do hospital. Ela reconhece e legitima seu sofrimento, podendo identificar certa universalidade no mesmo: “Porque você pode falar: ‘ah, uma pessoa de 50, 60 anos vai ficar sozinha, não sente...’ mas sente. Nós somos seres humanos e sentimos tudo isso”. Sônia conta, também, o que está “fazendo”. Este “fazer” mostra-se não somente do ponto de vista da atividade, mas da possibilidade de dar-se conta de suas experiências, de reconhecer sentidos e de poder posicionar-se criativa e pessoalmente diante daquilo que se vive.

Diante da dificuldade do isolamento dos amigos do grupo de voluntariado, por exemplo, Sônia retoma o violão, instrumento usado neste contexto, e começa a tocar “*mesmo sem saber*”. Por meio do celular, pode tocar para estes amigos. Ao receber elogios deles sobre “estar tocando bem”, ela reconhece: “eu sei que eu não *tô* tocando bem, só que eu falei ‘eu toco com o coração, com a minha alma’, e isso, *tá* me nutrindo nesse momento triste que a gente passa”. Não se trata, desta forma, do “saber tocar” ou da performance, mas de se expressar e produzir algo pessoal e autêntico, “com a minha alma” – “eu toco a minha moda [...] cada um tem a sua” – e que possa gerar uma experiência de reciprocidade e de mutualidade: “*tá saindo música e tá alegrando os meus amigos também*”.

Sônia conta, ainda, que diante das dificuldades técnicas para acompanhar as atividades do GCSM online, consegue acessar os vídeos antigos do Programa, disponibilizados no Youtube, que contêm registros de trechos de relatos de experiências ocorridos em encontros anuais anteriores, e se beneficiar disso: “*mesmo eu ouvindo uma coisa que eu já tinha ouvido há 2, 3, 4, 5 anos, eu ouvindo, tinha sempre alguma coisa de bom pra mim*”. Sônia compreende que pôde encontrar nos vídeos algo de bom “para

si”, evidenciando-se a possibilidade de não só produzir algo pessoal e autêntico, mas de se apropriar de algo disponível e acessível na realidade de maneira pessoal, isto é, de uma forma que faça sentido para si: “*beber água limpa, apesar de fazer tempo que estava lá no copo, sabe?*”. Em ambas experiências, Sônia pôde se dar conta da importância da presença do outro e dirigir-se ativamente em busca destes encontros: “*mas a gente tem que se apegar [...] tá sempre em contato um com o outro, ou por celular, por carta, alguma forma, pra gente poder passar por isso*”.

Conforme ilustrado com o recorte, o Programa GCSM constitui um espaço intersubjetivo em que os participantes podem se dar conta de suas experiências vividas, percebê-las, significá-las e expressá-las. Ao fazê-la inteligível para si e para o outro, Sônia tem a oportunidade de reconhecer e constituir sentidos criativos e dinâmicos, valendo-se de uma linguagem imagética e metafórica capaz de traduzir suas vivências e a si mesma: “*tá saindo música*”, “*eu toco a minha moda*”, “*eu toco com o coração, com a minha alma*”. Desta forma, os relatos na atividade não se configuram como descrições fáticas dos acontecimentos, mas engajam os participantes, a partir da intencionalidade eu-mundo-outro, na constituição de expressões de si e das próprias vivências dotadas de sentidos, que ganham contornos existenciais e ontológicos.

Husserl (2002) compreende que “os conceitos de eu e de mundo circunstante estão inseparavelmente em uma relação recíproca” (p.190), de forma que o mundo circunstante não é “per se”, mas se dá para um sujeito específico, é o mundo circunstante deste sujeito, “um mundo posto com um particular estatuto de sentido através das vivências intencionais do sujeito mesmo” (p. 190). O autor explicita, ainda, o lugar da intersubjetividade na constituição de um mundo circunstante comum. Nesse sentido, resgata-se a posição do sujeito – e da intersubjetividade – como centro dativo do mundo vivido, como o centro para o qual este mundo se mostra, como quem o intenciona e o significa. Segundo Stein (2000), considerando esta dimensão da intencionalidade, “[no ser humano] não se realiza somente uma transformação da impressão em expressão ou em reação, é ele mesmo que está no centro, como pessoa livre” (p.110).

Conforme explicitado anteriormente, as experiências vividas pressupõem uma abertura originária a si mesmo, ao outro e a realidade, e com isso, uma disponibilidade em afetar-se e dar-se conta disso, “em um mesmo ato”. O trabalho desenvolvido no GCSM vale-se desta disponibilidade, e busca sustentá-la; resgata, contudo, o lugar do sujeito não somente como um território passivo de atravessamento, ou de um local de

transformação imediata de impressões em expressões, mas como um centro dativo que constitui sentidos criativos e dinâmicos para aquilo que lhe afeta, e que diante disso, pode posicionar-se. Larrosa (2018) entende que esta disponibilidade em relação às experiências vividas funda um conhecimento, que se dá “no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (p.31), e que tem caráter formativo e transformativo.

A partir do relato de Sônia, já foi apontado como estes sentidos que emergem nas experiências vividas e relatadas pelos participantes ganham contornos existenciais e ontológicos: “*eu toco a minha moda*”, “*eu toco com o coração, com a minha alma*”. De acordo com Mahfoud (2017), quando o sujeito se apreende na própria experiência vivida, há o reconhecimento de uma experiência ontológica e fundante de “ser”, em que o sujeito pode resgatar e afirmar de modo novo “eu sou”: “meu ser acontece intimamente unido aos acontecimentos do mundo em mim” (p. 292).

Nesse sentido, o GCSM configura-se como um espaço em que, dado o foco nas experiências vividas, pode-se reconhecer e constituir criativamente sentidos aos acontecimentos do mundo “em si”, isto é, enquanto vividos em relação intencional. Configura-se um campo de cuidado em que a alteridade, a transcendência e a objetividade da realidade podem ser vividas, reconhecidas e acolhidas, mas também elaboradas e significadas subjetiva e intersubjetivamente, de forma livre, pessoal e criativa, a partir da intencionalidade eu-mundo-outro. Este campo é de encontro e de entrelaçamento entre o sujeito, o mundo e os outros, entre o subjetivo, o objetivo e o intersubjetivo, em que nenhum dos polos pode ser excluído sem que haja um achatamento da experiência vivida.

Nessa direção, compreende-se que a atividade promove um relevante espaço de cuidado à saúde mental durante a pandemia e para além dela, em que a realidade atual pode ser vivida, reconhecida e significada, conforme se mostra nas experiências singulares e cotidianas dos participantes. A realidade atual, dessa forma, não é o “objeto” sobre o qual o trabalho grupal se desenvolve de forma objetivada, mas aparece como componente do mundo vivido dos participantes, enquanto realidade vivida, dotada e passível de significações, preservando sua objetividade e o componente subjetivo e intersubjetivo da vivência desta realidade – e, nesse sentido, abrindo possibilidades de posicionamentos pessoais e comunitários autênticos.

Além disso, Larrosa (2018) chama a atenção para a maneira fragmentada, acelerada e instantânea como os acontecimentos são dados ao sujeito na atualidade, sobretudo sob a forma de choques, de estimulações e de sensações que não são propriamente vividas e transformadas. Compreende-se que, durante a pandemia, esta característica de se dar dos acontecimentos intensificou-se significativamente, bem como houve um distanciamento dos sujeitos das estruturas sociais e comunitárias que favorecem a significação e a elaboração dos mesmos. Nesse cenário, o espaço de cuidado ofertado pelo GCSM, em formato online, viabiliza a sustentação de outras possibilidades de se relacionar com os acontecimentos, que implicam vivenciá-los em primeira pessoa, reconhecendo e elaborando sentidos, criando expressões e posicionamentos pessoais e coletivos para aquilo que se vive, neste campo de entrelaçamento entre objetividade, subjetividade e intersubjetividade. Isto não significa “melhorar” a realidade a partir de um otimismo ingênuo e arbitrário, mas possibilitar que a sua vivência se dê de maneira verdadeira, e que possa ser comunicada, expressa, vivida e sustentada comunitariamente em sua totalidade e complexidade, favorecendo que o sujeito possa posicionar-se de maneira pessoal diante desta. Entende-se que é podendo reconhecer e formular sentidos na realidade e sob o olhar do outro e da comunidade, que as mais diversas e impensáveis experiências podem ter lugar, conforme pode ser observado no relato de Carolina:

Carolina: [...] O que eu aprendi com a Sônia hoje é que esse grupo me liberta, sabe? Porque pegar o violão *pra* tocar sem saber tocar?! E ainda, compartilhar isso com o outro... é muita liberdade, é muita humanidade! Porque assim, eu fiquei pensando: eu tenho o violão em casa, mas eu não me atrevo a tocar, porque eu não sei tocar... eu acho ele lindo [...] mas eu não sei tocar isso, mas ouvindo a Sônia hoje eu falei “nossa eu quero me arriscar, eu quero tocar, eu quero me relacionar com a coisa” [...] Eu acho que esse grupo é comunitário mesmo, e isso faz a gente livre, a gente não precisa dar conta, a gente não precisa saber tocar, não sei como dizer isso *pra* vocês, a gente é livre, a gente pode ser quem a gente é, eu me sinto assim, sem defesa com vocês nos grupos. Não conheço o Marcos, mas já acho super íntimo meu, sei lá, não conheço a Adriana, a Luiza [...] mas é íntimo, é comunitário, né? [...] que gratidão por vocês, pela Sônia, porque dá um gosto de se lançar mais na vida, né? Eu sou livre, eu não preciso ser capaz, tem uma coisa *antes* que eu posso ser... depois eu posso ser capaz mesmo, aprender a tocar, mas é muita liberdade! [...]

O relato de Carolina ocorreu na “Etapa Reflexiva”, momento em que os participantes são convidados a repercutirem a sessão grupal, a partir do ponto de vista da própria experiência vivida ali. Carolina conta de sua experiência com o GCSM: “*O que eu aprendi com a Sônia hoje é que esse grupo me liberta, sabe?*” Carolina significa os gestos de Sônia como gestos de “muita liberdade” e “muita humanidade”, tendo em vista a própria experiência de ter o violão em casa, mas não “se atrever” a tocá-lo por não saber fazê-lo. Conta que o relato da participante gera um movimento de abertura e de

disponibilidade em si para a interação com os objetos, as pessoas e os sentidos dispostos “na vida” mesma, em que o “tocar o violão” ganha contornos metafóricos: “*nossa eu quero me arriscar, eu quero tocar, eu quero me relacionar com a coisa*”; “*dá um gosto de se lançar mais na vida, né?*”.

Ela entende que este dispor-se à vida e se “relacionar” com o que é disposto pela vida é favorecido no contexto do GCSM, pela qualidade das relações intersubjetivas que se estabelecem: “*esse grupo é comunitário mesmo*”. O predicado “comunitário”, para Carolina, parece relacionar-se com a possibilidade de, no grupo, ter uma experiência de liberdade, de pessoalidade e de autenticidade: “*a gente é livre, a gente pode ser quem a gente é, eu me sinto assim, sem defesa com vocês nos grupos*”. Carolina compreende que o grupo permite uma experiência anterior àquela de “dar conta de tocar” ou “ser capaz de tocar”, relacionada à possibilidade de “ser” ou de “ser livre”: “*eu sou livre, eu não preciso ser capaz, tem uma coisa antes que eu posso ser... depois eu posso ser capaz mesmo, aprender a tocar, mas é muita liberdade!*”. Além disso, a participante, a partir de sua experiência vivida no grupo, entende que as relações que se dão ali são *íntimas*, ainda que não se conheçam os participantes previamente: “*Não conheço o Marcos, mas já acho super íntimo meu, sei lá, não conheço a Adriana, a Luiza [...] mas é íntimo, é comunitário, né? [...]*”. Por fim, Carolina reconhece, ainda, e experiência de gratidão pelos encontros que pôde realizar naquele contexto: “*que gratidão por vocês, pela Sônia*”.

Ao longo de todo o grupo, e também na “Etapa Reflexiva”, os participantes são encorajados a relatarem as suas experiências pessoais a partir do que foi relatado por outros, em perspectiva de primeira pessoa. Conforme ilustrado pela comunicação de Carolina, não há uma significação arbitrária e objetificada do relato do outro, mas sim, a apreensão de algo que no relato do outro me afeta, me mobiliza, e me “co-move”, e então, pode ser colhido e significado. Assim, por exemplo, a partir do relato de Carolina, a experiência de Sônia pode ser (re)vivida – para ela e para o grupo – e ampliada em sentido e possibilidades de expressão. O mesmo ocorre em relação à própria experiência grupal e compartilhada, que pôde ter seus sentidos enriquecidos e explicitados de forma criativa: Carolina compreende aquilo que foi vivido coletivamente como uma experiência de intimidade, de liberdade e de autenticidade.

Considerando o vértice fenomenológico, desde experiências muito primárias como a auto percepção corporal, é em intersubjetividade que este “eu” pode enriquecer a consciência de si próprio. Em relação intersubjetiva, o “outro” é constitutivo da

experiência do “eu” (STEIN, 1999). Concebe-se que o GCSM oferece um espaço de troca em que os participantes, postos em relação por via do compartilhamento de experiências, têm oportunidade de, por um lado, vivenciar e explorar as repercussões de si e de seus relatos nos outros – como, por exemplo, a Sônia pode apreender a atenção com que sua experiência fora escutada e o valor de ajuda de seu relato para Carolina, a ponto de mobilizar gratidão nesta. Por outro lado, os participantes têm oportunidade de, a partir da mobilização causada pelo relato do outro, voltar o olhar a si mesmo e às próprias experiências, como ilustrado por Carolina que é provocada, a partir da fala de Sônia, em seu desejo de “arriscar-se” com o violão e “lançar-se” à vida. No horizonte de cuidado à saúde mental, em ambos casos, valendo-se da condição humana de constituir-se em relação com o(s) outro(s), propicia-se um espaço de atenção que pode favorecer a ampliação da compreensão sobre si mesmo e sobre a realidade vivida entrelaçadamente.

Conforme ilustrado pela comunicação de Carolina, as trocas entre os participantes se dão no registro da experiência vivida, em que os participantes se dispõem ao outro em primeira pessoa. Identifica-se uma vivência de reciprocidade, em que um participante pode mobilizar e ser mobilizado por via das experiências vividas. Esta maneira de dispor-se, seja pelo relato ou pela escuta, encontra ressonância nas relações comunitárias descritas por Stein (1999). Para esta filósofa, a comunidade configura-se quando há um “eu” e um “tu” vivendo juntos e “determinados por temas vitais mútuos” (p. 160), diferentemente de relações sociais em que o outro aparece para o eu de maneira instrumental, objetificada e orientada para um fim específico e situado. Percebe-se, no relato da participante, uma experiência de mutualidade, efetivada em um mobilizar e ser mobilizado, em um “viver junto” “íntimo”, provocando movimentos que desvelam traços vitalizadores – *“porque dá um gosto de se lançar mais na vida, né?”. Estes sentidos de proximidade, de intimidade e de vitalização reverberaram em outras comunicações, conforme ilustrado nos trechos seguintes:*

Maria: [...] E hoje eu estou em outra cidade e eu tenho várias pessoas queridas espalhadas por vários locais, e vocês espalhados cada um por um local, participando junto, e acho que eu me senti muito ligada, que nem o fio do mapinha que a Júlia mostrou que conecta todas as cidades e todas as pessoas juntas! [...]

Laura: [...] O grupo, ele, essas participações foram me ajudando a ver beleza no mundo, a ver beleza na minha vida, na minha história [...] desde tocar o violão do jeito que dá, essa água é viva né... e eu fiquei pensando no tema do encontro, às vezes, sozinho a gente não *tá* conseguindo estar aberto pra vida, estar vivo, mas a gente consegue estar vivo com a ajuda do outro, né? Então, só tenho a agradecer porque eu estou cheia de vida.

Maria conta que, apesar do distanciamento físico, pôde vivenciar uma experiência de ligação e de proximidade, todos “participando junto”. A possibilidade do “participar junto” parece relacionar-se com os sentidos de reciprocidade e de mutualidade descritos anteriormente, pertinentes à vivência comunitária. Compreende-se que este “participar junto”, que é vivido como uma presença e uma ligação, tem relevância ímpar ao cuidado em saúde mental durante e após a pandemia, considerando as situações de distanciamento decorrentes da mesma. O “junto” configura um valor “per se”, anterior e sustentador das mais diversas circunstâncias fáticas da realidade. Laura, por sua vez, reverbera uma repercussão vitalizadora oriunda da ajuda ofertada pela presença do outro, que produz uma experiência de gratidão, assim como no relato de Carolina: “*só tenho a agradecer porque eu estou cheia de vida*”.

Stein (1999) compreende que a vivência comunitária difere da vivência individual no sentido de que há um sujeito comunitário, um “nós”, que abrange todos os membros individuais, em uma relação de pertença. As vivências comunitárias, contudo, tem seu locus de expressão nas vivências de cada um dos seus participantes. Apesar do distanciamento físico e do fato de que nem todos os membros se conhecem, o GCSM parece tecer uma rede que permite que os participantes vivenciem sentimentos de proximidade, de ligação e de pertença – fundamentais ao cuidado em saúde mental no momento atual. O programa oferece, assim, uma estrutura comunitária da qual os participantes percebem-se constitutivos, e também, pela qual se percebem constituídos. Há uma reciprocidade, nessa direção, entre o que cada membro dispõe de si à comunidade e o que a comunidade dispõe aos membros, sem que haja uma perda da especificidade e da singularidade de cada um destes polos, da possibilidade de ser quem se é. Esta rede comunitária pode ofertar um espaço de sustentação intersubjetivo das mais diversas experiências vividas pelos seus participantes, bem como daquelas vividas coletivamente nos momentos das sessões grupais. Esta sustentação pode favorecer maior abertura e disponibilidade subjetiva e intersubjetiva em relação àquilo que se vive em relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, que parece ser traduzido em termos de uma vitalização, de um desejo de “lançar-se” à vida, nas palavras de Carolina.

Considerações Finais

O objetivo deste capítulo foi apresentar uma modalidade grupal de promoção de saúde mental que se mostrou como uma estratégia relevante de cuidado durante a pandemia de COVID-19, o Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM), identificando

e discutindo possíveis elementos da prática que favoreçam a atualização do cuidado neste contexto específico, a partir de uma perspectiva fenomenológica clássica. Este texto foi produzido a partir da sistematização e integração de um material teórico-prático oriundo da experiência de observação participante dos autores nas sessões grupais, no Encontro Comunitário de Saúde Mental e nas discussões realizadas com os coordenadores da modalidade, possibilitando a identificação e a discussão sobre elementos favorecedores do cuidado em saúde mental durante a pandemia e para além da mesma, considerando que os objetivos da modalidade transcendem as especificidades do contexto atual.

Em decorrência da pandemia, o Programa GCSM passou a oferecer suas atividades em formato online. Desde o início da mesma, foram realizadas cerca de 42 sessões grupais online e o Encontro Comunitário de Saúde Mental, evento anual realizado pelo programa, também foi efetivado em formato remoto, ampliando seu alcance em termos de localidades abrangidas e número de participações. Foi necessário realizar uma série de ajustes de ordem técnica e realizar um trabalho de cuidado e de enfrentamento de dificuldades para a viabilização da atividade em formato online. Compreende-se, contudo, que a potência das experiências de vida e do encontro humano, mobilizadas pelo GCSM, transcendeu a questão do enquadre online, superando algumas limitações identificadas neste formato para a realização da atividade.

O trabalho de cuidado do GCSM explora a condição ontológica e estrutural do ser humano, em especial a abertura em direção a si mesmo, ao outro e à realidade. Em tempos de pandemia e de sofrimentos de diversas naturezas, tornou-se ainda mais desafiador fomentá-la, uma vez que isto implica o reconhecimento de uma alteridade e de uma transcendência da realidade em relação aos desejos e à atividade do sujeito, desvelando sua exposição e vulnerabilidade diante da mesma. Nesse sentido, nasceu o tema anual que norteou as atividades do programa e a realização do Encontro Comunitário de Saúde Mental, em forma de pergunta e provocação: “É possível estar vivo diante da realidade?”.

As atividades de cuidado do GCSM oferecem a possibilidade de, em intersubjetividade, reconhecer e constituir sentidos dinâmicos e criativos para aquilo que é vivido pelos participantes e pelo grupo, resgatando o lugar do sujeito como centro dativo e livre, que pode significar e se posicionar diante daquilo que lhe chega. Estes sentidos ganham contornos existenciais e ontológicos, à medida que implicam uma experiência de “ser” em meio aos acontecimentos do mundo vividos em intencionalidade. O Grupo oferece, dessa maneira, um campo de entrelaçamento entre objetividade, subjetividade e

intersubjetividade, em que a objetividade da realidade pode ser reconhecida e acolhida subjetiva e intersubjetivamente, a partir de movimentos dativos, criativos e pessoais.

Identificou-se, nas relações que se estabelecem no grupo, movimentos de reciprocidade, em que um participante pode mobilizar o outro e vice-versa, a partir das próprias experiências vividas, reconhecendo-se mutuamente enquanto sujeitos, e ampliando a rede de sentidos e de expressões possíveis àquilo que se vive. Estas relações foram vividas com sentido de proximidade e de intimidade, de um “participar junto”, que configura certa mutualidade característica de vivências comunitárias. A vivência comunitária estabelecida nesse contexto pôde favorecer a sustentação de maior abertura nos participantes em relação às múltiplas experiências de vida, mesmo aquelas de profundo sofrimento atinentes ao contexto atual, concebendo que somente com a companhia de um outro, é que as mesmas podem ser vividas. Ainda, esta sustentação intersubjetiva fomentou, nos participantes, experiências de vitalidade e de desejo de “lançar-se à vida”. Por fim, a descrição e discussão de elementos constitutivos de uma prática de cuidado em saúde mental, o GCSM, que mostraram relevância em relação ao contexto atual da pandemia de COVID-19 contribui com a literatura e com a prática de modalidades grupais, fundamentais para as demandas trazidas ao campo com a pandemia.

Referências

- GRUNSVEN, J. Perceptual breakdown during a global pandemic: introducing phenomenological insights for digital mental health purposes. **Ethics and Information Technology**, 2020. *Ahead of Print*. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10676-020-09554-y>
- HUSSERL, E. **Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenologica, Volume II, Libro secondo: Ricerche fenomenologiche sopra la costituzione, Libro terzo: La fenomenologia e i fondamenti delle scienze**. 3. Ed. Tradução: Enrico Filippini. Torino: Einaudi, 2002.
- ISHARA, S.; CARDOSO, C. L. Delineamento do Grupo comunitário de Saúde Mental. *In*: ISHARA, S.; CARDOSO, C. L.; LOUREIRO, S. **Grupo Comunitário de Saúde Mental: conceitos, delineamento metodológico e estudos**. Ribeirão Preto: Nova Enfim Editora, 2013, p. 19-40.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- MAHFOUD, M. Formação da pessoa em Edith Stein: dos dados sensíveis à plenitude da personalidade. *In*: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. **Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação**. São Paulo: Paulus, 2017, p. 283-295.

- MARMAROSH, C.; FORSYTH, D.; STRAUSS, B.; BURLINGAME, G. M. The psychology of the COVID-19 Pandemic: A Group-Level Perspective. **Group Dynamics: Theory, Research, and Practice**, v. 24, n. 3, p. 122-138, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/gdn0000142>
- ROCHA, R. M. G. **Análise Compreensiva de uma nova modalidade de trabalho em saúde: o Grupo Comunitário de Saúde Mental**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.
- SAFRA, G. **Hermenêutica na situação clínica: O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal**. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.
- STEIN, E. **La struttura della persona umana**. Tradução: Michele D’Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.
- STEIN, E. **Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica**. Tradução: Anna Maria Pezzella. Roma: Città Nuova, 1999
- XIONG *et al.*, Impact of COVID-19 pandemic on mental health in the general population: A systematic review. **Journal of Affective Disorders**. v. 277, n. 1, p. 55-64, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2020.08.001>
- YALOM, I.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PESQUISA SOBRE ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO *ONLINE*

*Ana Burian Wanderley Rodrigues
Ana Luiza Ferreira Bohrer
Gabriela Resende Lopes
Lucas Dias Queiroz Batista de Prado
Ornella Raymundo Villalva
Paula Bertú Valverde
Claudia Lins Cardoso
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista*

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico cujo objetivo principal é acolher a pessoa ao buscar o serviço em sua urgência psicológica no momento da sua necessidade, sem agendamento prévio. Caracterizado por atendimentos únicos, ele visa promover uma visão mais clara do sofrimento existencial da pessoa, além de buscar, junto com ela, os recursos disponíveis para enfrentar a situação apresentada. Mahfoud (1987) caracteriza o serviço como um acolhimento da pessoa que sofre sem foco no problema em si, mas sim na elaboração da experiência que ela vive. Ainda a respeito das particularidades dessa modalidade de clínica ampliada, Cardoso (2020) destaca:

É importante ressaltar que o Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento clínico que tem suas peculiaridades, por ser um processo com começo, meio e fim em um único encontro, ainda que a pessoa possa retornar. Nesse sentido, possui uma proposta diferente da psicoterapia, mas não tem a pretensão de substituí-la. Ele pode ser a porta de entrada para a pessoa refletir e iniciar seu processo terapêutico em outro ponto, com suas questões mais discriminadas, se for o caso. Entretanto, às vezes o atendimento único é suficiente para que ela se reconheça na sua experiência e consiga caminhar por conta própria. (p. 222)

Na UFMG, o Plantão Psicológico foi ofertado para a comunidade pela primeira vez em 2006, através do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), e funcionou até 2016 na modalidade de Estágio Curricular. O serviço foi retomado em 2019, como projeto de extensão e foi ofertado presencialmente até o início da pandemia de COVID-19, em março de 2020. A comunidade universitária (alunos, professores, técnicos administrativos, etc.) poderiam procurar por atendimento uma vez por semana, no SPA, e eram atendidos por uma dupla de graduandos em Psicologia, que faziam supervisão com um dos professores na metade do atendimento e ao final deste, nas abordagens da Gestalt-terapia e da Análise Existencial (Cardoso, 2020).

Com a pandemia, a UFMG suspendeu as suas atividades presenciais em março de 2020, e assim, o Plantão Psicológico foi interrompido. Ele só foi retomado quando, em abril, o Departamento de Relações Internacionais da Universidade (DRI) recebeu diversos pedidos de ajuda das pessoas da comunidade acadêmica que estavam no exterior e que, por conta das circunstâncias da pandemia, se viam impedidas tanto de retornar ao Brasil, quanto para suas atividades presenciais de intercâmbio. Nesse cenário, visando atender essa demanda, os coordenadores do Plantão Psicológico reformularam a oferta do serviço para a modalidade online, a fim de prestar auxílio nessa nova circunstância.

Posteriormente, o atendimento psicológico virtual foi ampliado para os intercambistas estrangeiros que estavam estudando na UFMG quando a pandemia começou e, da mesma forma, se viram impedidos de voltar para seus países de origem. A partir de maio daquele ano, o serviço foi estendido para toda a comunidade da UFMG novamente.

Diante da impossibilidade de atendimento presencial e considerando a variedade do fuso horário das pessoas que estavam residindo no exterior, o Plantão Psicológico precisou ser transformado em Aconselhamento Psicológico Online (APO), uma vez que não era possível atender a pessoa no momento da urgência (principal diferença entre essas duas modalidades de atendimento). Outra mudança nesse formato foi a supervisão, a qual passou a ser realizada virtualmente duas vezes por semana.

Sobre esta modalidade de atendimento, Teixeira & Trindade (2000) afirmam:

(...) o aconselhamento psicológico é uma relação de ajuda que visa facilitar uma adaptação mais satisfatória do sujeito à situação em que se encontra e otimizar os seus recursos pessoais em termos de autoconhecimento, autoajuda e autonomia. A finalidade principal é promover o bem-estar psicológico e a autonomia pessoal no confronto com as dificuldades e os problemas. (p.3)

Dessa forma, percebe-se que, por mais que a proposta da procura pelo atendimento seja diferente da do Plantão Psicológico, o Aconselhamento Psicológico tem o mesmo objetivo: acolher a pessoa e ajudá-la a reconhecer as suas possibilidades na situação enfrentada. Cabe salientar também que, apesar do nome, o APO não tinha a pretensão de dar conselhos ou oferecer respostas para as questões apresentadas pelos clientes, mas “trata-se de ajudar o sujeito a compreender-se a si próprio e à situação em que se encontra e ajudá-lo a melhorar a sua capacidade de tomar decisões que lhe sejam benéficas” (Teixeira & Trindade, 2000, p.4).

Pesquisa Fenomenológica

A Fenomenologia proposta por Husserl objetiva ‘ir às coisas mesmas’, o que significa buscar a descrição mais precisa de algo que se apresenta como aquilo que é. Trata-se de um método filosófico de descrição do aparecer de fenômenos, considerados como tudo aquilo que se mostra. Como destacado por Zilles (2007):

Husserl afirma que a atitude natural, não-fenomenológica, faz o homem olhar o mundo de maneira ingênua como mundo dos objetos. A fenomenologia, ao contrário, busca uma fundamentação totalmente nova, não só da filosofia, mas

também das ciências singulares. Enquanto as ciências positivas consideram os objetos como independentes do observador, a fenomenologia tematiza o sujeito, o eu transcendental, que “coloca” os objetos. (p. 03)

Para que essa aproximação e compreensão dos fenômenos ocorram de forma rigorosa, é necessário fazer a redução fenomenológica ou epoché, suspendendo pressupostos, interpretações ou hipóteses não inerentes ao fenômeno. Com isso, permite-se que ele seja encontrado no seu aparecer na consciência; ou melhor, na correlação consciência-objeto. Daí pode-se afirmar que, na Fenomenologia, a realidade é experienciada em consonância com a forma como é percebida e conforme os sentidos implícitos atribuídos pela pessoa em seu mundo próprio.

Deste ponto de partida filosófico, surgiu a proposta revolucionária do psiquiatra Karl Jaspers para a pesquisa empírica. Ele propôs que, na investigação da experiência psicopatológica, a paciente descrevesse o mais detalhadamente possível sua experiência, o que poderia ser feito por meio de entrevistas com psiquiatras ou por relato escrito. O método ressurgiu na Psicologia na década de 1970 como método de pesquisa qualitativa fenomenológica e tem sido empregado desde então (Castro & Gomes, 2011).

Na primeira revisão sistemática da literatura de pesquisas qualitativas fenomenológicas, Forghieri (1992) caracterizou-as como pesquisas que têm suporte teórico psicológico ou filosófico pertencentes à fenomenologia. Estas fazem uso de metodologias nas quais o material de estudo é obtido através de descrições minuciosas da vivência do próprio pesquisador e de outras pessoas. A autora descreve o objetivo do pesquisador fenomenológico como “captar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano” (Forghieri, 2000, p.59). O resultado da pesquisa fenomenológica assim conduzida é a apresentação da essência de uma vivência. Coerente com esta perspectiva, Moreira (2001) destaca que:

O fenômeno é algum tipo de experiência vivida, comum aos diversos participantes, como, p.ex., haver passado por uma ocorrência traumática, sofrer de certo mal, ter vivenciado uma dada situação, etc. Os diversos aspectos da experiência, comum a todos os participantes, constituir-se-ão na essência dessa experiência vivida. [...] Essa análise [...] levará às temáticas comuns aos participantes. (p. 115)

A Pesquisa do Aconselhamento Psicológico Online (PAPO)

A partir da relevância e da riqueza dos atendimentos realizados através do Aconselhamento Psicológico Online, nasceu o projeto de Pesquisa do Aconselhamento Psicológico Online (PAPO). Trata-se de uma pesquisa fenomenológica que tem como objetivo geral conhecer para, posteriormente, publicizar o Aconselhamento Psicológico por ferramentas de comunicação via internet à comunidade do ponto de vista dos que prestam o serviço e dos que o recebem. Além disso, ela possui como objetivos específicos: a descrição do sofrimento existencial de alunos, professores e servidores relatados nos prontuários de atendimentos; conhecer a experiência dos estudantes que realizaram os atendimentos e dos clientes atendidos; e analisar e classificar a demanda psicológica que motivou a procura por atendimento. Neste capítulo, focaremos nos resultados deste último objetivo.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa documental [PV1] baseada nos relatos sobre os atendimentos redigidos pelos alunos-plantonistas após a realização dos mesmos e a discussão em supervisão. Faz parte do Projeto de Pesquisa Aconselhamento Psicológico por Ferramentas de Comunicação Online para a Comunidade UFMG, coordenado pelos professores Claudia Lins e Paulo Evangelista, CAEE: 36394020.6.0000.5149.

Conforme explicitado anteriormente, a queixa que motivou a pessoa a solicitar o atendimento foi o tema principal dessa etapa da pesquisa. A análise e classificação dessas queixas se deram através da leitura e análise dos relatórios feitos pelos plantonistas após cada atendimento. Dessa forma, as análises foram feitas a partir da descrição dos plantonistas, segundo a sua compreensão acerca do que foi expresso pelos clientes no atendimento, e articulados, na comunicação da análise, com o referencial teórico da Gestalt-Terapia e da Psicologia Fenomenológica. Isso permitiu que fossem reconhecidas uma ou mais em unidades vivenciais (temas) nas queixas relatadas pelos clientes. Assim, ainda que a pessoa expressasse uma única queixa, era possível que mais de uma unidade vivencial fosse identificada, a partir da descrição da experiência da pessoa. Após a leitura desses relatórios, os pesquisadores agruparam as queixas em categorias relativas a sofrimentos existenciais diversos, apresentadas a seguir.

Compreensão das unidades vivenciais expressas nas queixas

A pandemia do Coronavírus chegou repentinamente e abalou em escala global inúmeras das nossas referências de normalidade. A forma como a sociedade se organiza

foi afetada: todos os dias acompanhamos em telejornais o aumento do número de casos e das vidas perdidas; a economia mundial foi afetada, assim como as condições econômicas de tantos que perderam a sua fonte de renda; tivemos que nos adaptar à falta dos encontros presenciais, nos resguardando em casa e cumprindo o isolamento social na tentativa de refrear o avanço do vírus, dentre outras. Com a proximidade de um vírus que pode ser letal, protocolos foram adotados para enfrentar a nova realidade imposta enquanto um novo fenômeno. Dessa forma, o encontro com o outro tornou-se um risco e somos diariamente desafiados a encontrar novas maneiras de nos adaptarmos e de nos organizar socialmente.

Como destacado por Rodrigues (2013), em relação ao princípio de singularidade de Parlett “cada situação vivida é única e devemos, com isso, tolerar as ambiguidades e incertezas de lidar com situações nas quais nenhuma experiência anterior pode substituir o que está surgindo agora.” (p.142). Todas as inúmeras mudanças causadas pela pandemia estão presentes no campo vivencial e surgem como elementos que rompem com o equilíbrio orgânico. Isso exige uma série de ajustamentos criativos na direção de atender as necessidades não satisfeitas, as quais alteram a fronteira de contato e escancaram as vulnerabilidades em processos que podem ser muito angustiantes para a pessoa.

É possível perceber que a pandemia foi capaz de mobilizar de formas diversas todas as dimensões da nossa existência: a nossa relação com o tempo, com o espaço, com o outro e com nós mesmos (Cardoso, 2020). Na PAPO, pudemos vislumbrar estes efeitos já com os dados a respeito das queixas dos clientes, e discutiremos em breve as repercussões disso em cada uma das dimensões especificamente.

No período do Aconselhamento Psicológico Online, foram realizados 141 atendimentos. As duplas de plantonistas que conduziam os atendimentos eram responsáveis por elaborar um relatório sobre os temas e vivências que emergiram na sessão. As queixas mais evidenciadas a partir da análise qualitativa dos relatórios foram: ansiedade, cobrança por produtividade, problemas nos relacionamentos interpessoais, problemas nos relacionamentos familiares, frustração com o projeto original de intercâmbio acadêmico, preocupação com familiares, preocupação com o futuro, depressão, solidão, dificuldade com a adaptação da rotina e dificuldade de concentração. Um aspecto que despertou a atenção do grupo de pesquisa foi a pluralidade de queixas que emergiram a partir da análise de cada relatório. No total, foram reconhecidas 69

unidades vivenciais que motivaram a busca pelo atendimento psicológico, o que evidencia a singularidade de cada experiência da pandemia do coronavírus e suas consequências na existência.

A Vivência da Temporalidade

A pandemia por COVID-19 mantém o mundo paralisado, os dias tornaram-se semanas, meses e já completamos um ano desde os primeiros anúncios de quarentena devido à primeira e à segunda ondas da doença na América Latina. O impacto do surgimento de um vírus potencialmente infeccioso fez o mundo parar, projetos foram interrompidos e instigou as pessoas a serem criativas na busca por adaptação a uma nova realidade. Esta revelou medos não expressos na sociedade, referentes à morte e à incerteza do futuro. Portanto, a pandemia demandou novas atualizações de nossas formas de ser e de estar no mundo e do nosso projeto existencial.

Para falar sobre o tempo, é preciso distinguir o tempo cronológico, que em grego se chama *kronos*, do tempo vivido, em grego *kairós*. O primeiro é objetivo, localiza os eventos, corpos e suas propriedades físicas determinadas pelos ponteiros do relógio. Por sua vez, o segundo refere-se ao tempo percebido e investido dos diversos sentidos e apreensões a eles relacionados. Na perspectiva fenomenológica-existencial trabalhamos com uma dimensão do ser, e não como um objeto de nosso conhecimento (Martins, 1991). Então, o que aconteceu com a pandemia não foi apenas uma parada no tempo cronológico, mas uma parada no tempo vivido que se projetou no futuro, que foi em grande parte estruturado e estabelecido para ter estabilidade. A humanidade precisou mudar, se reajustar e se reinventar. Como assinala Fernandes (2006):

O tempo, que somos nós, é um tempo que se dá a partir de um futuro, de um porvir. Existir é, para nós, estar remetido, desde sempre, a um ter que ser. A existência é uma tarefa. Neste sentido, é sempre a partir de um futuro que nós existimos. Nossa existência é, fundamentalmente, um projeto. (p. 227)

A humanidade estava pronta para todas essas mudanças? Nesta nova realidade cheia de restrições, não só foram observados os projetos interrompidos, mas tornou-se evidente a cada dia que a morte, a finitude da existência, estava perto de si e dos entes queridos. Assim, o homem, neste contexto, enfrentou a mais profunda experiência da

finitude. A pandemia o levou a perceber que nossa existência tem um limite e que o tempo vivido não é infinito, mas vai acabar.

Assim, a morte permite, basicamente, ter uma consciência de toda a existência (passado, presente, futuro) e, por isso, o homem encontrará a sua verdade no tempo, e assumirá individualmente a sua existência (Heidegger, 1989; Oliveira e Castro, 2017). O ser, ao se deparar com a certeza de sua morte, fica exposto a desenvolver angústia e ansiedade diante da grande responsabilidade de cuidar da própria vida.

Então, por que o tempo se torna um ponto importante a se considerar na assistência psicológica? Se falamos do tempo vivido, este é finito, leva aos homens a ter consciência de nossa finitude, nos leva a entrar em contato com nossa liberdade de escolher conscientemente sobre nossa vida. Nessa perspectiva, é preciso identificar como conseguimos entrar em contato com o mundo na experiência do aqui e agora.

Uma das características de intervenção do Aconselhamento Psicológico Online (APO) foi abrir a possibilidade para o indivíduo perceber como está vivendo seu tempo, uma vez que este se tornou transcendente diante da pandemia. Uma das consequências desta intervenção foi a ampliação da consciência e a aproximação das pessoas de sua experiência no aqui e agora, considerando que estar no presente mostra um fluxo entre a passagem do tempo cronológico e o vivido. Este último é funcional, tem movimento, carrega memórias e projetos de futuro, transmite experiências e sentimentos.

Estar no presente leva a ver de forma artística a existência do ser no tempo, uma vez que estar diante de situações novas, adversas e imprevisíveis exige do ser humano a necessidade de exercitar seu potencial criativo, para as mudanças necessárias à sua adaptação. Ribeiro (1999) citado por Costa (2014) ressalta que o terapeuta pode ajudar o cliente a ver-se como ser temporal, localizado no aqui e agora, e a perceber como o prazer e o tédio interferem na sensação de duração do tempo. Estes mesmos autores sustentam também que somos feitos de ontem, de hoje e de amanhã; somos feitos de tempo e de espaço; portanto, um dos fundamentos básicos da existência é a temporalidade.

Em relação com a vivência do tempo nas queixas identificadas nos relatórios analisados nesta pesquisa foram reconhecidas as seguintes unidades vivenciais: ansiedade, angústia, crises de pânico, medo da morte, preocupação com futuro, experiências traumáticas, planos interrompidos, falta de tempo para si, entre outras. Estas mostram como a percepção do tempo do indivíduo se manifestou diante da pandemia.

Suas consequências na saúde mental dependerão da fixação de experiências em um dos tempos (passado, presente ou futuro): se o homem vive rigidamente em um deles, o sofrimento torna-se evidente. Portanto, é importante uma intervenção que permita ao indivíduo presentificar as experiências no aqui e agora, em termos de percepção do tempo em movimento, concebendo a ideia de agora como totalidades (Martins, 1991). Nesse sentido, cada indivíduo pode observar seu modo de ser e de estar no mundo, tendo consciência de que o acesso a uma temporalidade genuína exige uma reavaliação da experiência do passado, presente e futuro que conduzem a nossa vida.

A Vivência da Espacialidade

A pandemia do COVID-19 e o isolamento social afetaram de forma significativa a nossa relação com o espaço de forma geral. A nossa liberdade de ir e vir encontra-se temporariamente restrita e, junto a ela, a nossa interação com o mundo e com o outro da maneira que estávamos acostumados. Com essa limitação, ela passou a ser mediada quase inteiramente pelas plataformas online – o que tem sido desafiador para muitas pessoas devido à dificuldade de adaptação e de acesso às comunicações virtuais. Essa privação da liberdade, o não poder sair de casa para ir a lugares frequentados anteriormente com tranquilidade, mesmo que de forma temporária, pode causar uma sensação de aprisionamento. Não só a relação que tínhamos com o espaço geográfico e com o mundo exterior à nossa casa está alterada, mas também aquela que temos dentro dela, já que o confinamento torna constante a presença e o contato com os familiares/pessoas que nela vivem. Essa convivência contínua, intensa num espaço reduzido pode limitar ainda mais nossas fronteiras e aumentar as tensões e os conflitos, exigindo, muitas vezes, adaptações e transformações nesse espaço, as quais nem sempre contemplam as nossas vontades e/ou necessidades.

Tais restrições e modificações afetaram diretamente o nosso espaço próprio, ou seja, o nosso espaço vital. De acordo com Augras (1981), “o espaço é o corpo do homem, não sendo limitado às suas fronteiras somáticas mas incluindo as extensões implícitas” (p.41). Nesse sentido, a autora também afirma que o espaço próprio - entendido por ela também como espaço vital - constitui-se como extensão do nosso corpo e deve ser sempre mantido, não podendo, desta forma, ser invadido. Portanto, a transgressão desse espaço,

dos limites do território corporal e individual pode se configurar como causadora de muito sofrimento.

Ainda no tocante ao espaço vital, Ribeiro (1997) destaca que “quanto maiores forem as possibilidades no espaço vital de alguém maior será a diferenciação de atitudes possíveis, e mais facilmente a pessoa poderá escolher, facilitando seu processo de mudança” (p. 97). Isso ressalta ainda mais a premissa da restrição do espaço vital como geradora de sofrimentos existenciais.

Rodrigues (2013), ao falar sobre campo, destaca a teoria de Kurt Lewin, a qual defende o campo como uma totalidade que afeta e modifica a percepção e as relações da pessoa, englobando não apenas o espaço, o "onde", mas também a temporalidade, ou seja, o “quando”. Nesse sentido, Cardoso (2019) ressalta a concepção defendida por Perls de que “o indivíduo só pode ser compreendido como pertencente a um campo, em interação constante com ele” (p. 11), sendo assim, o seu comportamento é função do campo total, que inclui tanto o homem quanto seu ambiente, não sendo possível, então, um ser compreendido sem o outro.

Tendo isso em vista, duas das queixas mais relatadas nos atendimentos realizados pelo APO no contexto de pandemia e do isolamento social foram problemas nos relacionamentos interpessoais e nos familiares. Ao analisarmos as descrições destas, pudemos ilustrar os sofrimentos decorrentes da mudança da relação da pessoa com o campo e seu espaço vital a partir de aspectos como: a intensificação de conflitos preexistentes pelo convívio constante, problemas com a convivência diária e a necessidade/falta de privacidade e de um espaço próprio. Estes foram comumente descritos como situações vivenciais provocadoras de ansiedade. Dessa forma, é possível notar que as modificações no campo junto às restrições e às transgressões do espaço vital estão suscitando embates e situações conflituosas, bem como sobrecarga e sufocamento não só das relações, mas também de si mesmo.

Além disso, mesmo para as pessoas que não podem seguir o isolamento social e precisam continuar saindo de casa para trabalhar, a relação com o espaço também foi modificada, envolvendo, muitas vezes, os sentimentos de medo e ansiedade devido ao risco iminente de contaminação. Nesse sentido, o espaço que antes poderia ser considerado familiar, rotineiro e até mesmo agradável, atualmente, com a pandemia da COVID-19, tornou-se, para muitos, sinônimo de ameaça, mesmo com os protocolos de

segurança e as medidas protetivas como o distanciamento mínimo entre as pessoas e o uso de máscaras e álcool em gel. Assim, na análise dos relatórios, queixas como preocupação com familiares e medo de contaminação também apareceram. Nestas, encontramos relatos tanto de clientes com sofrimentos relacionados ao ter, eles mesmos, que continuar saindo de casa - seja para trabalhar ou contatar o mundo externo por algum outro motivo - estando sujeitos a se contaminarem com o coronavírus quanto de clientes preocupados com a saúde de familiares que precisam sair de casa e se expor ao risco da contaminação.

Para os alunos que estavam em intercâmbio, as modificações repentinas do campo impostas pela pandemia também causaram diversos impactos à saúde mental ao restringir o campo de possibilidades vivenciais de cada um. Uma das queixas mais frequentes trazidas por esses alunos refere-se a frustração com o projeto original de intercâmbio acadêmico. Esta pode ser evidenciada a partir das mudanças do campo e da realidade ocasionadas pela necessidade do isolamento social. Isso impediu não só as aulas presenciais e o contato com esse ambiente novo, repleto de possibilidades e descobertas, mas, sobretudo, impossibilitou a concretização de um projeto de vida que tanto fora anteriormente idealizado. Assim, a habilidade de ajustar-se criativamente nesse campo e nessa realidade modificada tão drástica e repentinamente ficou, para essas pessoas, extremamente dificultada, despertando sentimentos como frustração, desânimo, ansiedade, tristeza, entre outros. Ademais, estar distante da família em um país estrangeiro e desconhecido durante o período de pandemia apresentou-se, também, como acarretadora de preocupação e sofrimento para algumas pessoas, que trouxeram como queixa a indecisão de retornar ou não para o Brasil ou para o seu país de origem (no caso dos intercambistas estrangeiros) antes do período estipulado para o fim do intercâmbio.

Portanto, a partir da análise das queixas, pôde-se evidenciar que parte dos sofrimentos existenciais decorrentes da mudança na vivência da espacialidade no contexto de pandemia se referiu às modificações e ao estreitamento do espaço geográfico e das relações implícitas no campo. Nesse sentido, de forma a aplacar tais sofrimentos, foi preciso trabalhar com a ampliação do contato, da consciência do espaço vital e do heterossuporte, de modo que a pessoa pudesse reconhecer a si própria, se diferenciar do meio e perceber as possibilidades disponíveis naquele momento. Perls, Hefferline e Goodman (1997) defendem que o contato acontece na fronteira do campo organismo/ambiente, ou seja, na fronteira de contato. Assim, no contato, a novidade

precisa ser assimilada, não podendo, desse modo, ser simplesmente ajustada ou aceita de forma passiva por ele. Frazão (2015), por sua vez, destaca que “é o processo de contato de boa qualidade que propicia que a interação organismo/ambiente seja nutritiva e que ocorram mudanças no campo relacional pessoa-ambiente, isto é, crescimento e desenvolvimento” (p. 87). Assim, é a partir da ampliação e do estabelecimento de um contato de qualidade que a assimilação das novidades presentes, o crescimento e desenvolvimento do organismo tornam-se possíveis, permitindo, também, o fortalecimento da habilidade de ajustar-se criativamente a fim de enfrentar da melhor maneira possível às mudanças impostas no campo.

A vivência de si mesmo

Existimos permanentemente no mundo, em um campo fluido e dinâmico de interações e relações com o meio. Através da fronteira, faz-se a abertura para perceber o outro - que nos “toca” - e, também, através dela agimos no mundo. Ao longo da vida, inúmeras trocas e contatos são realizados entre o organismo e o ambiente, desenrolando-se relações variadas através das quais a pessoa constantemente se “des-cobre”. Deste contato decorrem vivências prazerosas, desagradáveis, instigantes, ameaçadoras, estranhas, confusas, tristes, felizes. Toda sorte de adjetivos e descritores pode ser usada para expressar a amplitude experiencial humana. Assim, tais vivências são experienciadas de formas singulares, constituindo-se em modos de ser-no-mundo únicos e complexos, onde identificações, alienações e habituais sistemas de contato (consigo, com o outro e com o mundo) lentamente vão condensando-se numa imagem mais ou menos nítida de si mesmo.

Durante o APO, pudemos observar, através dos relatos de atendimento, as mudanças massivas e abruptas impostas ao campo pela quarentena. Tais transformações em inumeráveis aspectos do campo demandaram do organismo novas formas de contatar seu ambiente, ou seja, novos ajustamentos criativos. É precisamente diante desse “reajustamento” criativo agigantado pelo contexto pandêmico que os antigos sistemas de contato caíram em desuso, sendo destruídos total ou parcialmente ante as novas e imprevisíveis circunstâncias. Quando houve uma identificação cristalizada e enrijecida de si mesmo no mundo, isso impediu a atualização da percepção de suas potências e fragilidades e interrompeu a coerência e coesão da imagem de si mesmo construída ao

longo da vida, promovendo, assim, muito sofrimento. Noções estáticas de si mesmo, ao negligenciarem aspectos do campo, ocasionam “entraves”

no ciclo de contato, assim como interferências na formação fluida de figuras-fundo.

Um “Eu” que subitamente não mais se sustenta no mundo pode ser - e é - fonte de intensos sofrimentos, manifestos nos atendimentos e relatórios de formas singulares. A quarentena forçou cada pessoa a lidar com uma situação ameaçadora, desconhecida, incerta e inesperada apenas com os recursos de que dispunha em seu campo. Porém, não apenas a relação com o mundo viu-se dificultada mas também o contato consigo mesmo, interferindo na habilidade de estar *aware* dos recursos de que o organismo dispõe, contribuindo para restrições cada vez mais intensas. Alvim (2014) concebe *awareness* como “o fluxo da experiência no aqui-agora que, a partir do sentir e do excitação presentes no campo, orienta a formação de Gestalten, produzindo um saber tácito” (p.15), constituindo um saber implícito e imediato do campo de modo pré-reflexivo. Coerente com essa perspectiva, Yontef (1998) afirma que “com *awareness*, cada um sabe o que tem valor e o poder que possui” (p.260), estando essas noções em profundo contraste com as experiências relatadas nos relatórios analisados, onde movimentos evitativos, racionalizantes da experiência predominaram.

Faz-se necessário evidenciar a intensidade do grau de sofrimento psíquico explícito na diversidade de queixas que motivaram a busca pela assistência psicológica. Dentre os estados emocionais que mais figuraram, destacam-se: angústia; ansiedade; cansaço pela rotina do isolamento social; crises de pânico; culpa; depressão; desamparo; desânimo; desespero; dificuldades emocionais, de adaptação à rotina, de concentração, de manter o foco, de se abrir; *stress*; falta de controle; impotência; insegurança; insônia ou sono desregulado; irritabilidade; medo da morte ou de contaminação; pensamentos autodepreciativos ou de autoextermínio; sensação de aprisionamento; solidão; e tristeza. Pudemos perceber, então, uma grande variedade de afetos e unidades vivenciais aflorando durante os atendimentos, revelando os modos particulares de cada pessoa expressar seu próprio sofrimento diante da adversidade das situações que enfrentava, alterando de forma significativa sua autoimagem e sua autoestima.

A ansiedade foi a queixa mais descrita pelas pessoas. Na Gestalt-terapia, ela é concebida como excitação sem suporte. Conforme Cardoso (2019), quando a pessoa “se

sente insegura, incrédula em suas habilidades para lidar com o desconhecido, é possível que este seja experimentado como ameaça e, no mínimo, com algum grau de ansiedade” (p.80-81). A autora desenvolve, ainda, a importância de um fundo suportivo para a experiência espontânea e criativa, essencial para um campo organismo/meio que se move intencionalmente rumo ao seu próprio crescimento. Porém, o campo que a pandemia impõe não é familiar, conhecido, muito pelo contrário; insere elementos ameaçadores sem previsão certa de uma resolução dessa crise. Ou seja, muito daquilo que anteriormente atuaria como elemento suportivo do fundo, necessário tanto à formação de figuras robustas e interessantes quanto à segurança da pessoa em agir em seu campo, está ausente. As excitações comuns ao viver são experimentadas num cenário repleto de estranhezas onde, muitas vezes, resta à pessoa apenas a si mesma para confiar, munida apenas dos recursos internos disponíveis, incidindo numa pressão excessiva sobre seu autossuporte.

Algumas outras queixas específicas, no entanto, mais presentes em vários atendimentos, apontaram a dificuldade em atualizar os modos de ser apesar da nova realidade instaurada. Isso pode ser ilustrado pela segunda queixa mais relatada: cobrança por produtividade acadêmica. Foi notória a manutenção de expectativas relacionadas a uma produtividade pautada no contexto pré-quarentena; ou seja, mais que uma dificuldade em se manter produtivo, observou-se uma concepção enrijecida de “ser produtivo”. Porém, como apontado anteriormente, diante de tamanha mudança no campo, o “produtivo” de antes dificilmente se sustentava naquele contexto.

Em muitas situações, enquanto o acesso ao lazer, encontros presenciais e manifestações culturais foram restringidas ou temporariamente suspensas, as demandas por produtividade se mantiveram ou até aumentaram, na medida em que as pessoas continuaram ativas academicamente, ainda que na modalidade virtual. Essa alteração no equilíbrio da vida cotidiana traduz-se em desequilíbrios no campo nem sempre tão explícitos ou claros. Porém, essas disparidades produzem impactos multifacetados - por exemplo, nas capacidades produtivas (acadêmicas ou não) - decorrentes de interações renovadas na fronteira do campo de cada um. Novas interações são acompanhadas por novos ajustamentos criativos, nem sempre alinhados com expectativas de produtividade introjetadas ou advindas de um outro qualquer (pessoa, grupo, instituição, etc). Porém, tantas perdas e mudanças do cotidiano também conferem à atividade acadêmica, um dos últimos resquícios da normalidade do “velho mundo” (pré-pandêmico), uma experiência de suporte, promotora da sensação de familiaridade. Entretanto, ao mesmo tempo que é

fonte de apoio, também é promotora de sofrimento, na medida em que a pessoa não conseguia reconfigurar a sua percepção desse novo campo, atualizando suas possibilidades e restrições no tocante à produção acadêmica.

Andrade (2014) compara o processo de fortalecimento do autossuporte ao “abandono de muletas” para que o indivíduo possa caminhar com as próprias pernas, de modo que a pessoa possa confiar em seus recursos para lidar com a realidade em que vive. Essa concepção não exclui a necessidade de suportes provindos do meio, mas sim uma maior independência em relação a eles, pois somos seres relacionais, em constante interação com elementos suportivos do mundo, nunca de fato segregados dele. Algo que pudemos observar em abundância, na verdade, foi o contexto pandêmico representando uma retirada brusca das muletas habituais em que muitos se apoiavam, forçando um “caminhar com as próprias pernas” muitas vezes prematuro. Considerando-se que a saída do hetero para o autossuporte “envolve risco, pois o conhecido é abandonado rumo ao desconhecido” (Andrade, 2014, p. 157), a quarentena impôs o desconhecido ao limitar o acesso aos heterossuportes cotidianos. Assim, o sofrimento intenso expresso nos atendimentos e relatórios derivam não apenas da ausência súbita dos antigos suportes, mas também da pressão excessiva colocada sobre a pessoa solitária com seus recursos limitados, cujo autossuporte frequentemente viu-se despreparado para as novas situações enfrentadas.

A Vivência de mundo

De acordo com a perspectiva fenomenológico-existencial, “o ser humano é um ser relacional e seu crescimento ocorre na inter-relação entre eu e não eu” (Moraes e D’acri, 2014, p.35). As relações interpessoais são necessárias para a manutenção do equilíbrio orgânico de todos, nas quais podemos nos confirmar e sermos confirmados pelas outras pessoas. Tal interação é necessária para a construção da nossa autoimagem e para o fortalecimento do nosso senso de identidade, contribuindo para uma plenitude em nosso vir-a-ser. A existência plena implica na autenticidade, e esta só pode ser alcançada a partir do que experienciamos em nossas relações ao longo da vida.

Dessa forma, quando afetadas nesta esfera, as pessoas se deparam com a necessidade de enfrentar angústias, sofrimentos, e se reorganizar a partir de ajustamentos criativos para retomar seu equilíbrio, e fechar as *gestalten* abertas. A pandemia gerou este desequilíbrio, nos afetando profundamente na relação com o outro por meio do isolamento social, e também por aflorar uma série de dificuldades relacionais que serão comentadas abaixo.

De maneira polarizada, o isolamento social decorrente da pandemia, trouxe tanto distanciamento, quanto aproximação intensa, alterando a fronteira de contato, definida por Moraes e D'acri (2014, p.49) como “locus do contato, onde organismo e ambiente interagem”, o que desequilibrou drasticamente a forma como as pessoas estavam se relacionando, e realocou como figura questões que antes estavam no fundo, ou seja, não apareciam à luz da consciência. Algumas dessas questões surgiram como: preocupação com familiares; problemas conjugais; dificuldade com relacionamentos amorosos, familiares, interpessoais; e términos de relacionamentos.

A partir dos atendimentos realizados pelo APO, pudemos observar que algumas pessoas trouxeram uma dificuldade maior com a distância física de pessoas queridas e com quem estavam acostumadas a encontrar e conversar, pelo impedimento do comparecimento presencial às aulas, estágios e encontros de lazer. Por outro lado, outras descreveram queixas relacionadas com a aproximação acentuada das pessoas com quem elas moravam, tanto das que continuaram em suas próprias casas, quanto dos estudantes que voltaram para a casa de seus pais em suas respectivas cidades, se deparando com conflitos não mais experienciados havia algum tempo. Somado a isto, também houve um agravamento das dificuldades com as relações interpessoais, motivando diferentes tipos de desavenças, em função do stress causado pela pandemia e pelo confinamento.

Analisando as queixas identificadas, é possível perceber que a maioria possui ligação com o convívio, mesmo que indiretamente, e são marcadas pela dificuldade tanto da convivência (presença), como da não convivência (ausência). Isso pode ser ilustrado na apresentação de algumas queixas a seguir.

Conforme explicitado anteriormente, a ansiedade foi a queixa mais relatada e ela foi experienciada a partir de diversas situações interpessoais, tais como: a preocupação com a saúde dos familiares; dificuldade de convivência devido ao confinamento domiciliar; preocupações com questões financeiras por não querer sobrecarregar a

família; dificuldades com termos de relacionamentos. Outras queixas comuns vinculadas à ansiedade foram as dificuldades nos relacionamentos interpessoais, manifestadas como timidez, sentimentos de solidão e piora de crises com o isolamento. Nessa diversidade de vivências, a ansiedade foi experienciada como tristeza, dificuldade de concentração, falta de ar, desespero, dificuldades para dormir, agitação, prostração, entre outros.

Também como uma das principais motivações de busca pelo atendimento, no que se refere ao contato com o outro, houve diversos relatos de: preocupações com a saúde da família, sentimento de solidão, conflitos familiares devido ao confinamento, relacionamentos abusivos, dificuldades com relacionamentos amorosos, luto, entre outras.

Além destas, o sofrimento decorrente da cobrança por produtividade acadêmica também foi muito evidente e vinculado a uma comparação de si com o outro, que supostamente está sempre fazendo mais e melhor, levando a uma autoimagem inferiorizada e a uma autocobrança exacerbada. Algumas pessoas atendidas pelo APO mostraram uma tendência a não associar as mudanças em seu rendimento e concentração ao stress decorrente da pandemia, exigindo de si uma performance igual ou melhor àquela que estavam tendo antes da chegada do vírus.

Segundo Andrade (2014), “o suporte é essencial para qualquer contato, e a sua falta desencadeia sentimentos e comportamentos disfuncionais, como ansiedade, vergonha, insegurança, rigidez, timidez, baixa autoestima e dependência do outro” (p.148). O isolamento social, tal como demonstrado a partir das queixas apresentadas, fragilizou o heterossuporte disponível, exigindo de cada um a criatividade para mantê-lo e resgatá-lo de formas alternativas, e a utilização mais intensa de seu autossuporte, situação esta que gerou conflitos. Mesmo fragilizadas, as relações interpessoais mostraram-se de imensa importância para ajudar a manter o equilíbrio orgânico das pessoas, ainda que também estivessem interligadas com as dificuldades apresentadas pelas mesmas.

Conclusão

Os resultados dessa primeira parte da pesquisa evidenciaram que a pandemia do COVID-19 mobilizou a comunidade acadêmica da UFMG, revelando em cada pessoa que buscou pelo atendimento o despertar de um intenso sofrimento psíquico. Além disso, demonstra o emergir de uma vulnerabilidade no que se refere às questões existenciais descritas nesse capítulo: a relação consigo mesmo, com o outro, com a temporalidade, com a espacialidade, assim como com a comunidade, com a finitude e, conseqüentemente, com a morte. A partir do isolamento decorrente da pandemia, essas questões se manifestaram através de uma diversidade de queixas e de sintomas reveladas pela pesquisa.

Entretanto, cabe dizer que, por mais que a pandemia explicita e torne esses paradoxos existenciais predominantes na vida de todos, ela também oferece oportunidades para que as pessoas respondam a esses conflitos existenciais de maneira positiva e criativa, e que com isso possam crescer. Nesse sentido, pode-se pensar que o Aconselhamento Psicológico Online se constituiu como um apoio efetivo para aqueles que buscaram enfrentar esses desafios existenciais no momento de crise que estamos vivendo.

Por ser um atendimento único, a sessão é conduzida de forma a se concentrar em uma queixa específica, o motivo que mobilizou a pessoa a entrar em contato. Dessa forma, é possível que o plantonista ofereça uma escuta diferenciada e faça perguntas que aprofundem mais em um tema, explorando para que ele seja bem entendido, e para conseguir uma compreensão do que essa queixa apresentada causa, como ela toca e qual sentido ela tem. Esse processo é um momento de compreensão não apenas do plantonista, mas também da própria pessoa, a qual é convidada a refletir sobre suas questões, e a responder perguntas que talvez não tivessem ocorrido a ela antes. Assim, o mergulho nessa queixa pode proporcionar a ela uma ampliação de seu autoconhecimento, auxiliando-a a ter maior clareza de sua situação, de seus sentimentos e de suas possibilidades.

É proposta do Plantão Psicológico, e do Aconselhamento, conforme explicitado anteriormente, promover com o cliente maior clareza quanto ao próprio sofrimento e reconhecimento dos recursos internos e externos (auto e heterossuportes). Dentro dessa perspectiva, nossa atuação no APO, sucintamente, buscou promover *awareness* da totalidade da experiência, incluindo os aspectos negligenciados do campo dos clientes,

tornando figura aquilo que insistia em permanecer no fundo, explorando possibilidades de enfrentamento e suporte dentro da realidade em que o cliente se insere e através das suas potencialidades e forças que dispõe. Não se tem por objetivo resolver situações específicas ou problemas pontuais, mas reconhecer e legitimar o sofrimento no aqui-agora, atuando como heterossuporte para a expressão da sua experiência (incluindo suas dores e suas potências), em contraste com os vários modos de sofrer, antes experimentados de forma solitária.

O movimento de *awareness* no próprio campo muitas vezes permite, em si, uma fluidez crescente da fronteira de contato. A escuta atenta e cuidadosa do relato da pessoa reestabelece uma abertura anteriormente contraída pelas tensões intensificadas pela quarentena. Claro, tensionamentos da fronteira, projeções e evitamentos são experiências da vida, presentes desde antes do Covid-19: o que foi observado é um agravamento, uma intensificação dessas atitudes contatantes ante tantos novos elementos no campo (em grande parte ameaçadores, desconhecidos e imprevisíveis). O relaxamento das fronteiras, a partir da escuta terapêutica dos plantonistas, num momento de troca entre pessoas vivenciando aquele momento conjunto, promoveu maior fluidez de figuras em fundos (e vice-versa), assim como possibilitou a integração de elementos alienados ou negligenciados do campo e de si mesmo.

É na *awareness* do vivido no aqui-e-agora, experienciando aquilo que se faz presente no momento do encontro que o ser se reinventa. Mesmo que questionamentos claros e explícitos da ordem do “quem eu sou?” não se façam figura, aquilo que o cliente entende por “si mesmo” abre-se para a possibilidade de renovação no momento mesmo do atendimento. Como Cardoso (2020) aponta sobre os objetivos do Plantão: “O convite é para ‘inclinarse sobre’ a experiência, mediante o diálogo terapêutico, a fim de se reconhecer na situação descrita, para muito além das dores e sofrimentos experimentados.” (p. 222).

O foco na queixa inicial do cliente proporciona, ainda, o mergulho em outras questões importantes para ele. Estas aparecem, muitas vezes, a partir da descrição das experiências vividas e dos sofrimentos existenciais que mobilizam outras vivências; elas funcionam como fundos que sustentam a figura principal, neste caso, a queixa. O APO permite que o cliente entre em contato com essas questões, se escute e se perceba como protagonista de sua experiência, produzindo alívio e fazendo com que a pessoa fortaleça

o seu autossuporte, reconhecendo as suas possibilidades na situação vivida. Este é o tema das próximas etapas da pesquisa.

Referências Bibliográficas

ALVIM, M. B. Awareness: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 13-30

ANDRADE, C. C.. Autossuporte e heterossuporte. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 147-162

AMATUZZI, Mauro. **Por uma psicologia humana**. Alínea Editora. 5. ed. Campinas: Alínea, 2001.

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

CARDOSO, C. L. Sobre as dores de existir: uma introdução à psicopatologia em Gestalt-terapia. In C. L. Cardoso & J. P. Giovanetti (Org.) **Sofrimento Humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019. p. 75-110.

DECASTRO, Thiago Gomes; GOMES, William Barbosa. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 153-161, Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 mar.2021.

FERNANDES, Marco Aurélio. Tempo e temporalidade na analítica existencial de Martin Heidegger. **Revista da abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, vol. XII, núm. 1, 2006, pp. 213-228.

FORGHIERI, Yolanda. A investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas. In: R. Macedo (Org.). **Mapeamento da pesquisa em psicologia no Brasil**, Cadernos da ANPEPP, n.2, 1992. p.19-42.

FORGHIERI, Yolanda. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. Ed. Pioneira Thomson, 2000.

FRAZÃO, L. M. Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Org.) **A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**, São Paulo: Summus, 2015. p. 83-102

MARTINS, Joel. Ser o tempo: A universidade e o envelhecer. **Revista DOXA**. PUC-SP, 1991.

FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O.(Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2013. 182p.

D'ACRI, Gladys. Contato: funções, fases e ciclo de contato. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Org.) **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 31-46

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2001.

OLIVEIRA, O.; CASTRO, C. A angústia de (ser) e sua interface com a existência e a morte. **Revista Psicologia Saúde e Debate**. p. 42-57, 2017

PERLS, Frederick; HEFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. 1 ed. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1997

RODRIGUES, Hugo Elídio. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 58-72

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do Conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, vol. XIII, núm. 2, 2007, p. 216-221.

TRINDADE, I.; TEIXEIRA, J. A. C. Aconselhamento psicológico em contextos de saúde e doença – Intervenção privilegiada em psicologia da saúde. **Análise Psicológica**, vol XVIII, núm. 1, 2000. p. 3-14.

MAHFOUD, Miguel. A vivência de um desafio: plantão psicológico. In: ROSENBERG, R. **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**. São Paulo: EPU, 1987.

CARDOSO, Cláudia. Lins. O Plantão Psicológico em tempos de pandemia. In: ABG - Associação Brasileira de Gestalt-Terapia e Abordagem Gestáltica (org.). **Vozes em letras: Olhares da Gestalt-Terapia para a situação de pandemia**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 201-216.

YONTEF, Gary. **Processo Diálogo e Awareness: ensaios em Gestalt-terapia**. 3 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

CLÍNICA GESTÁLTICA EM BENEFÍCIO DO RECONHECIMENTO INTER-HUMANO

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel

INTRODUÇÃO

O desconhecimento da identidade singular traz intenso sofrimento as pessoas; portanto, o reconhecimento inter-humano é uma necessidade contínua para o desenvolvimento emocional e social das pessoas. Ser reconhecido pelo outro foi e continua sendo uma demanda apreendida nos processos psicoterapêuticos dos clientes atendidos em pesquisa e na supervisão de psicólogos, na Clínica Escola da Universidade Federal do Pará.

Do reconhecimento do outro decorre a intersubjetividade. Logo, sua inclusão na atividade clínica torna-se uma importante estratégia epistemológica fenomenológica, em

prol da superação da “Concepção que o “EU é uma unidade auto constituída, independentemente da existência de um outro; e da oposição sujeito-objeto, que fez com que a noção de intersubjetividade fosse recusada por teorias psicológicas, que pretendiam ser ciência”. (JUNIOR, 2003, p 186).

Cifuentes; Ortega; Sicilia; Riesco; y González, (2013, p 68-9) afirmam que o sentido do reconhecimento pessoal da integridade humana é afetado pelas formas negativas de desprezo, com destaque para a humilhação; logo, se a vergonha e a raiva se tornem modo crônico de realizar contato, haverá orientação deliberada para os ajustamentos relacionais.

La percepción de estas formas de desprecio puede motivar al sujeto a entrar en un conflicto. Para llegar a una autorrealización, el ser humano se encuentra destinado al reconocimiento intersubjetivo de sus capacidades y operaciones. Si en alguno de los escalones de su desarrollo tal forma de asentimiento social queda excluida, esto abre en su personalidad un hueco psíquico, em el que penetran las reacciones negativas de sentimientos tales como la vergüenza o la cólera.

A relevância social desta escritura, no contexto da Clínica Gestáltica está no questionamento e no exame de nosso saber e fazer. Conforme Diego Luís Rodrigues Santos (2015, p. 10) é preciso analisar os antecedentes históricos da Psicologia brasileira, com “Um olhar crítico acerca dos critérios que legitimam certas práticas e desautorizam outras. Dessa forma, contribui-se para que a psicologia tenha um olhar cada vez mais consciente das contradições do seu processo de construção”.

Especificamente me interessa a Psicoterapia gestáltica que se insere no âmbito das atividades em saúde privada e pública, incluindo a forma virtual impulsionada, no ano de 2020, pela Pandemia da *COVID-19* que impôs o isolamento social como medida de contenção do *Coronavírus* (PIMENTEL, 2003, 2018a, 2018b; PIMENTEL & MALCHER, 2020).

Atualmente, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) emitiu duas resoluções para normatização dos atendimentos clínicos em meios virtuais: a de n 4 de 26/3/2020 referente a orientações para o trabalho clínico mediados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), devidas ao cenário pandêmico; e a resolução de n 11, emitida em 11/05/2018 para regulamentar a prestação de serviços psicológicos realizados, por meio das TIC. Nesta resolução, o CFP aponta as normas possibilidades de uso de testes psicológicos recomendados e validados pelo Sistema de Avaliação de Instrumentos

Psicológicos (SATEPSI). Ademais é norma que Psicólogos que ofereçam tal serviço se cadastrem no Conselho Regional de Psicologia em que são vinculados.

No que tange a epistemologia, a reflexão é baseada em contribuições de filósofos, pesquisadores e clínicos que pensam os fundamentos fenomenológicos e existenciais da Psicologia Clínica e da Psicoterapia. Os diálogos nos ajudam a realizar uma atualização permanente da compreensão que temos do sistema teórico e técnico gestáltico para benefício dos clientes que a utilizam. (PERLS, 1997; POLSTER & POLSTER, 2001).

Este texto foi preparado para o III Seminário de Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica e I Seminário Internacional de Psicologia, Fenomenologia e Saúde, com o tema: sofrimento humano, fenomenologia e saúde mental em tempos de pandemia. Nele posiciono alguns dos argumentos que norteiam minhas pesquisas e reflexões sobre a prática clínica gestáltica, em benefício do reconhecimento inter-humano, um bem contraditoriamente escasso por vários limites, desde o pandêmico atual; pela opressão agenciada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); pressa em consumir as novidades geradas pelo mercado; pela saturação de produtos das tecnologias.

Considerando que a psicoterapia gestáltica se dá no mundo da vida, (HUSSLER, 2008); e que “Uma análise fenomenológica nos posiciona na qualidade de psicoterapeutas, diante da pessoa do cliente que vem até nós em busca de auxílio, de esclarecimento” (HOLANDA, 1997, p 40); agrego ao conjunto epistemológico de minha abordagem inspirações teóricas, em prol da apreensão da complexidade em saúde mental; principalmente no campo temático da ansiedade comum e formas psicopatológicas, uma queixa expandida na vivência da *COVID-19*.

Aclaro que pensar linguagens para o tratamento da ansiedade implica basear-me nas formas de comunicação usadas pelas pessoas; bem como os significados associados as proposições existenciais, e os sentidos das narrativas atribuídos pelos clientes atendidos na clínica escola, e participantes que colaboram em nossas pesquisas. Compreender a magnitude das linguagens solicita escuta empática e atenta para favorecer à Psicóloga alcançar uma aproximação das visões de mundo das pessoas, presentes nos seus discursos transformados em textos.

O texto foi organizado em duas seções. A primeira em que apresento a formação de base conceitual, e a segunda em que caracterizo os mesmos no diálogo com aspectos do manejo clínico gestáltico em benefício do reconhecimento inter-humano. “O

primordial de uma atitude fenomenológica é não encarar o cliente como um objeto (“O doente que vem a ser tratado”), mas uma pessoa, no mesmo nível existencial do Terapeuta” (HOLANDA, 1997, p 41)

1. CONCEITOS QUE FUNDAMENTAM A PRÁTICA CLÍNICA E A PESQUISA

Na proposição de articular conceitos a prática clínica gestáltico em benefício do reconhecimento inter-humano, o primeiro é o de fronteiras baseado na teoria dos conjuntos borrosos de Lofti Zadeh, elaborada nos anos de 1960 do século XX. O mesmo é útil para compreender dinâmicas relacionais presentes na cultura ocidental brasileira, entendida como um campo de luta e contestação entre atores que integram, com poder de mando e veto às instituições sociais públicas; e os sem poder de mando. Nas corporações são produzidos múltiplos, e divergentes sentidos acerca da existência humana,

Trata-se de uma abordagem crítica das noções de limite e de precisão, essenciais à teoria dos conjuntos que funda a analítica formal da ciência moderna. A “borrosidade” (fuzziness), propriedade particular dos sistemas complexos no que se refere à natureza arbitrária dos limites infra-sistêmicos impostos as unidades do sistema e ao próprio sistema, em suas relações inter-sistêmicas com outros sistemas, com os super-sistemas (contextos) e com os respectivos observadores”. (Filho, 2004, p 20).

Com a lógica da teoria dos conjuntos borrosos associada ao fundamento da Gestalt-terapia refina-se o conceito de fronteiras aplicado ao reconhecimento inter-humano. Em Gestalt-terapia as mesmas são dimensões físicas e subjetivas, às vezes bem demarcadas e defendidas, e outras vezes borradas, o que altera a produção de sentidos na comunicação interpessoal e nas relações. Nas físicas temos uma espécie de cerca ou muro, que podem ser desmontados ou borrados. Nas subjetivas temos metáforas que sinalizam a abertura e o fechamento de caminhos para as reflexões sobre os processos identitários pessoais e sociais. (THORNE,1993; PERLS, 1977, 1997; POLSTER, 2001; PIMENTEL, 2003;).

Gestálticamente, é considerado uma fronteira, um ponto de abertura que permite a comunicação entre as pessoas, sem perda da individualidade, pois acontece entre pessoas separadas, independentes. As fronteiras de contato envolvem o senso do próprio eu, do outro, do ambiente, em que se realiza a discriminação e a capacidade de se fazer

escolhas; envolvem a avaliação das experiências ativando as funções do ego de identificação e de alienação. A experiência da fronteira do eu pode ser descrita a partir de diversas perspectivas: fronteiras corporais; de valores; de familiaridade; expressivas e de exposição. (POLSTER,2001). Portanto, à Gestalt-terapeuta é solicitado em seu manejo clínico sensibilidade aos elementos que constituem o campo geográfico e psicológico dos clientes, se orientando pela busca de promover o contato com as necessidades figurais; a diferenciação; e a inclusão integral entre parte-todo.

Uma contribuição do “borramento” das fronteiras na clínica gestáltica para o reconhecimento inter-humano é transcender a premissa da manutenção de uma identidade hegemônica (europeia e norte americana do século XX) para a compreensão da diversidade humana na esfera cultural e sexual.

O segundo conceito é composto pela dialética entre a esfera pública e a esfera privada. Ambas as esferas aplicadas à conjuntura de uso da internet, relacionadas ao conceito de fronteiras “borradas” admitem compreender motivações, formas e intencionalidades que permeiam as postagens de vários conteúdos, com ênfase a preocupação com os intolerantes e violentos; bem como desvelar tramas da comunicação e da expressividade dos internautas.

A internet no Brasil, no ano de 2020 durante a pandemia da *COVID 19* mostrou-se como um canal amplamente usado, por meio das redes sociais, para o enfrentamento do isolamento social. Entretanto, a esfera pública virtual segue limitada devido ao imenso desequilíbrio que atinge a maior parte da população, cujo acesso aos planos de dados de internet se escancarou como falacioso. Este panorama mantém como fronteira a cidadania e a democracia, linhas divisórias entre estado, e a saúde da sociedade pelas exclusões a que os pobres são submetidos.

Acerca dos atributos da esfera pública virtual nela misturam-se referências das esferas privada e da pública, modificando o conceito de intimidade e privacidade, bem como o da participação do estado na elaboração de políticas públicas. Para se manter no poder o estado se vale da pós-verdade, das notícias falsas, da moeda bitcoins, de pactos com hackers de outros países para manipular interesses políticos e econômicos. Por sua vez, alguns internautas utilizam-se dos parâmetros da esfera privada, do interior da casa para filmar, postar, configurar por meio do marketing digital relações da cultura tabloide para obter seguidores e likes, pagando qualquer preço, incluindo o custo do sofrimento

do outro, o que exacerba a intolerância a frustração e a fragilidade egóica. (D'ANCONA, 2018; PIMENTEL, 2018a).

Neste panorama, o que na modernidade demarcava rigidamente a esfera privada era uma estrutura ligada a família nuclear, com destaque a intimidade, a privacidade, o isolamento, os segredos, a hierarquia de gênero, ao interior da casa. E o que era peculiar à esfera pública era fazer a mediação entre o estado e a sociedade, sendo a mesmo o lócus do debate e da cidadania; (ou deveria ser).

No Século XXI se delineia o conceito de esfera pública virtual designando a relação entre governo e sociedade civil por meio da 'web', denotando as possibilidades de os cidadãos participarem da administração pública. (LEMOS, 2010). Porém, a cultura do conceito de "esfera pública virtual" não se dá consensualmente, tampouco favorece ampliar o princípio da dignidade humana, oriundo no Século XVII com o modelo de esfera pública burguesa, do estado de direito do pós-guerras mundiais; e no Brasil, da constituição de 1988.

Com a economia centrada na informação digital; em serviços financeiros; contábeis; criação de 'softwares'; avanço na ciência computacional; no consumo de símbolos e imagens; uso de processadores "baratos" de alta capacidade conectados à internet temos a produção de uma esfera pública virtual, interconectada em rede baseada na economia informacional, tem-se estímulo ao cidadão a aumentar sua participação em questões locais e mundiais, sem precisar conhecer e conviver com os internautas geradores das questões. Em consequência de a pessoa assumir papéis mais ativos, mais criativos, porém não autorreflexivos no uso ético da esfera pública virtual, abre-se espaço para o desconhecimento e a denegação do outro. Neste argumento a compreensão da "borrosidade" atual das fronteiras pública e privada favorece detectar conflitos no reconhecimento inter-humano

O terceiro conceito refere-se a inclusão da política pública do marco civil da internet e das tecnologias de criptografia ao trabalho virtual síncrono e assíncrono de Psicólogos clínicos. Este campo não produz reflexões consistentes ao quesito segurança de dados, sendo mínimo o conhecimento e preocupação dos profissionais que ofertam serviços de psicoterapia em meios virtuais; que, muitas vezes falham em oferecer suportes à segurança dos dados pessoais e prontuários dos clientes.

Assim, a psicoterapia que se dá em meios virtuais precisa ser embasada no escopo da segurança de dados, da Lei Geral de Proteção de Dados brasileira (LGPD), lei n.º 13.709, sancionada em 14 de agosto de 2018. A LGPD está em vigor desde 18/09/2020, rege o armazenamento, guarda e manuseio de prontuários de clientes. (<https://www.lgpdbrasil.com.br/>; <https://www.lgpdnasaude.com.br/prontuarios-digitais-estao-submetidos-a-lgpd/>).

Para reiterar a necessidade apresento um acontecimento que ilustra a situação de falha na segurança criptográfica: No mês de outubro de 2020, na rede de clínica de psicoterapia Vastaamo na Finlândia, “Pacientes foram contatados individualmente por um chantagista, depois que seus dados foram roubados dos servidores da empresa. Os dados têm registros de identificação pessoal e notas sobre o que foi discutido nas sessões de terapia. (<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54698957>).

Quanto as categorias de dados que devem ser preservados, a LGPD os qualifica como: a) “Dado pessoal, toda e qualquer informação relacionada à pessoa física identificada ou identificável. O conceito abrange informações pessoais diretas, como nome, RG, CPF e endereço, e indiretas, como dados de geolocalização de dispositivo móvel, ‘cookies’, endereços IP e demais identificadores eletrônicos.

Isso porque as informações indiretas podem ser utilizadas para o monitoramento do comportamento, definição de perfis e, como resultado, identificação das pessoas a quem se referem” (DANIEL, 2019, p b) “Dados sensíveis, aqueles que envolvem informações sobre origem racial ou étnica, convicção religiosa, opinião política, filiação a sindicato ou à organização de caráter religioso, filosófico ou político dos seus titulares. Informações referentes à saúde ou à vida sexual e os dados genéticos ou biométricos. c) “Dados anonimizados, aqueles que não permitem a identificação, direta ou indireta, de seu titular e, estão fora do escopo de proteção da LGPD. Contudo, se o processo de anonimização de dados puder ser revertido, seja por meios próprios do controlador, ou mediante esforços razoáveis, a LGPD será sim, aplicável” (DANIEL, 2019 p 3).

Historicamente, o desenvolvimento dos procedimentos adotados para realizar os serviços clínicos em meios virtuais é mais avançado na Europa e nos Estados Unidos da América. Neste país, por meio da American Psychiatric Association - APA foram elencadas diretrizes para orientar o trabalho dos Psicólogos nos diversos formatos de consultas pela internet: correio eletrônico individual; chat exclusivamente por escrito;

videoconferência, com uso simultâneo de texto escrito; escuta telefônica e vídeo conferencia; linha telefônica 906 específica e paga; chat de texto e chat multimídia; serviços psicológicos preventivos de tipo educativo: páginas ‘web’ de autoajuda, grupos de discussão e notícias.

Rodrigues (2014) afirma que nos Estados Unidos da América do Norte, a psicoterapia “on-line” é permitida, mas existem restrições, estabelecidas por legislações estaduais. Para um terapeuta atender pela “internet” restringe-se à localização geográfica do registro profissional dele: se for registrado no Alabama, só poderá atender pessoas que estejam no Alabama. Cada estado norte-americano tem suas próprias regras (p.21).

No Brasil, a instituição responsável pela regulamentação dos serviços psicológicos em meios virtuais é o Conselho Federal de Psicologia (CFP) que emitiu as resoluções: n.º 003/2000; n.º 010/2003; a n.º 012/2005; a n.º 011/ 2012; e, no dia 11 de maio de 2018 publicou a Resolução de n.º 11/2018, revogando a anterior. (<http://site.cfp.org.br/>). Todavia, a publicação não encerrou as dúvidas e as controvérsias quanto ao manejo clínico em meios virtuais, e acerca da inclusão de criptografia, e programas para o atendimento psicológico síncrono e assíncrono.

Conquanto decorram 18 anos que o Sistema Conselhos busque dirimir as controvérsias do campo, e compor orientação aos Psicólogos que se inserem no horizonte das práticas em meios virtuais, sua atuação tem se mostrado tímida e conservadora. Pimentel (2018) observou a importância em realizar pesquisas na ‘interface’ psicoterapia e tecnologias de informática e comunicação, por considerar que as práticas clínicas em meios virtuais configuram uma demanda de saberes que são lacunas nos currículos das Instituições de Ensino de Psicologia brasileiras.

Este fundo mencionado agrupa a importância de elaborar a criação do Ambiente Virtual de Atendimento (AVA), com estratégias de segurança para a comunicação entre Psicólogo e clientes, conforme a Lei n.º 12.965, de 23 de abril de 2014, conhecida como Marco Civil da Internet no Brasil, que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil.

Com relação à segurança, o ideal é que o psicólogo contrate uma empresa ou profissional qualificado para desenvolver o ambiente de atendimento online, ou ainda que utilize ‘softwares’ de uso comum que promovam interação das mais variadas formas. Convém no caso de uso de ferramentas já existentes realizarem-se estudos para averiguar

se estas atendem aos requisitos exigidos pelos documentos legais e principalmente, possibilitar que o Psicólogo estabeleça procedimentos de guarda segura das informações do cliente.

O quarto conceito é o de atitude fenomenológica elaborado por Edmund Husserl ao criticar a visão hegemônica de ciência de sua época, cuja tarefa era favorecer a acomodação das pessoas a uma visão “natural” dos acontecimentos do dia-a-dia, permeado de objetivação das coisas mesmas como modo de conhecê-las, dominá-las e de experimentar a realidade. (HUSSERL, 1982). Por meio da atitude fenomenológica, as pessoas podem (re)construir laços inter-humanos, realizar contato consigo mesmo e com o todo, o que inclui o mundo geográfico, o universo físico e o mundo psicológico e social.

A experiência de construir um vínculo com as coisas mesmas é a fonte do conhecimento de si, do outro e da sociedade, presente em todos os modos de conhecer: senso-comum, filosófico, espiritual e científico, sem que um prevaleça sobre o outro como o faz a ciência com seus métodos naturalizadores. Neste ponto de vista, por exemplo, os Psicólogos que atuam no sistema público de saúde podem efetivar o justo para o bem-comum, atendendo respeitosa e qualitativamente todos os usuários que procuram os serviços, sem discriminar etnia, cor da pele, vestimenta, gênero, etc.

O quinto conceito é o de Reconhecimento situado na obra intitulada “O Percurso do Reconhecimento” do filósofo Paul Ricoeur; e nas proposições do filósofo alemão Axel Honneth, cuja empreitada situou no contexto empírico o Reconhecimento, “termo traduzido do alemão *Anerkennung*, por necessidade de respeito nas relações intersubjetivas” (HONNETH, 2003, p 18).

Na palavra Reconhecimento, o prefixo “RE” indica a tese de “colocar novamente na mente, a ideia de alguém, ou de algo que se conhece”. Nesta significação, Ricoeur (2006) identifica como elemento importante para a construção do percurso do reconhecimento a abordagem do “não dito, pois, considera que neste horizonte reside à força do “Re-tomado no sentido temporal da repetição” (p. 15). Na segunda significação, o filósofo ressaltou a presença das marcas que qualificam alguém e algo, como: “Conhecer por algum sinal, por alguma marca, por alguma indicação, uma pessoa ou uma coisa jamais vista antes” (RICOEUR, 2006 p.17).

Sobre o Reconhecimento como noção política Ricoeur (2006) recorre a Honneth para avaliar a noção de desconhecimento ou denegação. Para Honneth, o desprezo social

é a nova forma de negação, uma mazela da sociedade civil. Uma das questões mais pertinentes ao debate contemporâneo no âmbito sociopolítico é o vínculo “estranho” entre a produção de riqueza e a produção de desigualdades. Ao invés da produção de riqueza gerar a promoção de igualdade, no mais das vezes, ela gera a produção de desigualdades porque a riqueza é geração de mais dinheiro que, por sua vez, acentua a diferença entre aqueles que o têm e os que não o têm. A produção de desigualdade pelo dinheiro é “fonte de desprezo [desconhecimento], negação de reconhecimento” (RICOEUR, 2004; p. 19), exibindo a maior contradição existente em nossas sociedades, entre a atribuição igualitária de direitos e a desigualdade na distribuição dos bens. (CORÁ E NASCIMENTO, 2011, p 419).

Outro subsídio de Ricoeur, (1991) que inspira a prática clínica gestáltica para o reconhecimento inter-humano é a compreensão das *Filosofias do Sujeito*, com o exame no âmbito da linguagem (RICOEUR, 1991, p 39-40). O Filósofo analisa os elementos que constituem os “Operadores de Individualização, que são os processos que nos singularizam”. Descreve a classificação e a predicação como os movimentos em que a individualização se realiza:

A classificação e a predicação. Exemplo: o primeiro homem que caminhou sobre a lua, o inventor da imprensa; os nomes próprios – Sócrates, Paris, a Lua (p.41). “Pronomes pessoais (“eu”, “tu”); os demonstrativos (“isto”, “isso”); os advérbios de lugar (“aqui”, “lá”; “acolá”), de tempo (“agora”, “ontem”, “amanhã”); tempos verbais (“ele vinha”, “ele virá”) (p.42). Os particulares de base que são os corpos físicos e as pessoas que somos (p.44).

Deste modo, podemos trabalhar na clínica com as identidades em sua ampla diversidade. Podemos considerar neste Século XXI que, a proposição apontada de vincular consciência e corpo carrega inúmeras suposições científicas, sempre em busca da superação da finitude, por exemplo, a elaborada pelo movimento do trans humanismo, cuja premissa pauta-se na supressão do corpo transpondo a consciência em bits para chips digitais (AMORIM, 2019).

2. MANEJO CLÍNICO GESTÁLTICO EM BENEFÍCIO DO RECONHECIMENTO INTER-HUMANO

Faz-se necessário observar que o isolamento social e a quarentena contribuíram fortemente para realojar nas pessoas a sensação de desconhecimento, devida à diminuição das conversas com os familiares do núcleo primário, os conhecidos, os colegas de trabalho, os amigos; e até mesmo no volume de mensagens instantâneas recebidas por meio dos aplicativos virtuais.

Com a chegada do *Coronavírus* (COE/nCoV) ao Brasil, em janeiro de 2020 foram ativadas, por Centros de Operações de Emergências em Saúde Pública ações para seu combate, previstas no Plano Nacional de Resposta às Emergências em Saúde Pública do Ministério da Saúde, com apoio de Grupos de Enfrentamento, em cada região do País; o que obrigou toda a população a cumprir protocolos de medidas de prevenção e redução de letalidade de óbitos. (MS, 2020)

Assim, a *COVID 19* tornou-se uma doença que acomete a todos os integrantes das sociedades mundiais; e um grave acontecimento que se dá no *Lebenswelt*, conceito husserliano “Voltado para a tentativa de discernimento da condição do homem como ser histórico” (GUIMARÃES, 2012, p 29). Dada a expansão das fronteiras geográficas da *COVID 19*, as populações foram submetidas ao temor do incógnito, da angústia e da destruição. Portanto, a vivência da ansiedade aumentou potencializando os pensamentos irracionais; e embora a morte seja nossa única possibilidade conhecida, todos passamos a sentir medo diário de morrer (HEIDEGGER,1988).

Para enfrentar os temores a morte, e ao desenvolvimento de processos ansiogênicos, as Universidades Públicas Federais e Estaduais contribuem com a instalação de clínicas virtuais. Na Universidade Federal do Pará foi organizada por “um coletivo de psicólogas e psicólogos, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado e Doutorado, Estudantes, Docentes e Pós-doutorandos o atendimento psicológico e supervisão, em diferentes abordagens de atuação clínica.” O serviço está contextualizado no âmbito do “Projeto de Extensão Saúde, Cidadania e Direitos Humanos, da UFPA”. <https://psicologiavirtual.ufpa.br/in%C3%ADcio>

A psicoterapia virtual na UFPA objetiva acolher e realizar atendimento psicológico para “A escuta psicológica do sofrimento psíquico, de cidadãos, residentes no Estado do Pará, durante o período de isolamento social da pandemia de Covid-19.” No site do PPGP/UFPA estão disponíveis as referências éticas do atendimento em meios virtuais; os números de contatos telefônicos dos profissionais e orientações sobre as

inscrições no atendimento. As Resoluções n. 011 /2018 e 04/2020 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), e do Código de Ética do Psicólogo.

2.1. Recursos materiais

As intervenções psicológicas presenciais e virtuais são colaborativas entre Psicóloga e cliente; envolvem os saberes de ambos em sua distinção identitária, cultural, econômica e social. Tal finalidade permite aos profissionais contribuir para que os clientes desvelem os seus autossuportes e os suportes sociais, e concebam modos criativos de enfrentamento das queixas apresentadas (PIMENTEL, 2003, 2018, 2020).

Os recursos disponíveis para a Gestalt-terapeuta estão indissociavelmente adjuntos à sua formação, experiência, talentos e a identificação das potencialidades e necessidades que o cliente apresenta no processo psicoterapêutico. Em meu trabalho estruturo as fontes de recursos materiais que posso dispor com o cliente, nas sessões individuais e de grupo em núcleos, objetivando restabelecer fluxo de respiração e de contato homeostático e criativo: a) música instrumental como fundo para o alívio corporal e trabalhar o fluxo respiratório; b) relaxamento mental e físico; c) avaliação de personalidade; d) Restrito as sessões presenciais, uso o óleo essencial de *Rosmarinus Officinalis*. Os clientes aplicam duas gotas em suas têmporas e pescoço para ajudar na estimulação do sistema nervoso central (cansaço mental e físico) (PAGANI & SILVA, 2016; BAIOTTO, TREMÊA & COLET, 2020).

Atualmente, uma das fontes dos desconfortos emocionais promotores do sofrimento humano é oriunda da decadência da esfera pública cidadã, em que alguns valores são vividos como imposição, como indicam Garcia & Coutinho (2004), “Hoje vivemos em uma sociedade que cultiva a liberdade individual como valor absoluto e hegemônico, estimulando a busca de prazer constante, o que, com frequência resulta em uma experiência de insuficiência e fracasso” (p. 126).

Ao ancorar as intervenções clínicas nos conceitos de fronteira, de atitude fenomenológica, de dialéticas entre esfera privada e esfera pública virtual, de reconhecimento inter-humano e de operadores de individualização (identidade), os Gestalt-terapeutas cooperam, por meio das atividades virtuais e presenciais para destituir

a intolerância, a impaciência, o descuido dos atendimentos cotidianos; especialmente os praticados com os usuários dos serviços básicos e complexos.

Outro impacto possível dos conceitos mencionados para a clínica gestáltica do reconhecimento inter-humano é a desconstrução do saber propedêutico, da classificação dos sintomas em síndromes reguladoras da ideologia sobre a normalidade, mediada pela localização da pessoa no padrão de comportamentos que se espera das criaturas ajustadas; rompendo com as estratégias defensivas que cronificam as formas de realizar contatos e estabelecer relações interpessoais por encobrir a espontaneidade e a criação de linguagens éticas.

Com a prática das dinâmicas mencionadas podemos vivenciar intencionalmente o sentido consciente de existir em relações intercedidas pela atitude fenomenológica que favorece a comunicação entre pessoas, grupos e instituições e articula o desenvolvimento da experiência de amar e da amizade ao/e com o outro na sua plena qualidade humana. Assim, um modo ético de expandir as fronteiras borradas no uso da internet requer conciliar o privado, o público, o eu e o outro no mesmo ecossistema, reconhecendo-o como um igual, ao invés de denegá-lo. (MACEDO, 2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a *COVID-19*, a psicoterapia gestáltica em meios virtuais ganhou relevo e amplitude, como possibilidade em contribuir para tratamentos psicológicos em cenários de isolamento social. Porém, os tratamentos inspirados fenomenologicamente não podem ser organizados instrumentalmente, mas como investimento no cuidar do outro na forma da solicitude; sobretudo daqueles com os sentimentos de estresse, ansiedade, pânico, temor, medo, insônia, incapacidade, ociosidade, entre outros.

Estando as pessoas com as emoções a flor da pele, dada a proximidade imaginada e real de ser acometido pela *COVID-19*, necessitamos elaborar novos significados e valores para os relacionamentos inter-humanos, e o reconhecimento mútuo amparado na solidariedade empática.

Temos na clínica gestáltica em benefício do reconhecimento inter-humano os aportes do mundo da vida, da atitude fenomenológica e das fronteiras de contato para

consolidar as intervenções virtuais e presenciais. Em nosso mundo da vida, entre outras, instalou-se a vivência da emoção de desamparo que nos atinge intersubjetivamente, provocando autoquestionamentos que podem, equivocadamente, ser interpretados como apatia.

REFERENCIAS

AMORIM; Hellen Marinho; CARDOSO, Renato César. Ciborgue no limiar da humanidade: redefinindo a pessoa natural - *Rev. Bio y Der.*; 46: p 67-84. 2019.

CORÁ, Élsio José & NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. Reconhecimento em Paul Ricoeur: da identificação ao reconhecimento mútuo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, Volume 45, número 2, p. 407 – 423, 2011.

CIFUENTES, José Ramón Boxó; ORTEGA, Joaquín Aragón; SICILIA Leonor Ruiz; RIESCO, Orlando Benito; y GONZÁLEZ, Miguel Ángel Rubio. Teoría del reconocimiento: aportaciones a la psicoterapia. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.*, 2013; 33 (117), 67 – 79.

Clínica psicológica virtual da UFPA: *atendimento psicológico na pandemia da COVID 19*. <https://psicologiavirtual.ufpa.br/in%C3%ADcio>

D'ANCONA, M. Pós-verdade, SP: Barueri, Faro Editorial, 2018 FILHO, Naomar de Almeida. A Saúde e o paradigma da complexidade. In *Ciclo de estudos sob o “Método de Edgar Morin*. RS. Instituto Humanistas Unisinos. Universidade Vale dos Sinos. 2004.

GARCIA, Claudia & Coutinho, Luciana. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. *Psychê*, vol. VIII, n 13, jan. – jun., pp. 115 – 140. Univ. São Marcos. 2004.

GUIMARÃES, A. C. O Conceito de mundo da vida. *Cadernos da EMARF*, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v.5, n 1, pp. 29 – 45, abr./ ‘set’. Disponível em https://sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/o_conceito_de_mundo_da_vida.pdf — 2012.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: editora Vozes. 1988

HOLANDA, Adriano. Fenomenologia, Psicoterapia e Psicologia Humanista. *Estudos de Psicologia*, vol. 14, n.º 2, 33 – 46. 1997.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34. 2003.

HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Covilhã, Portugal. 2008.

HUSSERL, Edmund. *La idea de la fenomenología: cinco lecciones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

- JUNIOR, Nelson Ernesto Coelho. Da intersubjetividade à intercorporeidade: contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade. *Psicologia USP*, 2003, Vol. 14, no.1, 185 – 209.
- LEMOS, André. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo. Paulus. 2010.
- MACÊDO. Kátia Barbosa. O desamparo do indivíduo na modernidade. *ECOS | Estudos Contemporâneos da Subjetividade | Volume 2 | Número 1*. Pp. 94 – 107. 2012
- Ministério da Saúde. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> 2020.
- PERLS, F. S. *Yo, Hambre Y Agresion*. México: Fondo de Cultura Econômica. 1977.
- PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus. 1997.
- PIMENTEL, Adelma. *Psicodiagnóstico em Gestalt-terapia*. SP: Summus. 2003
- PIMENTEL, Adelma. O Uso Cuidadoso das Redes Sociais Virtuais. *Estud. Pesqui. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 978 – 996, 2018.^a.
- PIMENTEL, Adelma. *Pratica clínica em meios virtuais*. Curitiba. Juruá. Ed. 2018b.
- PIMENTEL, Adelma do Socorro; SILVA, Maria de Nazareth. Saúde psíquica em tempos de Corona vírus. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, e11973602, 2020.
- PIMENTEL, A. do S. G. Exploratory research of intersubjective sense of recognition. *Research, Society and Development*, 9(7), e09973565. 2020.
- POLSTER, E., & POLSTER, M. *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus. 2001
- RICOEUR, Paul. *O Si mesmo como um outro*. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo. Ed. Loyola. 2006.
- RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance — Trois études*. Paris. Éditions Stock.
- RODRIGUES, C.G. & TAVARES, M.A. Psicoterapia ‘on-line’: demanda crescente e sugestões para regulamentação. *Psicologia em Estudo: Maringá*, 21(4), 735 – 744, out./dez, 2016.
- PAGANI, Claudia Arruda & SILVA, Bruna Fernanda da. Uso popular de plantas medicinais no tratamento da ansiedade. *Universidade Do Planalto Catarinense – UNIPLAC*. 2016.
- Prontuários virtuais de clientes. <https://www.lgpdnasaude.com.br/prontuarios-digitais-estao-submetidos-a-lgpd/> - 2004
- Significado do prefixo Re. Consulta em 26/06/2018. Disponível em <https://www.lexico.pt/fletir/>.
- Thorne, Barrie. *Gender Play Girls and Boys in School*. New Brunswick, NJ: Rutgers. University Press. 1993

VIVÊNCIAS PSÍQUICAS E ESPIRITUAIS DO CUIDADOR FAMILIAR DE PACIENTES EM CUIDADOS PALIATIVOS ONCOLÓGICOS SOB OLHAR DA FENOMENOLOGIA

*Michele da Conceição Aleixo Coura
Joelma Ana Gutiérrez Espíndula*

INTRODUÇÃO

A motivação pela temática surgiu a partir da experiência profissional onde atuo como psicóloga há seis anos, na equipe de oncologia e atuando também com os cuidados paliativos de pacientes oncológicos em um hospital público na Unidade de Alta complexidade em Oncologia no município de Boa Vista-Roraima, em que realizo atendimentos na enfermaria durante a internação desses pacientes. Pude observar a necessidade de aprofundamento sobre as vivências psicológicas e sociais apresentadas pelo cuidador familiar do paciente oncológico que se encontrava em cuidados paliativos, principalmente nesse período pandêmico onde tivemos que adaptar o serviço e o atendimento psicológico na enfermaria, realizado nos leitos do hospital com os pacientes em cuidados paliativos.

Atualmente o câncer deve ser analisado como um problema de saúde pública que atinge indivíduos de todas as idades e em todos os continentes, mesmo durante a pandemia de COVID-19. A partir dos dados mais recentes de estimativa mundial no ano de 2018, foi verificado que ocorreram 18 milhões de novos casos de câncer, sendo que

9,6 milhões foram a óbito (INCA, 2020). Estima-se que para 2030, a expectativa se agrava ainda mais, sendo cerca de 27 milhões de pessoas (SANTOS; SIMÕES; PEREIRA, 2018).

A explicação para este crescimento está na maior exposição dos indivíduos a fatores de risco cancerígenos. Para tanto, a redefinição dos padrões de vida, a partir da uniformização das condições de trabalho, nutrição e consumo, desencadeado pelo processo global de industrialização, tem reflexos importantes no perfil epidemiológico das populações. Sendo assim, o câncer constitui um problema de saúde pública para o mundo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018).

O avanço da medicina trouxe uma perspectiva mais favorável para o tratamento das neoplasias, desde que descobertas no início de seu desenvolvimento. Quando avançadas e com sinais de metástases, o tratamento deixa de ser direcionado para a cura tornando-se então paliativo (BUSHATSY, 2010). Estima-se que 14% das pessoas que necessitam de cuidados paliativos devem recebê-los e que aproximadamente 80% dos pacientes com câncer fora de possibilidade terapêutica necessitem de cuidados paliativos, pois a doença muitas vezes é diagnosticada em estágios avançados e apresentando pouca chance de cura (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018).

A Organização Mundial da saúde (2018), define que os cuidados paliativos serão todos os cuidados proporcionados por uma equipe multidisciplinar com o objetivo de proporcionar qualidade de vida ao paciente e seus familiares que enfrentam uma doença incurável. Através da premissa de que esses cuidados devem ser iniciados no diagnóstico e que o paciente e seus familiares sejam acompanhados com medidas terapêuticas durante todo o percurso de tratamento, e diante da falha dos tratamentos curativos, que as medidas paliativas sejam incluídas e que o cuidado seja o foco principal e não mais a cura.

Para Academia Nacional de Cuidados Paliativos (2012), o foco do cuidado paliativo não são protocolos e sim princípios, que envolve as doenças que ameacem a vida, tendo o cuidado desde o diagnóstico. Ocorre a ressignificação onde não é falado sobre impossibilidade de cura, mas abordado sobre possibilidade ou não de um tratamento que possa modificar a doença, afastando a ideia de não ter mais nada o que se fazer. É uma abordagem pioneira que traz a espiritualidade dentre as dimensões a serem cuidadas ofertando conforto e incluindo a família num suporte necessário em todo o processo e após suas perdas (CARVALHO; PARSONS, 2012).

Ressalta-se que existe uma necessidade de dar uma maior ênfase ao papel do cuidador familiar, pois tal função gera muitos sentimentos que podem causar sofrimento, pois os cuidadores vivenciam medos constantes, como o de não prestar os cuidados adequados, medo da morte, desespero e sentimento de impotência (CUNHA; PITOMBEIRA; PANZETTI, 2018).

Nesse trabalho procura-se fazer uma reflexão das vivências dos cuidadores familiares, na perspectiva fenomenológica que busca compreender o sentido e significado da experiência e da vivência dos cuidadores familiares. O estudo teve como objetivo investigar o significado das vivências constituidoras da experiência do cuidador familiar de pacientes em cuidados paliativos oncológicos. Buscando proporcionar uma maior compreensão sobre as vivências do cuidador familiar, pautando que é importante conhecer as necessidades de apoio e cuidado que as famílias necessitam para desempenhar seu papel que na maioria das vezes é fisicamente e emocionalmente desgastante.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, descritivo e analítico e pesquisa de campo na perspectiva qualitativa fenomenológica, visando investigar as vivências psíquicas e as redes de apoio experienciadas pelo cuidador familiar de pacientes oncológicos em cuidados paliativos.

Participantes da pesquisa

A população pesquisada foram 10 cuidadores familiares de pacientes oncológicos em cuidados paliativos, internados na enfermaria da Unidade de Atendimento de Alta complexidade em Oncologia (UNACON), de ambos os gêneros, com idade entre 30 e 59 anos, nos resultados foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes.

Caracterização do local da pesquisa

A coleta de dados aconteceu na sala de acolhimento da enfermaria da Unidade de Atendimento em Alta Complexidade em Oncologia-UNACON/RR, que realiza os atendimentos dos pacientes com diagnóstico oncológico no Estado. A UNACON/RR, foi criada em Roraima, de acordo com portaria n.330/2006-SESAU/DEPLAF publicada no

Diário Oficial do Estado de Roraima n 351, de 8 de junho de 2006. É a única Unidade do Estado especializada no atendimento a pacientes oncológicos. Conta com uma equipe multiprofissional com atendimento especializado, que trabalha de forma transdisciplinar para garantir uma melhor qualidade de atendimento ao paciente.

Aspectos Éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Roraima, cuja a aprovação se deu por meio do CAAE: 30544620.8.0000.5302 e o Número do Parecer: 4.245.867. Em cada etapa da pesquisa, obedeceu a todas as considerações, princípios e normas reguladoras das resoluções n 466/2012 e n 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e também devido a pandemia de COVID-19 atendeu a todas as normas de Segurança da Organização Mundial de Saúde.

Procedimentos de coleta de dados

O cuidador familiar foi abordado durante a internação de seu familiar (paciente oncológico em cuidados paliativos) na enfermaria da Unidade de Atendimento de Alta complexidade em Oncologia. Inicialmente foi convidado a conhecer o estudo, ocasião em que recebeu as informações sobre o objetivo e justificativa deste estudo e de forma consecutiva após consentimento em participar do estudo, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a assinatura do TCLE, o cuidador familiar foi encaminhado a uma sala de acolhimento reservada para a realização da entrevista, onde todos os protocolos de segurança da Organização Mundial da Saúde, foram seguidos. O método fenomenológico foi utilizado para buscar responder as perguntas que deram origem a tal pesquisa, proporcionando uma reflexão sobre as vivências, os sentimentos, as relações afetivas que envolvem os sujeitos. Tal abordagem possui característica descritiva com base nos fenômenos vividos. Foi realizada uma entrevista aberta do tipo fenomenológica, que teve início com uma questão norteadora que guiou o processo de coleta de dados: “*Conte-me como é ser um cuidador familiar de um paciente oncológico em cuidados paliativos?*”, encorajando o sujeito a relatar e refletir sobre suas experiências e detalhá-la o máximo possível.

Procedimento de análise de dados

O método utilizado foi baseado nos passos do método fenomenológico-empírico, concebido por Giorgi e Souza (2010), e reconfigurado para o método fenomenológico-

psicológico-empírico proposto por Feijóo e Goto (2016) e por Espíndula e Goto (2019), que propõem a elaboração de um passo a mais do que foi proposto por Giorgi para que se busque as estruturas psicológicas das vivências tal como vivida pelo colaborador. Portanto, pode-se atribuir que em um primeiro momento foram feitas as transcrições das entrevistas na íntegra com as narrativas dos familiares dos pacientes oncológicos em cuidados paliativos. Após todas as transcrições, foi possível fazer uma leitura ampla de todo o conteúdo narrado por cada participante, onde a pesquisadora assumiu a postura da suspensão fenomenológica para que se possa buscar estabelecer as unidades de significado. Para um segundo momento, foi necessário transformar as unidades de significados encontradas em expressão de caráter psicológico. A partir disso, segue-se o terceiro momento onde buscou-se estabelecer as estruturas gerais de significados psicológicos, buscando destacar o que era comum em todas as narrativas dos participantes. Como último passo, através da elaboração das sínteses geral de significados psicológicos, buscou-se analisar as vivências psíquicas presentes nos significados das experiências. Portanto, o fenômeno psíquico foi configurado em estruturas psicológicas correspondente aos componentes das unidades de significado.

Resultados e Discussões

Apresenta-se uma síntese geral dos principais significados psicológicos que mais surgiram nos depoimentos dos familiares de pacientes em cuidados paliativos. A partir disso, buscou-se estabelecer as estruturas gerais de significados psicológicos, buscando destacar o que era comum em todas as narrativas dos participantes e junto articulando discussões com a fenomenologia de Ales Bello apoiada em Edmund Husserl e Edith Stein. Dentro do relato das vivências dos cuidadores familiares dos pacientes em cuidados paliativos oncológicos, onde através da transcrição na íntegra e da síntese descritiva das narrativas de cada participante, que foi utilizado o método fenomenológico-psicológico-empírico foram encontradas quatro unidades de significados comum a todos que serão descritas abaixo:

A) O ato de cuidar pelos familiares como escolha

O processo da família como cuidador oncológico do paciente em cuidados paliativos, não é fácil, pois é carregado de sentimentos que podem muitas vezes trazer dor e sofrimento, como também a satisfação de cuidar de alguém amado, trazendo assim um

enriquecimento pessoal. Percebemos que o papel de cuidador familiar é muito importante e necessita de atenção, pois muitos cuidadores acabam tomando essa responsabilidade para si, sem nenhum tipo de preparação ou conhecimento. É perceptível que ao assumir tal função a vida do cuidador se transforma, ele irá ter que aderir as mudanças e se adequar ao ritmo dos cuidados que precisa prestar ao seu familiar em adoecimento. Porém, através dos relatos percebemos que apesar de acontecer todas essas mudanças, muitos percebem que elas são mínimas em vista do sofrimento que o paciente vive em estado de terminalidade.

Ser um cuidador familiar pode trazer a experiência de vivenciar a dor e o sofrimento, mas também proporcionar um enriquecimento pessoal para os envolvidos, pois é através dessa escolha que se mostra a importância dos vínculos familiares (ESPÍNDULA; BELLO, 2019). Através da análise das entrevistas é possível observar que o ato de cuidar é um gesto de carinho e satisfação, a forma de retribuir por um dia ter sido cuidado, sendo que eles se sentem recompensados e dignificados por cuidar de alguém do qual dedica tanto amor. Verifica-se através do discurso que o ato de cuidar não surge como obrigação, mas como uma escolha. Assim, como podemos observar nas seguintes falas:

Estou cuidando da minha mãe desde o início de seu tratamento, sempre tenho acompanhado ela em tudo, minhas irmãs ajudam sempre que podem, porém me sinto muito mais segura fazendo as coisas para ela (paciente) e tendo ela por perto (Maria, filha da paciente, 40 anos).

Sempre acompanhei minha mãe em tudo, sempre estive ao lado dela. Meus pais já estavam morando comigo desde quando minha mãe iniciou o tratamento, pois os dois precisavam de cuidados e eu podia dar essa ajuda (Francisca, filha da paciente, 45 anos).

O ato de cuidar vem carregado de responsabilidades, reorganização de rotina do cuidador e paciente, muitas vezes isolamento social, por conta das inúmeras tarefas a realizar e tendo assim, uma dedicação exclusiva ao cuidado e deixando sua vida em segundo plano, abrindo mão de seus sonhos e muitas vezes deixando de lado sua qualidade de vida e autocuidado. É importante ressaltar, sobre o desgaste físico, a fadiga e o cansaço do cuidador familiar, pois ele precisa cuidar de seu familiar em adoecimento e readaptar a sua rotina a essa nova realidade. O que muitas vezes pode acarretar um cansaço tanto físico quanto mental, que pode ser gerado pelo esforço da energia

direcionada a tentar fornecer toda a atenção e cuidado para o seu familiar em adoecimento.

Desta maneira, é possível observar a relação que Bello (2019) faz, ressaltando que o indivíduo torna-se consciente do seu corpo vivo como um processo que está em desenvolvimento. Sendo que este corpo sempre está entrelaçado nas dinâmicas do mundo, o corpo vivo serve de estímulo para o corpo físico não somente para situações momentâneas, mas também em alguns processos que são duráveis, como os de saúde e doença. Para tanto, é possível verificar segundo Queiroz e Mahfoud (2010), que as relações de vida e movimento, através da unidade e totalidade que surge a partir da reunião de partes em um todo, como a junção da forma vital interna e a atuação conjunta dos materiais estruturais fazem parte do processo vital que seria a dimensão corpórea.

Todavia, podemos observar que ao considerar o cansaço vivido pelos cuidadores, Bello (2019), pontua que ele é sentido tanto em nível corpóreo quanto psíquico, e assim, permanece no nível de consciência, revelando-se como uma capacidade da alma, considerando a existência de um estado comum. A esse respeito podemos colocar as seguintes falas:

Com o tempo meu pai foi ficando mais fraco e precisando de mais ajuda, porque ele precisava de ajuda no banho, para se vestir, para ir ao banheiro. E com isso fui ficando muito cansada. Tem dias que me sinto esgotada, pois além de cuidar dele, ainda tenho que cuidar da minha filha que tem 6 anos e também depende muito de mim (Cristina, filha do paciente, 32 anos).

Ser uma pessoa que cuida as vezes nos faz esquecer de nós mesmo, pois ficamos tão preocupados com a pessoa que amamos que esquecemos de dedicar um tempo para gente...as vezes termino o dia muito cansada, esgotada no meu físico e também emocional (Conceição, filha da paciente, 41 anos).

É observado que existe uma unidade entre alma e o corpo vivo, que irão se manifestar não somente quando o corpo e suas sensações estão em evidência a partir de uma visão externa, mas também quando surge as expressões que fluem do interno para ser externalizado. Portanto, o corpo não deve ser somente considerado como algo material e sim a junção de partes dele com outras partes, onde a sua articulação manterá todos unidos (BELLO, 2019). É através desta externalização de sentimentos que envolvem o sofrimento emocional e o desgaste físico que se observa uma luta entre o cuidador para que se possa harmonizar o que se passa no seu físico e no psíquico.

Portanto, os discursos trazidos reforçam a ideia de Espíndula e Bello (2019), em que a pessoa humana nos dias atuais é “liberdade acompanhada da sua consciência”. É nesse papel da tomada de decisão de ser um cuidador familiar de seu ente querido, que ele passa a ser o protagonista de suas ações, buscando a essência para o sentido da sua missão em cuidar.

B) Preservando o autocontrole e medo do futuro

Ser cuidador familiar de um paciente oncológico, vai além de auxiliar a realizar as tarefas do dia a dia, cabe também o papel de estimular e não deixar que o paciente se entregue a tristeza e sofrimento. Muitos cuidadores buscam mostrar-se fortes perante seus entes queridos e alguns omitem seus próprios sentimentos como uma estratégia para ajudar seus familiares a superar os momentos difíceis.

Através das narrativas, percebe-se a entrega e envolvimento do cuidador familiar em todo o processo que envolve o paciente. O cuidador se sente satisfeito e confortado por conseguir proporcionar o melhor cuidado e apesar de sofrer em ver o seu familiar muitas vezes enfrentar a dor física ou encontrar-se muito debilitado, busca demonstrar-se forte para ajudar no enfrentamento e motivação do próprio paciente.

Através do pensamento de Stein a força é reconhecida como sendo inerente as dimensões humanas que irá servir de suporte a vida da pessoa. É apresentado as pluralidades de forças no sentido de força corporal, força espiritual. Tal força estará associada ao *Leib* (corpo vivente), sendo que a força vital estará ligada as potências construtivas da vida (QUEIROZ; MAHFOUD, 2010). Sendo que esse corpo vivo é o que sente e sofre as consequências que serão captadas pelo corpo exterior através das sensações e sentimentos vitais (BELLO, 2019). Como se verifica tais situações em alguns discursos que se seguem:

Muitas vezes ao final do dia estou muito cansada fisicamente por todo o esforço que tenho que fazer, mas como mãe tento ser forte e mostrar que estou sempre bem para ela (Sofia, mãe da paciente, 59 anos).

Não está sendo fácil, tem dias bons e dias ruins, busco sempre me mostrar confiante para que ele tenha vontade de viver. Muitas vezes o que queria seria chorar, mas por ele preciso ser forte (Cristina, filha do paciente, 32 anos).

Percebe-se através dos relatos que os cuidadores buscam encontrar forças para não se mostrarem abalados ou chorar na frente do paciente. Os cuidadores buscam expressar a elaboração da experiência e os sentimentos observados foram o de gratidão, empatia, prazer de cuidar. Apesar dos relatos de cansaço físico ou emocional percebemos que não existe um sentimento de culpa ou remorso por estar cuidando de seu familiar em adoecimento.

Sendo assim, observa-se que os participantes atribuem significados para os sentimentos que são vividos, que segundo Espíndula e Bello (2019), este indivíduo vivência o que tem de humanidade do outro em si mesmo, tornando um ato empático.

Outro ponto a ser abordado é que apesar de toda luta que o cuidador enfrenta com o paciente, ele ainda enfrenta os seus próprios medos em relação ao que pode acontecer com o seu familiar. O cuidador, sempre busca ter confiança, porém muitas vezes se ver impotente e com medo do futuro, pois ele vivência o medo da aproximação da morte e também o medo de perder a estrutura familiar que ele tem.

Queiroz e Mahfoud (2010), destacam que são nessas situações onde o ser humano se depara com os impactos e desafios, que ele percebe que pode superar a dor, que apesar de ser atingido na parte mais profunda do seu ser, ele conta com uma força que pode provocar animo e possibilitar uma renovação. Seguimos com os seguintes trechos da experiência vivida:

Parece que é difícil encontrar sempre pensamentos positivos, pois lutamos por muito tempo e algumas vezes me sinto impotente. Sempre tenho medo que vai chegar o dia que ele não vai estar mais conosco, busco não pensar nisso e viver cada dia da melhor maneira (Bety, esposa do paciente, 39 anos).

Me causa dor, perceber que posso perde-la a qualquer momento, isso traz uma angústia. Vivo na incerteza de cada dia, cada melhora cada piora, viver no limite da insegurança (Dena, mãe da paciente, 59 anos).

C) Estar ao lado do paciente até o fim e sua rede de apoio para o enfrentamento

Ressalta-se que uma das formas do cuidador expressar todo seu carinho e doação de cuidados ao paciente é estar ao lado dele realizando todos os seus desejos e acompanhando até o final de seus dias. Isso acaba sendo um dos desejos mais expressado e observado por todos os participantes. Segue alguns relatos com os trechos que ressaltam

a importância que o cuidador familiar atribui em estar ao lado de seu familiar em adoecimento e dar apoio e carinho até o último momento:

Eu sou filha e amo muito ela e tenho medo do que pode acontecer, percebo que o mais importante é estar ao lado de minha mãe, dessa forma temos a chance de declarar o nosso amor por quem amamos e conseguir ter os dias da melhor forma possível, pois temos que aproveitar todos os momentos até o dia que Deus nos permitir (Maria, filha da paciente, 40 anos)

Ser um cuidador é uma tarefa de amor, porque abrimos mão de tudo para cuidar. Eu e minhas filhas dedicamos nossa rotina para ela, sabemos que pode ser difícil, mas estaremos juntos até o fim (João, esposo da paciente, 42 anos)

Para isso, Stein, traz a reflexão de que temos a abertura de vivenciar várias possibilidades, como a de refletir, pensar, imaginar. Dessa forma vivenciamos os atos que nos levarão a tomada de decisão, como ficar ao lado de seu familiar até o momento de sua partida. E assim, pode-se reconhecer que o ser humano não são seres meramente sensitivos e sim, seres espirituais. Pois, a dimensão do espírito torna possível a pessoa tomar consciência de si e também possibilitar uma abertura da sua relação com o outro. Portanto, o *amor* só deve ser considerado espiritual, quando for direcionado para o outro. Onde o desejo deve ser de ver o bem-estar do outro em todos os âmbitos (ESPÍNDULA; BELLO, 2019).

A rede de apoio dos cuidadores de pacientes em cuidados paliativos oncológicos é muito importante, pois serão eles que ajudarão o participante a se fortalecer. As principais redes de apoio identificadas foram: o apoio dos familiares mais próximos, o apoio dos amigos que auxiliam muitas vezes na melhora emocional e espiritual do cuidador, assim como o apoio da equipe multidisciplinar através das orientações ou educação em saúde que auxiliam na compreensão dos cuidados ou suporte emocional que necessita o cuidador familiar. Observou-se que através do apoio psicológico dado ao cuidador, percebe-se que ele consegue encontrar um suporte e um apoio para a melhora do emocional e ressignificar os momentos através da resiliência.

Para Espíndula e Bello (2019), fazer parte de uma rede social, como a família, será algo que trará uma contribuição positiva para que o cuidador possa enfrentar melhor a situação. Desta forma, a família é considerada como a primeira comunidade e a mais significativa para as ligações afetivas. Sendo que depois, virão as outras comunidades como os amigos, comunidade religiosa, equipe de saúde, que ajudarão o cuidador no

enfrentamento. Observa-se que é na comunidade familiar que se mostram os sentimentos de amor e união, onde se busca manter um o espírito de apoio, cooperação e solidariedade para que se possa ter uma melhor qualidade de vida. Foi através desta rede de apoio que o cuidador familiar se sentiu fortalecido para enfrentar a sua dor de uma maneira mais digna e observamos no seguinte discurso:

Meu padrasto e minha irmã me ajudam com as tarefas e cuidados, as vezes minha irmã adotiva e meu tio também se dispõe para dividir algumas tarefas que precisem de apoio. É muito importante ter a minha família por perto, sou a principal responsável por ela, mas ter eles por perto e saber que posso contar com essa ajuda me fortalece para não desmoronar (Conceição, filha da paciente, 41 anos).

A rede de apoio atribuída as equipes de saúde, auxiliam para que o cuidador possa se sentir seguro e amparado por essa equipe que pode oferecer informações de cuidados, pois é possível observar a importância da troca entre familiar e equipe. Devendo existir o respeito, a participação, proporcionar diálogos que possam preencher lacunas e dúvidas, assim como promover muitas vezes uma escuta para um alívio emocional do cuidador familiar, para que assim, ele possa superar os desafios de cuidar do familiar em adoecimento.

Para Espíndula e Bello (2019), as pessoas devem buscar a sustentação através do outro e da comunidade. Ressalta-se a importância de ter uma referência de suporte da equipe de profissionais, pois dessa forma eles terão alguém com uma escuta especializada que possa auxiliar nas suas vivências e encontrar a melhor forma de enfrentamento. Alguns dos trechos a seguir relatam a importância da assistência da equipe nos cuidados paliativos oncológicos, seja ela hospitalar ou domiciliar.

Ter uma equipe que vai em casa e que ajuda a tirar dúvidas quando a gente precisa ou ensina algo que não sabemos fazer, é muito bom. Assim como ter alguém que nos escuta e até nos conforta num momento que traz tanto dor. Poder contar com isso traz muitas vezes uma segurança de ter a minha mãe em casa e conseguir realizar todos os cuidados (Maria, filha da paciente, 40 anos).

Minha filha está internada e recebeu toda a ajuda que precisa, assim como eu também, pois toda a equipe conversa comigo, ajuda a cuidar da minha dor. Sempre é feita reunião com a família quando eles precisam contar alguma coisa e poder dar um suporte melhor para ela e para nós também que cuidamos dela (Dena, mãe da paciente, 59 anos).

Desta forma, Queiroz e Mahfoud (2010), apontam sobre a importância das relações e da comunicação nas relações afetivas da comunidade. Vemos que a interação com o outro busca dar significado e sentido para vida, pois, é na relação com o outro que ocorre as significações de mundo através das vivências.

D) Espiritualidade como sentido de força vital e enfrentamento

O enfrentamento através da espiritualidade é uma das formas que o cuidador encontra para se fortalecer, possibilitando assim um esforço comportamental, cognitivo e espiritual para que ele consiga lidar com situações difíceis. A fé e a confiança que os cuidadores depositam em um poder superior representa uma maneira para que eles se fortaleçam e consigam aceitar o processo de finitude. Na pesquisa foi possível observar a presença da espiritualidade e religiosidade em todos os discursos. Para abordar o contexto usaremos o termo espiritualidade e religiosidade, pois foi possível identificar que os participantes verbalizavam sobre sua fé e que independiam de suas crenças religiosas.

Para compreensão, podemos conceitualizar os significados de Religião, Religiosidade e Espiritualidade. A espiritualidade refere-se a uma dimensão psicológica do indivíduo, onde se baseia nas experiências subjetivas e emocionais, buscando fazer referência a algo universal e que movimenta o ser humano em direção da busca de um sentido. A religiosidade, é algo que se vivência no interior de si mesmo, sem excluir o que está de fora. É dotado de sentimentos, de sentidos e de valor. Religião, conceitua-se para o aspecto voltado ao institucional, ancorada em uma tradição, ao dogma e a doutrina que se mostra com uma concepção da mente moral e normativa (FREITAS; VILELA, 2017).

Espíndula (2009), cita que a espiritualidade será o ponto inicial para que se possa desenvolver as outras dimensões psíquicas e corporal, pois é através da espiritualidade que a pessoa atribui significado a cada momento. Lima e machado (2018), também pontuam que a espiritualidade é um modo de sentir que existe uma dimensão transcendente, algo universal e está disponível para qualquer ser humano. A espiritualidade será um fenômeno natural de todo indivíduo e terá o papel de preencher as incertezas acerca da morte, trazer um alívio num momento de angústia.

Ressalta-se que através dos discursos foi identificado que a espiritualidade através de suas crenças em um ser superior é uma forma de alívio e uma busca da compreensão da morte, mostrando-se como uma eficaz fonte de enfrentamento. Aqueles que conseguem encontrar forças e amparo através da busca espiritual, mostram-se em um melhor estado de bem-estar. De acordo com as seguintes falas:

Temos muita fé que existe um ser superior que está cuidando de nós, acreditamos que ele fará o melhor para ela. Ter fé me fortalece, me ajuda a passar pelos momentos mais difíceis (Conceição, filha da paciente, 41 anos).

Minha mãe sempre foi uma mulher de fé e sempre passou isso para a gente, vejo que ela não tem medo do fim, que ela tem coragem no coração e percebi que eu também tenho que ter essa coragem para enfrentar todos os dias. Consegui através das orações e a busca por um conforto do Divino, ter esse pensamento de confiança e fé para viver um dia de cada vez (Francisca, filha da paciente, 45 anos).

É através da espiritualidade e da religiosidade que os cuidadores encontram a força vital para seguir, descobrindo um sentido da vida para cuidar com amor, seriedade e responsabilidade de seu familiar em adoecimento. Bello (2015), traz a reflexão que em muitos casos a força espiritual pode suprir a força vital, como vemos com os cuidadores que transformam os momentos que podem ser desgastantes fisicamente e emocionalmente em gestos de amor, carinho e doação de cuidado. A autora cita o exemplo de que a pessoa traz um senso de dever e apesar de se sentir cansada, ainda poderá fornecer mais energia para suprir os cuidados caso seja necessário.

Parreira (2014), indica que a fenomenologia oferece a base para compreender que o ser humano não é uma dualidade e sim uma unidade formada por: corpo, psique e espírito. E que esse indivíduo tem a liberdade através da sua consciência, para estar presente nas vivências através de seus atos. Sendo que através da espiritualidade o cuidador familiar tem a escolha de acreditar em algo maior que irá fornecer forças para seu enfrentamento, e que essas forças também precisam surgir do seu interior.

Análise das Estrutura psicológicas presentes nas vivências

Estrutura Afetiva

Através da análise das unidades de significados é possível observar a existência da estrutura afetiva nos discursos, que é representado pelo cuidador através das suas emoções de dor, medo, angústia, assim como também as representações de satisfação, prazer e alegria de poder cuidar de seu familiar em adoecimento. Para o cuidador o medo da perda é muito grande, e isso é vivenciado através de seus dias e gera um sofrimento. Seus sentimentos muitas vezes oscilam entre a angústia, desespero, impotência, porém percebeu-se que existe a necessidade de apoiar o seu familiar e estar ao lado dele, realizando todos os seus desejos que para o cuidador significa um prazer de ter essa oportunidade de proporcionar momentos que deem alegria para o paciente e dessa forma ele também se sente feliz. Alguns cuidadores vivem o luto antecipatório e conseguem transformar seus sentimentos em algo que irá dar conforto ao paciente. Buscam conciliar o sentimento de dor com gratidão, de esperança para que o paciente não sofra e possa ter um final de vida digno e com qualidade de vida.

Para a discussão trago a ideia dos primeiros estudos fenomenológicos acerca da vivência emocional, que apontam sobre a emoção ter base em alguns fenômenos psíquicos, intelectuais ou cognitivos, onde compartilham com a cognição o mesmo plano da afetividade. Para Husserl, as vivências afetivas parte do pressuposto que pertencem as vivências intencionais e também das não intencionais (SILVA; GOTO, 2020). A intencionalidade, compreende em cada ato da consciência que se dirige a um objeto e se correlaciona com ele. Assim, como o objeto se faz aparecer de diferentes atos dirigidos a ele que pode ser através da percepção, recordação ou imaginação. Sendo assim, as vivências poderiam ser tidas como atos afetivos, contudo Husserl aponta que a intencionalidade dos sentimentos poderá ser compreendida através da junção dos sentimentos com suas representações (GOTO; TELLES, PAULA, 2016). O método fenomenológico coloca em destaque que a intencionalidade traz uma relação entre sujeito e objeto, sendo que a consciência será intencional. Será através da afetividade que o indivíduo percebe que é um ser que sente, que não apenas aprende e se determina, que capta ou atua. E por esse sentir, que esse ser é tocado pelo mundo se tornando capaz de responder aos próprios afetos (SILVA; GOTO, 2020).

O fenomenólogo Max Scheler, busca explicar a heterogeneidade dos sentimentos, através de uma classificação de um nível de profundidade. Classificando os sentimentos em 4 extratos que são: sentimentos vitais, sentimentos sensoriais, sentimentos psicológicos e sentimentos de personalidade. Para conceituar sentimentos vitais ele propõe que são os sentimentos vividos pelo corpo, como exemplo podemos citar o cansaço, a doença (SILVA; GOTO, 2020). Podemos tomar como exemplo na pesquisa, onde descrevemos os sentimentos relatados pelo cuidador familiar que verbaliza sobre o cansaço físico, e que muitas vezes se sente desgastado fisicamente. E até adoecido em decorrência de ter todo o seu tempo dedicado aos cuidados. Ainda sobre os conceitos de Scheler, temos os sentimentos sensoriais que serão os vividos através do prazer e da dor. Assim como os sentimentos de personalidade que são atribuídos como os sentimentos espirituais, todos vislumbrados nos discursos dos participantes.

Busca-se acreditar que alguns acontecimentos poderão gerar nos indivíduos, certas vivências de sentimentos. Para tanto, falamos aqui sobre os atos de sentimentos e sentimentos sensíveis, em que os atos têm uma possibilidade intencional, e as vivências de sentimentos seriam as sensações que darão suporte a esses atos. Podemos tomar como exemplo: o contentamento que o familiar sente em cuidar de seu parente em adoecimento, dessa forma isso não é um simples ato de cuidar de caráter intencional, mas uma vivência concreta que é representado pelo agrado e que liga-se a uma sensação de prazer, de cuidado para com o outro (GOTO; TELLES, PAULA, 2016).

Podemos citar também a concepção de Hildebrand, que coloca que as resposta afetivas não dependem somente do corpo, mas que estão interligadas aos sentimentos corporais e possui um caráter espiritual que se mostra significativo através da resposta dada como um valor como uma resposta através da alegria. Retomamos o exemplo da satisfação do cuidador, em que temos uma resposta afetiva ao um valor dado como o cuidar de seu familiar, que irar gerar uma satisfação e alegria, pois é uma adequação do valor desse acontecimento, uma resposta afetiva que traz um elemento real de espiritualidade. Goto e Silva (2020), citam que “ Ser afetivo é ser espiritual, é um transcender-se”. Desta forma, podemos concluir do exemplo que o transcender seria pela importância que o paciente tem não somente para o cuidador, mas também para a vida de outros (SILVA; GOTO, 2020).

Estrutura Religiosa

Ao deparar-se com a estrutura do elemento religioso como uma estrutura psicológica, percebemos como a religiosidade e a espiritualidade é importante para o cuidador familiar no seu processo de enfrentamento. A religiosidade traz uma temática complexa, porém presente nas vivências dos participantes. É observado que a estrutura religiosa é vista como meio que permite ao homem o seu encontro com o transcendente. Onde a religiosidade é vista como um caminho que leva o indivíduo a aproximar-se de Deus. Por isso, o cuidador familiar discursa que sua força adquirida através da religiosidade ou espiritualidade será a força que os impulsionam para continuar acreditando e enfrentando as dificuldades e será através dessa vivência que ele encontra maneiras de significar o medo da perda.

Definir espiritualidade nas concepções de Husserl, se direciona para a mente dos homens enquanto pessoas, para sua vida e realizações pessoais, assim como para as figuras de tais realizações. Implica em uma capacidade de reflexão sobre si mesmo e também sobre sua experiência com o mundo que o cerca, assim como sua relação com os outros no sentido de buscar uma dimensão que o transcende, que pode ser caracterizada no sentido do âmbito religioso ou não. Através dessa perspectiva, podemos perceber que espiritualidade e religiosidade podem caminhar juntas, elaborando que a espiritualidade pode ser uma experiência que vem antes ou depois da religiosidade (FREITAS, VILELA, 2017). Elevar a espiritualidade, como primeiro pressuposto de vivência do ser humano, busca trazer a intencionalidade, na qual traz um embasamento entre a significativa de pessoa e objeto (SILVA, GOTO, 2020). Dessa forma, a espiritualidade, não abandona o indivíduo, pois ela continua presente como um suporte ou sentido para a compreensão da experiência (PARREIRA, 2014).

Através da religiosidade existe uma busca de vivenciar o mundo de forma diferente, e percebemos que ela é bem maior que a própria religião, já que se apresenta de uma maneira que não é palpável e não está subordinada a materialidade. Para tanto, não podemos significar a religiosidade somente as crenças, ritos ou práticas religiosas. Ela engloba a experiência do indivíduo através de sua totalidade, sejam elas físicas, espirituais e emocionais (SANTOS, 2013).

Buscamos analisar pelas ideias dos autores que a visão do cuidador familiar, está direcionada especialmente a religiosidade e espiritualidade, pois em seus relatos apesar

de muitos colocarem suas religiões, eles buscam explicar que sua forma de enfrentamento através da religiosidade ou espiritualidade é uma força que brota do seu interior, onde eles encontram um sentido, uma esperança e um caminho. Alguns relatam que não são praticantes de sua religião, mas que basta ter a fé dentro de si e buscar acreditar que existe uma força maior que eles e se encontrarão amparados.

Nesta concepção, podemos ter a percepção de que o ser humano busca na religiosidade a satisfação e as respostas que o mundo humano não foi possível de responder, como a dor emocional e o medo da morte. Observamos que a fé é colocada como um dos pontos principais para os cuidadores, sendo assim podemos falar que a fé nem sempre é religiosa em seu contexto. A fé é tida como um modo em que o indivíduo adentra o campo da força da vida e a busca para achar coerência e dar sentido as múltiplas forças que existem. É através da fé que a pessoa busca ver a si mesmo em relação aos outros, atribuindo significados e propósitos partilhados (SANTOS, 2013). A fé traz a perseverança, que se mostra como um apelo para amenizar a angústia e o sofrimento. E através da decisão pela fé que o indivíduo supera a perdição e o conduz a experiência do mistério (GONÇALVES, 2012).

Existem os relatos de alguns familiares em que eles buscam ter um diálogo com Deus, através de um pedido de amparo ou uma busca para encontrar um sentido e forças para o enfrentamento. E acreditando na força superior que eles encontram tranquilidade para pedir que seu familiar em adoecimento não sofra, para que possa ter qualidade de vida nos dias que ainda estarão ao seu lado. Para isso, citamos que a experiência com o divino através da religiosidade coloca o ser humano em um movimento de interiorização, de ver a si mesmo diante de Deus, onde vai muito além do que falar, se mostrar. O indivíduo através da intuição, experimenta esse encontro com o divino, onde existe uma unidade interna de sentimentos nessa experiência que é marcada pela fé (GONÇALVES, 2012).

Mediante todo o contexto, podemos perceber que a religiosidade, tem a inclinação para o sagrado, a transcendência e que para alguns ela se faz presente através de ritos ou uso de símbolos, e para outros ela se manifesta como uma força superior que traz conforto e segurança. Portanto, a religiosidade faz parte da vida dos participantes, independente de opção religiosa ou de aderir alguma religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo foi possível conhecer e descrever as principais vivências dos cuidadores familiares de pacientes oncológicos em cuidados paliativos. Percebe-se que existe algumas diferenças entre como cada cuidador vivência e lida com as situações, pois cada ser é único e subjetivo. Foi possível experimentar enquanto pesquisador como a pesquisa fenomenológica através da suspensão dos pressupostos é um método importante para o conhecimento das vivências. Houve uma aproximação ainda maior para com os participantes, onde na análise percebeu-se como era a vivência através dos relatos dos sentimentos dos participantes, pois através de cada relato pode-se perceber as emoções envolvidas e cada detalhe das falas eram ricos em significados.

Através dos resultados e da discussão pode-se considerar o quanto ser cuidador pode ser gratificante para o familiar, que apesar do discurso do sofrimento muitas vezes vivido pelo desgaste físico e emocional, percebeu-se que não existe um arrependimento do que eles tiveram que abrir mão e se sacrificar através da doação muitas vezes integral de seu tempo. Percebe-se que os cuidadores se fazem presente por uma opção em que se sentem mais seguros estando por perto e dedicando seu tempo ao seu familiar em adoecimento. De certo, pode-se dizer que cuidar é um ato de amor, onde através das narrativas foram repetidos inúmeras vezes pelos participantes.

De fato, aponta-se também que os cuidadores familiares apesar de suas fragilidades e sofrimentos, tentam manter-se forte e tentando não demonstrar fraqueza perante seus entes queridos. Dessa forma, atribuindo muita responsabilidade para si mesmo e se cobrando muito. Os familiares acreditam que se mostrando fortes e resistentes para o paciente, poderão gerar uma motivação para que o paciente possa ter uma melhor forma de enfrentamento. A rede de apoio representada pelas unidades de significados dos familiares, amigos e profissionais de saúde, foi identificada como uma fonte de força que ajuda o cuidador a vivenciar os momentos difíceis e também encontrar formas de enfrentamento. A espiritualidade e religiosidade foi observada em todos os discursos dos participantes sendo reforçada como uma forma de enfrentamento. A reflexão é que através da espiritualidade e religiosidade o cuidador familiar encontra forças e sentido

para conseguir enfrentar todo o processo de adoecimento e finitude de seu familiar em cuidados paliativos oncológico.

A produção científica sobre a referida temática visa auxiliar as equipes de saúde que atuam na área oncológica, assim como outras equipes que atuam na saúde. Pois, buscará trazer a reflexão do que são os cuidados paliativos oncológicos e a importância do papel do cuidador familiar nesse contexto. Acredita-se que o estudo poderá servir como ferramenta para outras pesquisas na área. Por fim, pode-se perceber que o cuidador necessita muitas vezes de recursos psicossociais adaptativos, que ajudarão a mobilizar recursos emocionais e comportamentais para se adaptar a situação e passar pelo processo de enfrentamento.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. **Manual de Cuidados Paliativos ANCP**. 2 ed., Agosto, 2012.

BELLO, A. A. **Pessoa e comunidade**: psicologia e ciência do espírito de Edith Stein. Tradução: Miguel Mahfoud, Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2015.

BELLO, A. A. **Psicologia Fenomenológica e saúde**: teoria e pesquisa. Fenomenologia do corpo e da sexualidade: aspectos antropológicos e psicológicos. Boa Vista: Editora UFRR, 2019.

BUSHATSKY, M. **Pacientes Fora de Possibilidade Terapêutica: percepções de cuidadores, estudantes e profissionais de saúde diante da finitude e de cuidados paliativos**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

CARVALHO, R.T.; PARSONS, H. A. (org.). **Manual de Cuidados Paliativos-ANCP**. 2ª. ed. São Paulo: ANCP, 2012.

CUNHA, A. S.; PITOMBEIRA, J. S.; PANZETTI, T. M. N. **Cuidado Paliativo Oncológico: Percepção dos cuidadores**. J. Health Biol. Sci., 2018.

ESPÍNDULA, J. A. G. **O significado da religiosidade para pacientes com câncer e para profissionais de saúde**. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, São Paulo, 2009.

ESPÍNDULA, J. A. G.; GOTO, A. T. **Psicologia Fenomenológica e saúde**: teoria e pesquisa. Algumas Reflexões sobre a Fenomenologia e o Método Fenomenológico nas Pesquisas em Psicologia. Boa Vista: Editora UFRR, 2019.

ESPÍNDULA, J. A. G.; BELLO, A. A. **Psicologia Fenomenológica e saúde**: teoria e pesquisa. Vivências de pacientes com câncer em um hospital: reflexões da fenomenologia de Edith Stein. Boa Vista: Editora UFRR, 2019.

- FEIJÓO, A. M. L. C.; GOTO, T. A. É possível a fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em psicologia. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 32, n. 04, Brasília, 2016.
- FREITAS, M. H.; VILELA, P. R. Leitura Fenomenológica da Religiosidade: implicações para o psicodiagnóstico e para a práxis clínica psicológica. **Phenomenological Studies, Revista da Abordagem Gestaltica**, Janeiro-abril, 2017.
- GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim do Século- Edições, Sociedade Unipessoal, 2010.
- GONÇALVES, P. S. L. A religião à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v.10, n.26, abril/junho, 2012.
- GOTO, T. A.; TELLES, T. C. B.; PAULA, Y.A. A questão dos afetos na fenomenologia de Edmund Husserl: um estudo preliminar. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, vol.4, n.4, abril, 2016.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. **Estimativa 2018**: Incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2020.
- LIMA, C. P.; MACHADO, M. A. Cuidadores principais ante a experiência da morte: seus sentidos e significados. **Revista Psicologia, ciência e Profissão**, v. 38, n.1, 2018.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Organização Pan-Americana da Saúde. Folha informativa, 2018.
- PARREIRA, W. A. **A fenomenologia e espiritualidade: consciência e meditação**. Memorandum 27, Belo Horizonte: UFMG, 2014
- QUEIROZ, M. I. C.; MAHFOUD, M. **A virtude como ato no luto**. Memorandum 19, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, outubro, 2010
- SANTOS, E. M. **Olhar fenomenológico sobre a expressividade religiosa cristã na prática pedagógica do ser professor**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2013
- SANTOS, J. A.; SIMÕES, I. A. R.; PEREIRA, M. I. M. Convivência entre pacientes com câncer em uma casa de apoio. **Revista eletrônica Ciência e Saúde**, PUC, Rio Grande do Sul, 2018.
- SILVA, M. Z.; GOTO, T. A. Emoção e Afetividade na Fenomenologia e nas Ciências Cognitivas: uma compreensão a partir da fenomenologia de Dietrich von Hildebrand e Natalie Depraz. **Revista Ciência & Cognição**, vol 25, 2020.

SOBRE OS AUTORES

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel: <http://lattes.cnpq.br/4534230240595626>

Professora titular no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Faculdade de Psicologia na Universidade Federal do Pará. Orientadora de doutorado e mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPA. Titular Pós-doutorado em psicologia e psicopatologia pela Universidade de Évora/ PT; coordenadora do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas NUFEN; orientadora de mestrado e doutorado no programa de pós-graduação em psicologia desde 2005, ano de sua criação na UFPA; coordenadora do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas NUFEN. Mestre em Educação (1999) pela UFPA. Doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Pós-doutorado em Psicologia e psicopatologia do Desenvolvimento na Universidade de Évora, Portugal (2007). Pós-doutorado em Ciências Interdisciplinares da Saúde UNIFESP (2013). Publicou “Prática Clínica em Meios Virtuais – A Psicoterapia em Interface com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)” (Ed. Juruá, 2018). E-mail: adelmapi@ufpa.br

Ana Burian Wanderley Rodrigues: <http://lattes.cnpq.br/9174701190518012>

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gérias,. Atualmente, é plantonista no projeto de extensão "Plantão Psicológico no SPA", além de pesquisadora voluntária no projeto de pesquisa "Aconselhamento Psicológico por ferramentas de comunicação online para a comunidade UFMG". E-mail: anaburian.ab@gmail.com

Ana Paula Craveiro Prado: <http://lattes.cnpq.br/4220365276492196>

Doutoranda (Doutorado Direto) em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), com estágio de pesquisa na Pontificia Università Lateranense, (Roma, Itália). Possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2017), com estágio na Tampere University/Tampereen Yliopisto (Tampere, Finlândia). Publicou artigo e capítulos de livro sobre Grupo Comunitário em Saúde Mental. E-mail: ana.paula.prado@usp.br

Ana Luiza Ferreira Bohrer: <http://lattes.cnpq.br/3000976162763026>

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais com ênfase em Processos Clínicos. Plantonista no projeto de extensão “Plantão Psicológico no SPA”. Pesquisadora voluntária no projeto de pesquisa "Aconselhamento Psicológico por ferramentas de comunicação online para a comunidade UFMG", do Laboratório de Processos em Subjetividade (LAPS-UFMG). É estagiária de psicologia no Serviço de Psicologia Aplicada da UFMG.

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez: <http://lattes.cnpq.br/7711423427014371>

Coordenador do Escritório de Saúde Mental da Pró-Reitoria de Graduação da USP. Professor associado do departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia. Professor subsidiário do Instituto de Psiquiatria da FMUSP. Graduado em Psicologia pela Universidade Paulista, Especialização em Psicologia da Saúde pela Escola Paulista de Medicina, Mestrado em Saúde Mental, Doutorado em Ciências e Pós-doutorado em Ciências pelo Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Membro da Sociedade Brasileira de Psicologia. Membro do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche (Centro Italiano de Pesquisa Fenomenológica), Roma. É um dos organizadores do livro “Consultas Terapêuticas On-line na Saúde Mental” (Ed. Manole, 2021). E-mail: **antunez@usp.br**

Angela Ales Bello

Filósofa italiana, Professora Emérita da Universidade Antonianum, em Roma, Itália. Diretora e Fundadora do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche (Centro Italiano de Pesquisa Fenomenológica), Roma. É professora visitante da USP, ministrando disciplinas da pós-graduação. É parte de conselhos editoriais e comissões científicas de diversas revistas italianas e estrangeiras. Filósofa e profunda estudiosa da fenomenologia alemã, é renomada pesquisadora do pensamento de Edith Stein e Edmund Husserl. Organizadora da tradução italiana das obras de Edith Stein, e consultora de traduções em outras línguas. Principais publicações: O sentido do humano: entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia (2019); Introdução à fenomenologia (2006); Cultura e religiões: uma leitura fenomenológica (1998); A fenomenologia do ser humano: traços e uma filosofia no feminino (2000). E-mail: **alesbello@tiscali.it**

Carmen Lúcia Cardoso: <http://lattes.cnpq.br/6570887644821453>

Professora Associada da Universidade de São Paulo. Professora coordenadora do Laboratório de Processos de Subjetivação em Saúde (LaProSUS), vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP). Graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1989), Mestrado em Saúde Mental pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1997) e Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (2002). Publicou em parceria com colaboradores “Grupo Comunitário de Saúde Mental – Conceito, Delineamento Metodológico e Estudos” (Ed. Nova Enfim, 2013) e pesquisas sobre saúde mental. E-mail: carmen@ffclrp.usp.br

Claudia Lins Cardoso: <http://lattes.cnpq.br/1269136682645609>

Professora Associada do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial do Departamento de Psicologia (FAFICH/UFMG). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988), Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Gama Filho (1944) e Doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2007). É membro da Comissão de Ética da Associação Brasileira de Gestalt-terapia (ABG). Publicou pesquisas sobre fenomenologia, gestalt-terapia e comunidades. E-mail: clins@ufmg.br

Clélia Peretti: <http://lattes.cnpq.br/9379858395652461>

Graduada em Pedagogia pela Libera Università Maria Santíssima Assunta, Roma - Itália (1990). Possui Magistério em Ciências Religiosas pelo Pontifício Ateneo Antonianum, Roma - Itália (1997). É Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, Curitiba- PR (2010). É Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST, São Leopoldo-RS (2009). Fez pós-doutorado em Fenomenologia pelo Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche (Centro Italiano de Pesquisa Fenomenológica) e Pontifícia Universidade Lateranense - Roma (2015). Docente e pesquisadora no Curso do Bacharelado de Teologia e no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia - PPGT da PUCPR. Líder do Grupo de Pesquisa: Teologia, Gênero e Educação. E-mail: clelia.peretti@pucpr.br

Erika Rodrigues Colombo: <http://lattes.cnpq.br/6661661847122620>

É psicóloga colaboradora do Escritório de Saúde Mental da USP, onde atende estudantes que apresentam ideações ou tentativas de suicídio. Doutoranda em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP. Possui graduação em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP e Mestrado em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP. É membro do Núcleo de Pesquisa e Laboratório Prosoyon, do grupo de pesquisa internacional Círculo Fenomenológico da Vida e da Clínica e do Grupo de Trabalho "Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos", da ANPEPP. Publicou pesquisas sobre fenomenologia e expressão. E-mail: erikarcolombo@gmail.com

Gabriela Resende Lopes: <http://lattes.cnpq.br/3887311564080424>

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, com ênfase em Psicologia Clínica. Plantonista no projeto de extensão "Plantão Psicológico no SPA", pesquisadora voluntária no projeto de pesquisa "Aconselhamento Psicológico por ferramentas de comunicação online para a comunidade UFMG" e estagiária vinculada ao Serviço de Psicologia Aplicada da UFMG.

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula: <http://lattes.cnpq.br/4827583489990217>

Professora Associada do Curso de Psicologia/CEDUC e professora orientadora do Programa de Pós-graduação nas Ciências da Saúde – PROCISA, vinculada a Universidade Federal de Roraima. Doutora em Ciências (FAPESP, 2008) pela USP de Ribeirão Preto, na área de promoção da saúde mental e com estágio de doutoramento (CAPES, 2009) em filosofia na Pontifícia Salesiana e na Pontifícia Universidade Lateranense de Roma, Itália, sob co-orientação da professora filósofa Dra. Angela Ales Bello e participação no Centro Internacional de Pesquisas Fenomenológicas, Mestre (FAPESP, 2001) pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP - USP, aprimoramento/residência em Psicopedagogia pela FMRP-USP e Graduada em Psicologia (1996). Faz parte do Grupo de Pesquisa (CNPq) Saúde, subjetividade e inclusão. Integra o GT "Fenomenologia, saúde e processos psicológicos" da ANPEPP. Atuou como psicóloga do Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP. Atualmente coordena o Acolhimento

Psicológico On-line, Plantão psicológico (SAP). Publicou Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa (Ed. UFRR, 2019). E-mail: espindula.joelma@ufrr.br

José Luís Gutiérrez Angulo: <http://lattes.cnpq.br/3435027516680871>

Professor vinculado da Universidade Federal de Roraima. Doutorado em ciências sociais: desenvolvimento agricultura e sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/ CPDA), Mestrado em administração rural: gestão social ambiente e desenvolvimento pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Foi professor do programa de pós-graduação em educação na cultura digital (UFRR). E-mail: jose@luis.com

Marcelo Naputano: <http://lattes.cnpq.br/3850898515483115>

Possui Graduação em História pela Universidade de São Paulo - USP, Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Mestrado e Doutorado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, com período Sanduíche na Itália na Facoltà di Psicologia pela Università di Bologna/UNIBO, Especializações na Itália em Educação Intercultural pela Università RomaTre/ROMATRE; em Educação pela Università di Torino/UNITO e Mediação Intercultural Familiar pelo Istituto SHINUI di Bergamo. Atualmente é Professor efetivo do curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima/UFRR e trabalha na área da Psicologia Social com intervenções psicossociais. Email: marcelo.naputano@ufrr.br

Marciana Gonçalves Farinha: <http://lattes.cnpq.br/2345990227231629>

Professora no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Possui Licenciatura (1997) e Graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (1998), Mestrado em Psicologia pela Universidade de São Paulo em Ciências, subárea Psicologia, área de concentração Fenomenologia (2001) e Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (2006) na área de concentração Saúde Mental e Fenomenologia (2006). É membro do Grupo de Pesquisa RECUID - REFLETIR PARA CUIDAR: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção em Saúde Mental e do LEPSS - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde. Desenvolve pesquisas nas áreas de Psicologia Clínica, Gestalt, Fenomenologia, Saúde Mental, Tratamento e Prevenção Psicológica. E-mail: farinhamarciana@gmail.com

Michele da Conceição Aleixo Coura: <http://lattes.cnpq.br/5687700340502520>

Psicóloga na Unidade de Alta Complexidade em Oncologia de Roraima (UNACON/SESAU-RR). Graduada em Psicologia pela Faculdade Cathedral de Ensino Superior (2010), com Especialização em Psico-oncologia pela Fundação Educacional Lucas Machado (2017). Mestrado em Ciências da Saúde pelo Programa de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Roraima (2021).

Nara Helena Lopes Pereira da Silva: <http://lattes.cnpq.br/2297314812442537>

Pós-doutoranda com o projeto “Psicoterapia mediada pelas TICs – um estudo longitudinal”. Doutorado em Ciências, Psicologia (FAPESP - 2011), com estágio de doutoramento no exterior em fenomenologia (CAPES-PDEE 2010), sob coordenação da filósofa Dra. Angela Ales Bello e participação no Centro de Pesquisas fenomenológicas de Roma, Itália (2010). Especialização em Psicologia Analítica pela PUC-SP (2009). Mestrado pela USP (CAPES – 2006). Graduada pela USP-RP (2003). Especialista na Fenomenologia de Edmund Husserl e Edith Stein. Publicou os livros "Psicoterapia on-line - manual para a prática clínica" (Ed. das Autoras, 2020) e "Consultas terapêuticas on-line em saúde mental" (Ed. Manole, 2021). E-mail: nara.helena@gmail.com

Maria Andrelina do Nascimento Oliveira Gonçalves: <http://lattes.cnpq.br/0767596679269216>

Psicóloga Escolar e Educacional no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR). Possui Graduação pela Universidade Federal de Roraima (2015), Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental pelo Centro Universitário Amparaense (2018) e Mestrado Profissional em Ciências da Saúde sob o tema da automutilação em adolescentes pelo PROCISA/UFRR (2019). Formação complementar de Conciliador da Justiça Federal (TRF1).

Monica Aparecida Tomé Pereira: <http://lattes.cnpq.br/6184198554095269>

Professora associada I na Universidade Federal do Vale do São Francisco, na área de Probabilidade e Estatística. Professora credenciada ao Programa de Pós Graduação em Extensão Rural (PPGExR). Procuradora Educacional Institucional - PI (2012-2014).

Diretoria de Desenvolvimento Institucional (2014-2016). Pró-Reitora de Ensino (2016-2020). Possui Graduação em Estatística pela UNESP, Mestrado em Estatística Agropecuária pela UFLA e Doutorado em Demografia na UNICAMP. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq População, Ambiente, Espaço e Sustentabilidade e do Grupo de Pesquisa do CNPq Laboratório de Estatística Aplicada e Estudos Populacionais.

Ornella Raymundo Villalva: <http://lattes.cnpq.br/9851301907171633>

Professora na Universidad Científica del Sur, Peru. É Psicóloga e Psicoterapeuta no Consultório Heredia e Psicoterapeuta no Consultório privado Pillpa. Possui Graduação em Psicologia pela Universidad Cesar Vallejo (2010), Peru, Especialização em Terapia Gestalt pelo Centro Gestáltico de San Isidro, CGSI, Argentina (2014) e Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos (2012), Peru. E-mail: skirmaornella@gmail.com

Paula Bertú Valverde: <http://lattes.cnpq.br/6971658879638025>

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Aluna de iniciação científica do Laboratório de Análise de Processos de Subjetividade (Laps), sob a orientação da Prof. Dr. Claudia Lins Cardoso. Participa de trabalhos na área da Gestalt-terapia, da psicologia clínica e da pesquisa fenomenológica. Participa também do projeto de extensão “Plantão Psicológico da UFMG”, vinculado ao Serviço de psicologia aplicada (SPA) da universidade.

**Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista:
<http://lattes.cnpq.br/3084168914704520>**

Professor no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH – UFMG). Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP, Mestre em Filosofia e graduado em Psicologia pela PUC-SP. Sub-coordenador e Professor do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial - UFMG. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq “Psicologia, Fenomenologia Existencial e

Contemporaneidade”. Publicou *Psicologia Fenomenológica Existencial: A Prática psicológica à luz de Heidegger* (Ed. Juruá, 2016) e artigos sobre Fenomenologia Existencial e Daseinsanalyse. E-mail: pauloevangelista@ufmg.br

Sérgio Ishara: <http://lattes.cnpq.br/9403890609045009>

Médico Psiquiatra. Doutor em Saúde Mental pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP. Possui graduação em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade São Francisco (1988), doutorado em Medicina pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP (2007) e residência-médica pelo Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto (1992). Coordenador clínico do Hospital Dia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP. Coordenador e co-fundador do programa Grupo Comunitário de Saúde Mental. Organizador do livro: *Grupo Comunitário de Saúde Mental: conceitos, delineamento metodológico e estudos*. Ribeirão Preto: Nova Enfim Editora, 2013. E-mail: ishara@hcrp.usp.br

Shirley Macêdo: <http://lattes.cnpq.br/7611625574364052>

Professora Associada da Fundação Universidade do Vale do São Francisco (UNIFASV). Coordenadora do Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NuCEU) da UNIFASV. É docente lotada no Colegiado de Psicologia e colaboradora da Residência Multiprofissional em Saúde Mental. Possui Graduação e Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1995), Bacharel em Administração pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA (1988), Mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – SP (1996) e Doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2012). Publicou o livro “*Clínica Humanista-Fenomenológica do Trabalho: a construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*” (Ed. Juruá, 2015). E-mail: mvm.shirley@gmail.com